**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

DANIELA LASSO DE LA VEGA PEREIRA

**ESTRATÉGIAS RETÓRICAS EM EDITORIAIS JORNALÍSTICOS ON-LINE:
A FUNÇÃO DA METÁFORA COMO SALIÊNCIA**

São Paulo

2018

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**ESTRATÉGIAS RETÓRICAS EM EDITORIAIS JORNALÍSTICOS ON-LINE:
A FUNÇÃO DA METÁFORA COMO SALIÊNCIA**

DANIELA LASSO DE LA VEGA PEREIRA

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, área de Filologia e Língua Portuguesa, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. *Lineide do Lago Salvador Mosca*

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P436e Pereira, Daniela Lasso De La Vega
Estratégias retóricas em editoriais jornalísticos
on-line: a função da metáfora como saliência /
Daniela Lasso De La Vega Pereira ; orientadora
Lineide do Lago Salvador Mosca. - São Paulo, 2018.
256 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

1. Retórica. 2. Argumentação. 3. Metáfora. 4.
Editorial. I. Mosca, Lineide do Lago Salvador,
orient. II. Título.

Autor: LASSO, Daniela

Título: Estratégias retóricas em editoriais jornalísticos on-line: a função da metáfora como saliência

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, área de Filologia e Língua Portuguesa, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. *Lineide do Lago Salvador Mosca*

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Deus por iluminar meu caminho, por estar ao meu lado, por me dar forças para seguir em frente, por me fazer feliz, compartilhando a alegria desta maravilhosa conquista.

À querida orientadora, Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca, por acreditar em mim e me abrir as portas da Universidade de São Paulo. Minha profunda gratidão, por seus ensinamentos penetrantes e apoio durante esse percurso.

Aos professores Profa. Dra. Ana Rosa Ferreira Dias e Prof. Dr. Luiz Antônio Ferreira, pelas preciosas contribuições na banca de qualificação e por apontarem os caminhos com tanta dedicação e preciosidade, ajudando a aperfeiçoar essa pesquisa.

Ao meu marido Prof. Ms. Thiago Lasevicius, por ser meu porto seguro, pelo apoio em toda trajetória de minha vida, e principalmente por sua dedicação nessa etapa acadêmica tão importante.

Aos meus pais Irineu Pereira Junior e Simone Lasso de La Vega Pereira, pelo investimento em meus estudos desde que nasci, acreditando que o melhor investimento de suas vidas seria à educação de seus filhos.

À minha amiga Maria Eduarda, pelo companheirismo em todas as etapas desse processo, por me apoiar, me desafiar e torcer por mim.

Aos meus irmãos Rafael Lasso de La Vega Pereira e Fábio Lasso de La Vega Pereira, pela alegria e a simplicidade de sempre, que me fazem voltar à minha infância e reforçam nossos laços.

Aos meus colegas do Grupo de Retórica e Argumentação da Universidade de São Paulo - GERAR, pela acolhida e por todo conhecimento que construímos e que colaboraram para meu amadurecimento acadêmico.

*A todos vocês, meu **MUITO OBRIGADA**, por mais esta etapa concluída!*

RESUMO

LASSO, D. **Estratégias retóricas em editoriais de jornalísticos on-line: a função da metáfora como saliência**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

O objetivo deste trabalho é analisar o uso das metáforas como figuras retóricas e analisar o uso das metáforas conceituais nos editoriais selecionados dos jornais: *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *Gazeta do povo*, *O Globo* e *Gaúcha Zero Hora*. Essa análise parte da fundamentação teórica tem como base as metáforas como figuras retóricas de acordo com os preceitos elaborados por Perelman & Tyteca (2005 [1958]) em seu *Tratado da argumentação - A nova retórica* e as metáforas conceituais de acordo com os preceitos elaborados por Lakoff & Johnson (2002 [1980]) em *Metáforas da vida cotidiana*. Procura-se, nesse sentido, observar como o orador/editorialista faz a aplicação metafórica em seus textos, a fim de entender sua finalidade argumentativa para com o auditório/leitor. A análise do texto compreende a identificação das diferentes metáforas como figuras retóricas e como metáforas conceituais ambas estão examinadas em nossa pesquisa teórica. Demonstrar a operacionalização das teorias de Perelman & Tyteca e Lakoff & Johnson nos permite apontar como é possível criar condições técnicas-científicas para unir essas duas teorias em uma pesquisa das diferentes metáforas nas diversas construções linguísticas dos editoriais de jornais on-line.

Palavras-Chaves: Retórica. Argumentação. Figuras Retóricas. Metáforas Conceituais. Editoriais Jornalísticos On-line.

ABSTRACT

LASSO, D. **Rhetorical strategies in journalistic editorials online: the function of metaphor as salience**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

The aim of the study is to analyze the use of metaphors as figures of language and to analyze the use of conceptual metaphors in selected newspaper editorials: *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *Gazeta do Povo*, *O Globo* and *Gaúcha Zero Hora*. This analysis is based in metaphors as rhetorical figures in accordance to Perelman & Tyteca (1958) in their *The new Rhetoric – A treatise on Argumentation*, and the conceptual metaphors in accordance to Lakoff & Johnson (1980) in *Metaphors We Live By*. In this regard, we want to observe how the orator/editorialist makes the metaphorical application in their texts, in order to understand their argumentative purpose towards the audience/reader. The revision of the text includes the identification of the different metaphors as rhetorical figures and as conceptual metaphors based on our theoretical research. Therefore, we intend to demonstrate how it is possible to create technical-scientific conditions to unite these two theories (Perelman & Tyteca and Lakoff & Johnson) in a research of the different metaphors in the diverse constructions linguistic of the editorials of online newspapers.

Keywords: Rhetorical. Argumentation. Rhetorical figures. Metaphors. Journalistic editorial online.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “O fim do torpor” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	73
Gráfico 2 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “O fim do torpor” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	78
Gráfico 3 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Condições para voltar a crescer” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	82
Gráfico 4 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Condições para voltar a crescer” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	86
Gráfico 5 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “O desfecho do impeachment” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	92
Gráfico 6 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial ““O desfecho do impeachment” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	97
Gráfico 7 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Dá para olhar para a frente?” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	101
Gráfico 8 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Dá para olhar para a frente?” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	105
Gráfico 9 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A baderna como legado?” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	109
Gráfico 10 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A baderna como legado?” do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>	113
Gráfico 11 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Pedaladas em questão” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	118
Gráfico 12 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Pedaladas em questão” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	121
Gráfico 13 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A defesa de Dilma” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	125
Gráfico 14 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A defesa de Dilma” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	127

Gráfico 15 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Fresta de oportunidade” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	131
Gráfico 16 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Fresta de oportunidade” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	135
Gráfico 17 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Governo novo” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	139
Gráfico 18 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Governo novo” do jornal <i>Folha de S.Paulo</i>	142
Gráfico 19 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A retórica e o impeachment” do jornal <i>Gazeta do Povo</i>	146
Gráfico 20 - Quantificação das Metáforas como Figuras Conceituais do editorial “A retórica e o impeachment” do jornal <i>Gazeta do Povo</i>	149
Gráfico 21 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “As razões do impeachment” do jornal <i>Gazeta do Povo</i>	154
Gráfico 22 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “As razões do impeachment” do jornal <i>Gazeta do Povo</i>	157
Gráfico 23 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “O Senado deu o ‘golpe’ ” do jornal <i>Gazeta do Povo</i>	162
Gráfico 24 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “O Senado deu o ‘golpe’ ” do jornal <i>Gazeta do Povo</i>	164
Gráfico 25 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Dilma chega vulnerabilizada à votação” do jornal <i>O Globo</i>	169
Gráfico 26 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Dilma chega vulnerabilizada à votação” do jornal <i>O Globo</i>	171
Gráfico 27 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Para que jamais haja outro impeachment” do jornal <i>O Globo</i>	178
Gráfico 28 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Para que jamais haja outro impeachment” do jornal <i>O Globo</i>	182
Gráfico 29 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Agenda decisiva exige união na base” do jornal <i>O Globo</i>	187
Gráfico 30 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Agenda decisiva exige união na base” do jornal <i>O Globo</i>	190
Gráfico 31- Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Sessão para a história” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	194

Gráfico 32 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Sessão para a história” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	197
Gráfico 33 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A defesa de Dilma” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	200
Gráfico 34 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A defesa de Dilma” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	203
Gráfico 35 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A reação necessária” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	206
Gráfico 36 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A reação necessária” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	208
Gráfico 37 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Nova etapa” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	211
Gráfico 38 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Nova etapa” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	214
Gráfico 39 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Os desafios de Temer” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	218
Gráfico 40 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Os desafios de Temer” do jornal <i>Gaúcha Zero Hora</i>	221

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1 A ORIGEM E EFEITOS DA RETÓRICA.....	22
1.1 GÊNEROS DISCURSIVOS NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	24
1.2 SISTEMA DO EDIFÍCIO RETÓRICO	25
1.3 PROVAS RETÓRICAS	26
1.4 A NOVA RETÓRICA	28
1.5 A NOVA RETÓRICA E COMUNICAÇÃO.....	30
2 DISCURSO JORNALÍSTICO ON-LINE	33
2.1 OS JORNAIS EM FOCO	33
2.1.1 O ESTADO DE S.PAULO/SP	34
2.1.2 FOLHA DE S.PAULO/SP.....	35
2.1.3 GAZETA DO POVO/PR.....	36
2.1.4 O GLOBO/RJ.....	37
2.1.5 GAÚCHA ZERO HORA/RS.....	38
2.2 EDITORIAL	39
2.2.1 ESTRUTURA DO EDITORIAL DE JORNAL	41
2.2.2 CARÁTER PERSUASIVO DO EDITORIAL	42
2.3 PAPEL DO AUDITÓRIO.....	43
2.4 PAPEL DO ORADOR	44
3 FIGURAS RETÓRICAS	47
3.1 FIGURAS DE PRESENÇA	49
3.2 FIGURAS DE COMUNHÃO	49
3.3 FIGURA DE ESCOLHA	50
4 METÁFORA: A FIGURA DAS FIGURAS.....	52
4.1 METÁFORAS RETÓRICAS: UMA ABORDAGEM ATRAVÉS DAS FIGURAS	53
4.1.1 METÁFORAS NA FIGURA DE PRESENÇA	54
4.1.2 METÁFORAS NA FIGURA DE COMUNHÃO	55
4.1.3 METÁFORAS NA FIGURA DE ESCOLHA	55
4.1.4 METÁFORAS NAS FIGURAS CONCATENADAS	55
4.2 METÁFORAS CONCEITUAIS: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL.....	56
4.2.1 METÁFORAS ORIENTACIONAIS	58
4.2.2 METÁFORAS ONTOLÓGICAS.....	60
4.2.3 METÁFORAS ESTRUTURAIS	62
4.2.4 METÁFORAS NOVAS.....	63
5 ESTUDO DOS EDITORIAIS DE JORNAL ON-LINE: MATERIAIS, MÉTODOS E ANÁLISE	65
5.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	65
5.2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> E TABULAÇÃO DOS DADOS	67

5.3	ANÁLISES DOS <i>CORPUS</i>	68
5.3.1	“O FIM DO TORPOR” – ANEXO 1	68
5.3.1.1	ANÁLISE RETÓRICA	70
5.3.1.2	ANÁLISE CONCEITUAL	73
5.3.1.3	RESULTADOS: “O FIM DO TORPOR” – ANEXO 1	78
5.3.2	“CONDIÇÕES PARA VOLTAR A CRESCER” – ANEXO 2	79
5.3.2.1	ANÁLISE RETÓRICA	81
5.3.2.2	ANÁLISE CONCEITUAL	82
5.3.2.3	RESULTADOS: “CONDIÇÕES PARA VOLTAR A CRESCER” – ANEXO 2	87
5.3.3	“O DESFECHO DO IMPEACHMENT” – ANEXO 3	87
5.3.3.1	ANÁLISE RETÓRICA	89
5.3.3.2	ANÁLISE CONCEITUAL	92
5.3.3.3	RESULTADOS: “O DESFECHO DO IMPEACHMENT” – ANEXO 3	97
5.3.4	“DÁ PARA OLHAR PARA A FRENTE?” – ANEXO 4	98
5.3.4.1	ANÁLISE RETÓRICA	100
5.3.4.2	ANÁLISE CONCEITUAL	101
5.3.4.3	RESULTADOS: “DÁ PARA OLHAR PARA A FRENTE?” – ANEXO 4	105
5.3.5	“A BADERNA COMO LEGADO?” – ANEXO 5	106
5.3.5.1	ANÁLISE RETÓRICA	108
5.3.5.2	ANÁLISE CONCEITUAL	109
5.3.5.3	RESULTADOS: “A BADERNA COMO LEGADO” – ANEXO 5	113
5.3.6	“PEDALADAS EM QUESTÃO” – ANEXO 6	114
5.3.6.1	ANÁLISE RETÓRICA	115
5.3.6.2	ANÁLISE CONCEITUAL	118
5.3.6.3	RESULTADOS: “PEDALADAS EM QUESTÃO?” – ANEXO 6	121
5.3.7	“A DEFESA DE DILMA” – ANEXO 7	122
5.3.7.1	ANÁLISE RETÓRICA	123
5.3.7.2	ANÁLISE CONCEITUAL	125
5.3.7.3	RESULTADOS: “A DEFESA DE DILMA” – ANEXO 7	128
5.3.8	“FRESTA DE OPORTUNIDADE” – ANEXO 8	128
5.3.8.1	ANÁLISE RETÓRICA	130
5.3.8.2	ANÁLISE CONCEITUAL	131
5.3.8.3	RESULTADOS: “FRESTA DE OPORTUNIDADE” – ANEXO 8	135
5.3.9	“GOVERNO NOVO” – ANEXO 9	136
5.3.9.1	ANÁLISE RETÓRICA	137
5.3.9.2	ANÁLISE CONCEITUAL	139
5.3.9.3	RESULTADOS: “GOVERNO NOVO” – ANEXO 9	142
5.3.10	“A RETÓRICA E O IMPEACHMENT” – ANEXO 10	143
5.3.10.1	ANÁLISE RETÓRICA	145
5.3.10.2	ANÁLISE CONCEITUAL	146

5.3.10.3	RESULTADOS: “A RETÓRICA E O IMPEACHMENT” – ANEXO 10	149
5.3.11	“AS RAZÕES DO IMPEACHMENT” – ANEXO 11	150
5.3.11.1	ANÁLISE RETÓRICA	152
5.3.11.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	154
4.3.11.3	RESULTADOS: “AS RAZÕES DO IMPEACHMENT” – ANEXO 11	157
5.3.12	“O SENADO DEU O ‘GOLPE’ ” – ANEXO 12	158
5.3.12.1	ANÁLISE RETÓRICA	160
5.3.12.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	162
5.3.12.3	RESULTADOS: “O SENADO DEU O ‘GOLPE’.” – ANEXO 12.....	164
5.3.13	“DILMA CHEGA VULNERABILIZADA À VOTAÇÃO” – ANEXO 13	165
5.3.13.1	ANÁLISE RETÓRICA	167
5.3.13.3	RESULTADOS: “DILMA CHEGA VULNERABILIZADA À VOTAÇÃO” – ANEXO 13	172
5.3.14	“PARA QUE JAMAIS HAJA OUTRO IMPEACHMENT” – ANEXO 14	172
5.3.14.1	ANÁLISE RETÓRICA	176
5.3.14.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	179
5.3.14.3	RESULTADOS: “PARA QUE JAMAIS HAJA OUTRO IMPEACHMENT” – ANEXO 14.....	183
5.3.15	“AGENDA DECISIVA EXIGE UNIÃO NA BASE” – ANEXO 15.....	183
5.3.15.1	ANÁLISE RETÓRICA	185
5.3.15.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	187
5.3.15.3	RESULTADOS: “AGENDA DECISIVA EXIGE UNIÃO NA BASE” – ANEXO 15	190
5.3.16	“SESSÃO PARA A HISTÓRIA” – ANEXO 16.....	191
5.3.16.1	ANÁLISE RETÓRICA	192
5.3.16.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	194
5.3.16.3	RESULTADOS: “SESSÃO PARA A HISTÓRIA” – ANEXO 16	197
5.3.17	“A DEFESA DE DILMA” – ANEXO 17	198
5.3.17.1	ANÁLISE RETÓRICA	199
5.3.17.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	201
5.3.17.3	RESULTADOS: “A DEFESA DE DILMA” – ANEXO 17.....	203
5.3.18	“A REAÇÃO NECESSÁRIA” – ANEXO 18	204
5.3.18.1	ANÁLISE RETÓRICA	204
5.3.18.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	206
5.3.18.3	RESULTADOS: “A REAÇÃO NECESSÁRIA” – ANEXO 18.....	209
5.3.19	“NOVA ETAPA” – ANEXO 19	209
5.3.19.1	ANÁLISE RETÓRICA	210
5.3.19.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	211
5.3.19.3	RESULTADOS: “NOVA ETAPA” – ANEXO 19	214
5.3.20	“OS DESAFIOS DE TEMER” – ANEXO 20.....	215
5.3.20.1	ANÁLISE RETÓRICA	216
5.3.20.2	ANÁLISE CONCEITUAL.....	218

5.3.20.3 RESULTADOS: “OS DESAFIOS DE TEMER” – ANEXO 20	221
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	229
REFERÊNCIAS DOS ANEXOS	234
ANEXOS	237

INTRODUÇÃO

O texto argumentativo pode ser usado como parâmetro de avaliação da competência linguístico-discursiva do profissional, o que explica o fato de ele constar frequentemente, por exemplo, nos processos seletivos de empresas públicas e privadas. Objeto de estudo desde a antiguidade greco-romana, a argumentação hoje não mais restrita ao espaço escolar, vem extrapolando seu âmbito de comunicação, atendendo a interesses de ordem social dentro de uma sociedade letrada.

É indiscutível a necessidade de reflexão sobre questões relativas ao convencimento e à persuasão inerentes a todo texto argumentativo. Esse fato, entre outros, salienta o valor sociocultural da retórica, além de justificar a importância de estudos voltados para as figuras retóricas como estratégias de elaboração do gênero textual, um exemplo é o editorial, o qual será utilizado nesta pesquisa.

Em verdade, salientar a perspectiva argumentativa de qualquer texto – principalmente do editorial, gênero que objetiva, em primeiro plano, convencer e persuadir – é tarefa útil e necessária, sobretudo numa pesquisa de ordem acadêmica. Partindo da ideia de que num ato comunicativo não há somente a transmissão de um saber ou de uma informação, mas sim a disposição de influenciar o outro, busca-se nesse sentido encontrar os meios utilizados para atingir o convencimento e a persuasão nas entrelinhas dos editoriais de jornal.

A argumentação está associada à dimensão retórica, visto que a argumentação seria o próprio ato de argumentar e a retórica as estratégias utilizadas na argumentação. Ambas estão interligadas, pois possuem a mesma finalidade: atingir a persuasão. Algumas vezes, ambos vocábulos, argumentação e retórica, são utilizados como termos quase sinônimos.

De acordo com Aristóteles (s/d) não se argumenta sobre o que é evidente, já aceito. Ou seja, sobre o que, numa determinada comunidade, tem-se como indubitável. Nesse mesmo âmbito, o editorial de jornal busca esclarecer alguns aspectos sociais mais comentados na comunidade local em que se deu esse discurso. Nesse sentido, busca-se analisar no editorial de jornal on-line, o modo com que as metáforas foram empregadas, a fim de entender melhor o processo de construção do discurso persuasivo nas mídias jornalísticas.

A comunicação argumentativa pressupõe que haja, além de uma língua comum, uma relação de intersubjetividade localizada no campo da ação, em que o sujeito que escreve

pretende modificar as crenças, as atitudes e o comportamento daqueles que o leem. Tendo, assim, maior preocupação com sedução do leitor, e algumas vezes, faltando com o compromisso da verdade.

As figuras retóricas, intituladas por Perelman & Tyteca (2005 [1958]), estão presentes em nosso cotidiano, e são utilizadas muitas vezes pelas mídias jornalísticas, a fim de influenciar o leitor com suas opiniões e pontos de vista. Acredita-se que há uma identidade com relação ao uso dessas figuras, interligada especialmente no uso das metáforas. Para Perelman & Tyteca (2005 [1958]), as metáforas podem se dar em diferentes campos das figuras

A metáfora cumpre, assim, um papel relevante em nossa percepção de realidades empíricas e está embricada em nosso processo de interpretação, por isso, as ideias levantadas pelos autores Lakoff & Johnson (2002 [1980]) vem ao encontro de nossa busca inquietante de analisar a metáfora como parte do pensamento cognitivo.

Lakoff & Johnson (2002 [1980]) explicam que as metáforas especializadoras atuais são coerentes com os conceitos metafóricos em que vivemos, ou seja, as metáforas se relacionam com os fatores culturais de cada um, os quais podem ser alterados numa espécie de conflito entre os valores e suas metáforas. Os valores são variáveis de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, e nesse sentido suas metáforas são própria e determinadas para suas escolhas através dos processo de conceitual, levantados pelos autores, como parte do pensamento existencial humano.

Acredita-se que haja uma argumentação em comum, utilizadas pelos periódicos em seus editoriais. Dessa forma, o seguinte trabalho preocupa-se com o modo como se constrói a escrita metafórica do editorial de jornal, em diferentes contextos.

O gênero textual – editorial de jornal, como qualquer outro gênero, parti de seus propósitos comunicativos e de um evento linguístico-discursivo, como uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares. O gênero editorial vem como um fenômeno sócio-histórico, culturalmente sensível, que procura forma as opiniões de seu auditório.

Os gêneros exercem importante função na organização do sistema de comunicação humana. Os povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros, mas após a invenção da escrita, aproximadamente no século VII a.C., houve multiplicação dos gêneros e surgiram aqueles típicos da escrita. A industrialização e o avanço

tecnológico trouxeram a denominada cultura eletrônica que revolucionou as formas de comunicação. A cultura eletrônica não é uma forma nova e vem sendo desenvolvida desde a globalização.

O editorial de jornal mantém suas características fundamentais e, ainda que seja veiculado por canais de comunicação muito contemporâneos como a internet, revela, por suas características intrínsecas, os mesmos propósitos sócio-pragmáticos, as mesmas práticas sócio-discursivas do século passado. Nesse sentido, o editorial on-line manteve sua estrutura e o uso da linguagem como tal, a mudança principal de modernidade sobretudo foi relacionada ao seu suporte on-line, que pode influenciar auditórios mais amplos e mais modernos.

Partindo das ideias do *Tratado da argumentação - A nova retórica* de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) e *Metáforas da vida cotidiana* de Lakoff & Johnson (2002 [1980]) buscaremos encontrar certa identidade na escritura jornalística dos editoriais dos jornais, a partir da análise das aplicações metafóricas existentes nesses editoriais selecionados. Para isso, foram escolhidos vinte editoriais de jornais diversos.

A priori cabe destacar que neste trabalho utilizaremos o termo *discurso* em toda situação que envolve a comunicação dentro de um determinado contexto, quando utilizado de outra maneira explicitaremos seu sentido, ou suas delimitações.

Além disso, os termos autor, editorialista, escritor, orador e falante, serão utilizados como termos sinônimos para remeter a aquele que faz o discurso ou está discursando, tal como os termos como auditório, leitor, público e público-leitor serão utilizados como termos sinônimos para remeter a aquele que é o telespectador do discurso, ou melhor, aquele que recebe o discurso.

O termo figura neste trabalho será utilizado no sentido que era tomado desde a retórica greco-latina com prolongamentos na Retórica de Perelman & Tyteca e outros.

Tendo em vista que o seguinte trabalho preocupa-se com o modo como se constrói a escrita do editorial de jornal, em diferentes contextos, nesse mesmo âmbito acredita-se que haja uma argumentação em comum, construída com uma infinidade de combinações, utilizadas pelos periódicos em seus editoriais.

Optamos por analisar o uso das aplicações metafóricas, a fim de identificar posteriormente, certas características do gênero editorial de jornal, ou certas características que nos mostre certa identidade das diferentes construções linguísticas nas diferentes imprensas jornalísticas selecionadas.

SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS.

A Metodologia da pesquisa é permeada por uma série de decisões e contornos que devemos seguir, durante nossa pesquisa acadêmica. Assim, dependendo do método, numa visão ampla e não-tecnista, o trabalho sofre algumas eliminações e seleções que incidiram, sobre as operações metodológicas. “Compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez” (BOURDIEU, 2005, p.40)

De acordo com Lopes (1990 [2014]), toda pesquisa é uma verdadeira “aventura metodológica”, em que há necessidade de exploração, de criatividade e de rigor. Este estudo está relacionado à observação dos campos (contextos) selecionados, num uso específico, cuja finalidade é a análise da persuasão na língua, a fim de caracterizar seu uso.

Ainda, de acordo com Lopes (1990 [2014]) o paradigma determina quais problemas serão investigados, quais dados serão considerados pertinentes, que técnicas de investigações serão utilizadas e que tipo de soluções se admitem aos problemas. O paradigma resolve de certa maneira questões relativas ao ajustamento entre sujeito e objeto. Além de caracterizar o próprio processo de produção de conhecimento.

Nesse sentido, os paradigmas escolhidos para permear este estudo foram: o paradigma positivista e o paradigma interpretativo. O primeiro, de caráter quantitativo, possui no trabalho a finalidade de explicar e de verificar o objeto. Já o segundo, de caráter qualitativo, possui no trabalho a finalidade de compreender e interpretar.

Para tanto, adotamos a perspectiva e os conceitos advindos das contribuições de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) e Lakoff & Johnson (2002 [1980]) como base teórico-metodológicas dessa pesquisa. Tal opção contempla os aspectos argumentativos e retóricos além de definir e caracterizar as figuras retóricas. Cabe enfatizar a importância do local de produção do *Corpus*. Dessa forma, pretende-se analisar não somente as metáforas que compõem o *Corpus*, de acordo com a classificação de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) e Lakoff & Johnson (2002 [1980]), mas também, comparar com o contexto social que se deu o editorial de jornal.

Esse modo de análise vai ao encontro dos planos da nossa pesquisa, pois os editoriais que foram extraídos para compor o material analisado apresentaram além das características que fazem parte da nossa fundamentação teórica.

Através dos dados coletados após análise dos editoriais, busca-se analisar o modo que foram aplicadas as metáforas. Pretende-se apontar semelhanças e diferenças entre as escolhas das metáforas, identificar quais delas são mais utilizadas, e o modo como as metáforas foram desenvolvidas nos editoriais. Para tanto, nos utilizaremos da análise qualitativa, a fim de verificar pelo processo interpretativo, o uso destas metáforas, e para complementar nossa análise, de modo a agregar ainda mais na nossa pesquisa qualitativa, objetiva-se utilizar de uma análise quantitativa estatística, através da contagem e caracterização do uso das metáforas retóricas e conceituais.

Assim objetivamos, identificar nas entrelinhas do texto, de forma minuciosa cada detalhe de sua escritura, a fim de encontrar os recursos persuasivos que se omitem por meio da retórica e da argumentação no texto. “O estudo da argumentação nos obriga, de fato, a levar em conta não só a seleção dos dados, mas igualmente o modo como são interpretados” (PERELMAN e TYTECA, 2005 [1958]:137).

Como dito de início, há várias opções metodológicas as quais poderíamos seguir. Escolhemos o Modelo Metodológico apresentado por Lopes (1990 [2014]), que estruturam a investigação em níveis e em fases, cujas operações metodológicas se realizam num espaço determinado, considerado como epistêmico, entendendo principalmente que a reflexão epistemológica opera internamente à prática da pesquisa, não se esquecendo dos critérios de validação externa.

Desta forma, propomos nos enquadrar no modelo metodológico apresentado, a fim de apresentar, um método que visa apreender a construção da estrutura desta obra científica.

Com toda essa aventura metodológica apresentada, estima-se que os resultados tragam dados relevantes ao que se refere aos possíveis usos das metáforas no processo argumentativo dos diferentes editoriais de jornal. O público foco desta pesquisa pode-se definir por estudiosos da linha retórica e argumentativa, além de alguns estudiosos da vertente midiática, que buscam maior abrangência e conhecimento nesse tema.

O problema de pesquisa vem ao encontro da vontade de investigar os usos dos argumentos, para tanto, delimita-se assim: Como se dá os usos das metáforas retóricas e conceituais nos editoriais de jornais?

De caráter social, o problema vem ao encontro das aplicações das metáforas em diferentes culturas. São dois fatores que interveem na nossa problemática, dentre eles destacamos: o problema empírico de se ter diferentes leitores (auditórios) e o problema empírico dos diferentes objetivos das escrituras dos editoriais. Não encontramos o problema de se ter diversos assuntos/temas encontrados no *Corpus*, pois ao selecionar o *Corpus*, conseguimos selecionar vinte editoriais, todos com o mesmo tema: *Impeachment de Dilma Rousseff*.

O contexto é levado em consideração para entender melhor o perfil dessas diferentes sociedades, fazendo uma ligação com o papel do editorialista nessas diferentes sociedades, e também com o papel desses leitores distintos. Desta forma, a problemática seria o papel dos editorialistas e dos leitores nas diferentes sociedades analisadas.

O texto argumentativo pode ser usado como parâmetro de avaliação da competência linguístico-discursiva do profissional, o que explica o fato de ele constar frequentemente, por exemplo, no processo seletivo de empresas públicas e privadas. Desta forma, é indiscutível a necessidade de reflexão sobre questões relativas ao convencimento e à persuasão inerentes a todo texto argumentativo. Esse fato, entre outros, salienta o valor sociocultural da retórica, além de justificar a importância de estudos voltados para a análise das metáforas como estratégias de elaboração desse gênero textual, o editorial.

Para efetivar essa busca incansável pelos usos das metáforas, e por esse tipo de estruturação da língua, define-se a fonte de pesquisa, pelo *Corpus* primário total de 20 editoriais de jornal a ser analisado, retirados de 5 jornais brasileiros, sendo dois da cidade de São Paulo, um do Paraná, um do Rio de Janeiro e um do Rio Grande do Sul. A coleta de seleção específica desses editoriais foi devido ao tema: *Impeachment de Dilma Rousseff*.

A escolha das referidas empresas jornalísticas se deu devido ao tema de publicação delimitado por: *Impeachment de Dilma Rousseff*. E, a um curto período de tempo para selecionar os editoriais: 28/08/2016 à 02/09/2016.

Observaremos que não temos o mesmo número de editoriais em cada jornal selecionado, mas acreditamos que isso não seja um obstáculo, pois posteriormente a análise do material, apresentamos uma análise quantitativa e estatística que não nos impedirá em chegar em nossos objetivos.

Segue abaixo a lista dos editoriais selecionados para a análise:

- 5 editoriais do Jornal *O Estado de S.Paulo*/SP:

31/08 - O fim do torpor

31/08 - Condições para voltar a crescer

01/09 - O desfecho do impeachment

01/09 - Dá para olhar para a frente?

02/09 - A baderna como legado

- 4 editoriais do Jornal *Folha de S.Paulo*/SP:

28/08 - Pedaladas em questão

30/08 - A defesa de Dilma

01/09 - Festa de oportunidade

01/09 - Governo Novo

- 3 editoriais do Jornal *Gazeta do Povo*/PR:

30/08 - A retórica e o impeachment

31/08 - As razões do impeachment

01/09 - O senado deu o "golpe"

- 3 editoriais do Jornal *O Globo*/RJ:

31/08 - Dilma chega vulnerabilidade à votação

01/09 - Para que jamais haja outro impeachment

02/09 - Agenda decisiva exige união de base

- 5 editoriais do Jornal *Gaúcha Zero Hora*/RS:

29/08 - Sessão para a história

30/08 - A defesa de Dilma

31/08 - A reação necessária

31/08 - Nova Etapa

01/09 - Os desafios de Temer

Conforme explicado anteriormente optou-se por esses editoriais devido ao mesmo assunto/tema *Impeachment de Dilma Rousseff*, desta forma, objetiva-se que a análise fique mais específica, de modo a interpretar especificamente os usos e aplicações das metáforas e seus fins.

O jornal, como espaço público de representação simbólica, congrega a *doxa*, a qual seria o conjunto das opiniões, crenças e valores partilhados. Neste trabalho busca-se caracterizar os diferentes usos das metáforas nos editoriais de jornal, tendo em vista o uso da *doxa*, já que o editorialista busca influenciar seu leitor com suas crenças, a fim de que seu leitor mude sua atitude perante o tema escrito.

O editorialista, nesse sentido, deve possuir uma comunicação profissional, a fim de atingir seu público-leitor de maneira clara com suas opiniões, ou com a *doxa* do jornal, modificada através do tempo. Nesse mesmo raciocínio, Pierre Bourdieu (1983) desenvolve sua noção de campo científico definindo o jornal como espaço social estruturado, em que há dominantes e dominados, sendo também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças, no caso da autoridade científica. Assim, possuímos um espaço de símbolos das representações coletivas, simbólico devido a máscara contida nas formações de opiniões.

Adotaremos a perspectiva e os conceitos advindos das contribuições de Perelman e Tyteca (2005 [1958]) descritas no *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*, como base teórico-metodológica desta pesquisa. Tal opção contempla os aspectos argumentativos e retóricos do uso das metáforas. Além desses conceitos, adotaremos também, *Metáforas da vida cotidiana* de Lakoff & Johnson (2002 [1980]), como base teórico-metodológica desta pesquisa. Tal opção contempla os aspectos conceituais do uso das metáforas.

Analisa-se, desta forma, as metáforas que compõem o *Corpus*, de acordo com a classificação de Perelman e Tyteca (2005 [1958]), retoricamente, e de acordo com a classificação de Lakoff & Johnson (2002 [1980]), conceitualmente.

Vale destacar ainda que, para a construção desta pesquisa, foram discutidos os seguintes objetivos:

O objetivo geral deste estudo é encontrar as diferentes aplicações metafóricas utilizadas pelos editorialistas de diferentes jornais brasileiros, tais quais: *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *Gazeta do povo*, *O Globo* e *Gaúcha Zero Hora*. A partir, da verificação das metáforas utilizadas, estima-se verificar quais são as principais formas de persuasão metafóricas utilizadas para atingir seu público leitor, através da análise das metáfora como figuras retóricas de acordo com os preceitos e classificações de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) e através da análise das metáfora conceituais de acordo com os preceitos e classificações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Estima-se, assim, encontrar uma maior incidência de metáforas nos diferentes jornais, a fim de caracterizá-lo com tal uso. Nesse âmbito, será através de leituras e análises desses diferentes jornais, que se pretende encontrar metáforas de diferentes classificações, que diferenciem os editoriais entre si.

O objetivo específico deste estudo é caracterizar as aplicações metafóricas por meio do próprio uso das metáforas presentes nos editoriais de diferentes jornais. Pretende-se, assim, encontrar as diferentes estratégias utilizadas pelos editorialistas desses diferentes jornais, a fim de verificar quais são as possibilidades persuasivas mais utilizadas para atingir a adesão de seu público leitor.

Objetiva-se, assim, que os resultados tragam dados relevantes no que se refere aos possíveis usos das metáforas no processo argumentativo dos diferentes editoriais de jornal online. O público foco desta pesquisa pode-se definir por estudiosos da linha retórica e argumentação, além de alguns estudiosos da vertente midiática, que buscam maior abrangência e conhecimento nesse domínio.

1 A ORIGEM E EFEITOS DA RETÓRICA

O termo *retórica* está ligada à expressão do grego *tekhné rhetoriké*, com sentido de arte, técnica ou conjunto de regras para se falar bem, o que deu origem a oratória oratória ou eloquência, pode ser expressa de maneira falada ou escrita. A retórica surgiu na Sicília grega, por volta do ano 485 a.C., desenvolvida a partir dos atos de convencimento utilizados pelo povo na criação dos discurso orais e nas disputas judiciárias. A retórica estava diretamente ligada à filosofia desde a antiguidade, com as questões das modalidades epistêmicas aléticas e deônticas. A fim de melhorar a capacidade de persuasão das partes em litígio, apareceram professores da arte de expor razões e defender causas, naturalmente sendo apresentada como a arte retórica.

Esses professores de técnicas de persuasão, conhecidos como sofistas, tornaram-se influentes ideólogos da educação ateniense e defendiam a retórica como a disciplina central do processo educativo.

Os sofistas treinavam as pessoas para estarem equipadas com o aspecto pedagógico da retórica e, nesse sentido, contribuíram com sua criação. Eles eram como uma espécie de advogados que podiam fazer diversas combinações com as palavras e com os conceitos, a fim de conseguir adesão à sua tese, quer ela fosse justa ou não.

A falta de advogados nos processos judiciais fez com que o retórico-sofista Córax e seu discípulo Tísias, os dois do século V a.C., popularizassem uma coletânea de preceitos argumentativos, com exemplos de fácil utilização, que serviam de base para as defesas ou reclamações do povo, foi assim que ambos retóricos, Córax e Tísias, foram considerados os principais criadores da retórica, através de seus preceitos e dedicação nessa disseminação da arte retórica usual.

Anos depois, a retórica entrou para o campo da literatura em forma de prosa e despertou interesse para o uso das figuras de linguagem e de ritmos de frases que persuadissem os ouvintes ou leitores. Juntamente a esse episódio, em Atenas, o renomado sofista Górgias (485 – 380 a.C), nascido na Sicília, ficou famoso por sua eloquência e por seus ensinamentos na arte de argumentar. Segundo Plebe (1978 [1968]), o cuidado especial com o estilo e com o conteúdo que misturava a prosa com a poesia lhe concedeu a fama e a criação do que os antigos chamavam de estilo *gorgiano*.

O filósofo procura chegar às certezas por meio das dúvidas, não segue pela via de opinião, mas por dados que ele confronta com os fatos que, assim, o conduz ao conhecimento. Para os antigos, o objeto da retórica era a arte de falar em público de forma persuasiva. Possuidora de sua própria racionalidade, o objetivo da retórica, seja ela verbal ou não-verbal, sempre foi conseguir a adesão dos leitores, o mesmo que de qualquer processo argumentativo atual.

No período clássico da Grécia antiga, no tempo de Aristóteles, a retórica era apenas um conjunto de princípios e regras de comunicação que deviam ser ensinados como parte integrante de uma educação, era considerado basicamente como o ensinamento de técnicas oratórias.

Aristóteles (384 – 322 a.C) confere à retórica um papel positivo e a descreve como baseada em pontos de vista que objetivam resultados. Não a considerava moral nem imoral, apenas um conjunto de técnicas argumentativas que podiam ser utilizadas a serviço da persuasão. Em “*Arte Retórica e Arte Poética*”, Aristóteles assente que “a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de ferar a persuasão” (ARISTÓTELES, 1959, p.24).

De acordo com a afirmação de Mosca (2007) “Os filósofos das línguas clássicas tinham a Retórica como disciplina básica da Filologia e nela buscavam o seu instrumental” (MOSCA, 2007, p.15).

No Império Romano, os filhos de famílias abastadas também recebiam essa formação, que tornava indissociável a retórica, a oratória e a boa educação. Eles se guiavam pelo manual “Treinamento do Orador” (em latim *Institutio Oratoria*), de Quintiliano. Esse livro serviu de base até o século XIX, quando a retórica passou a ser desprestigiada. A imagem negativa adquirida posteriormente pelos sofistas deu origem à palavra “sofisma”.

Cícero (106 – 43 a.C) persistiu nas relações existentes entre o sistema retórico e as principais funções que um discurso persuasivo deveria cumprir. Praticamente depois do grande orador, escritor e estudioso dos componentes retóricos, Cícero (106 – 43 a.C), e o fim da República, já não se procura convencer os auditórios que exercem o direito de decisão, tendo a sua soberania sido transferida para o imperador.

1.1 Gêneros discursivos na Antiguidade Clássica

Aristóteles traça uma divisão dos discursos retóricos em três gêneros: o judiciário, o deliberativo, o epidítico. Esse sistema reduziu somente a três categorias todos os discursos possíveis e, deste modo, serviu de referência universal para a classificação dos gêneros oratórios durante a Antiguidade.

É oportuno apresentar a sistematização de Mosca (2004 [1997]), com relação aos gêneros oratórios, em que se pode verificar, em cada um dos gêneros, sua finalidade, seu tempo, sua categoria, seu auditório, seus critérios de avaliação e os tipos de argumentos envolvidos. Vejamos:

Quadro 1: Gêneros do Discurso

Gênero	Finalidade	Tempo	Categoria	Auditório	Avaliação	Argumento
Judiciário	Acusar / Defender	Passado	Ética	juiz/jurados	justo / injusto	entimema (dedutivo)
Deliberativo	Aconselhar/ Desaconselhar	Futuro	Epistêmica	assembleia	útil / prejudicial	exemplo (indutivo)
Epidítico	Elogiar / Censurar	Presente	Estética	espectador	belo / feio	amplificação

Fonte: MOSCA (2004 [1997], p.32)

O gênero Judiciário visa destituir os argumentos contrários aos apresentados. Nesse gênero, Aristóteles indicou o juiz e os jurados como auditórios, assim, é necessário um conflito prévio para que haja o gênero.

O gênero Deliberativo visa tratar de questões ligadas ao povo em sua totalidade, à função de administrar as cidades gregas em todas as questões de conciliação, ainda não ocorridas. Aristóteles indicou a assembleia como auditório devido ao papel do gênero, que consiste em debater e decretar por meio do discurso a postura e ações políticas, todavia ainda não ocorridas, como uma intermediação de eventos futuros.

O gênero Epidítico visa proceder ao elogio ou à censura de determinado indivíduo, ato ou instituição, de modo a expressar admiração, votos, críticas e sentimentos ocorridos no tempo presente, ligados à estética do texto. Nesse sentido, o orador precisa dominar as técnicas capazes de atingir seus objetivos.

1.2 Sistema do edifício retórico

Devemos a Aristóteles a divisão coerente do discurso retórico em quatro partes: *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e a *actio*. Posteriormente, os romanos adicionaram mais um componente nesse sistema retórico, a *memoria*, introduzida nesse aparato como alvo de atenção e de cultivo para um melhor cumprimento das finalidades do discurso. Pode-se dizer que essas são as partes que compõem a elaboração de uma produção textual considerada bem estruturada.

A *inventio* é o primeiro componente do sistema retórico e constitui-se da concepção de ideias no repertório temático, no material, na fonte de todos os argumentos, provas e outros meios de persuasão relativos ao próprio discurso. Assim, a *inventio* dá o aporte na criação de argumentos, figuras e provas, sendo este o primeiro momento do discurso.

A *dispositio* é a segunda parte do componente do sistema retórico e constitui-se na estrutura, ou melhor, no arranjo e na organização interna do plano do discurso. Assim, todo material selecionado na *inventio* deve ser agora organizado com coerência de modo a construir a organização interna do discurso, como uma hierarquização dos dados. Esse componente compõe-se em: exórdio, narração, argumentação e peroração. Brevemente, vejamos cada um deles: o exórdio é o arranjo, ligado à *captatio benevolentiae* em que o orador capta seu público, normalmente está localizado no início do discurso; há narração/descrição dos fatos relativos ao tema; a argumentação traz as provas e as refutações às teses apresentadas; e por último, mas não menos importante, a peroração tem a função de finalizar o discurso, de modo a influenciar o público, podendo proceder a *amplificatio* e apelar a emoção.

A *elocutio* é a terceira parte do componente do sistema retórico e constitui-se na articulação dos dados, no modo de apresentar o tema, ligado ao plano da manifestação. Assim, resulta no manejo dos procedimentos e mecanismos no plano da expressão com as

escolhas adequadas à manifestação das partes, especialmente com a utilização das figuras. Tem por objetivo adequar as palavras e os pensamentos aos meios fornecidos pela *inventio*, a fim de cumprir um bom exercício da escrita e da expressão linguística de tais ideias.

A *actio* é a última parte do componente do sistema retórico previsto pelos gregos e constitui-se nos elementos suprasegmentais que envolvem as circunstâncias em que se dá o ato comunicativo em questão, ou seja, abrange a manifestação em público, com sua cenografia (*proxêmica*), movimentação em cena (*kinésica*), gestualidade e elementos suprasegmentais constituídos pela voz, timbre, ritmo, pausas e entonações.

A *memoria*, introduzida posteriormente nesse aparato retórico pelos romanos como alvo de atenção e de cultivo para um melhor cumprimento das finalidades do discurso, constitui na retenção do saber, na detenção do assunto a ser transmitido em ato de fala. É nesse sentido que possui como objetivo gravar fielmente os pensamentos no espírito e é utilizada como excelente ajuda para a manifestação mais eficaz do nosso ato de fala.

Cícero (106 – 43 a.C), a exemplo de Aristóteles, persistiu nas relações existentes entre filosofia e retórica entre forma e conteúdo, e apontou ao sistema retórico as principais funções que um discurso persuasivo deveria cumprir: *docere*, *movere* e *delectare*. De modo sucinto, *docere* diz respeito à instrução dos conteúdos relevantes a serem transmitidos pelo orador, *movere* refere-se à busca da sensibilização do ouvinte ligado à emoção, *delectare* relaciona-se ao lado agradável e prazeroso, de modo a facilitar a adesão à tese que se propõe.

1.3 Provas retóricas

Todos esses elementos, apresentados anteriormente, têm como esteio uma tríplice formação, de onde partem escolhas e atitudes que levam ao sujeito. Observemos a afirmação seguinte:

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte, e outras, no próprio discurso, pelo que se demonstra ou parece demonstrar (ARISTÓTELES, 1998, p.49).

Como apresentado por Aristóteles, existem três aspectos fundamentais na persuasão, essas provas retóricas são baseadas em uma trilogia de elementos estruturantes do discurso, nomeados respectivamente como: *ethos*, *logos* e *pathos*.

O *ethos* refere-se à construção, no próprio discurso, de uma imagem discursiva do orador. Trata-se de um estado afetivo provocado no receptor por meio de uma mensagem particular, no nosso caso o texto, o qual implica uma representação do enunciador ligado a quem somos, ao que os outros acham que somos e ao que revelamos no texto sobre nosso caráter.

Aristóteles considerava o *ethos* construído no discurso e pelo discurso, dadas as suas posições teóricas. Nesse sentido, desempenha um papel determinante na credibilidade daquele que fala e propõe a sua autoridade.

Conforme nos diz Meyer (2007), o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo e o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e segui-lo. Dessa forma o sujeito, o eu na relação com o outro, elabora um *ethos* discursivo que oferece sustentação a um ponto de vista e a imagem que ele quer passar para seu público.

O *logos* refere-se ao saber e ao discurso, assim não é apenas o saber, e sim como este é transmitido no discurso. Possui o objetivo de compreender, sustentar, justificar e refutar. O *logos*, de certa maneira, é aquilo que constitui o objeto de suas considerações, concentrando-se na argumentação do discurso. Para Aristóteles, o *logos* pode agradar, comover, instruir e até convencer por meio do argumento.

O *pathos* refere-se ao que emociona, toca ou sensibiliza o auditório. Ele é o conjunto de técnicas relacionadas ao público com intuito de despertar os diferentes tipos de emoções. Muitas vezes, o *pathos* também se relaciona com a qualidade do próprio discurso.

Para finalizar, a trilogia retórica, *ethos*, *logos*, e *pathos*, situa-se no plano da efetivação dos meios de concretização desse trajeto. Agrupam, assim, saber e discurso, e estabelecem uma relação de implicação mútua entre eles, ao ponto que não são isoláveis, apenas separados a título de reconhecimento ou de análise. Nesse sentido, nos cabe citar Meyer (2007, p.25), “A tríade *logos*, *ethos* e *pathos* deve estar em “pé de igualdade” para que não se caia em concepções que excluam as dimensões retóricas”. *Grifos do autores*.

É nesse sentido que Aristóteles nos forneceu a ponte entre a retórica antiga e a retórica moderna, na relação justa entre essa tridimensionalidade como pólos do discurso.

1.4 A Nova Retórica

Em 1958 a retórica foi retomada e ganhou um tratamento que a compreende como um empreendimento teórico, em duas publicações lançadas concomitantemente: Chaïm Perelman e Lucy Olbrechts-Tyteca, na França, lançam a obra *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica* e Stephen Toulmin, na Inglaterra, lança a obra *Os usos do argumento*.

A obra de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) traz o ideal do renascimento em seu título, a argumentação é apresentada na continuidade da retórica aristotélica e definida como técnicas discursivas que visam a persuasão dos espíritos a uma tese proposta para o assentimento. Já Toulmin, apresenta em sua obra a argumentação em um modelo esquemático de coerência que pressupõe um acordo preliminar entre os componentes do diálogo, em uma epistemologia evolucionista e um silogismo categórico.

A importância dessas obras fica evidente diante do contexto histórico em que a retórica, responsável pelos estudos da argumentação, fora eliminada do currículo da universidade republicana, em 1902, e apenas a história da retórica foi digna do campo universitário. O próprio termo “Nova Retórica”, utilizado por Perelman & Tyteca (2005 [1958]), produziu significados diferentes para cada uma dessas abordagens. Mas o ponto de partida é que a partir da “Nova Retórica”, lançada por Perelman & Tyteca (2005 [1958]), a retórica tornou-se uma disciplina diferente da antes vista por uma falsa afetação estilística de uma base da arte poética.

Muitos teóricos descrevem a argumentação e a retórica como associadas no processo de convencimento e de persuasão, entre eles podemos destacar, Perelman & Tyteca (2005 [1958]), que afirmam que a argumentação e a retórica estão ligadas uma vez que não há argumentação sem o auditório, de maneira que o efeito retórico entra numa relação de valores. Nesse mesmo âmbito e com teoria similar, Meyer (2007), afirmou que uma argumentação está associada à dimensão retórica, ainda que a argumentação não se esgote na dimensão estratégica e exija a reflexão acerca da problematicidade das respostas. Podemos destacar ainda Elisa Guimarães, no livro “*Retóricas de ontem e de hoje*” (2004), que afirma que a argumentação e a retórica são termos quase sinônimos, já que a retórica atual é vista como um processo argumentativo que, em graus variados, está subjacente a todos os tipos

discursos. Nesse sentido, essa pesquisa acadêmica unirá as dois enfoques, de modo que serão utilizadas como termos quase sinônimos.

A argumentação está associada à dimensão retórica, de maneira que a argumentação seria o próprio ato de argumentar e a retórica as estratégias utilizadas na argumentação, isso ocorre devido aos diversos contextos. Ambas estão interligadas, pois possuem a mesma finalidade: atingir a persuasão.

O texto argumentativo tem o objetivo de persuadir e influenciar seu público leitor ou ouvinte. Além disso, busca defender uma tese, uma opinião sobre um fato, por meio de uma linha de raciocínio lógico e por uma apresentação de razões convincentes. Nesse princípio, enfatiza Perelman & Tyteca que:

[...] adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN & TYTECA, 2005, [1958], p.50).

Nesse âmbito, ter êxito na persuasão é conseguir com que as pessoas reajam diante coisa a respeito do que é abordado. Para isso, é necessário educar a nossa sensibilidade para os valores do outro, ligados, geralmente, à emoção, já que na maioria das vezes as pessoas são mais emocionais do que racionais.

A busca de uma objetividade, seja qual for sua natureza, corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas passam ser aceitas por todos (PERELMAN e TYTECA, 2005, [1958], p.29).

Em suma, argumentar é tentar provar, todo o tempo, que se tem razão. É impôr, ou melhor, colocar as ideias, sempre com ética, a fim de convencer o leitor de algo. Ao convencer um leitor a aceitar as ideias, torna-se mais fácil o convencimento dos demais. Vencer junto com o outro, seria o lema principal da argumentação.

A retórica só é manipuladora e enganadora para aqueles que levam os argumentos ao “pé da letra”, ou ainda, levam a sedução por verdade. Deste modo, Meyer (2007) descreve que a manipulação retórica não permite o engano, uma vez que o seu auditório consegue perceber o fim cujo meio é a utilização retórica. Ou ainda, como afirma Meyer (2007) a retórica apenas consegue atingir sua persuasão em leitores que a ignoram, que não percebem os indícios no texto, ou não possuem o senso crítico para avaliar as ideias de quem escreve. Assim, o objetivo de toda argumentação, como já dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos.

A intenção de argumentar é fato inerente à própria linguagem. As palavras que escolhemos têm grande influência na argumentação, por isso o orador precisa ter criatividade e “bom-senso” nas escolhas das palavras e na construção de seu texto. Quando se trata de argumentar, influenciar por meio do discurso, não se pode esquecer que, para argumentar “bem”, é preciso saber dosar o trabalho com ideias e emoções, seria gastar mais tempo em persuadir do que convencer.

“Toda argumentação supõe, portanto, uma escolha, que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes” (PERELMAN & TYTECA, 2005, [1958]:136). Portanto, argumentar é mais do que dar opinião sobre algo, é sustentá-la com argumentos, isto é, utilizar-se de razões, evidências, provas, dados e figuras que darão suporte à ideia defendida na busca do convencimento de alguém, independentemente de que as ideias ou teses apresentadas sejam acertadas ou não.

1.5 A Nova Retórica e Comunicação

Comunicar é o agir em comum ou o deixar agir comum – que significa: vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo. Oriundo do latim, de étimo original *communis + actio = communicatio* também encontrado como *communicare*, cujo o sentido principal é de partilha, participar de algo ou pôr-se em comum. Nesse sentido, pode-se dizer que o ato de comunicar revela uma linguagem transversal, em que o leitor possui função primordial na leitura e interpretação dessa prática.

De acordo com Muniz Sodré (2014), desde o começo do século passado, já se entende a palavra comunicação como transmissão de mensagem ou de informações, a ideia de comunicação fica, assim, anexada aos modelos de transmissão de signos. Nessas condições, o juízo implícito dessas definições do mesmo pelo mesmo, recebe o nome de tautologia, tendo em vista que a explicação do termo torna-se irrelevante na medida que ele expressa a mesma coisa em termos diferentes. A fim de evitar essa redundância, a comunicação pode ser mostrada como o fazer organizativo das mediações imprescindíveis ao comum humano, a resolução aproximativa das diferenças pertinentes em formas simbólicas. No ato comunicativo não há somente a transmissão de um saber, de uma informação, mas sim, a disposição de influenciar o outro, busca-se encontrar os meios utilizados para atingir o convencimento e a persuasão.

A comunicação retórica e a argumentação não deve ser entendida apenas como um objeto de informação, ela deve ser analisada como uma estrutura de convencimento em que o autor tenta convencer o leitor a aderir às suas colocações, o qual possui o papel interpretativo e analítico sobre o texto. A retórica analisa teoricamente o que pode gerar a persuasão, não consiste em persuadir, mas em discernir os meios de persuadir. Como dito, a finalidade da retórica consiste em aduzir provas do texto, para comprová-lo como objeto de manipulação presente no cotidiano.

É necessário colocar a argumentação sob uma perspectiva comunicacional, devido ao âmbito que ela se dá em sua natureza e função. Nesse âmbito, nos cabe apresentar a Teoria do Agir Comunicativo, de Habermas (2012, p.532), a qual indica que é preciso recorrer às funções do entendimento pela linguagem, uma espécie de assentimento das partes, além disso, o autor ainda resume a intenção comunicativa do falante na busca do correto entendimento e compreensão baseado em três intenções: estabelecer uma relação interpessoal de forma legítima por meio de uma fala correta; interagir com saber do falante por meio de um enunciado verdadeiro ou uma pressuposição acertada e real existente e, por último, possibilitar a crença do ouvinte ou do interlocutor por meio de expressões verazes, opiniões, sentimentos, desejos e intenções legítimas.

Ter êxito na persuasão é conseguir com que as pessoas façam alguma coisa a respeito do que está sendo abordado. Para isso, é necessário educar a nossa sensibilidade para os valores do outro. Convencer é saber gerenciar informações, para construir no campo das ideias, a argumentação. Persuadir é falar à emoção do outro, sensibilizá-lo para ação, geralmente, no plano das emoções. A ideia principal seria persuadir com efeitos de sentido

para chamar a atenção do público-leitor e, para isso, é necessário ter convicção a respeito do seu ponto de vista.

Desta forma, todo método de comunicação é um processo polêmico de convencimento em que os valores sociais reproduzem-se ou se modificam através da aceitação das pessoas.

2 DISCURSO JORNALÍSTICO ON-LINE

O jornalismo vem se transformando nas últimas décadas. A princípio, o jornalismo on-line era apenas uma versão dos jornais impressos veiculados na internet, hoje, os jornais adaptam as notícias ao mundo digital. Esse modo jornalístico ainda não atingiu os editoriais de jornais on-line, já que a imprensa jornalística muito famosa por suas páginas de opinião, ainda possui muitos adeptos a esta leitura, devido a seu caráter opinativo em relação ao tema proposto.

Uma das características principais desse tipo jornalístico é seu grau de instantaneidade, sua capacidade de transmitir a notícia o mais rápido possível. Além disso, outra característica muito utilizada pelo meio jornalístico nesta prática é a interatividade, em que o jornal possui um retorno muito rápido da opinião do público sobre o tema, ou ainda, consegue fazer uma pesquisa de opinião com breve retorno.

O jornal, como espaço público de representação simbólica, on-line ou não, congrega a *doxa* que seria as opiniões, crenças e valores partilhados, os quais são divididos com seus auditórios/leitores, a fim de atingir o convencimento e a persuasão.

As opiniões contidas no jornal comportam-se de sua ideologia, modificada através do tempo. O jornal possui um espaço simbólico das representações coletivas, simbólico esse devido a máscara contida nas formações de opiniões, e entre o abismo da opinião da sociedade. Além disso, deve possuir uma comunicação consciente e profissional, a fim de atingir seu público leitor de maneira clara e verdadeira.

2.1 Os jornais em foco

O jornal, como espaço público de representação simbólica, congrega a *doxa*, a qual seria as opiniões, crenças e valores partilhados. Deve possuir uma comunicação consciente e profissional, a fim de atingir seu público leitor de maneira clara e verdadeira.

Suas opiniões comportam-se de sua ideologia, modificada através do tempo. Possui um espaço simbólico das representações coletivas, simbólico devido a máscara contida nas formações de opiniões, e entre o abismo da opinião da sociedade.

Nesse sentido, apresentamos uma breve contextualização histórica dos jornais selecionados para a análise, são eles: *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *Gazeta do povo*, *O Globo* e *Gaúcha Zero Hora*.

2.1.1 O Estado de S.Paulo/SP

A história do jornal *O Estado de S.Paulo* começa em 1875, mais precisamente em 4 de Janeiro, com sua criação com o nome de *A província de São Paulo*. Este jornal foi criado por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense através de uma ideia que de acordo com informações do próprio site do jornal mantém-se até hoje como característica “fazer sua independência o apanágio de sua força”.

O jornal passa por muitos processos históricos importantes no Brasil, desde a abolição da escravatura até a proclamação da República. Em 1 de janeiro de 1890, logo após a proclamação da República, o jornal muda o seu nome de *A província de São Paulo* e passa a se chamar *O Estado de S. Paulo*.

Em 3 de setembro de 1939 começa a circular a edição da tarde, com o nome de *Estadinho*, essa versão manteve-se por pouco tempo, sendo encerrada em 23 de março de 1940. Já em 1953 é lançado o suplemento feminino do Estadão, liderado pela jornalista Maria do Carmo de Almeida, a Capitu, fato marcante na história do jornal já que era incomum ver mulheres na redação dos jornais. Mais adiante, em 1986 surge o lançamento do *Caderno 2*, a ideia era fazer um jornal com cara de revista diária, contendo cultura, arte, variedades, lazer e comportamento, foi uma inovação importante na época já que trazia uma variedade de informações para seus leitores. Já, em 1987 surge o *Estadinho* primeiro número de suplemento semanal infantil do jornal.

Em 28 de maio de 2000, *O Grupo Estado* lança oficialmente o portal *estadão.com.br*, reunindo todo o conteúdo produzido pelo grupo em um único lugar. Em 2006 o portal do *Grupo Estado* ganha um visual mais moderno, com uma disposição das informações mais organizadas e páginas mais leves para facilitar a navegação do leitor. Já em 2007 o site do

jornal *O Estado de S.Paulo* é reformulado com um *design* claro e dinâmico, dando ênfase na interatividade com o leitor. A partir desse ano o jornal começou investir de forma mais arrojada nas tecnologias digitais para melhorar a experiência do leitor com o jornal digital, tentando assim passar as mesmas características e credibilidade do jornal impresso. Em 2008 o jornal digital ganha versões em PDF e passou a utilizar a tecnologia *digital paper*, tornando possível a passagem das páginas do jornal como se o leitor tivesse folheando as páginas do jornal impresso. A partir de 2010 o site do jornal começa a utilizar a interatividade com as redes sociais e a criação de aplicativos para *iPad*, para os dispositivos *Android* somente foi liberado os conteúdos a partir de 2011. Em 2012 o acervo do jornal de 2,4 milhões de páginas publicadas desde 1875 é disponibilizado on-line em seu site. Em 2014 é lançado o aplicativo para celular dos conteúdos do jornal e, em 2015, o site é reformulado para uma melhor experiência de navegação pelo celular.

Como podemos observar, o jornal *O Estado de S.Paulo*, apesar da sua longa história e evoluções tecnológicas ao longo do tempo, sempre tentou manter a ideia de usar sua liberdade e independência para trazer informações de qualidade ao seu leitor e sempre se adequando as novas demandas que a sociedade e os leitores necessitavam, sem nunca perder suas características e ideais.

2.1.2 Folha de S.Paulo/SP

Pode-se afirmar que o jornal *Folha de S.Paulo* é um periódico em constante reformulação. De acordo com Sevcenko (2000) as mudanças ocorrem em todos os aspectos, desde alterações sucessivas na direção da imprensa jornalística, até mesmo mudanças na linha editorial, nos recursos tecnológicos, nas modificações tipográficas, nos critérios jornalísticos e na feição do próprio jornal. Além disso, o caráter descontinuo assinala o percurso da *Folha de S.Paulo*, cheio de rupturas e redefinições.

A história do jornal *Folha de S.Paulo* é marcada por uma trajetória de muitas mudanças, mas sempre mantendo uma identidade permanente e resolvida. Sua raiz, *Folha da Noite*, surge em fevereiro de 1921. Em 1 de julho de 1925, surge *Folha da Manhã*, como uma extensão natural, constituindo-se, então, a base da imprensa da *Folha da Manhã Limitada*, criada em 1931. Em 1945, a diretoria do periódico é alterada tornando-se uma sociedade anônima.

Em julho de 1949 criou-se a *Folha da Tarde*. Onze anos depois, em janeiro de 1960 os três jornais foram reunidos sob um único nome sendo ele: *Folha de S.Paulo*, sendo publicado, nesta época, em três edições diárias: matutina, vespertina e noturna. Para finalizar, Sevcenko (2000, p.9) conclui que em outubro de 1967, a “*Folha da Tarde*” retornaria a seu título original.

O jornal "*Folha de S.Paulo*" foi modificando sua ideologia através do tempo, mas nunca perdeu o seu caráter fiel na contribuição na história de São Paulo. Além disso, pode-se dizer que esse jornal participou efetivamente da produção da imagem que a população Paulista tem e lê da realidade e do cotidiano diário dessa cidade. O jornal que será analisado se diz preocupado e se afirma que se preocupa com a informação verdadeira e atual em última instância dos fatos na cidade de São Paulo.

2.1.3 *Gazeta do Povo/PR*

O jornal *Gazeta do Povo* preocupa-se com a constante atualização dos seus serviços, de suas tecnologias e de sua equipe de colunistas. As atualizações constantes do site buscam melhorar a experiência e a interação do leitor com o jornal, sempre preocupando-se com a dinâmica de trabalho e com o hábito em que os leitores absorvem as informações. Embora o jornal busque essas mudanças constantes, ele se diz mais preocupado em não perder seu DNA e suas convicções, as quais o fizeram ser o principal jornal do Paraná.

A história do jornal *Gazeta do Povo* começa logo após a primeira guerra mundial, em Curitiba dois advogados, Benjamin Lins e Oscar Joseph De Plácido e Silva, fundam o jornal em 3 de fevereiro de 1919, a ideia inicial era realizar uma revista jurídica, entretanto, após analisar a imprensa curitibana, decidiram criar um jornal combativo para quebrar a unanimidade da imprensa local.

Em 1923, em comemoração ao seu 4º aniversário, o jornal circulou com o dobro de páginas, a última delas trazendo páginas coloridas. O conteúdo abordado variava desde poesia, esporte e até às novidades da aviação mundial. O jornal *Gazeta do Povo* por muito tempo ficou sem a assinatura de seus redatores nas matérias, entretanto alguns já eram conhecidos da população local como: Silva Pereira, Dirceu Lacerda, Carlos Rubens, Ernani Cartaxo e Acir Guimarães.

Nesse sentido, as mudanças realizadas no suporte do jornal *Gazeta do Povo* ao longo do tempo, sempre foram para otimizar a vivência do leitor com o jornal, entretanto, a maior preocupação dos idealizadores do jornal é que tais mudanças nunca mudem a essência crítica do jornal que se tornou um dos jornais mais populares do estado do Paraná.

2.1.4 O Globo/RJ

O jornal *O Globo* adota que o jornalismo é o conjunto de atividades, que seguindo certas regras e princípios produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. Esse pensamento vem contrário à clássica ideia popular em que o jornalismo é a busca da verdade. De fato, a preocupação com a objetividade e fidedignidade da informação são os pilares para a construção de uma notícia íntegra e sem viés ideológico ou político, essa ideia vem ao encontro com a premissa do jornal dos atributos de uma informação de qualidade, que deve ter como princípio três pilares: a isenção, a correção e a agilidade.

A história do Jornal *O Globo* começa em 1911, nesta época com o nome de *A Noite* foi fundado por Irineu Marinho. Após vender o controle do jornal para um dos sócios, acabou perdendo o título do jornal. Para obter um novo nome para o jornal foi realizado um concurso. O resultado foi anunciado em 20 de Junho de 1925, com o título de *Correio da Noite*, entretanto essa patente já existia, assim, Irineu Marinho decidiu escolher o segundo nome mais votado, *O Globo*.

No dia 21 de Agosto de 1925 morre Irineu Marinho, passando a direção do jornal para seu grande amigo Eurycles de Matos, posteriormente em 1931 com a morte de Eurycles de Matos, Roberto Marinho assume o cargo da direção definitiva do Jornal *O Globo*. No dia 2 de julho de 1972, *O Globo* passou a publicar suas edições dominicais, nesse mesmo dia o editorial do jornal foi feito por Roberto Marinho para salientar o grande feito da publicação dominical.

Em 1982 é realizada uma ideia até então inédita, o jornal *O Globo* decide iniciar o projeto de “Bairro a Bairro”, que consistia de criar notícias suplementares no jornal sobre as peculiaridades de cada bairro do Rio de Janeiro, para aproximar o leitor ainda mais do jornal, o primeiro suplemento a circular no dia 23 de março de 1982 foi o *Globo-Tijuca*.

Em 28 de Julho de 1996 é criado o site do jornal *O Globo* em comemoração ao aniversário do próprio jornal. *O Globo On*, foi desenvolvido para não ser uma mera cópia do jornal impresso, sua criação tem como princípio o aperfeiçoamento do jornalismo ágil, podendo oferecer um serviço de melhor qualidade para seus leitores. Após esse marco diversos produtos digitais do jornal *O Globo* foram lançadas em sequência, dentre elas estão em 2006 a edição digital do jornal, em 2007 o site para celular, em 2009 *O Globo* para o Kindle e em 2010 os aplicativos para iPad e smartphones.

O Jornal *O Globo*, ao longo dos anos, buscou modernizar o seu periódico e atender as necessidades dos leitores que também foram mudando ao longo do tempo, sempre se preocupando com a ética e seus princípios norteadores de uma informação de qualidade.

2.1.5 *Gaúcha Zero Hora*/RS

O jornal *Gaúcha Zero Hora*, também conhecido como ZH, é considerado como o maior jornal do estado do Rio Grande do Sul, sua edição é realizada na cidade de Porto Alegre e conta, atualmente, com mais de 100 colunistas. Sua fundação ocorreu em 4 de maio de 1964.

O jornal passou por sérias modificações de *layout* ao longo do tempo, de 1970 a 1994 houve mudanças no logotipo do jornal para se adequar com as mudanças do tempo. Em 1996 a edição e produção do jornal passa a ser totalmente digital. Em 2007 o site do jornal passa a publicar notícias atualizadas todos os dias da semana durante as 24 horas do dia.

Ao completar 50 anos, em maio de 2014, o jornal faz uma profunda reformulação de marca, editorial e gráfica, essas mudanças são implementadas tanto no papel quanto no jornal on-line, para melhor se adequar as demandas de visualização de celulares e tablets. Em 21 de setembro de 2017 o jornal *Zero Hora* uni forças com a *Rádio Gaúcha* no universo digital, melhorando o conteúdo digital e ampliando a cobertura de temas locais e esportivos, e assim passa-se a se chamar como *Gaúcha Zero Hora*.

O *Gaúcha Zero Hora*, ao longo dos anos, buscou modernizar-se e atender as demandas de uma sociedade que está cada vez mais presente no universo digital. Todas as suas melhorias ao longo de sua história foram realizadas a fim de melhorar a comunicação

entre seu site e seus leitores, buscando proporcionar informações mais rápidas e precisas sobre os acontecimentos diários.

2.2 Editorial

Um editorial é de responsabilidade temporária da direção do órgão jornalístico ou de algum profissional da sua inteira confiança. Em princípio, é no editorial que se encontra o posicionamento coletivo de um jornal sobre determinado assunto que, geralmente, se mostra problemático na atualidade.

Quando os jornalistas de determinado jornal pretendem exprimir um ponto de vista público coletivo que não vincula o órgão de comunicação social no seu conjunto, podem escrever um redatorial, que obedecerá aos mesmos cânones do editorial, sem vincular seu nome.

O local de disposição do editorial no jornal costuma refletir o seu caráter nobre entre todos os gêneros jornalísticos. Habitualmente, é posicionado logo na primeira página ou nas páginas editoriais, espaço determinado para uma chamada “Opinião Solene”, assim designada porque é o espaço dedicado por excelência às principais colunas, crônicas e artigos de análise e opinião, geralmente, sobre os temas polêmicos e fortes da atualidade. Como dito, grandes jornais reservam um espaço predeterminado para os editoriais em duas ou mais colunas logo nas primeiras páginas internas. Cabe caracterizar que nesta pesquisa utilizaremos os editoriais on-line, expostos no site dos referidos jornais e dispostos na primeira página do site, lugar igualmente privilegiado ao leitor.

Em um único número de jornal podem coexistir vários editoriais, quando este se debruça sobre diversos temas problemáticos da atualidade. Mas cada editorial, em princípio, apenas se dedica a um único tema, por vezes só os acontecimentos mais relevantes e problemáticos da realidade, nomeadamente, aqueles que podem repercutir nos processos de decisão que afetam a vida coletiva de um povo.

Os editoriais são motivados por assuntos tratados no jornal e são elaborados em conformidade com a linha de orientação do próprio órgão jornalístico. Na chamada "grande imprensa" brasileira, os editoriais são apócrifos, isto é, nunca são assinados por alguém em particular.

Nesse sentido, reforçamos que o conteúdo expressa a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação do jornal, sem a obrigação de serem imparciais ou objetivos. Nesse sentido o jornal deve expor seu ponto de vista ao leitor através do editorial, pois demonstra péssima conduta jornalística esconder sua opinião ou sua ideologia. Encontramos, assim, no editorial a articulação crítica sobre a realidade, segundo o ponto de vista do jornal. Segundo CHAPARRO (2001, p.149), “Nessa articulação se afirma e se consolida as marcas de valor da identidade do jornal, em suas relações com a sociedade, em geral, e com cada leitor, em particular”.

A opinião de um veículo, entretanto, não é expressa exclusivamente nos editoriais, mas também na forma como organiza os assuntos publicados, pela qualidade e pela quantidade que atribui a cada um no processo de edição jornalística. Há casos em que as próprias matérias do jornal estão imbuídas de uma carga opinativa forte, mas não chegam a ser separadas como editoriais, e são denominadas Jornalismo de Opinião.

O discurso jornalístico, caracterizado por Charaudeau (1997) como discurso da informação, é definido pelo autor como um discurso em que quem escreve possui mais conhecimento de tal fato do que quem lê. Nesse sentido, o jornal pode influenciar nossa opinião quanto à responsabilidade e pode abalar nossa crença na confiabilidade. Assim, esse gênero discursivo busca influenciar a opinião dos outros cidadãos, geralmente, de classe inferior ao que escreve.

Sabe-se que o editorial de jornal trata de assuntos gerais, polêmicos do dia-a-dia, ou sobre os recortes do mundo. No âmbito da comunicação de massa, ou seja, da disseminação de informações por meio de jornais que atingem grande quantidade de pessoas ao mesmo tempo, a informação jornalística pode ter o efeito retórico de modificar crenças e opiniões, ao transformar a maneira como passamos a perceber certa realidade.

É nele que ocorre a atribuição de sentido, a interpretação empírica e contextualização, assim gera, em seus leitores, novas opiniões sobre fatos e acontecimentos escriturados no editorial. Como objetivo, os editoriais pretendem posicionar o leitor indeciso ou sem opinião sobre determinados acontecimentos. *“La mayoría de los lectores son incapaces, por si solos, de formarse un juicio ante determinados acontecimientos y las situaciones que suscitan. Este juicio lo da el editorial”* (PAZ, 1999, p.89).

Os editoriais buscam esclarecer os aspectos escondidos nas notícias diárias, de maneira a formar a opinião pública, assim tendo em vista seu caráter epistemológico. Além

disso, encontramos no editorial a articulação crítica sobre a realidade, Chaparro (2001) afirma que é nessa inter-relação as marcas de valor da identidade do jornal se consolidam em suas relações com a sociedade em geral e com cada leitor em particular.

A comunicação do editorial não deve ser entendida apenas como um fazer informativo e, sim, como uma estrutura de manipulação em que o autor tenta persuadir seu leitor. Depois desse aparato teórico, afirma-se que o editorial é um gênero jornalístico altamente argumentativo. Sendo ele considerado o “carro chefe” da página de opinião.

De acordo com Aristóteles (s/d) não se argumenta sobre o que é evidente. Ou seja, sobre o que, numa determinada comunidade, tem-se como indubitável. Dessa forma, o editorial de jornal busca esclarecer alguns aspectos sociais mais comentados na comunidade local em que se deu esse discurso em que, provavelmente, as opiniões dos leitores e da comunidade não são evidentes.

Pode-se encontrar, em alguns momentos no texto editorial, traços de manipulação, a fim de transformar os leitores em sujeitos do fazer, para que se tornem competentes e qualificados para a ação.

2.2.1 Estrutura do editorial de jornal

No que se refere especificamente à disposição dos conteúdos, os textos argumentativos apresentam, habitualmente, uma ordem mais ou menos fixa. Em geral, são formados por quatro partes: título, introdução, desenvolvimento e conclusão. Algumas vezes, abaixo do título, podemos encontrar uma linha fina, uma espécie de linha de texto usada logo abaixo do título para destacar informações do editorial. Este recurso pode também ser usado para provocar a curiosidade do leitor sobre o assunto que será abordado.

A introdução tem por objetivo apresentar a questão em discussão e a posição assumida pelo autor, mais conhecida por tese ou tema. Consiste na exposição do ponto de vista do autor, ou melhor, o posicionamento coletivo do jornal em relação ao tema em discussão. Assim, no primeiro parágrafo, o editorialista enuncia claramente o tema que será desenvolvido e faz uma apresentação das ideias principais do editorial. Já no segundo parágrafo, definem-se as ideias que serão desenvolvidas sobre esse tema, pode-se dizer que seria como um princípio de análise do tema.

O desenvolvimento possui como finalidade apresentar os argumentos para defender e fundamentar a ideia principal, geralmente é nele que o editorialista descreve as ideias do jornal com relação ao assunto abordado. Essa defesa pode partir de ideias atuais do próprio jornal e, algumas vezes, vem reforçada com as mesmas ideias antigas e já apontadas anteriormente pelo próprio jornal.

O autor geralmente apresenta suas ideias, ou melhor, as ideias do próprio jornal com argumentos persuasivos a fim de convencer o leitor, por isso, afirma-se que, cabe a ele analisar e interpretar os argumentos antes de decidir qual posição escolher. A defesa de um ponto de vista a respeito de determinado assunto, geralmente, está localizada no desenvolvimento do editorial e compõem-se com os diferentes tipos de argumentação.

No último parágrafo se apresenta a conclusão, que tem como objetivo retomar e confirmar a ideia principal ou, até mesmo, apresentar uma solução para o problema. Na maioria das vezes, o editorialista conclui o texto mediante afirmação que salienta o que foi dito ao longo da argumentação, como uma confirmação da ideia principal.

Dentre as características principais dos editoriais de jornal brasileiros, destacam-se o uso da norma culta, a clara intenção persuasiva e a defesa de um ponto de vista. Podemos afirmar que o emprego da norma culta pode ser altamente persuasivo, pois é com ela que o editorialista reforça sua autoridade e passa, assim, maior credibilidade ao texto e ao leitor.

A clareza do texto é defendida como uma estratégia argumentativa, na medida em que, sendo claro, o leitor poderá compreender e concordar com o que é exposto. Portanto, para conquistar o leitor, quem escreve procura ser claro em seu texto, além disso, cabe acrescentar que “A clareza de um texto é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta” (PERELMAN e TYTECA, 2005, [1958], p.142). Assim, a clareza do argumento está ligada às possibilidades de interpretação que ele permite e envolve a compreensão do texto por parte do leitor.

2.2.2 Caráter persuasivo do editorial

Um leitor adepto ao editorial de jornal busca justamente encontrar nesse gênero a opinião da empresa jornalística através da persuasão do texto, assim, muitas vezes, esse gênero é reconhecido por seu caráter persuasivo.

O editorial, como espaço de interpretação e de avaliação, não se limita a transmitir um saber mas constitui-se numa área de influência que assume valor performativo. Além de orientar, função que assume no triângulo das atividades jornalísticas (informar, orientar, deleitar), deve também levar à ação, especialmente os destinatários institucionais aos quais se dirige como alvo básico. (MOSCA, 1991, p.303).

Para Mosca portanto, o editorial de jornal é um espaço de interpretação e avaliação, o qual além de seu valor persuasivo, possui um valor performativo, que inclui através de um processo de mascaramento, de simulação e de convivência, o espaço de interpretação e avaliação.

Mesmo sendo o lugar da opinião da empresa jornalística, o gênero em questão apresenta os argumentos e os fatos como sendo evidentes, ou melhor, como verdades absolutas. Como afirma Mosca (1991) é nesse sentido que o caráter persuasivo do editorial é produzido, de modo a conduzir o leitor por um caminho pré-determinado pela linha jornalística.

2.3 Papel do Auditório

Perelman & Tyteca (2005 [1958]) classificam o público, leitor ou ouvinte como auditório, sendo esse o conjunto daqueles que o autor quer influenciar com sua argumentação, além disso é ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento do autor perante o assunto abordado, este termo também era utilizado por Aristóteles e será muito aplicado em nossa escritura.

O auditório deve sentir-se identificado com o comunicador e com o próprio jornal, algumas vezes, já pode estar adepto a sua proposta e desta forma, não há necessidade de convencimento, pois já possui a mesma opinião da empresa jornalística.

O leitor não pode simplesmente construir sentido para o texto, ele deve ter o papel interpretativo de sua leitura, a fim de entender o sentido que lhe está sendo transmitido. Por isso, o leitor deve ficar atento com as intenções do autor, principalmente nos editoriais, para não ser influenciado sem seu consenso. É nesse sentido que: “A interpretação de um texto deve traduzir o conjunto das intenções do autor” (PERELMAN & TYTECA, 2005, [1958],

p.141). E isso, deve ser papel do leitor, que ao ler um texto deve interpretá-lo, de modo a identificar o que há em suas entrelinhas.

Cabe ao leitor, decidir o sentido que quer atribuir ao texto, uma vez que o sentido também é negociado, isto é, uma verdade consentida e admitida como tal. Leva-se em conta que no domínio do preferível e dos valores nem sempre há um consenso.

A opinião pública torna-se, hoje, tão forte que cabe ao leitor grandemente o controle da situação. É ela que se torna um porta-voz e que desencadeia muitas decisões e atitudes, chegando a produzir resultados inesperados. Essa é a razão pela qual uma das grandes tarefas diante de uma população de pouca e média instrução constitui a formação do leitor crítico, referindo-nos aqui primordialmente ao que se pode chamar “leitura referencial do mundo”. A memória discursiva do leitor torna-se imprescindível nesse contexto, sobretudo no reconhecimento das “figuras” que povoam o seu mundo de representações (MOSCA in GHILARD & BARZOTTO 2002, p.15 – *Grifo da autora*).

O público leitor, também, deve exercer o papel de juiz e posicionar-se criticamente com relação ao tema do editorial, a fim de diferenciar a opinião do autor, com as informações do texto, isso para que o leitor não aceite o que lhe é imposto pelo editorialista sem seu consentimento. É nesse viés que a metáfora permite aproximação, isto é, a comunhão entre o orador e seu leitor, em prol de interesses entendidos como comuns.

Para finalizar, cabe citar que o leitor pode manifestar-se sobre quaisquer assuntos, dentre eles os discutidos nos editoriais, na seção que lhe é reservada dentro das páginas de opinião. Normalmente, esta sessão vem intitulada como: “Painel do leitor”. Quaisquer apontamentos e questionamentos podem ser enviados pelo leitor para esse setor, porém, cabe ressaltar que ao receber esses textos a empresa jornalística possui o direito de editar os textos, caso ela ache necessário.

2.4 Papel do Orador

Ao referir-se ao “orador”, Perelman & Tyteca (2005 [1958]) generalizam todos os enunciatários de um texto, sendo ele verbal ou não-verbal, por isso, utiliza-se aqui “orador” em referência ao autor do texto editorial. Ducrot (1981) em “*Provar e Dizer*” utiliza-se do

termo “locutor” para dirigir-se ao orador. Nesse sentido, os termos: editorialista, orador, autor, locutor e escritor, neste trabalho serão utilizados como termos sinônimos.

Para atingir a persuasão, o editorialista deve preocupar-se em entender as necessidades de seu público-alvo, a fim de conseguir atingir sua sensibilidade e a sua emoção, para isso é preciso saber sobre seus sonhos e suas escolhas. Assim, o editorialista deve apresentar-se como um sujeito interpretativista e epistêmico, que deve interpretar e julgar determinado tema.

A importância de conhecê-lo vem também ao modo que se deve empregar os materiais da construção retórica adequados a cada situação, aplicar a linguagem certa a cada tipo de leitor, de modo com que ele entenda, e apresentar razões para que o leitor as aceite. Desta forma, saber as características de seu auditório, pode ser um mecanismo de persuasão a ser aproveitado, ou também, uma forma utilizada pelo orador para contornar os obstáculos criados mentalmente por seu leitor.

Quem argumenta precisa adaptar-se ao conjunto de pessoas que quer convencer e persuadir, assim, um dos princípios básico do orador é a adequação, já que aquele que se adequa, dependendo de seu público-leitor, atinge seus objetivos. Sua finalidade seria convencer o leitor pelos raciocínios e persuadir com base nas emoções, nas crenças e nas ideologias. Em outras palavras, o orador deve motivar o outro a aceitar o que é expresso, esse “outro” deve aceitar com autonomia e saber que é uma escolha sua e não uma imposição. Assim, é importante que o editorialista saiba os interesses do público leitor, para contornar os obstáculos e atingir a persuasão.

Cabe ao orador realizar selecionar informações, reforçando alguns pontos e omitindo outros, e assim, organizá-los para apresentar ao leitor um caminho para ele chegar a uma determinada conclusão. Além disso, entre essas organizações, o orador pode estrategicamente introduzir certas formulações metafóricas, nos discursos, a fim de despertar sensações e enfatizar certos recortes.

Nesse sentido o orador deve ter a capacidade de manipular as emoções do leitor, e para isso, algumas vezes, ele diminui as distâncias entre eles, a fim de aproximar-se e conseguir atingir a persuasão com maior facilidade. Outras vezes, ele aproxima elementos distintos, dando ali solidariedade, para valorizá-los positivamente ou negativamente. Assim, o autor objetiva o controle mental do leitor e leva-o a se tornar cúmplice do jornal, de forma a

acreditar que é o sujeito da opinião e acaba sendo induzido a divulgá-la para outras pessoas de diferentes grupos sociais, tornando-a pública.

No processo de manipulação caberá ao editorialista fazer com que o leitor acredite nas suas propostas, a fim de aderir as suas ideias e se tornar sujeito de ação. Além disso, ele deve saber unir o convencimento e a persuasão em um mesmo texto ou contexto, de modo a construir sua argumentação com estratégias que concedam valores às opiniões que gozem de aprovação. Vejamos a afirmação seguinte:

“Dentro desta perspectiva retórico-discursiva, o enunciador-jornalista não é um simples mediador em relação ao leitor, aquele que ausculta a voz da coletividade para interceder por ela, para representar o seu universo” (MOSCA in GHILARD & BARZOTTO, 2002, p.14-15). É nesse sentido que o editorialista constrói sua argumentação utilizando estratégias que concedem valor às opiniões que gozem de aprovação.

A eficácia da argumentação e da retórica é comprovada quando o editorialista consegue influenciar o maior número de pessoas possível por meio de seu texto. Para isso, é necessário que o autor tenha um posicionamento específico diante do conteúdo do editorial.

3 FIGURAS RETÓRICAS

Desde a Antiguidade, a retórica do século XIX era descrita como ornamental. Naquela época as figuras retóricas eram limitadas aos problemas de estilo e expressão, por isso, eram consideradas como simples ornamentos. A partir de 1958, tem-se outra visão apontada por Perelman e Tyteca em que os autores reconhecem “a existência de certos modos de expressão que não se enquadram no comum, cujo estudo é incluído nos tratados de retórica; daí seu nome de *figuras de retórica*”. (PERELMAN E TYTECA 2005, [1958], p.189 - *Grifo dos autores*).

Hoje a retórica também é vista como o estudo da teoria das figuras, complementada pelos processos argumentativos, que exclui a ideia de ornamento no texto. De acordo com Perelman e Tyteca (2005 [1958]) o emprego tático das figuras é devido à necessidade da argumentação no texto. Assim, é possível investigar teoricamente a causa do êxito do texto, e isso se deve a minuciosidade dos estudos retóricos e da análise das figuras retóricas no texto. Além do já mencionado, examinemos o seguinte:

Quando tratamos de uma figura e examinamos o que traz à argumentação, valer-nos-emos com maior frequência, para designá-la, do nome pelo qual ela é tradicionalmente conhecida; isto possibilitará um entendimento mais fácil com o leitor e remeterá a uma estrutura que já chamou a atenção no passado (PERELMAN & TYTECA, 2005, [1958], p.194).

Pode-se dizer que Reboul (2004, p.114) completa essa ideia ao afirmar que a figura é uma fruição a mais, uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento. De modo que as figuras passam a ser entendidas como possíveis complementos dos argumentos.

A retórica é vista, assim, como uma modalidade da argumentação, que cataloga as várias possibilidades de colocar em movimento cada funcionalidade do texto. Enquanto conjunto significativo pertinente de uma problemática de base empírica, temos as figuras retóricas. A figura tem sido vista em sua função, ligada aos fenômenos perceptivos, uma vez que estabelece recortes e leituras das coisas, num processo heurístico de reorganização dos sentidos e de entendimento de mundo. Vejamos a explicitação seguinte:

Duas características parecem indispensáveis para que haja figura: uma estrutura discernível, independente do conteúdo, ou seja, uma forma (seja ela, conforme a distinção dos lógicos modernos, sintática, semântica ou pragmática), e um emprego que se afasta do modo normal de expressar-se e, com isso, chama a atenção. Uma dessas exigências, pelo menos, encontra-se na maioria das definições das figuras propostas no curso dos séculos; a outra se introduziu por algum viés (PERELMAN & TYTECA, 2005, [1958], p.190).

Pode-se, assim, relacionar os efeitos do papel das figuras de retórica com os fatores gerais de persuasão no texto. Contrariamente ao que se pensava no início dos estudos retóricos, em que as figuras eram vistas apenas como ornamento, hoje elas possuem alto valor argumentativo. Considera-se que a capacidade de utilizar as figuras retóricas corretamente é uma maneira especial de se articular e de atingir seus objetivos persuasivos.

As figuras retóricas, analisadas por Perelman & Tyteca (2005 [1958]), estão presentes em nosso cotidiano, e são utilizadas muitas vezes pelas mídias jornalísticas. Acredita-se que a variação com relação ao uso dessas figuras depende da finalidade de cada jornal. Epistemologicamente, temos que levar em consideração o contexto em que essas figuras são utilizadas, a fim de encontrar certa identidade de escritura.

É possível investigar teoricamente a causa do êxito do texto e isso se deve a minuciosidade dos estudos retóricos e da análise das figuras retóricas no texto, enquanto conjunto significativo pertinente de uma problemática de base empírica. Vejamos a explicação seguinte:

Quando tratamos de uma figura e examinamos o que traz à argumentação, valer-nos-emos com maior frequência, para designá-la, do nome pelo qual ela é tradicionalmente conhecida; isto possibilitará um entendimento mais fácil com o leitor e remeterá a uma estrutura que já chamou a atenção no passado (PERELMAN e TYTECA, 2005, [1958], p.194).

O reconhecimento de uma figura dentro do texto, nos permite revelar os elementos de persuasão dentro do próprio texto. Neste trabalho utilizaremos a classificação das metáforas dentro das diferentes figuras retóricas discutidas por Perelman & Tyteca (2005 [1958]), as quais podem ser denominadas por figuras: de escolha, de presença e de comunhão.

3.1 Figuras de presença

As figuras de presença, como o próprio nome já individualiza, são figuras em que o orador quer se fazer presente em seu auditório e, assim, intensificar o sentimento de presença do tópico discursivo em seu leitor.

“A presença atua de um modo direto sobre a nossa sensibilidade” (PERELMAN & TYTECAS, 2005, [1958]:132). Portanto, as figuras de presença despertam o sentimento da presença do objeto do discurso tanto para quem escreve quanto para quem lê, possuem por finalidade intensificar o sentimento de presença do componente do discurso no falante e no ouvinte.

Pode-se afirmar que a argumentação deve levar em conta o que está presente na consciência de ambos participantes do discurso. Dessa forma, uma das preocupações do editorialista constituirá em tornar presente aquilo que está efetivamente ausente na consciência de seu leitor e que ele acredita ser importante para sua argumentação. Nesse sentido de acordo com Perelman & Tyteca (2005 [1958]), uma das maiores preocupações do orador será tornar presente, apenas pela magia de seu verbo, o que está efetivamente ausente e que ele classifica importante para a sua argumentação.

De acordo com Perelman e Tyteca (2005 [1958]), o efeito de presença é subordinado a outras intenções, isto é, dependendo da interpretação do leitor e do contexto em que se encontram o efeito de presença pode variar. Para concretizar a ideia de presença no texto o autor utiliza-se da argumentação e das figuras retóricas.

Dentre as principais figuras de presença, encontram-se: a amplificação, a anáfora, a antítese, a metáfora e o polissíndeto.

3.2 Figuras de comunhão

As figuras de comunhão apresentam por finalidade lograr a adesão do auditório através da interação e comunhão de ideias sobre o objeto do discurso, assim, com seu uso o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com seu auditório, de modo a comungar determinada ideia.

Pode-se afirmar que é em função de um determinado público que se constrói determinada argumentação. Partindo dessa abertura, temos que pontuar que a diminuição das distâncias entre os integrantes do discurso, o orador e o leitor, é de suprema importância para se obter o êxito da persuasão.

As figuras de comunhão possuem uma participação efetiva e ativa com o leitor no decorrer da exposição do texto, já que elas dispõem algo em comum entre o autor e o leitor da escritura. É nesse sentido que aproximar elementos distintos, dar solidariedade a eles e valorizá-los positivamente ou negativamente, faz com que o editorialista passe a ser como um amigo conselheiro para seu público leitor, que busca nos editoriais aclarar suas ideias sobre determinados assuntos atuais da sociedade.

As figuras de comunhão são aquelas em que, mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório. Amiúde essa comunhão é obtida a mercê de referências a uma cultura, a uma radiação, a um passado comum. (PERELMAN & TYTECA, 2005, [1958], p.201).

Pode-se, assim, caracterizar esse uso como um pensamento de construção de um consenso, que consiste em apresentar como já sendo de conhecimento do leitor, a mensagem que se quer transmitir, com o consenso do leitor o êxito da argumentação é atingido mais rapidamente.

Dentre as principais figuras de comunhão, encontram-se: a alusão, a metáfora e a apóstrofe.

3.3 Figura de escolha

As figuras de escolhas referem-se a escolha de estilo empregado pelo orador em seu discurso, sugerem ou impõem uma escolha, que deve-se, assim, ser interpretada pelo auditório através de seus efeitos de sentido, nessa mesma direção, o auditório deve escolher entre seu caráter argumentativo ou estilístico.

Sob o mesmo ponto de vista, então significa que a seleção por uma figura de escolha é, na verdade, um processo de seleção sobre a aplicação de certas expressões linguísticas em

uma determinada escritura. Dentre as principais figuras de escolha, encontram-se: a antonomásia, a hipérbole, a ironia e a metáfora.

4 METÁFORA: A FIGURA DAS FIGURAS

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá* através da junção de dois elementos: *meta* (“sobre”) e *pherein* (“transporte”). Assim, temos o transporte de sentido próprio em sentido figurado.

Sabe-se da existência de inúmeros estudos acerca das metáforas, desenvolvidos a partir de várias perspectivas, desde uma visão Aristotélica tradicional até as mais recentes teorias conceituais.

A metáfora faz parte de nosso cotidiano, provinda de cada povo, de cada cultura, assim consiste em um fenômeno social. O uso de metáforas é um hábito indissociável de nossa capacidade de falar e escrever, pois todos nós usamos palavras para descrever determinadas coisas em termos de outra.

Como esclarece Fiorin:

A metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. Com isso, dá concretude a uma ideia abstrata [...], aumentando a intensidade do sentido. Poder-se-ia dizer que o sentido torna-se mais tônico. Ao dar ao sentido tonicidade, a metáfora tem um valor argumentativo muito forte (FIORIN, 2014, p. 34).

Pode-se observar que a linguagem do dia-a-dia está repleta de metáforas, as quais algumas vezes se tornam imperceptíveis mediante seu uso constante na linguagem, tornando-se assim tão usual, que algumas vezes não nos damos conta de que estamos fazendo uso de uma metáfora.

Ao identificar a aplicabilidade da metáfora nos discursos, percebemos seu papel altamente significativo, e assim entendemos o grau de sua complexidade de aproveitamento nos textos-discursivos.

Esta apropriação descrita por Marcuschi, vem ao encontro de nossa concepção:

[...] embora ainda não haja uma ontologia da metáfora, pode-se supor que nos fundamentos da metáfora estão baseada experiência empírica que a

consciência acumula reserva para elaborar estruturas e universos além da própria experiência (MARCUSCHI, 2007 [1975], p.122).

4.1 Metáforas retóricas: uma abordagem através das figuras

Segundo Aristóteles (1959) a metáfora seria a transposição do nome de uma coisa para outra coisa, ou a transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogias.

Aristóteles (1959) também define a metáfora como a técnica de compreender semelhanças e trata do valor argumentativo dessa figura, afirmando que sua utilização cria um processo de enriquecimento seja por sua função estética ou argumentativa.

Agimos retoricamente quando queremos convencer alguém a aceitar nossas ideias, algumas vezes, para atingir esse objetivo utilizamo-nos das técnicas argumentativas com as figuras retóricas. Para Perelman & Tyteca (2005 [1958]) a metáfora está categorizada como uma figura retórica, sujeita a interpretação do leitor, que fará uso de seu caráter argumentativo ou estilístico.

A metáfora é classificada como uma figura presente nas três classificações das técnicas utilizadas no discurso, nesse sentido, ela pode ser considerada como figura de presença, de escolha ou de comunhão. Nessa lógica, a metáfora é considerada uma figura por excelência, por seus fenômenos especificamente linguístico e argumentativo.

As metáforas são pedras importantes na construção retórica da realidade por que direcionam o pensamento e produzem um campo comum de imagens entre o comunicador e seu receptor.

A aplicação de certas expressões linguísticas metafóricas num texto é determinada através das opções realizadas pelo editorialista do jornal. Assim, escolher uma metáfora a outra pode implicar uma estratégia de uso do pensamento para fins argumentativos. Nessa mesma direção, as metáforas nos admitem reorganizar o universo e explorar as possibilidades perceptivas de seus usos e substituições de vocabulários, de maneira a agregar em sua significação imediata no discurso.

A noção de contexto, muito utilizada na análise textual, também está associada a ideia metafórica. Nesse âmbito Perelman & Tyteca (2005 [1958]) afirmam que o sentido e

o alcance do texto não podem ser compreendidos fora de seu contexto de produção. Desse modo, estabelecemos um recorte e uma leitura do mundo e completamos essa ideia com a afirmação de Perelman & Tyteca (2005, [1958], p. 462): “A identidade de meio cultural permite, por si só, o entorpecimento das metáforas”.

O conceito de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) ainda discute que uma metáfora pode não ser mais considerada uma metáfora quando muito utilizada em uma mesma situação, tornando-se assim altamente usual, definida pelos autores como uma metáfora adormecida. Essa pode regressar ao seu uso metafórico dependendo da maneira que está sendo utilizada, pela aplicabilidade do contexto ou expressões metafóricas inusitadas vejamos:

O despertar da metáfora também pode ser provocado por uma mudança do contexto habitual, pelo emprego da expressão metafórica em condições que, ao lhe dar um caráter inusitado, chamam a atenção para a metáfora que ela contém. (PERELMAN & TYTECA, 2005, [1958], p.462).

A simples ideia de que a própria linguagem é naturalmente metafórica implica uma pluri-leitura textual. Nesse sentido aborda-se a caracterização das figuras retóricas em especificidade ao uso metafórico retórico a par das figuras de presença, de escolha e de comunhão.

4.1.1 Metáforas e figura de presença

Como visto no capítulo anterior, a metáfora pode ser considerada tanto uma figura de presença, de escolha bem como de comunhão.

Para Perelman & Tyteca (2005 [1958]) a força argumentativa das metáforas como figura de presença consiste em fazer com que o outro observe um objeto conforme a maneira que lhe é apresentado, despertando, assim, um determinado efeito de presença em seu receptor.

Nesse sentido, a metáfora como figura de presença possui um papel relevante dentro de um texto argumentativo, ao ponto que se perfaz presente no discurso, para atingir a sensibilidade do leitor.

4.1.2 Metáforas e figura de comunhão

Para Perelman & Tyteca (2005 [1958]) as metáforas na figura de comunhão procuram provocar certas implicações argumentativas, que podem concomitar com o efeito de comunhão entre o orador e o auditório. Nesse sentido, o editorialista empenha-se em produzir a comunhão de determinado conteúdo com seu leitor, afinal de contas as figuras de comunhão proporcionam por intuito conseguir a adesão do auditório através da comunhão de ideias sobre o objeto do discurso.

4.1.3 Metáforas e figura de escolha

Para Perelman & Tyteca (2005 [1958]) a metáfora na figura de escolha pode chegar aos lugares comuns, como também pode ser o de aconselhamento ou oferecer uma determinada sugestão de escolhas. É nesse sentido que têm-se a metáfora como uma figura de comparação abreviada, ou seja, um reforço de comparação a propósito de determinado tema que está em foco no discurso.

Pode-se dizer então que é questão de escolha a aplicação de certas expressões linguísticas metafóricas num determinado texto, a fim de se ter um certo resultado específico em seu leitor. Ressaltamos que esse resultado no leitor, apenas ocorre após a leitura e assimilação do texto em questão.

4.1.4 Metáforas e figuras concatenadas

A metáfora é uma poderosa ferramenta que enriquece a expressividade e ainda permite transmitir ideias completas em poucas palavras.

Para Perelman & Tyteca (2005 [1958]) a metáfora além de estar presente em todas as categorias de figuras retóricas podem aparecer multipresentes e concatenadas em mais de uma dessas funções de figura. Esse processo de hierarquia das metáforas, pode ser visto inúmeras

vezes dependendo das colocações do orador e pode ser denominado como metáforas nas figuras concatenadas.

4.2 Metáforas conceituais: uma abordagem conceitual

A metáfora conceitual refere-se à compreensão de uma ideia, ou domínio conceitual, em termos de outro. Pode-se dizer que a própria maneira como o argumentar é concebido, é configurada com base na metáfora conceitual. Para os autores Lakoff & Johnson (2002 [1980]) a metáfora é vista como parte do pensamento, sendo analisada pelos autores por uma abordagem conceitual. Nesse trecho introdutório, os autores expõem suas ideias sobre as características da metáfora conceitual:

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamentos ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF & JOHNSON, 2002, [1980], p. 45).¹

A metáfora conceitual é, assim, tipicamente vista como uma característica da linguagem. Lakoff & Johnson (2002 [1980]), ainda, apontam que a metáfora conceitual faz parte da vida cotidiana das pessoas, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação.

Lakoff & Johnson (2002 [1980]) explicam que as metáforas estão presentes em nossas vidas, em nosso dia-a-dia, e que o fato de alguém expressar-se através de determinada metáfora e não por outra, significa que a pessoa prefere construir a realidade através desse específico sentido metafórico e não pelo outro sentido.

A respeito do uso, a metáfora conceitual pode ser utilizada a partir de uma ideia para se conectar com uma segunda ideia, visando assim facilitar a compreensão de algo. Nesse

¹ Metaphor is for most people a device of the poetic imagination and the rhetorical flourish – a matter of

sentido, Lakoff & Johnson (2002 [1980]) abordam que nosso sistema conceitual seja intrinsecamente metafórico, vejamos essa explanação:

[...] O fato de nosso sistema conceitual ser inerentemente metafórico, o fato de compreendemos o mundo, de pensarmos e de agirmos em termos metafóricos e o fato de as metáforas não poderem ser simplesmente compreendidas, mas também poderem ser significativas e verdadeiras – todos esses fatos sugerem que uma teoria adequado do sentido e da verdade só pode ser baseada na compreensão (LAKOFF & JOHNSON, 2002, [1980], p. 292).²

Assim, nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, seria fundamentalmente metafórico por sua própria natureza. Esse domínio conceitual pode ser qualquer organização coerente da experiência humana e está presente em nossos modelos de mundo.

Outras ideias abordadas por Lakoff & Johnson (2002 [1980]) explicam que as metáforas especializadoras atuais são coerentes com os conceitos metafóricos em que vivemos, ou seja, elas relacionam-se com os fatores culturais, os quais podem ser alterados numa espécie de conflito entre os valores e suas metáforas. Os valores são variáveis de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, e nesse sentido suas metáforas são próprias a cada orador e determinadas por fatores de ordem cultural.

Nesse sentido, a metáfora cumpre um papel relevante em nossa percepção de realidades empíricas e está imbricada em nosso processo de interpretação. Além disso, pode-se dizer que ela está relacionada, de maneira intrínseca no processo de construção de sentido dado na linguagem.

De acordo com as orientações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]) existem quatro modelos de metáforas conceituais que são abordadas por eles em seu livro *Metáforas da vida cotidiana*, são elas: metáforas orientacionais, metáforas ontológicas, metáforas estruturais e as metáforas novas.

² The fact that our conceptual system is inherently metaphorical, the fact that we understand the word, think, and function in metaphorical terms, and the fact that metaphors can not merely be understood but can be meaningful and true as well – these facts all suggest that an adequate account of meaning and truth can only be base on understanding (LAKOFF & JOHNSON, 1980: 184).

4.2.1 Metáforas orientacionais

As metáforas orientacionais implicam o modo com que nos orientamos no mundo, a partir de nossas experiências vividas por referência ao corpo, assim, conceituamos uma série de noções de certa forma abstratas com base em uma visão espacial (corpo/espço), relacionado ao conceito de limite (espacialização). Nesse sentido, Lakoff & Johnson (2002 [1980]), apresentam a noção de alto-baixo; dentro-fora; frente-trás; central-periférico; profundo-superficial, como possibilidades de orientação. Vejamos essas classificações de acordo com *Metáforas da vida cotidiana* de Lakoff & Johnson (2002 [1980]):

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO / *HAPPY IS UP; SAD IS DOWN*

De maneira que, uma postura inclinada acompanha características da tristeza, uma postura reta acompanha um estado emocional positivo.

CONSCIENTE É PARA CIMA; INCONSCIENTE É PARA BAIXO / *CONSCIOUS IS UP; UNCONSCIOUS IS DOWN*

De modo que, quando os humanos e a maioria dos mamíferos, dormem estão fisicamente deitados, e quando a maioria deles se mantém fisicamente em pé quando estão acordados.

SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA; DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO / *HEALTH AND LIFE ARE UP; SICKNESS AND DEATH ARE DOWN*

De forma que, as doenças graves obrigam os humanos a ficarem de certa forma deitados, ou também, quando alguém apresenta-se sem vida fisicamente ele está deitado.

TER CONTROLE ou FORÇA É PARA CIMA; ESTAR SUJEITO A CONTROLE ou FORÇA É PARA BAIXO / *HAVING CONTROL OF FORCE IS UP; BEING SUBJECT TO CONTROL OR FORCE IS DOWN*

No sentido que, a estatura de uma pessoa relaciona-se especificamente com sua força física, assim, um vencedor de uma luta está notadamente em lugar superior.

MAIS É PARA CIMA; MENOS É PARA BAIXO / *MORE IS UP; LESS IS DOWN*

Do jeito que, quando colocamos uma quantidade maior de uma substância ou de um objeto físico em um recipiente, seu nível se mantém elevado.

EVENTOS FUTUROS PREVISÍVEIS SÃO PARA CIMA (OU PARA FRENTE) /
FORESEEABLE FUTURE EVENTS ARE UP (and AHEAD)

Tendo que, normalmente nossos olhos focam na direção em que nos movemos. Quando um objeto se aproxima de uma pessoa o objeto parece maior. No sentido que, o solo parece fixo ao campo de visão, já a parte superior do objeto aparenta movimentar-se na parte superior ao campo visual da pessoa.

ESTATOS SUPERIOR É PARA CIMA; ESTATOS INFERIOR É PARA BAIXO /
HIGH STATUS IS UP; LOW STATUS IS DOWN

Dado que o estatus está relacionado com o poder social e com o poder físico é, deste modo, ressaltado.

BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO / *GOOD IS UP; BAD IS DOWN*

O que está ligado ao bem é melhor, o que está ligado ao mal é pior. As coisas que caracterizam o que é bom para as pessoas: felicidade, saúde, vida e controle. Essas características são consideradas todas positivas.

VIRTUDE É PARA CIMA; DEPRAVAÇÃO É PARA BAIXO / *VIRTUE IS UP;*
DEPRAVITY IS DOWN

A virtude é positiva, no âmbito que as ações corretas se relacionam com o bem-estar social desde o ponto de vista da sociedade ou da pessoa. Dado que as metáforas fundamentadas socialmente formam parte de uma cultura, o que conta é o ponto de vista da sociedade e da pessoa.

RACIONAL É PARA CIMA; EMOCIONAL É PARA BAIXO / *RATIONAL IS UP;*
EMOTIONAL IS DOWN

Culturalmente consideramos ter o controle sobre os animais, as plantas e aos meios físicos, o que coloca o homem por cima dos animais e o dá controle sobre ele, é a sua capacidade de raciocinar.

Para concluir após esses exemplos, os autores Lakoff & Johnson (2002 [1980]) expõem que a maioria dos nossos conceitos fundamentais estão organizados em termos de uma ou mais metáforas especializadas.

Ainda de acordo com Lakoff & Johnson (2002 [1980]), as orientações metafóricas têm relação com nossa experiência física e cultural. Uma metáfora pode igualmente servir para entendermos algo, através de nossas memórias e bagagens vividas. Assim afirmam os autores Lakoff & Johnson (2002 [1980], p.67-68) “De fato entendemos que nenhuma metáfora pode ser compreendida ou até mesmo representada de forma adequada, independente de sua base experiencial”.

Nessas orientações metafóricas estão entrelaçados valores, que podem variar de uma cultura para outra. Esses valores podem ser refletidos nos discursos presentes na sociedade através da aplicabilidade dessas metáforas.

4.2.2 Metáforas ontológicas

As metáforas ontológicas ocorrem quando fenômenos de domínios abstratos são apresentados com limites. Assim, as emoções, as ideias e eventos podem nos permitir compreender e explicar a partir de nossas experiências. Isso pode ocorrer na coisificação e na personificação, em que entidades não humanas são associadas com características específicas dos seres humanos ou de objetos empíricos. É um recurso que pode ser usado nos discursos, de modo que essa combinação é feita de diversas maneiras e com diferentes objetivos persuasivos.

Essas metáforas colaboram na compreensão de um real, construído socialmente e cognitivamente, tornando perceptível ao homem no discurso. Os autores Lakoff & Johnson (2002 [1980], p.76) utilizam-se do exemplo “INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE / *INFLATION IS AN ENTITY*” para mostrar que há várias maneiras de se referir a inflação, ou seja, referir-se à experiência da subida de preços. “*A inflação está abaixando* o nosso padrão

de vida / *Inflation is lowering our standard of living*; Precisamos *combater a inflação* / We need to *combat inflation*” (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]: 76 - Grifo dos autores).

Assim, no discurso assinalam-se algumas ações que podem ser relacionadas a explanação acima, como a de referir, de quantificar, de definir propriedades e causas, e de estabelecer metas e motivações.

Observemos como a metáfora ontológica “MENTE É UMA ENTIDADE / *THE MIND IS AN ENTITY*” que vem elaborada em nossa cultura, referindo-se a dois outros exemplos de metáforas que especificam os tipos de objetos, e proporcionam diferentes modelos metafóricos da mente e, assim, permitem centrar em aspectos distintos da experiência mental.

Vejamos esses dois exemplos, que seguem, de acordo com *Metáforas da vida cotidiana* de Lakoff & Johnson (2002 [1980], p.79) sobre os aspectos da experiência mental:

MENTE É UMA MÁQUINA / *THE MIND IS A MACHINE*

A metáfora da máquina entende a mente como se ela estivesse em um estado de funcionamento, e por um outro lado de não funcionamento. Entendendo a mente também por um nível de eficiência, uma capacidade produtiva, um mecanismo interno, uma fonte de energia e uma condição de operatividade.

MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO / *THE MIND IS A BRITTLE OBJECT*

A metáfora do objeto frágil refere-se a uma força psicológica. De modo que consegue penetrar nos pensamentos das pessoas envolvidas.

Para finalizar, as ideias das metáforas ontológicas, consideremos este trecho de Lakoff & Johnson (2002 [1980], p.80) “Essas metáforas especificam diferentes tipos de objetos e nos dão distintos modelos metafóricos do que é a mente, permitindo-nos, assim, enfocar diferentes aspectos da experiência mental [...]”.

Assim, podemos concluir que entre as metáforas ontológicas são consideradas principalmente as diferentes formas de se reflexionar acontecimentos, atividades, emoções, ideias, etc., bem como, entidades e substâncias.

4.2.3 Metáforas estruturais

As metáforas estruturais, por sua vez, ocorrem normalmente quando um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro, assim, um domínio fonte é projetado sobre um domínio alvo, assim sua estruturação metafórica se baseia em utilizar um conceito no lugar de outro. Nas palavras dos autores Lakoff & Johnson (2002 [1980], p.121): “[...] A estrutura metafórica dos conceitos é necessariamente parcial e reflete-se no léxico da linguagem, inclusive no léxico fraseológico, que abriga expressões de forma fixa [...]”.

Como acontece nas metáforas orientacionais e ontológicas, as metáforas estruturais também se fundamentam em uma relação sistemática das nossas próprias experiências. Assim, os conceitos, nas metáforas estruturais, são estruturados metaforicamente de maneira sistemática.

[...] As metáforas estruturais permitem-nos fazer mais do que simplesmente orientar conceitos, referir-nos a eles, quantificá-los etc., como fazemos com simples metáforas ontológicas e orientacionais, somado a tudo isso, elas nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito [...] (LAKOFF & JOHNSON, (2002 [1980]: 133-134).³

Para embasar essa afirmação Lakoff & Johnson (2002 [1980]) exemplificam com estas diversas metáfora: “TEMPO É DINHEIRO / *TIME IS MONEY*”; “DISCUSSÃO É UMA GUERRA / *RATIONAL ARGUMENTS IS WAR*”; “TRABALHO É UM RECURSO / *LABOR IS A RESOURCE*” e “TEMPO É UM RECURSO / *TIME IS A RESOURCE*”.

Agora vejamos a metáfora: “DISCUSSÃO É UMA GUERRA / *RATIONAL ARGUMENTS IS WAR*”. Esta metáfora permite conceitualizar o que seria um argumento racional no lugar de algo que se entende de maneira imediata. Tendo em vista que se argumenta para conseguir o que se quer, as batalhas verbais são entendidas nos mesmos termos das batalhas físicas. Vários tipos de argumentos racionais utilizados em uma discussão foram apontados por Lakoff & Johnson (2002 [1980]): “intimidação”, “ameaça”, “autoridade”, “insulto”, “menosprezo”, “desafio da autoridade”, “sair pela tangente”, “negociação”, ou até mesmo o “elogio”.

³ Structural metaphors allow us to do much more than just orient concepts, refer to them, quantify them, etc., as we do with simple orientational and ontological ³metaphors; they allow us, in addition, to use one highly structured and clearly delineated concept to structure another (LAKOFF & JOHNSON, 1980: 61).

São apontadas outras duas metáforas importantes para nossas vidas em Lakoff & Johnson (2002 [1980] p.138): “TRABALHO É UM RECURSO / *LABOR IS A RESOURCE*” e “TEMPO É UM RECURSO / *TIME IS A RESOURCE*”. Ambas metáforas se baseiam culturalmente nas experiências com os recursos materiais. Em ambos os casos os materiais podem-se quantificar ou lhe atribuem um valor aos recursos materiais. De acordo com Lakoff & Johnson (2002 [1980] p.138) essas duas metáforas estruturais completas utilizam-se de metáforas ontológicas simples, ou seja: “TRABALHO É UM RECURSO / *LABOR IS A RESOURCE*” utiliza-se de “ATIVIDADE É UMA SUBSTÂNCIA / *AN ACTIVITY IS A SUBSTANCE*” e “TEMPO É UM RECURSO / *TIME IS A RESOURCE*” utiliza-se de “TEMPO É UMA SUBSTÂNCIA / *TIME IS A SUBSTANCE*”. Essas duas metáforas de substância nos permitem quantificar o “trabalho” e o “tempo”.

Essas metáforas estruturais possuem uma base cultural forte, pois além de fundamentar as experiências físicas das pessoas, também possuem a capacidade de influenciá-las em suas experiências e em suas ações.

4.2.4 Metáforas novas

Associadas às metáforas convencionais, as metáforas novas tratam sobre um novo olhar sobre certa realidade empírica, de modo a proporcionar uma nova informação sobre o que é apresentado.

Além disso, nas metáforas novas também estão imbricados valores já enraizados culturalmente, nesse andamento apresentam coerência em relação a uma cultura. Vejamos o exemplo utilizado por Lakoff & Johnson (2002 [1980] p.235): “AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA / *LOVE IS A COLLABORATE WORK OF ART*”. Essa metáfora é bem coerente com as experiências amorosas das pessoas e está imbricada com os valores culturais. Assim, os autores Lakoff & Johnson (2002 [1980]) explicam que as metáforas novas dão sentido às experiências da mesma forma que as metáforas convencionais. Nessa mesma direção, as metáforas novas acarretam uma estrutura coerente, salientando algumas e omitindo outras.

O modo como surgem as implicações da metáfora “AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA / *LOVE IS A COLLABORATE WORK OF ART*” por exemplo,

variam de cultura para cultura, e ocorrem diferentemente dependendo das crenças e experimentações de cada indivíduo. Assim, podem aparecer implicações tais como: “o amor é trabalhoso”, “o amor exige dedicação”, “o amor implica criatividade”, entre muitas outras.

As metáforas novas, então, podem criar uma nova realidade, e não apenas conceitualizar uma realidade já existente. Além disso, elas podem alterar um sistema, assim como as percepções e ações. Assim afirmam Lakoff & Johnson (2002 [1980], p. 242-243): “[...] Muito das mudanças culturais surge da introdução de novos conceitos metafóricos e da perda de antigos [...]”. Nesse sentido, não são as palavras em si que mudam a realidade, na verdade, são as mudanças nos sistemas conceituais das pessoas que mudam o que é real, e acabam por assim afetar a forma que percebemos o mundo e passamos de natureza igual a atuar com base nessas novas percepções de realidade.

5 ESTUDO DOS EDITORIAIS DE JORNAL ON-LINE: MATERIAIS,

MÉTODOS E ANÁLISE

5.1 Constituição do *Corpus*

Este trabalho de pesquisa possui *Corpus* primário retirados de 5 jornais brasileiros, sendo dois da cidade de São Paulo, um do Paraná, um do Rio de Janeiro e um do Rio Grande do Sul, num total de 20 editoriais de jornal. A coleta de seleção específica desses editoriais foi devido ao tema, *impeachment*.

Com essa definição, delimitados um curto período de tempo para selecionar os editoriais: 28/08/2016 à 02/09/2016. Também, a escolha das referidas empresas jornalísticas foi realizada devido ao tema citado.

Observaremos que não temos o mesmo número de editoriais em cada jornal selecionado, mas acreditamos que isso não seja um obstáculo, pois posteriormente na análise do material apresentamos uma análise quantitativa e estatística proporcional que não nos impedem de chegar em nossos objetivos.

Segue lista completa com a devida intitulação e localização de todos os editoriais selecionados para o *Corpus* dessa pesquisa:

- 5 editoriais do jornal *O Estado de S.Paulo*/SP:

31/08 - O fim do torpor – (**Anexo 1**)

31/08 - Condições para voltar a crescer – (**Anexo 2**)

01/09 - O desfecho do impeachment – (**Anexo 3**)

01/09 - Dá para olhar para a frente? – (**Anexo 4**)

02/09 - A baderna como legado – (**Anexo 5**)

- 4 editoriais do jornal *Folha de S.Paulo*/SP:

28/08 - Pedaladas em questão – (**Anexo 6**)

30/08 - A defesa de Dilma – (**Anexo 7**)

01/09 - Fresta de oportunidade – (**Anexo 8**)

01/09 - Governo Novo – (**Anexo 9**)

- 3 editoriais do jornal *Gazeta do Povo*/PR:

30/08 - A retórica e o impeachment – (**Anexo 10**)

31/08 - As razões do impeachment – (**Anexo 11**)

01/09 - O senado deu o "golpe" – (**Anexo 12**)

- 3 editoriais do jornal *O Globo*/RJ:

31/08 - Dilma chega vulnerabilidade à votação – (**Anexo 13**)

01/09 - Para que jamais haja outro impeachment – (**Anexo 14**)

02/09 - Agenda decisiva exige união de base – (**Anexo 15**)

- 5 editoriais do jornal *Gaúcha Zero Hora*/RS:

29/08 - Sessão para a história – (**Anexo 16**)

30/08 - A defesa de Dilma – (**Anexo 17**)

31/08 - A reação necessária – (**Anexo 18**)

31/08 - Nova Etapa – (**Anexo 19**)

01/09 - Os desafios de Temer – (**Anexo 20**)

O *Corpus* deste trabalho, representativo da espécie de discurso escolhido, será examinado de duas formas: através da microanálise, para a descrição estrutural do gênero em questão, inserindo a participação das metáforas, e em seu conjunto para o estudo das funções das metáforas como figuras retóricas e das metáforas conceituais, para tratamento quantitativo. Esse exame pode funcionar como amostragem e permitir o exame minucioso do objeto abordado.

Acredita-se que essa dupla análise do *Corpus* nos permiti chegar em um grau confiável de generalidade no estudo da análise retórica das metáforas como figuras e na análise conceitual com as metáforas conceituais, isso ao que se refere ao gênero jornalístico escolhido e ao *Corpus*.

No mesmo sentido, a partir do estudo retórico e conceitual das metáforas pudemos detectar a subjetividade e a ideologia jornalística, através do próprio nível de análise textual metafórica.

Conforme apresentado, reforçamos que optamos por esses editoriais devido ao assunto/tema, desta forma, acredita-se que nossa análise fica mais específica, de modo a interpretar os usos e as aplicações das metáforas retóricas e conceituais e seus fins. Com isso, podemos dizer que obtivemos uma amostra significativa para realizar nossas análises metafóricas.

5.2 Análise do *Corpus* e tabulação dos dados

Mosca (2005) afirma que o caráter da retórica pode ser ao mesmo tempo prático (arte da construção do discurso) e teórico (teoria e análise desses mesmos discursos). Este trabalho procurará conciliar os dois enfoques, priorizando o exame do material, estando dividido em duas etapas, na primeira trataremos da análise do *Corpus*, conforme a alfabético dos nomes dos jornais e quanto a ordem cronológica em que os editoriais foram publicados e quanto ao título, que dispomos em ordem alfabética.

Após a análise do *Corpus*, na segunda etapa tabula-se os dados coletados, ou seja, organizam-se as metáforas encontradas nas análises dos editoriais de modo sistemático, para que se perceba certa identidade jornalística, seja no sentido trazido pelo próprio gênero do editorial de jornal, ou seja no sentido apresentado pela própria empresa jornalística em seus textos, em ambos os casos, a partir de suas características predominantes.

Como mencionado anteriormente, este trabalho tem como proposta examinar o uso das metáforas retóricas e conceituais como estratégia argumentativa no editorial de jornal online. Todos os editoriais selecionados abordam com assunto o processo de impeachment como denúncia de crime de responsabilidade fiscal contra a ex-presidente Dilma Rousseff. É nesse sentido, que preferimos realizar uma breve contextualização da personagem principal dos textos analisados:

Dilma Vana Rousseff é economista e política brasileira, filiada ao Partido dos trabalhadores. Nasceu em 14 de dezembro de 1947 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Aos 16 anos começou a militar como simpatizante na Organização Revolucionária Marxista. Em 1967, cursou a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Filiada do Partido dos Trabalhadores (PT) desde 2001 coordenou a equipe de Infraestrutura do Governo de transição entre o último mandato de Fernando Henrique Cardoso – em 2002 –

e o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva – em 2003 - tornando-se membro do grupo responsável pelo programa de Energia do governo petista. Envolvida na política desde então, venceu as eleições presidenciais de 2010 no segundo turno, com 56,05% dos votos válidos, pelo Partido dos Trabalhadores, contra José Serra, político filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

5.3 Análises dos *Corpus*

5.3.1 “O fim do torpor” – anexo 1

Jornal – *O Estado de S.Paulo*

O fim do torpor

31 Agosto 2016 | 03h11

O impeachment da presidente Dilma Rousseff será visto como o ponto final de um período iniciado com a chegada ao poder de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, em que a consciência crítica da Nação ficou anestesiada. A partir de agora, será preciso entender como foi possível que tantos tenham se deixado enganar por um político que jamais se preocupou senão consigo mesmo, com sua imagem e com seu projeto de poder; por um demagogo que explorou de forma inescrupulosa a imensa pobreza nacional para se colocar moralmente acima das instituições republicanas; por um líder cuja aversão à democracia implodiu seu próprio partido, transformando-o em sinônimo de corrupção e de inépcia. De alguém, enfim, cuja arrogância chegou a ponto de humilhar os brasileiros honestos, elegendo o que ele mesmo chamava de “postes” – nulidades políticas e administrativas que ele alçava aos mais altos cargos eletivos apenas para demonstrar o tamanho, e a estupidez, de seu carisma.

Muito antes de Dilma ser apeada da Presidência já estava claro o mal que o lulopetismo causou ao País. Com exceção dos que ou perderam a capacidade de pensar ou tinham alguma boquinha estatal, os cidadãos reservaram ao PT e a Lula o mais profundo desprezo e indignação. Mas o fato é que a maioria dos brasileiros passou uma década a

acreditar nas lorotas que o ex-metalúrgico contou para os eleitores daqui. Fomos acompanhados por incautos no exterior.

Raros foram os que se deram conta de seus planos para sequestrar a democracia e desmoralizar o debate político, bem ao estilo do gangsterismo sindical que ele tão bem representa. Lula construiu meticulosamente a fraude segundo a qual seu partido tinha vindo à luz para moralizar os costumes políticos e liderar uma revolução social contra a miséria no País.

Quando o ex-retirante nordestino chegou ao poder, criou-se uma atmosfera de otimismo no País. Lá estava um autêntico representante da classe trabalhadora, um político capaz de falar e entender a linguagem popular e, portanto, de interpretar as verdadeiras aspirações da gente simples. Lula alimentava a fábula de que era a encarnação do próprio povo, e sua vontade seria a vontade das massas.

O mundo estendeu um tapete vermelho para Lula. Era o homem que garantia ter encontrado a fórmula mágica para acabar com a fome no Brasil e, por que não?, no mundo: bastava, como ele mesmo dizia, ter “vontade política”. Simples assim. Nem o fracasso de seu programa Fome Zero nem as óbvias limitações do Bolsa Família arranharam o mito. Em cada viagem ao exterior, o chefão petista foi recebido como grande líder do mundo emergente, mesmo que seus grandiosos projetos fossem apenas expressão de megalomania, mesmo que os sintomas da corrupção endêmica de seu governo já estivessem suficientemente claros, mesmo diante da retórica debochada que menosprezava qualquer manifestação de oposição. Embalados pela onda de simpatia internacional, seus acólitos chegaram a lançar seu nome para o Nobel da Paz e para a Secretaria-Geral da ONU.

Nunca antes na história deste país um charlatão foi tão longe. Quando tinha influência real e podia liderar a tão desejada mudança de paradigma na política e na administração pública, preferiu os truques populistas. Enquanto isso, seus comparsas tentavam reduzir o Congresso a um mero puxadinho do gabinete presidencial, por meio da cooptação de parlamentares, convidados a participar do assalto aos cofres de estatais. A intenção era óbvia: deixar o caminho livre para a perpetuação do PT no poder.

O processo de destruição da democracia foi interrompido por um erro de Lula: julgando-se um kingmaker, escolheu a desconhecida Dilma Rousseff para suceder-lhe na Presidência e esquentar o lugar para sua volta triunfal quatro anos depois. Pois Dilma não

apenas contrariou seu criador, ao insistir em concorrer à reeleição, como o enterrou de vez, ao provar-se a maior incompetente que já passou pelo Palácio do Planalto.

Assim, embora a história já tenha reservado a Dilma um lugar de destaque por ser a responsável pela mais profunda crise econômica que este país já enfrentou, será justo lembrar dela no futuro porque, com seu fracasso retumbante, ajudou a desmascarar Lula e o PT. Eis seu grande legado, pelo qual todo brasileiro de bem será eternamente grato.

5.3.1.1 Análise retórica

O primeiro discurso do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta foi o editorial “O fim do topor” publicado no dia trinta e um de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, transcrito acima e localizado como imagem de apresentação no anexo 1.

Nesse sentido, começamos a análise retórica desse editorial pela abertura do editorial que é intitulado por “O fim do topor”, fazendo menção a doença, ou a um problema de saúde do país. Nesse caso, a equipe jornalística aplicou uma metáfora como uma figura de ESCOLHA, sendo esta proposital para enfatizar essa espécie de doença da população como se a sociedade estivesse doente e que precisa ser curada.

No primeiro trecho do editorial encontramos outro uso representativo da metáfora como uma figura de ESCOLHA, vejamos: “[...] será visto como o ponto final de um período [...]”. Nesse trecho o autor caracteriza, através do uso metafórico da expressão “[...] ponto final [...]”, o encerramento de um grande período de 14 anos do Partido dos Trabalhadores no poder. Mais adiante, no trecho “[...] a consciência crítica da Nação ficou anestesiada [...]” encontramos uma metáfora como figura de COMUNHÃO, que nos mostra que a consciência crítica da Nação comunga de uma mesma situação, em que todos dessa população nacional ficaram anestesiados com falácias.

Ainda no mesmo parágrafo, no fragmento “[...] chegou a ponto de humilhar os brasileiros honestos [...]” temos uma metáfora aplicada como figura de COMUNHÃO, de modo que o editorialista procura provocar certas implicações argumentativas, que podem concomitar com o efeito de comunhão entre o orador e o auditório. Nesse sentido se você é

um brasileiro honesto, você vai se identificar com esse trecho e vai passar à compartilhar de suas ideias.

No segundo parágrafo encontramos a expressão “[...] lulopetismo [...]”, um termo criado para o petismo com o culto à personalidade de Luiz Inácio Lula da Silva, e vem assim associado ao uso metafórico como figura da ESCOLHA. Logo após, pudemos detectar no trecho “[...] tinham alguma boquinha estatal [...]” outra metáfora como figura de ESCOLHA, em que essa metáfora é caracterizada pelo vocábulo “[...] boquinha [...]” trazendo a ideia de ser sustentado, ou melhor de ter benefícios em recursos ilícitos. Um pouco mais adiante, no trecho “[...] a maioria dos brasileiros passou uma década a acreditar nas lorotas [...]” encontramos outra metáfora aplicada como figura de COMUNHÃO, em que o editorialista empenha-se em produzir uma comunhão entre brasileiros que passaram uma década acreditando nas lorotas contadas pelo ex-presidente Lula.

No terceiro parágrafo, encontramos no recorte “[...] sequestrar a democracia [...]” uma metáfora aplicada como figura retórica de PRESENÇA, no sentido que procura despertar no leitor um efeito de presença com relação ao “[...] sequestro [...]” da democracia.

Passando diretamente ao quarto parágrafo, no trecho “[...] Lula alimentava a fábula [...]” encontramos outra metáfora como figura de ESCOLHA, que nos traz certa caracterização de sentido com uma ideia de que Lula nutria uma estória falaciosa de que ele era a encarnação do próprio povo.

As aplicações metafóricas do quinto parágrafo iniciam-se no trecho “O mundo estendeu um tapete vermelho para Lula [...]”, nesse fragmento a expressão “[...] tapete vermelho [...]” nos traz uma metáfora como figura de ESCOLHA, no sentido que a expressão está sendo aplicada metaforicamente, já que o mundo não esticou literalmente um tapete vermelho ao Lula, mas sim o acolheu de maneira privilegiada. Quase que em seguida, encontramos outra metáfora como figura de ESCOLHA, no trecho “[...] garantia ter encontrado a fórmula mágica [...]”, mais uma vez “[...] fórmula mágica [...]” está sendo aplicada metaforicamente no sentido de ter encontrado uma solução para acabar com a fome no Brasil.

Posteriormente, já no final do inciso, o trecho “[...] onda de simpatia internacional [...]” nos traz a ideia metafórica do termo “[...] onda [...]” que nos remete a um sentido de sentimentos de simpatia internacional. Nesse sentido, esse recorte nos traz outra metáfora

como figura de ESCOLHA. Seguidamente, no trecho “[...] chegaram a lançar seu nome [...]” o verbo “[...] lançar [...]” vem no sentido de indicar, de sugerir, nos remetendo novamente a metáfora como figura de ESCOLHA.

No sexto parágrafo, encontramos mais uma metáfora como figura de ESCOLHA no trecho “[...] assalto aos cofres de estatais [...]” em que a ideia de assalto vem no sentido conotativo da palavra, e não no sentido denotativo, trazendo em seu significado a ideia de uma espécie de desvio de dinheiro dos cofres de estatais.

No sétimo parágrafo encontramos o trecho “[...] esquentar o lugar para sua volta triunfal [...]” que nos traz novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, nos levando ao sentido figurado de “[...] esquentar [...]” que traz uma ideia metafórica de que Dilma Rousseff guardaria por quatro anos a cadeira da Presidência e a devolveria à Luiz Inácio Lula da Silva “esquentada” para sua volta triunfal.

Fechando essa análise no final do nono e último parágrafo encontramos uma metáfora aplicada como figura de COMUNHÃO no trecho “[...] pelo qual todo brasileiro de bem será eternamente grato [...]” novamente o editorialista busca provocar implicações argumentativas, que podem concomitar com o efeito de comunhão entre o orador e o auditório. Nesse mesmo âmbito se você se considera um brasileiro de bem, você vai se identificar com esse trecho e vai passar à ser eternamente grato.

Nesse jogo da aplicação do metafórico com o literal, buscamos nesta análise ir do explícito para o implícito, a fim de entrar na questão do ornamento metafórico retórico e argumentativo, inúmeras vezes imperceptível à determinados leitores.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “O fim do torpor”.

Gráfico 1 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “O fim do torpor” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.1.2 Análise conceitual

De imediato, o título do editorial “O fim do torpor” nos traz uma menção a uma espécie de doença, ou a um problema de saúde, assim nos remete a ideia do fim de um sentimento de mal-estar caracterizado pelo entorpecimento. Nesse sentido, a primeira metáfora conceitual encontrada nesse editorial é uma metáfora da SAÚDE, que traz a ideia de que seria o final de um país doente, o final de todos esses entorpecimentos.

Ao dar início a análise do primeiro parágrafo encontramos o vocábulo “[...] poder [...]” que nos remete a capacidade de deliberar arbitrariamente, agir e mandar e também, dependendo do contexto, a faculdade de exercer a autoridade, nesse contexto encontramos uma metáfora da GUERRA. Em seguida no trecho “[...] Nação ficou anestesiada [...]” o termo “[...] anestesiada [...]” nos traz a ideia de uma nação com o efeito anestésico, ou ainda, perda de responsividade ou perda de reflexo, nos remetendo a uma nação doente, nesse sentido pudemos detectar outra metáfora da SAÚDE.

Posteriormente, no trecho “[...] se deixado enganar [...]” temos uma metáfora da IMPOTÊNCIA em que percebemos a condição de impotente da população, por se deixar enganar. Logo após, a expressão “[...] projeto de poder [...]” nos traz novamente uma metáfora da GUERRA, completando a ideia de “[...] poder [...]” do vocábulo mencionado anteriormente, no sentido de um projeto de agir e mandar sobre o país. Ainda no mesmo

parágrafo, lemos “[...] de forma inescrupulosa [...]” outra metáfora da GUERRA que nos remete a uma falta de limite moral para um intento, sendo que não há mais nem ética nem mesmo honestidade.

Em seguida, no trecho “[...] para se colocar moralmente acima das instituições [...]” encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, no âmbito de uma pessoa astuta, ardilosa, que se coloca acima das instituições. Logo depois, encontramos o vocábulo “[...] líder [...]” que nos traz a metáfora da GUERRA, esse termo “[...] líder [...]” vem trazer a ideia de uma pessoa cujas ações e palavras exercem influência sobre o pensamento e comportamento de outras, algumas vezes esse vocábulo também vem ligado a um tipo de senhor de guerra.

Agora começando a análise do segundo parágrafo, encontramos no trecho “[...] perderam a capacidade de pensar [...]” uma metáfora da IMPOTÊNCIA, que ressalta a condição de impotência da população relacionada aos seus pensamentos. Para finalizar a análise deste período no fragmento “[...] passou uma década a acreditar nas lorotas [...]” nos deparamos com outra metáfora da IMPOTÊNCIA que nos acentua novamente a condição de impotente do povo, que passou décadas acreditando em falácias.

No terceiro parágrafo, no recorte “[...] sequestrar a democracia [...]” o termo “[...] sequestrar [...]” nos traz uma metáfora da GUERRA no sentido de tomar à força ou às escondidas a democracia brasileira. Mais adiante, encontramos outra metáfora conceitual da GUERRA localizada no trecho “[...] desmoralizar o debate [...]”, que traz o sentido de fazer perder ou perder o senso moral, tornando-se imoral no termo “[...] debate [...]” que vem como um modelo de contestação baseado na argumentação, muito utilizado em situações de desacordos. Em seguida, localizamos mais uma vez a metáfora da GUERRA no recorte “[...] gangsterismo sindical [...]”, que procura mostrar um conjunto dos crimes cometidos pelos membros de uma quadrilha ou de uma organização criminosa semelhante à máfia.

Continuando a análise, no trecho “[...] construiu meticulosamente a fraude [...]” encontramos outra metáfora da ARTIMANHA, que é trazida ao texto como qualquer ato ardiloso, enganoso, de má-fé, com o intuito de lesar outrem. Logo depois, o vocábulo “[...] liderar [...]” traz uma metáfora da GUERRA, que completa a ideia do termo “[...] líder [...]” apresentado anteriormente no editorial, no sentido de comandar uma batalha. Em seguida, encontramos o termo “[...] revolução [...]”, uma palavra com origem no latim *revolutione*, que nos remete a uma ideia história que significa o ato ou efeito de revolucionar, trazendo assim mais uma metáfora da GUERRA. O último fragmento deste período segue no mesmo sentido metafórico, vejamos: “[...] contra a miséria no País”. Neste excerto topamos com mais uma metáfora da GUERRA no sentido que a batalha se dá contra a miséria do País, e pode ser

identificada como um dos motivos dessa “guerra”, ou ainda uma consequência após essa suposta “guerra”.

De início no quarto parágrafo do editorial topamos com a expressão “[...] ex-retirante nordestino [...]” que nos traz a ideia de um drama, trazendo ao texto um certo personagem popular, nesse sentido localizamos uma metáfora do TEATRO. Em seguida, nos deparamos com o vocábulo “[...] poder [...]” que nos remete a uma metáfora da GUERRA no âmbito que sua significação traz a imagem da capacidade de deliberar arbitrariamente, ou seja, a faculdade de exercer a autoridade. Posteriormente, no trecho “[...] Lula alimentava a fábula [...]” o termo “[...] fábula [...]” traz uma metáfora do TEATRO, que nos remete a um certo drama, ou uma narrativa com personagens e aventuras de fatos imaginários ou não. Fechando a análise deste inciso, o trecho “[...] encarnação do próprio povo [...]” traz outra metáfora do TEATRO, que complementa o conceito aplicado na metáfora anterior, neste trecho temos uma referencia a Cristo com a utilização do termo “[...] encarnação [...]”.

O próximo parágrafo, o quinto desse editorial, nos dispõem de início de um trecho que contém a metáfora do TEATRO, vejamos: “O mundo estendeu um tapete vermelho para Lula [...]”. Nesse trecho, a expressão “[...] tapete vermelho [...]” nos leva a ideia de uma peça teatral e, ainda, nos remete aos reis e rainhas que passavam pelo tapete vermelho para esbanjar nobreza, assim, novamente o texto nos remete ao teatro e seus personagens. Logo após, no fragmento “[...] ter encontrado a fórmula mágica [...]” novamente somos colocados com outra metáfora do TEATRO no sentido que “[...] fórmula mágica [...]” nos traz, a partir de sua significação, a ideia de uma criação de ilusão por meio de truques que, algumas vezes, ocorrem por meio das apresentações teatrais.

Em seguida, o recorte “[...] nem o fracasso [...]” nos traz uma metáfora do FRACASSO que nos mostra a falta de êxito que ocorreu durante esse período político. Logo após, o trecho “[...] óbvias limitações [...]” completa a ideia da metáfora anterior e traz outra metáfora do FRACASSO reforçando a ideia anterior de fracasso político.

No fragmento “[...] arranharam o mito [...]” temos duas metáfora, a primeira com o uso do vocábulo “[...] arranharam [...]” traz uma metáfora da GUERRA, que nos leva a uma representação mental de algo que é ferido levemente, e que mesmo com todos os itens citados anteriormente Lula não foi nem si quer arranhado. Em seguida, o vocábulo “[...] mito [...]” nos traz a metáfora do TEATRO, fazendo referência a um personagem fantasioso. Subsequente nos deparamos com a expressão “[...] chefão petista [...]” que se refere a uma pessoa com um grande poder, sendo o chefe da própria facção, trazendo ao texto mais uma metáfora da GUERRA. Próximo a isso, no recorte “[...] grande líder do mundo [...]”

localizamos uma metáfora da GUERRA, que traz o sentido de uma pessoa grandiosa cujas ações e palavras exercem influência sobre o pensamento e comportamento de pessoas de todo o mundo, algumas vezes, como dito anteriormente o sentido do vocábulo “[...] líder [...]” também vem ligado a um tipo de senhor de guerra.

Posteriormente, topamos com “[...] expressão de megalomania [...]” outra metáfora do TEATRO, que traz em seu sentido uma ideia de predileção pelo grandioso ou pelo que é majestoso, ou ainda uma mania de grandeza. Seguido a isso, encontramos o vocábulo “[...] sintomas [...]” que traz em sua analogia uma metáfora da SAÚDE, fazendo referência aos sintomas de uma doença. Imediatamente, no recorte “[...] corrupção endêmica [...]” encontramos mais uma metáfora da SAÚDE, que dá a impressão de que tem um país doente, que tem uma infecção ou contaminação que precisa ser curada. Mais adiante, no fragmento “[...] Embalados pela onda de simpatia internacional [...] temos outra metáfora do TEATRO, que faz referência as atuações que foram realizadas para operar determinadas situações, e que foram de certa forma fantasiosas ao modo que foram passadas ao restante do mundo. Para finalizar esse inciso o vocábulo “[...] acólitos [...]” traz outra metáfora do TEATRO de maneira que procura reafirmar a ideia de espetáculo, introduzindo outros personagens a essa passagem, tais quais como ajudantes, assistentes ou auxiliares.

No começo do sexto parágrafo, o termo “[...] charlatão [...]” traz a metáfora do TEATRO no sentido que o texto procura caracterizar com outros termos e significações seus personagens principais. Em seguida encontramos o vocábulo “[...] liderar [...]”, que novamente traz em seu sentido a ideia de espírito de chefia por uma posição alcançada, ligada a uma metáfora conceitual da GUERRA. Logo após, no trecho “[...] preferiu os truques populistas [...]” encontramos a metáfora da ARTIMANHA, que demonstra uma maneira de conseguir alguma coisa por meio de truques.

Subsequentemente, nos deparamos com os termos “[...] seus comparsas [...]”, que nos remetem a ideia de personagens cúmplices, os quais desempenham um papel geralmente secundário, e assim trazem ao texto novamente a metáfora do TEATRO. Em seguida, no recorte “[...] cooptação de parlamentares [...]” o vocábulo “[...] cooptação [...]” nos dá a ideia de associação de pessoas a uma certa corporação, trazendo ao texto uma metáfora da GUERRA, que vem para iniciar a próxima metáfora localizada no trecho “[...] participar do assalto aos cofres [...]”, que traz um complemento iniciado na metáfora anterior, no sentido de praticar furtos com intuito criminoso, com a aplicação de outra metáfora da GUERRA. A última metáfora desse período, mais uma vez é uma metáfora da GUERRA, localizada através

do uso do vocábulo “[...] poder [...]” no âmbito que ele nos traz a ideia de uma capacidade de agir e mandar, ou ainda, a faculdade de exercer a autoridade num contexto de batalha.

Ao dar início ao sétimo parágrafo, nos deparamos com o recorte “[...] destruição da democracia [...]”, que nos despacha de bate pronto para uma metáfora da GUERRA, pois acarreta uma memória de exterminação, de tirar algo com a aplicação da palavra, esse sentido é gerado, principalmente, com a aplicação do vocábulo “[...] destruição [...]”.

Posteriormente, no trecho “[...] esquentar o lugar para sua volta triunfal [...]” achamos uma metáfora da ARTIMANHA, no âmbito que ela revela em seu sentido uma ideia de astúcia e esperteza. Um pouco adiante, no recorte “[...] enterrou de vez [...]” localizamos uma metáfora do FRACASSO, principalmente identificada pelo uso do termo “[...] enterrou [...]” referindo-se a um certo “sepultamento” do seu líder de batalha, o ex-presidente Lula. A última metáfora desse parágrafo é uma metáfora do FRACASSO, localizada no trecho “[...] a maior incompetente [...]” traz ao texto uma afirmação de opinião relacionada ao fracasso da ex-presidente.

Chegamos ao último parágrafo, e neste primeiro trecho “[...] por ser a responsável pela mais profunda crise [...]” encontramos a metáfora do FRACASSO, que é trazida ao texto com a lembrança de que a ex-presidente Dilma Rousseff seria a principal responsável pela crise. Para finalizar essa análise, o termo “[...] enfrentou [...]” nos remete a uma metáfora da GUERRA, pois traz ao texto um sentimento de batalha enfrentada. Posteriormente, no recorte “[...] fracasso retumbante [...]” encontramos uma intertextualidade com a letra do hino nacional, localizada através do uso do vocábulo “[...] retumbante [...]”. Esse recorte nos traz uma metáfora do FRACASSO, no sentido que procura acentuar ou dar destaque ao fracasso da ex-presidente durante seu período de governo.

Ao analisar esse editorial, por meio da concepção conceituais de Lakoff & Johnson (2002 [1980]) procuramos encontrar através de seus propósitos metafóricos, suas características principais. Para efetuar essa análise conceptual focalizamos no julgamento dos termos metafóricos de acordo com as orientações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos as metáforas encontradas em um gráfico proporcional aos usos no editorial em questão.

Gráfico 2 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “O fim do torpor” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.1.3 Resultados: “O fim do torpor” – anexo 1

No âmbito da análise retórica foram encontradas onze metáforas como figuras de escolha, quatro metáforas como figuras de comunhão e uma metáfora como figuras de presença. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 69% das metáforas como figuras retóricas aplicadas nesse editorial são metáforas como figura de escolha, trazendo uma ideia de maior proporção ligada ao uso desse tipo de metáfora retórica, em que alguns termos são escolhidos por sua aplicabilidade de significação e seus efeitos de sentido. Em consequência outra proporção foi a proporção de 25% do uso das metáforas como figura de comunhão e 6% apenas da aplicação das metáforas como figura de presença.

Já na análise conceitual foram encontradas vinte metáforas da guerra, onze metáforas do teatro, cinco metáforas do fracasso, quatro metáforas da saúde, três metáforas da artimanha e três metáforas do impotência. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 43% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da guerra. Nesse sentido, acredita-se que esse editorial pretende mover o auditório por meio de uma argumentação que conduz a Retórica da guerra. Em consequência da análise conceitual, outra proporção foi a proporção de 23% do uso das metáforas do teatro. Nesse sentido, como nenhuma das metáforas encontradas estão em sentido denotativo, e são utilizadas no âmbito conceitual, todas as metáforas encontradas se resumem num grande movimento Retórico saliente que é

utilizar o texto para ressaltar os aspectos bélicos da retórica, que são característicos da Retórica da Guerra. O que se ressalta então é a metáfora da guerra, acredita-se que as metáforas do teatro e as demais metáforas aplicadas foram usadas para ressaltar a Retórica da Guerra.

5.3.2 “Condições para voltar a crescer” – anexo 2

Jornal – *O Estado de S.Paulo*

Condições para voltar a crescer

31 Agosto 2016 | 03h17

O iminente afastamento definitivo de Dilma Rousseff da Presidência da República e a consequente efetivação no cargo do presidente em exercício Michel Temer coincidem com o surgimento de indicações mais concretas de recuperação da atividade econômica. É uma coincidência que instila otimismo nos brasileiros acossados pela longa e profunda crise política, econômica, social e moral que marcou os últimos anos do governo dominado pelo PT.

Após 10 trimestres seguidos de redução, a formação bruta de capital fixo – que mede os gastos com máquinas, equipamentos e obras, ou seja, o volume de investimentos na economia – cresceu no segundo trimestre deste ano em relação ao trimestre anterior, na avaliação de duas instituições, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). Os investimentos estão crescendo em razão do aumento do consumo aparente de máquinas e investimentos. É uma variação ainda pequena, em torno de 0,4% na aferição das duas instituições, e se dá sobre uma base muito deprimida em razão da longa e aguda recessão pela qual passou a economia brasileira nos últimos dois anos e meio. Mas pode ser um sinal de que o pior já passou ou está passando.

Outro levantamento da FGV constatou que, dos 10 setores da economia que mais pesam na evolução do Produto Interno Bruto (PIB) do País, 7 dão sinais de recuperação. Nem toda essa evolução positiva se dá sobre bases sólidas e ainda são restritas a alguns segmentos. Fatores circunstanciais explicam algumas melhoras, como a da indústria automobilística, cuja

produção e cujas vendas internas registram fortes baixas ao longo deste ano, mas que vem conseguindo aumentar suas exportações. Houve aumento também na produção de têxteis e calçados. No segundo trimestre, favorecida temporariamente pela taxa de câmbio, a indústria aumentou o volume físico exportado e conseguiu obter um saldo comercial positivo, o primeiro desde meados de 2013.

Mas o Indicador do Nível de Atividade (INA) da indústria paulista, a maior do País, registrou queda de 0,6% em julho, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). O setor de alimentos registrou queda de 1,4% na comparação com junho; o químico, de 1,6%. No acumulado do ano, a retração da indústria alcança 9,9% em relação aos 7 primeiros meses de 2016.

Trata-se, por isso, de uma retomada da atividade ainda instável e pontual, como a descrevem alguns economistas. “Os números mostram que a recuperação não é um contínuo.

Ela tem idas e vindas”, observou o superintendente de estatísticas públicas do Ibre, Aloisio Campelo Junior, ao comentar os sinais divergentes para os quais aponta o Índice de Confiança da Indústria aferido pela instituição. Melhorou a situação dos estoques, mas piorou a percepção da retomada do consumo doméstico, vital para assegurar a continuidade da recuperação da indústria.

Ainda não há sinais de que o consumo possa voltar a crescer num prazo curto, mesmo porque, como mostra a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua, o desemprego continua a aumentar e a renda real média do brasileiro, a encolher.

A recuperação da economia, quando vier, não se consolidará de maneira automática nem será independente da evolução do cenário político. Ainda frágil, a confiança dos investidores só se preservará e adquirirá vigor se o ambiente para os negócios favorecer decisões empresariais de longo prazo. E isso está condicionado a decisões na esfera política que indiquem que as finanças públicas estão no rumo do equilíbrio e que as principais fontes dos déficits do governo federal estão contidas ou o serão num horizonte previsível.

O crescimento não é tarefa apenas de investidores, produtores, consumidores, mas também e sobretudo, agora que foram superados os traumas causados pelo processo de impeachment, dos governantes, dos quais o País espera decisões corretas e tempestivas.

5.3.2.1 Análise retórica

O segundo editorial do *Corpus* selecionado para execução de nossa proposta é o editorial “Condições para voltar a crescer” publicado trinta e um de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, localizado como imagem de apresentação no anexo 2 e transcrito acima para facilitar a leitura em comparação com a análise.

A primeira metáfora encontrada nesse editorial foi aplicada como figura de COMUNHÃO, localizada no primeiro parágrafo no segmento “[...] instila otimismo nos brasileiros [...]” traz uma ideia de comunhão com o leitor, e compartilha o otimismo entre os brasileiros. Logo após, no trecho “[...] profunda crise política [...]” encontramos uma metáfora empregada como figura de PRESENÇA, no sentido que quer se fazer presente no leitor tocando sua sensibilidade, levando em conta o que está presente na consciência de ambos participantes do discurso.

Passando diretamente para o terceiro parágrafo, no trecho “[...] setores da economia que mais pesam [...]” encontramos outra metáfora como figura de ESCOLHA em que o uso do verbo “[...] pesam [...]” está no sentido conotativo da palavra, se referindo a um certo valor, o que mais tem valor sobre a evolução do PIB.

Agora, diretamente para o quinto parágrafo pudemos detectar uma metáfora aplicada como figura de ESCOLHA no recorte “[...] retomada da atividade [...]” em que o editorialista faz uma escolha dessa expressões linguísticas metafóricas, a fim de relatar uma ideia de crescimento como atividade.

No final do sexto parágrafo desse editorial encontramos uma metáfora no trecho “[...] renda real média do brasileiro, a encolher”. Nesse recorte, o verbo “[...] encolher [...]” nos acarreta para uma ideia de diminuição da renda média, neste caso o orador faz uma escolha para causar certo resultado específico em seu leitor, possivelmente para dar mais ênfase a esse fato de redução da renda. Em vista disso, novamente localizamos uma metáfora empregada como figura de ESCOLHA.

No sétimo parágrafo no trecho “[...] Ainda frágil, a confiança dos investidores [...]” encontramos mais uma vez uma metáfora como figura de ESCOLHA com a confiança remetida ao termo frágil, e assim deixando uma escolha metafórica para aplicação desse vocábulo linguístico nesse texto. Em seguida, encontramos a última metáfora desse editorial

localizada no penúltimo parágrafo no recorte “[...] adquirirá vigor [...]” em que novamente topamos com uma metáfora como figura de ESCOLHA, essa junção nos remete a uma aquisição de vontade, de autoestima para conseguir superar todos os obstáculos para a retomada do crescimento.

A aplicação do metafórico com o literal é um processo realizado pelo editorialista, em que nós como analistas buscamos nesta ir do explícito para o implícito, a fim de entrar na questão do ornamento metafórico retórico e argumentativo, inúmeras vezes imperceptível à determinados leitores.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Condições para voltar a crescer”.

Gráfico 3 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Condições para voltar a crescer” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.2.2 Análise conceitual

O título do editorial “Condições para voltar a crescer” nos remete logo de início a ideia de que há condições para crescer com um sentimento de desafio e de esperança, pautado no que precisamos atingir para conseguir a superação. Assim, o título desse editorial, nos traz

duas metáforas conceituais, uma metáfora do DESAFIO, indicada pela aplicabilidade do termo “Condições [...]” e uma metáfora da ESPERANÇA que está imediatamente ligada em “[...] voltar a crescer”. Nesse sentido, há esperança nessa situação, mas existem alguns desafios a serem enfrentados, assim basta superar as condições para voltarmos a crescer.

Iniciamos a análise desse editorial com o fragmento “[...] indicações mais concretas de recuperação da atividade econômica [...]” que nos traz uma metáfora da ESPERANÇA, trazendo à memória a ideia de retomada da estabilidade do país. Em seguida, no recorte “[...] instila otimismo nos brasileiros [...]” temos mais uma metáfora da ESPERANÇA que traz ao texto uma imagem de confiança em coisas boas. Logo após, encontramos o termo “[...] acossados [...]” que nos remete a uma metáfora da GUERRA, pois traz consigo o significado de agressão ou de ataque, enquanto se persegue. Próximo a isso, temos “[...] profunda crise política [...]” que ocasiona um pensamento de fracasso alcançado pelo governo do PT, isso ocorre com a utilização da metáfora do FRACASSO.

Já de início no segundo parágrafo no segmento “[...] o volume de investimentos na economia – cresceu [...]” encontramos outra metáfora da ESPERANÇA especialmente ligada ao uso do vocábulo “[...] cresceu [...]” que traz a ideia de chances de crescimentos futuros. Posteriormente no recorte “[...] estão crescendo [...]” temos mais uma vez a metáfora da ESPERANÇA com um sentimento de crescimento gradativo e esperança daquilo que se deseja.

Logo após, no trecho “[...] base muito deprimida [...]” encontramos uma metáfora da IMPOTÊNCIA demonstrando um estado de impotência da base. Em seguida, no recorte “[...] aguda recessão [...]” localizamos outra metáfora da IMPOTÊNCIA, que nos traz a condição de impotência em que passou a economia brasileira. Finalizamos a análise desse parágrafo com o fragmento “[...] sinal de que o pior já passou ou está passando”, encontramos novamente uma metáfora da ESPERANÇA, que nos dá ideia de que coisas boas estão por vir, já que o pior já passou.

Iniciando a análise do terceiro parágrafo, no trecho “[...] dão sinal de recuperação [...]” achamos outra metáfora da ESPERANÇA, trazendo novamente ao texto uma imagem de melhora, o que traz ao texto um sentimento de esperança. Seguidamente no trecho “[...] ainda são restritas a alguns segmentos [...]” temos uma objeção ao trecho anterior e traz a ideia de desafios que devem ser superados em todos os segmentos do país, assim esse trecho nos traz uma metáfora conceitual do DESAFIO.

Subsequentemente no recorte “[...] algumas melhoras [...]” encontramos a metáfora da ESPERANÇA, trazendo novamente ao texto um motivo para olhar pra frete, pois já temos algumas melhoras. Posteriori a isso no trecho “[...] conseguindo aumentar suas exportações [...]” nos deparamos com outra ideia de melhora, novamente com uma metáfora da ESPERANÇA. Seguindo localizamos no trecho “[...] Houve aumento também [...]” outra metáfora da ESPERANÇA, que remete ao sentimento de realização daquilo que se deseja, com outro aumento no setor de produção. Subsequentemente, no mesmo inciso encontramos o segmento “[...] aumentou o volume [...]”, que traz novamente um aspecto positivo e o aumento do volume físico exportado e nos remete, portanto, à metáfora da ESPERANÇA, que imediatamente é completada pelo trecho “[...] e conseguiu obter um saldo comercial positivo [...]” que finaliza esse parágrafo com mais uma metáfora da ESPERANÇA, reforçando a ideia de fé e de confiança na melhora da economia.

No quarto parágrafo encontramos o vocábulo “[...] queda [...]”, que nos traz uma metáfora do FRACASSO. Em seguida, nos deparamos novamente com o mesmo vocábulo “[...] queda [...]” que nos traz novamente a metáfora do FRACASSO, ambas com o efeito de cair, reforçando o fracasso abundante que ficou o país. Logo depois, no segmento “[...] a retração da indústria [...]” temos outra metáfora do FRACASSO, que traz a ideia da diminuição do volume de negócios, outro fracasso ligado a desestabilização do país.

Logo no início do quinto parágrafo no trecho “[...] retomada da atividade [...]” encontramos uma metáfora da ESPERANÇA que está imediatamente ligada com o recorte seguinte “[...] ainda estável e pontual [...]”, em que temos uma metáfora do DESAFIO, ambas estão unidas no sentido em que há uma esperança nessa situação, mas que existem desafios a serem enfrentados. Logo após no extrato “[...] a recuperação não é um contínuo [...]” incidimos com outra metáfora do DESAFIO, que traz a ideia de superação dos obstáculos para que a recuperação seja possível, complementando a ideia da metáfora anterior encontramos outra metáfora do DESAFIO em “[...] idas e vindas [...]” que reforça a ideia de superação dos desafios.

Posteriormente no trecho “[...] Melhorou a situação dos estoques [...]” encontramos uma metáfora da ESPERANÇA, especialmente identificada pela utilização do vocábulo “[...] melhorou [...]”, que traz ideia de recuperação da situação. Imediatamente encontramos uma oposição no recorte “[...] mas piorou [...]” uma metáfora do FRACASSO que coloca uma adversidade sobre a metáfora anterior, e traz uma piora na situação apresentada. Em seguida, nos deparamos com trecho “[...] vital para assegurar [...]” que traz uma metáfora do

DESAFIO, a partir de uma ideia do que é necessário para a manutenção da economia especialmente com a utilização do termo “[...] vital [...]”. Para fecharmos a análise desse parágrafo temos o fragmento “[...] continuidade da recuperação [...]”, que carrega em seu sentido uma metáfora da ESPERANÇA, no âmbito da continuidade da confiança de recuperação.

Dando início a análise do sexto parágrafo desse editorial, de imediato encontramos no segmento “Ainda não há sinais de que o consumo possa voltar a crescer num prazo curto [...]” uma metáfora do DESAFIO, que coloca para o leitor sobre um fato que precisa ser superado para volta do crescimento. Posteriormente, no trecho “[...] o desemprego continua a aumentar [...]” topamos com uma metáfora do FRACASSO, que traz consigo uma ideia de um país frágil perante certas situações. Logo após, outra metáfora do FRACASSO é encontrada no texto reforçando a ideia da metáfora anterior de fracasso político, vejamos esse trecho: “[...] a renda real média do brasileiro, a encolher”.

O próximo parágrafo do texto, o sétimo, é iniciado com a escrita “A recuperação da economia, quando vier [...]”, que traz uma metáfora da ESPERANÇA, remetendo a ideia confiança, já que a recuperação da economia virá, não sabe quando, mas virá. Imediatamente, temos o trecho “[...] não se consolidará de maneira automática [...]” que traz uma metáfora do DESAFIO, trazendo medidas que devem ser tomadas após a melhora da economia, já que a mesma não se consolidará automaticamente. Sem interrupção temos outro trecho utilizado metaforicamente, “[...] nem será independente da evolução do cenário político”. Esse fragmento traz outra metáfora do DESAFIO com a informação de outro desafio que deve ser superado, já que a recuperação não será independente da evolução do cenário político, e precisará de atitudes para ser superado.

Em sequência, temos uma parcela do texto que é aplicada num todo de maneira metafórica vejamos: “[...] Ainda frágil, a confiança dos investidores só se preservará e adquirirá vigor se o ambiente para os negócios favorecer decisões empresariais de longo prazo [...]”. Nessa passagem temos uma metáfora do DESAFIO que transporta além do desafio que deve ser superado, uma ideia de condição se o ambiente para os negócios favorecer decisões empresariais. Após isso, localizamos uma metáfora da ESPERANÇA no segmento “[...] estão no rumo do equilíbrio [...]”, que indica o rumo de uma posição estabilização, prevalecendo a crença positiva. Seguidamente, no fragmento “[...] fontes dos déficits [...]” encontramos uma metáfora do FRACASSO, trazendo consigo a ideia de saldo negativo na economia.

O último parágrafo desse editorial nos traz a uma metáfora da GUERRA no trecho “[...] superados os traumas causados pelo processo de impeachment [...]”, aqui o editorialista quer lembrar do que ocorreu anteriormente, assim se utiliza do termo “[...] traumas [...]” para enfatizar um dano causado pela experiência de dor e sofrimento. E, para finalizar o editorialista colocar uma metáfora da ESPERANÇA, no trecho que segue: “[...] o País espera decisões corretas e tempestivas”. Esse fragmento exposto, retoma toda ideia já defendida durante o texto, de que se acredita que há esperança em um futuro melhor.

Nesta análise procuramos encontrar características das escrituras jornalísticas do editorial “Condições para voltar a crescer” do jornal *O Estado de S.Paulo*. Para atingir toda essa análise conceitual focamos nosso diagnóstico de acordo com as metáforas conceituais e os termos de acordo com as orientações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 4 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Condições para voltar a crescer” do jornal *O Estado de S.Paulo*.

5.3.2.3 Resultados: “Condições para voltar a crescer” – anexo 2

No âmbito da análise retórica, foram encontradas cinco metáforas como figuras de escolha, uma metáfora como figura de comunhão e uma metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 72% das metáforas são usadas como figuras retóricas aplicadas nesse editorial são metáforas como figura de escolha. Trazendo ao texto uma proporção maior ligada ao uso de metáfora retórica como figura de escolha, em que alguns termos são preferidos por sua aplicabilidade de significação e seus efeitos de sentido argumentativos no texto. Em consequência outra proporção foi a proporção de 14% do uso das metáforas como figura de comunhão e 14% da aplicação das metáforas como figura de presença.

Referente a análise conceitual foram encontradas dezoito metáforas da esperança, nove metáforas do desafio, oito metáforas do fracasso, duas metáforas da impotência, e duas metáforas da guerra. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 45% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da esperança. Em consequência outra proporção foi a proporção de 25% do uso das metáforas do desafio e 20% do uso das metáforas do fracasso. Nesse sentido, acredita-se que as metáforas encontradas no sentido conceitual resumem-se num grande movimento Retórico saliente que é utilizar o texto para ressaltar a crença de que há possibilidade da retomada do crescimento do país, que são característicos da Retórica da Esperança. Nesse sentido, acredita-se que as metáforas do desafio e do fracasso, além das demais utilizadas foram usadas para ressaltar a Retórica da esperança.

5.3.3. “O desfecho do impeachment” – anexo 3

Jornal – *O Estado de S.Paulo*

O desfecho do impeachment

01 Setembro 2016 | 03h06

Todo cidadão honesto deste país há de estar estupefato com o desfecho do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Malgrado o fato de que a petista finalmente teve seu mandato cassado, levando alívio ao País, tão maltratado pela incúria administrativa e pelo desleixo moral da agora ex-presidente e de seu partido, um punhado de notórios personagens da vida política – desses que não se consegue identificar bem na escala biológica, porque são ao mesmo tempo animais de pluma, couro e escama – aproveitou a deixa para urdir uma maracutaia digna de uma república bananeira. O objetivo, claro, foi beneficiar todos os políticos facínoras que a Justiça está por alcançar. Mas o resultado da trama, do qual essa chusma de irresponsáveis talvez nem tenha se dado conta, é que o governo de Michel Temer, do qual vários deles esperam fazer parte e colher seu quinhão, corre o risco de terminar antes mesmo de começar (ver o editorial *Dá para olhar para a frente?*).

Como toda maquinação, esta não ficou clara senão pouco a pouco, minuto a minuto, para assombro geral, em meio ao drama da votação que determinou o impeachment de Dilma no Senado. As coisas ficaram meridianamente claras quando a bancada do PT fez ao presidente da sessão, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, um pedido de destaque por meio do qual pretendia que houvesse duas votações: uma sobre a perda do mandato e outra sobre a perda dos direitos políticos de Dilma. O argumento, mais um da inesgotável coleção de chicanas petistas, era que não havia vinculação entre a cassação e a inabilitação.

Tivesse o ministro Lewandowski um mínimo de familiaridade com o artigo 52 da Constituição, o pedido teria sido rejeitado sem maiores considerações. Esse artigo, que estabelece a competência do Senado para processar e julgar o presidente, diz em seu parágrafo único que a condenação, proferida por dois terços dos votos dos senadores, será limitada “à perda do cargo, com inabilitação, por oito anos, para o exercício de função pública, sem prejuízo das demais sanções judiciais cabíveis”. Salvo se o uso da preposição “com” ganhou significado oposto ao que manda a boa gramática, não é possível concluir outra coisa desse artigo senão que a inabilitação para o exercício de cargos públicos acompanha, necessariamente, a perda do cargo de presidente.

O fato é que aqueles que tramaram a cavilação estavam no seu dia de sorte. O ministro Lewandowski, não conhecendo o artigo 52, aceitou o destaque que fatiou a votação. E assim, com a inocente anuência do presidente do Supremo Tribunal Federal, a Constituição foi reescrita no joelho.

Adotada a escandalosa manobra, senadores revezaram-se em vexaminoso exercício de caradurismo para dar um mínimo de dignidade à esbórnia. A senadora Kátia Abreu, por exemplo, apelou à piedade dos colegas, ao dizer que Dilma, se ficasse inabilitada, teria de viver com uma aposentadoria de meros R\$ 5 mil. Já o presidente do Senado, Renan Calheiros, cujas digitais estão por toda a parte nesse caso, brandindo um exemplar da Constituição, disse que “não podemos ser desumanos” com Dilma. O ministro Lewandowski, com ternura cristã, alertou os parlamentares que Dilma, se fosse inabilitada, não poderia ser “nem merendeira de escola”.

Assim, o impeachment de Dilma passou, mas seus direitos políticos foram preservados. A punição pela metade não garantirá a Dilma um emprego de merendeira, mas se presta a livrar plumas, couros e escamas de figuras graúdas do Congresso que estão enroladas na Justiça, algumas das quais com assento nas mesas que dirigiram os trabalhos desse processo e que deveriam estar conscientes de sua responsabilidade perante a Nação.

Trinta e nove senadores que garantiram os direitos políticos da ex-presidente comprovaram que o brasileiro não tem “complexo de vira-latas” por causa das vicissitudes do futebol, mas porque é reduzido a essa condição por políticos agrupados em matilhas.

Essa imoralidade abre precedente para uma catadupa de escândalos. O que aconteceu ontem não foi motivo apenas para que o PSDB e o DEM ameaçassem romper a coalizão com o governo Temer, comprometendo todo o esforço de recuperação nacional. Trata-se de um episódio que expõe a inesgotável capacidade da classe política nacional de trair a confiança dos brasileiros de bem.

5.3.3.1 Análise retórica

O terceiro editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “O desfecho do impeachment” publicado dia primeiro de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, transcrito acima e localizado como imagem de apresentação no anexo 3.

A primeira metáfora descoberta nesse editorial foi aplicada como figura de ESCOLHA, e está localizada no primeiro parágrafo na expressão “[...] desleixo moral [...]” mostrando uma escolha metafórica para aplicação desses vocábulos linguísticos nesse texto,

trazendo uma ideia de um descuido com relação a moral de Dilma. Um pouco depois no fragmento “[...] são ao mesmo tempo animais de pluma, couro e escama [...]” pudemos detectar uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, que traz a escolha desses termos referidos aos personagens políticos, trazendo assim, certas características aos personagens dessa vida política em questão. Logo após, a expressão “[...] república bananeira [...]” nos remete a outra metáfora como figura de ESCOLHA, que traz consigo um sentido pejorativo para um país politicamente instável e, assim produz um sentido figurado por meio dessa comparação como recurso expressivo.

Mais adiante, no recorte “[...] chusma de irresponsáveis [...]” pudemos localizar mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, na qual o editorialista opta por desenvolver uma ideia de uma multidão de responsáveis, com a aplicação de um termo com características altamente expressivas. Logo depois, a expressão “[...] dado conta [...]” cumpre a função descrita por Perelman & Tyteca (2005 [1958]) como metáfora adormecida, tornando-se tão usual, que não é mais considerada como uma metáfora virgem. Posteriormente, no excerto “[...] e colher seu quinhão [...]” nos deparamos com uma metáfora retórica aplicada como figura de ESCOLHA, em que seu sentido aproxima a ideia de parte atribuída a cada pessoa na divisão de algo, e enfatiza o modo com que cada um passa a aproveitar-se de determinada situação.

O segundo parágrafo desse editorial, já se inicia com metáfora como figura de ESCOLHA, encontrada de imediato no recorte “ Como toda maquinação [...]” faz referencia a um processo maquiavélico de organização ilícita, novamente o autor utiliza-se de um artifício linguístico, a fim de promover uma transposição de significação de um vocábulo para o outro, por meio de comparação implícita.

Saltamos diretamente para o quinto parágrafo, no trecho “[...] cujas digitais estão por toda a parte [...]” topamos mais uma vez com uma metáfora como figura de ESCOLHA, em que o termo “[...] digitais [...]” vem exposto de maneira figurada e procura, de certa forma, fazer referencia para aos atos realizados por Renan Calheiros durante o processo de impeachment de Dilma.

Já no sexto parágrafo, pudemos detectar mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, isso ocorre no fragmento “[...] mas se presta a livrar plumas, couros e escamas de figuras graúdas do Congresso que estão enroladas na Justiça [...]” que traz uma ideia alegórica

de livrar em partes certos participantes do Congresso de se enrolarem ainda mais com as questões da Justiça brasileira.

No sétimo parágrafo, no trecho “[...] o brasileiro não tem “complexo de vira-latas” [...]” localizamos uma metáfora como figura de COMUNHÃO, que traz uma ideia de comunhão com o leitor, ao analisar o brasileiro como não tendo o “[...] complexo de vira-latas [...]” devido as vicissitudes do futebol, mas sim a essa condição política. Cabe destacar, que a expressão "Complexo de vira-latas" foi criada pelo dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues, e originalmente referia-se ao trauma sofrido pelos brasileiros em 1950, quando a Seleção Brasileira foi derrotada pela Seleção Uruguaia na final da Copa do Mundo no Maracanã. O Brasil apenas teria recuperado-se do choque no campo futebolístico em 1958, ano em que ganhou a Copa do Mundo pela primeira vez. Neste caso da passagem analisada, o autor reafirma que o “[...] complexo de vira-latas [...]” provavelmente se deve as condições da política atual. Mais adiante, temos a última aplicação metafórica desse editorial, vejamos: “[...] políticos agrupados em matilhas”. Nesse trecho pudemos detectar uma metáfora como figura de ESCOLHA, em que o vocábulo “[...] matilha [...]” traz uma ideia conotativa trazendo ao texto a luz de uma espécie de gangue, que nos remete a união de um número de políticos que se agrupam em prol dos mesmos objetivos.

Nesta análise procuramos encontrar as metáforas das escrituras jornalísticas do editorial “O desfecho do impeachment” do jornal *O Estado de S.Paulo*. Para atingir a análise focamos na análise dos termos de acordo com as orientações de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) com as metáforas trazidas como figuras retóricas.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “O desfecho do impeachment”.

Gráfico 5 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “O desfecho do impeachment” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.3.2 Análise conceitual

Iniciando nossa análise conceitual, o título desse editorial “O desfecho do impeachment” nos remete a ideia de término, pautado na resolução de um problema, um momento difícil ou uma situação complicada. Assim, somos levados a primeira metáfora conceitual desse editorial, a metáfora do TEATRO, que está implícita no título trazendo a ideia de um desfecho narrativo, um momento em que ocorre o desenlace, ou ainda, a solução da trama.

O primeiro parágrafo inicia-se com outra metáfora do TEATRO localizada no trecho “[...] há de estar estupefato [...]” traz a ideia de estarrecimento nos remetendo a um drama, uma tragédia. Posteriormente, na frase “[...] levando alívio ao País [...]” encontramos uma metáfora da ESPERANÇA, que traz a ideia de crença de cura ao país. Imediatamente após, nos deparamos com uma metáfora da IMPOTÊNCIA no fragmento “[...] tão maltratado pela incúria [...]”, que traz a ideia passada de sofrimento impotente do país.

Um pouco depois, em “[...] um punhado de notórios personagens da vida política [...]” temos o vocábulo “[...] personagens [...]”, que traz com ele uma metáfora do TEATRO, nos remetendo para alguns protagonistas importantes, que normalmente configuram uma narração, além disso, traz ao texto uma a ideia de narração de maneira teatral, agora

introduzindo seus personagens a essa passagem. Seguidamente o autor faz uma comparação desses personagens com animais, no trecho “[...] desses que não se consegue identificar bem na escala biológica [...]”, em que o autor continua com uma metáfora do TEATRO comparando os “personagens” da trama com animais. Imediatamente, no trecho “[...] porque são ao mesmo tempo animais de pluma, couro e escama [...]” o autor caracteriza esses personagens trazendo agora ao texto a ideia de fábula, na qual os personagens são geralmente animais que possuem características humanas, nesse sentido temos outra metáfora do TEATRO.

Posteriormente, no mesmo inciso nos deparamos com o vocábulo “[...] maracutaia [...]” que nos traz uma metáfora da ARTIMANHA, no sentido que nos remete a uma manobra ilegal e prejudicial para uma pessoa ou várias, com fins positivos para uma pessoa ou para um determinado grupo de pessoas. Logo depois, encontramos a expressão “[...] república bananeira [...]”, que traz consigo um sentido pejorativo para um país, politicamente instável. Nesse sentido acredita-se que essa expressão foi utilizada para agregar ainda mais à metáfora anterior, trazendo consigo uma ideia insultuosa e depreciativa.

Na sequência, o termo “[...] facínora [...]” traz uma metáfora de GUERRA, pois remete seu significado a quem comete crimes de maneira perversa, pode-se dizer que um ditador era um verdadeiro facínora. Logo após, em “[...] resultado da trama [...]” encontramos uma metáfora do TEATRO trazendo novamente a ideia de desfecho narrativo. Posteriori, no excerto “[...] e colher seu quinhão [...]” nos deparamos com uma metáfora da ARTIMANHA, em que seu sentido traz a ideia de parte atribuída a cada pessoa na divisão de algo, de modo a se aproveitar de determinada situação. Para finalizar a análise deste parágrafo, topamos com uma metáfora do TEMPO, no recorte que segue: “[...] corre o risco de terminar antes mesmo de começar”. Nesse trecho, o tempo é exposto com proposito de trazer a ideia de um momento atmosférico que pode até mesmo não existir.

Ao iniciarmos a análise do segundo parágrafo topamos com o termo “[...] maquinação [...]”, que traz uma metáfora da GUERRA, que nos remete à um sentido de conspiração, já que o termo vem ligado a uma representação de uma trama maquiavélica. Logo após, encontramos a expressão “[...] pouco a pouco [...]”, que traz consigo uma metáfora do TEMPO no âmbito que remete uma ideia de pequenas porções, algo realizado gradualmente. Sem interrupção topamos com a expressão “[...] minuto a minuto [...]”, outra metáfora do TEMPO, que traz a mesma ideia da metáfora anterior, de algo realizado gradualmente, em um

curto período de tempo. Percebe-se que ideia de tempo foi configurada de modo repetitivo a fim de enfatizar certa indignação ao leitor com relação a esse tempo.

Logo após, no mesmo inciso encontramos os termos “[...] assombro geral [...]”, que nos remete a uma metáfora da GUERRA, lembrando da parte assustadora da guerra, que complementa as ideias já expostas anteriormente pelas mesmas categorias metafóricas de guerra. Em seguida, no recorte “[...] drama da votação [...]” retoma-se a metáfora conceitual do TEATRO, em que a votação do processo de impedimento é comparada com uma peça de teatro com a utilização da palavra “[...] drama [...]”, que originalmente vem do grego “drâma”, que significa “ação”, e é assim utilizada com relação à arte teatral. Em seguida, encontramos uma metáfora da QUANTIDADE em “[...] meridianamente claras [...]”, que traz consigo uma ideia de evidência, de obviedade, que nos mostra que tudo ficou extremamente evidente, após um pedido de destaque.

Posteriormente, no final do parágrafo nos deparamos com a expressão “[...] chicanas petistas [...]”, que traz consigo a utilização de uma metáfora da ARTIMANHA, essa metáfora conceitual procura mostrar certa dificuldade criada no curso de um processo judicial, e que no texto é ilustrada pela utilização de expressões linguísticas com base em pequenos detalhes ou num ponto irrelevante da situação em questão.

De início no terceiro parágrafo no recorte “[...] um mínimo de familiaridade [...]” temos uma metáfora da QUANTIDADE, que nos traz a ideia da quantidade de conhecimento, ou melhor, de uma quantidade bem reduzida de conhecimento com relação a Constituição Brasileira. Subsequentemente no trecho “[...] sem maiores considerações [...]” nos deparamos mais uma vez com a metáfora da QUANTIDADE, que nos remete a imaginação de porção das considerações, lembrando assim, da quantidade de considerações apresentadas no decorrer desse procedimento.

Ainda nesse inciso, no fragmento “[...] Salvo se o uso da preposição ‘com’ ganhou significado oposto ao que manda a boa gramática [...]” encontramos outra metáfora da ARTIMANHA, que busca mostrar ao leitor certa astúcia ao modo com que foi lido o artigo, pois a preposição “[...] com [...]” foi talvez interpretada de modo equivocado, ou quiçá seu sentido foi de certa maneira ignorado.

De início no quarto parágrafo encontramos na passagem “[...] O fato é que aqueles que tramaram a cavilação [...]” uma metáfora da GUERRA, principalmente com o uso do termo “[...] cavilação [...]” que traz uma ideia de trama ardilosa, remetendo a uma astúcia de guerra.

Ao final do mesmo parágrafo, em “[...] a Constituição foi reescrita no joelho [...]” temos uma metáfora da INDIFERENÇA, aquela que nos mostra que a Constituição pode ter sido reescrita de qualquer forma, que não existiria um estado melhor ou pior para a coisa, assim foi lida como lhe convinha.

No trecho de início do quinto parágrafo “Adotada a escandalosa manobra [...]” temos uma metáfora da GUERRA, no âmbito que a expressão “[...] escandalosa manobra [...]” nos remete a um juízo de estratégia militar, na tentativa de derrotar o adversário. Logo após, temos a expressão “[...] exercício de caradurismo [...]”, que nos traz a ideia de falta de pudor, desprovido de vergonha, nos remetendo assim à uma metáfora da GUERRA. Subsequentemente, no trecho “[...] dignidade à esbórnica [...]” encontramos mais uma metáfora da GUERRA, no âmbito que nos remete a uma dignidade, a uma farra que se está fazendo diante toda situação.

No mesmo período nos deparamos com o recorte “[...] apelou à piedade [...]”, que traz uma introdução as metáforas de PIEDADE. Em seguida na passagem “[...] teria de viver com uma aposentadoria de meros R\$ 5 mil [...]” a senadora refere-se a ex-presidente, fazendo um apelo à piedade dos presentes, trazendo nesse recorte uma metáfora da PIEDADE. No mesmo item, no segmento “[...] disse que ‘não podemos ser desumanos’ com Dilma [...]” vemos outra aplicabilidade da metáfora da PIEDADE, fazendo um apelo a moralidade humana. Encerrando este inciso, encontramos novamente uma metáfora da PIEDADE no trecho “[...] não poderia ser ‘nem merendeira de escola’ [...]”, que traz a opinião de apelação com a utilização de profissões menos favorecidas.

No sexto parágrafo encontramos apenas uma metáfora conceitual empregada como metáfora da ARTIMANHA no fragmento “[...] mas se presta a livrar plumas, couros e escamas de figuras graúdas do Congresso que estão enroladas na Justiça [...]”, que nos remete a uma ideia da artimanha feita nessa sessão, de certa maneira já narrada anteriormente. Esse trecho vem num sentido alegórico para dar mais caracterização aos artifícios utilizados para livrar alguns pontos dos participantes desse processo.

Na seguinte passagem do sétimo parágrafo, “[...] comprovaram que o brasileiro não tem ‘complexo de vira-latas’ por causa das vicissitudes do futebol, mas porque é reduzido a essa condição por políticos [...]”, localizamos uma metáfora conceitual da IMPOTÊNCIA, na afirmação de que os brasileiro não teriam o “[...] complexo de vira-latas [...]” devido as instabilidades do futebol, entretanto pelas condições políticas. Nesta passagem, o criador

reafirma que o “[...] complexo de vira-latas [...]” provavelmente se deve as condições da política atual.

Para finalizar a análise do sétimo parágrafo vejamos o recorte: “[...] agrupados em matilhas”. Esse trecho complementa o vocábulo “políticos”, como uma espécie de gangue de guerra, e nos remete a união de um número de pessoas que se agrupam em prol dos mesmos objetivos, assim nesse fragmento temos outra metáfora de GUERRA.

Iniciando a análise do último parágrafo deste editorial, encontramos de imediato uma metáfora da GUERRA, no trecho “[...] ameaçassem romper a coalizão [...]”, que aborda uma ameaça de quebra de aliança com o governo Temer, essa ideia de ameaça de rompimento de aliança nos remete a uma guerra interna, gerada normalmente por desacordos dos envolvidos em uma situação de disputa. Logo após, no fragmento “[...] comprometendo todo o esforço de recuperação nacional [...]” encontramos uma metáfora do FRACASSO, remetendo à dificuldade de encontrar soluções para os problemas enfrentados, em prol da recuperação nacional. Finalizando esse editorial, encerrando as ideias expostas, trazendo a noção de lamentação sobre uma situação já exposta no texto, assim encontramos uma metáfora da IMPOTÊNCIA, no seguinte trecho: “[...] expõe a inesgotável capacidade da classe política nacional de trair a confiança dos brasileiros de bem”.

Procuramos no editorial “O desfecho do impeachment” do jornal *O Estado de S.Paulo*, analisar a metáfora conceitual como à compreensão de uma ideia, ou domínio conceitual, em termos de outro, de acordo com os preceitos de Lakoff & Johnson (2002 [1980]), que nos trazem a metáfora como parte do processo do pensamento.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional que nos mostra as devidas proporções das metáforas conceituais utilizadas no editorial em questão.

Gráfico 6 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “O desfecho do impeachment” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.3.3 Resultados: “O desfecho do impeachment” – anexo 3

No âmbito da análise retórica, foram encontradas nove metáforas como figuras de escolha e uma metáfora como figura de comunhão. O que nos traz uma proporção em que 90% das metáforas como figuras retóricas aplicadas nesse editorial são metáforas como figura de escolha. Trazendo ao texto uma grande magnitude vinculada ao uso de metáfora retórica como figura de escolha, que demonstra maior aplicabilidade de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto. Já a metáfora como figura de comunhão teve a presença de 10% de participação no texto, apenas com a utilização de apenas uma metáfora dessa categoria.

Referente a análise conceitual foram encontradas dez metáforas do teatro, oito metáforas da guerra, cinco metáforas da artimanha, quatro metáforas da piedade, três metáforas da impotência, três metáforas da quantidade, três metáforas do tempo, uma metáfora do desafio, uma metáfora da indiferença e uma metáfora da esperança. O que nos traz uma proporção em que aproximadamente 26% das metáforas conceituais aplicadas nesse

editorial são metáforas do teatro e 20% são metáforas da guerra. Em consequência, outra proporção foi a proporção de 13% dos usos das metáforas como metáforas da artimanha e 10% como metáforas da piedade. Acredita-se que esse editorial procurou estabelecer uma relação analógica ao interagir em grande proporção as metáforas do teatro e da guerra. Nessa magnitude, acredita-se que no âmbito da análise conceitual todas as metáforas encontradas resumem-se num grande movimento Retórico saliente que é utilizar o texto para ressaltar o teatro dentro da dimensão da guerra. Assim, todas as diferentes metáforas aplicadas nesse editorial, são raízes para fortalecer o movimento da Retórica do teatro e da guerra.

5.3.4 “Dá para olhar para a frente?” – anexo 4

Jornal – *O Estado de S.Paulo*

Dá para olhar para a frente?

01 Setembro 2016 | 03h14

O impeachment de Dilma Rousseff, mais do que encerrar um período sombrio da história política do País, deveria marcar o início de um tempo de esperança na definição e construção dos caminhos que poderiam levar o Brasil à pacificação política necessária à construção de seu futuro. Essas esperanças, no entanto, podem ter sido frustradas pela maracutaia que senadores, presididos pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ricardo Lewandowski, engendraram para livrar levas de políticos objetos de investigações policiais e processos criminais da perda de direitos políticos que acompanha a condenação, seja ela por algum juízo, seja pelo Congresso Nacional.

Na hora da união, criou-se a cizânia. O presidente Michel Temer, agora efetivado no Palácio do Planalto, poderá não ter condições, diante do quadro de descalabro político e moral criado na quarta-feira – mas certamente concebido e amadurecido há tempos –, de inspirar uma aliança de partidos comprometidos com o interesse público, e não com a indecente maracutaia que impuseram às pessoas de bem deste país. E, sem essa aliança, não se vencerá sequer a primeira etapa do esforço de recuperação nacional. Ou seja, a discussão e adoção de medidas, muitas delas duras e impopulares, mas todas absolutamente indispensáveis ao saneamento das finanças públicas e que são pré-requisito para a retomada do crescimento.

Pode-se estar perdendo o momento de deixar para trás um passado ignóbil e de projetar para o Brasil um futuro generoso e próspero pelo qual anseiam os brasileiros submetidos a tantos anos de incompetência e corrupção. Certos políticos não podem trair a responsabilidade que assumiram quando buscaram seus mandatos representativos, de repartir com a sociedade, em posição de liderança, a condução dos negócios nacionais.

O presidente Michel Temer cumpriu parte do que lhe competia, até o momento. Deu as garantias possíveis de que não cultivava pretensões eleitorais, o que deveria acalmar aliados. Demonstra agora a coragem política necessária para enfrentar questões delicadas, complexas e, sobretudo, impopulares, como a reforma da Previdência. Essa, como outras reformas de caráter reestruturante, tende a exigir a revisão de direitos sociais, para adequá-los à realidade fiscal. Nesse processo, são poucos os interesses políticos consagrados que escapam ilesos.

Essa questão influi, necessariamente, no comportamento da base parlamentar do governo e na aprovação pelo Congresso das medidas econômicas que a gravidade da crise impõe. Depois de uma malograda experiência populista, será necessário que Michel Temer tenha efetivamente a coragem de usar o poder de que agora dispõe por inteiro para convencer o Parlamento a aprovar projetos de reconhecido interesse nacional.

Também indissociável desse quadro é a necessidade de manter o combate à corrupção simbolizado pela Operação Lava Jato. No círculo governamental mais próximo de Temer se encontram políticos que são objeto de investigação e o presidente já foi obrigado a afastar alguns deles, por compreensível precaução política e respeito à imagem pública de sua equipe. A maracutaia da manutenção dos direitos políticos de Dilma Rousseff abre precedentes perigosos. A partir de agora, mais do que nunca, Temer terá de ser extremamente rigoroso no sentido de garantir à Lava Jato a liberdade e o apoio que, de resto, ela própria já conquistou junto à opinião pública.

Terá, também, de rever parte de sua equipe de governo, sobretudo para que ela tenha a indispensável união de propósitos e de ação e para que a participação na administração federal de certas figuras não pareça à opinião pública como um aval a hábitos que a população abomina.

Michel Temer tem legitimidade constitucional para liderar o esforço de recuperação nacional. Seu grande desafio será mostrar-se à altura dessa responsabilidade e assim conquistar o apoio popular que ainda não tem. O Brasil precisa muito disso.

5.3.4.1 Análise retórica

O quarto editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “Dá pra olhar para a frente?” publicado no dia primeiro de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 4.

A primeira metáfora retórica desse editorial foi localizada no primeiro parágrafo no trecho “[...] encerrar um período sombrio [...]”, em que o autor utiliza-se de um artifício linguístico, a fim de promover uma transposição de significação de um vocábulo para o outro, por meio da comparação de um período nebuloso e sombrio. Nesse sentido, a primeira metáfora retórica localizada nesse editorial é uma metáfora como figura de ESCOLHA.

No segundo parágrafo pudemos detectar uma metáfora retórica como figura de COMUNHÃO no trecho “[...] a indecente maracutaia que impuseram às pessoas de bem deste país [...]”, que dispõem algo em comum entre o orador e o auditório, em que as pessoas de bem deste país vão se identificar. Nesse sentido, essa figura de comunhão possui uma participação efetiva e ativa com o leitor no decorrer da exposição do texto.

Diretamente para o final do quarto parágrafo encontramos a última metáfora retórica desse editorial aplicada no seguinte fragmento: “[...] são poucos os interesses políticos consagrados que escapam ilesos”. Nesse trecho pudemos perceber uma metáfora como figura de ESCOLHA, no âmbito que traz os vocábulos “[...] escapam ilesos [...]” referindo-se aos interesses políticos consagrados que escapam ilesos das reformas, assim esse recorte traz as utilizações expressivas dos vocábulos linguísticos adequados, a fim de ser interpretada pelo auditório através de seu efeito de sentido.

A utilização do metafórico retórico é um processo realizado pelo editorialista, em que nos como analistas buscamos nesta análise ir do explícito para o implícito, a fim de entrar na questão do ornamento metafórico retórico e argumentativo, inúmeras vezes imperceptível à determinados leitores.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, abreviamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Dá para olhar para frente?”.

Gráfico 7 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Dá para olhar para a frente?” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.4.2 Análise conceitual

O próprio título do editorial, “Dá para olhar para a frente?”, nos traz uma pergunta, um questionamento que nos faz pensar sobre a ideia de esperança, num momento difícil ou uma situação complicada que estamos vivendo. Nesse sentido, encontramos a primeira metáfora conceitual desse editorial, a metáfora da ESPERANÇA, que está implícita no título remetendo a uma reflexão sobre a possibilidade de ver algo melhor adiante.

De início no primeiro parágrafo, no trecho “[...] encerrar um período sombrio da história [...]” achamos uma metáfora de GUERRA, nesse fragmento percebemos uma retomada das ideias de guerra com a aplicação do vocábulo “[...] sombrio [...]”, mas enfatizando o encerramento desse período. Logo após, encontramos um reforço da noção anterior, mostrando explicitamente uma metáfora da ESPERANÇA, localizada em “[...] tempo de esperança [...]”, em que o autor afirma que o fim desse período sombrio deveria marcar um tempo novo de esperança. Além disso, o editorialista complementa suas idealizações com “[...] construção dos caminhos [...]” uma metáfora do DESAFIO futuro, em uma suposição de que poderia levar o Brasil “[...] à pacificação política [...]”, novamente no trecho temos outra metáfora do DESAFIO, que nos mostra outra ideia metafórica de superação para a nação. Sequentemente, no extrato “[...] construção de seu futuro [...]”

localizamos uma metáfora conceitual da ESPERANÇA, com um sentimento de possível crescimento e esperança daquilo que se deseja com relação ao futuro do Brasil.

Ainda no mesmo inciso, topamos com o excerto “[...] pela maracutaia [...]” uma metáfora retórica da ARTIMANHA, que é trazida ao texto como atos ardilosos, enganosos, de má-fé, com o intuito de lesar outrem. Logo após, pudemos detectar outra metáfora da ARTIMANHA na passagem: “[...] engendraram para livrar levas de políticos objetos de investigações policiais e processos criminais da perda de direitos políticos que acompanha a condenação [...]”. Esse fragmento exemplifica a metáfora anterior mostrando os atos ardilosos que foram utilizado nesse processo.

De imediato no segundo parágrafo encontramos novamente a metáfora da ARTIMANHA no fragmento “Na hora da união, criou-se a cizânia [...]”. Percebemos que esta metáfora é utilizada nesse trecho, principalmente, pela aplicação do vocábulo “[...] criou-se [...]”, que procura mostrar um ato ardiloso criado a fim de desarmonizar determinada situação. Em seguida, no trecho “[...] quadro de descabro político e moral [...]” observamos uma metáfora da GUERRA, no sentido que cria sobre a falta geral de organização política, com desordem generalizada causada comparativamente com um caos de “guerra”.

Continuando a análise no mesmo parágrafo, com o trecho “[...] inspirar uma aliança de partidos [...]” encontramos uma metáfora da DESAFIO, em que o termo “[...] mudanças [...]” traz a concepção de novas transformações, vindas de estímulos de novos desafios. Logo após, em “[...] comprometidos com o interesse público [...]” topamos com uma metáfora da ESPERANÇA, que traz certo idealismo político, baseado em comprometimento por parte dos políticos, que pode assim, nos dá certa esperança e positividade. Posteriormente, no fragmento “[...] indecente maracutaia que impuseram às pessoas de bem deste país [...]” encontramos uma metáfora da GUERRA, que nos relembra uma retomada dos enfrentamentos anteriores no país, que nos remete a indecente batalha enfrentada anteriormente.

No mesmo inciso, percebemos uma metáfora da DESAFIO no fragmento “[...] não se vencerá sequer a primeira etapa [...]”. Nesse trecho temos “[...] primeira etapa [...]” trazendo a concepção de novas transformações, vindas de estímulos do primeiro de novos desafios. Sequentemente em “[...] recuperação nacional [...]” localizamos outra metáfora da ESPERANÇA, que nos traz ao texto a ideia de recuperação da estabilidade do país, nos levando a esperança. Imediatamente, nos deparamos com outra metáfora da DESAFIO no

fragmento “[...] adoção de medidas [...]”, trazendo outro desafio e atitude que deve ser realizada e superada.

Vejamos a seguinte passagem do terceiro parágrafo: “[...] o momento de deixar para trás um passado ignóbil [...]”. Nesse recorte pudemos localizar uma metáfora da GUERRA, em que o termo “[...] ignóbil [...]” sugere algo desprezível e repugnante, remetendo a um passado de conflituoso. Seguidamente, encontramos uma metáfora da ESPERANÇA, no trecho “[...] projetar para o Brasil um futuro generoso e próspero [...]”, que traz ao editorial um sentimento de confiança em coisas boas para o país. Logo após, em “[...] submetidos a tantos anos de incompetência e corrupção [...]” temos uma metáfora da IMPOTÊNCIA que é utilizada, a fim de ressaltar a impotência dos brasileiros diante de tantos anos nessas condições.

Em continuidade no mesmo inciso, encontramos uma metáfora da GUERRA no excerto “[...] trair a responsabilidade [...]” que traz uma ideia de traição, como um crime cometido pelos políticos que, perfidamente, pratica ato que atenta contra a pátria ou a estabilidade dela. Após isso, no recorte “[...] em posição de liderança [...]” temos novamente uma metáfora da GUERRA trazida através do vocábulo “[...] liderança [...]”, que nos remete a noção de líderes de guerra.

No quarto parágrafo, pudemos detectar uma metáfora da ESPERANÇA, no fragmento “[...] Deu as garantias possíveis [...]” em que o autor alimenta a esperança do leitor, lançando uma ideia de futuro com o uso dos vocábulos “[...] garantias possíveis [...]”. Mais adiante, em “[...] necessária para enfrentar questões delicadas, complexas [...]” constatamos uma metáfora da DESAFIO, trazendo o desafio que deverá ser enfrentado pelo novo líder político, desafios esses que podem ser referentes aos assuntos delicados ou complexos. Nessa mesma direção, localizamos outra metáfora da DESAFIO, no fragmento seguinte: “[...] reformas de caráter reestruturante [...]”, que aborda novamente a noção de desafio, no âmbito que traz outro ponto que deve ser superado.

Um pouco depois no mesmo inciso, no trecho “[...] são poucos os interesses políticos consagrados que escapam ilesos [...]” notamos uma metáfora da IMPOTÊNCIA, que nos traz quase que uma lamentação sobre um fator, que pode ser considerado como uma afirmação lamentosa.

Mais adiante, no quinto parágrafo, encontramos uma metáfora da DESAFIO, no fragmento “[...] na aprovação pelo Congresso das medidas econômicas que a gravidade da

crise impõe [...]” encontramos a ideia do desafio que deve ser superado. Logo após, verificamos uma metáfora da IMPOTÊNCIA em “[...] malograda experiência populista [...]”, que traz o sentido de falta de êxito, na medida que houve fracasso e foi uma experiência malsucedida. Em seguida, pudemos detectar mais uma metáfora do DESAFIO, no excerto “[...] coragem de usar o poder [...]”, que traz um desafio que trata sobre a coragem da utilização do poder. Nessa mesma direção, a aplicação do vocábulo “[...] convencer [...]”, escrito em seguida, nos traz outra metáfora da DESAFIO, que complementa a metáfora anterior, no âmbito que mostra outro desafio que deve ser superado.

A respeito do sexto parágrafo, no recorte “[...] manter o combate à corrupção [...]” temos uma metáfora da DESAFIO, gerando outro desafio que deve ser vencido. Posteriormente, em “[...] objeto de investigação [...]” vemos uma metáfora da GUERRA, que traz ao texto o conceito investigativo, presente desde os tempos de batalhas militares e perduram como analogia aos tempos modernos. Mais adiante, no trecho “[...] A maracutaia da manutenção [...]” verificamos uma metáfora da ARTIMANHA, que é trazida ao texto como certos atos ardilosos, enganosos, feitos na manutenção dos direitos políticos. Ao encerrar o sexto parágrafo, o autor nos remete a outra metáfora da GUERRA, em “[...] precedentes perigosos [...]”, que traz a ideia de perigo antecipado, já preparatório de uma possível batalha da supremacia.

Caminhando para o final do editorial no sétimo parágrafo encontramos o trecho “[...] indispensável união de propósitos e de ação [...]”, no qual nos traz uma metáfora do DESAFIO, conduzindo a uma ideia de um desafio que deve ser superado. Nessa mesma direção detectamos outra metáfora do DESAFIO, na passagem que encerra essa subdivisão “[...] não pareça à opinião pública como um aval a hábitos que a população abomina”, que aborda outro desafio lançado e que deve ser superado nesse processo.

No parágrafo que encerra esse editorial, encontramos de início uma metáfora da ESPERANÇA no trecho “[...] o esforço de recuperação nacional [...]”, que nos faz acreditar que há um futuro melhor que está por vir. Logo após, na passagem “[...] Seu grande desafio será mostrar-se à altura dessa responsabilidade [...]” verificamos uma metáfora da DESAFIO, que dentre os vocábulos da frase há “[...] desafio [...]” que procura reafirmar a ideia de todo editorial, de um grande desafio que deve ser vencido. Nessa mesma linha, detectamos mais uma metáfora da DESAFIO no excerto “[...] o apoio popular que ainda não tem [...]”, novamente somos levados a enxergar outro desafio, neste caso, o desafio que o presidente Temer deve superar em seu governo. Para finalizar o editorial o autor traz uma afirmação

final: “[...] O Brasil precisa muito disso”. Essa afirmativa contempla uma metáfora da ESPERANÇA, que fecha as ideias do texto com a imagem de que o Brasil precisa que o presidente supere esses desafios, para crescer.

A ideia de superação dos desafios, em prol da esperança do povo é reforçada no final do texto, dado ênfase principalmente, pela aplicação das metáforas conceituais analisadas nesse editorial do jornal *O Estado de S.Paulo*.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 8 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Dá para olhar para a frente?” do jornal *O Estado de S.Paulo*.

5.3.4.3 Resultados: “Dá para olhar para a frente?” – anexo 4

No âmbito da análise retórica, foram encontradas duas metáforas como figuras de escolha e uma metáfora como figuras de comunhão. O que nos traz uma proporção, em que 67% das metáforas como figuras retóricas aplicadas nesse editorial são metáforas como figura de escolha. Já a metáfora como figura de comunhão teve a presença de 33% de participação no texto, apenas com a utilização de uma metáfora dessa categoria.

Referente a análise conceitual foram encontradas quinze metáforas do desafio, nove metáforas da esperança, oito metáforas da guerra, quatro metáforas da artimanha e três metáforas da impotência. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 38% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas do desafio. Além dessa proporção, destacamos a aplicabilidade de 23% das metáforas da esperança e 21% das metáforas da guerra. Acredita-se que todas as metáforas encontradas e que estão no sentido conceitual e resumem-se num grande movimento Retórico, com o uso principalmente das metáforas do DESAFIO.

5.3.5 “A baderna como legado?” – anexo 5

Jornal – *O Estado de S.Paulo*

A baderna como legado?

02 Setembro 2016 | 03h07

Se “a mais firme, incansável e enérgica oposição que um governo golpista pode sofrer” – como prometeu em seu discurso de despedida a ex-presidente Dilma Rousseff – inclui insuflar irresponsavelmente a escalada da violência nas ruas, como tem acontecido em São Paulo e outras capitais do País, a própria banida e as chamadas “forças progressistas” que se alinharam contra o impeachment terão de assumir que a barbárie é um meio plenamente justificado para defender “os interesses populares”. Esse, na verdade, é o argumento daqueles que pregam a adoção de regimes de força ou o emprego de meios do terror para dobrar a sociedade a seus desejos – ou “sonhos”, como gostam de dizer.

O que está acontecendo nas ruas – mas também em repartições públicas e universidades – é extremamente preocupante. Em primeiro lugar, porque pode ser o prenúncio de uma grave ruptura política e social cuja simples possibilidade é preciso exorcizar. Em segundo lugar, porque ocorre no momento em que a pacificação nacional é indispensável para que toda a energia do governo e da sociedade se concentre no enorme desafio da reconstrução nacional.

A ex-presidente já se havia dedicado, com sua incompetência, arrogância e sectarismo, a levar o País à beira do abismo. Alardeando sua condição de “mulher honesta”, ela se beneficiou sem hesitação do ambiente de corrupção generalizada que sempre esteve ao seu redor tanto para se reeleger como, no primeiro mandato, para manter uma base parlamentar que coonestou todas as barbaridades da “nova matriz econômica”. Agora, ela própria dá um passo adiante, incitando os brasileiros à divisão, por todos os meios. Despenca no abismo que ela própria abriu a seus pés, mas quer ser seguida pela Nação.

Dilma Rousseff é, finalmente, carta fora do baralho, apesar da trama, urdida por Renan Calheiros com apoio dos petistas e a benevolência de Ricardo Lewandowski, para lhe garantir a manutenção dos direitos políticos. Ela muito dificilmente conseguirá ter voz ativa em qualquer articulação política de oposição ao governo. Mas os insensatos frequentemente sofrem a tentação do abismo e, infelizmente, não perdem a capacidade de convencimento e arregimentação de quem pensa – ou pensa que pensa – como eles. O discurso de despedida da ex-presidente, por exemplo, é um claro estímulo à extrapolação dos limites legais para as manifestações de protesto contra o governo.

Cabe às autoridades constituídas reprimir a baderna e impedir que a desordem se torne rotina. É preciso saber distinguir o legítimo e democrático direito a manifestação no espaço público da baderna que atenta contra o direito da população de viver seu cotidiano em paz. No primeiro caso, o poder público tem o dever de oferecer aos cidadãos a garantia de se manifestar pacificamente. No segundo, tem a obrigação de impedir a ameaça potencial ou a ação daqueles que infringem a lei. A baderna nas ruas, longe de ser uma forma legítima e democrática de manifestação popular, é um grave atentado ao direito fundamental que os cidadãos, o povo, têm de viver em paz.

Agrava a configuração criminosa das manifestações de crescente violência nas ruas o fato de que, como se tem visto em São Paulo, os confrontos com a polícia são deliberadamente provocados pelos próprios baderneiros, que têm sistematicamente descumprido os acordos previamente estabelecidos com a polícia a respeito de percursos a serem cumpridos, exigência óbvia de qualquer esquema de segurança pública.

O que se viu na quarta-feira nas ruas de São Paulo e ontem em pleno recinto do Senado Federal – onde baderneiros interromperam os trabalhos de uma comissão presidida pelo senador Cristovam Buarque – são exemplos de que os movimentos “populares” estão a

transgredir de forma abusiva os limites estabelecidos pela lei. Pois não há “direito” que justifique a violência nas ruas ou a ela sobreviva.

Se as autoridades responsáveis – de modo especial o governador paulista, sempre hesitante nesse assunto – não tiverem a coragem de adotar medidas duras, mas necessárias para impedi-la, essa escalada da violência alimentada pelo ressentimento e pelo revanchismo colocará em risco, real e imediato, as liberdades fundamentais dos cidadãos.

5.3.5.1 Análise retórica

O quinto editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “A baderna como legado” publicado dia dois de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 5.

A primeira metáfora retórica encontrada nesse editorial, foi encontrada no fragmento “[...] a levar o País à beira do abismo [...]”, em que localizamos uma metáfora como figura de ESCOLHA para dar ênfase ao contexto situacional, do impeachment o editorialista utiliza-se de elementos em seu sentido figurado já que não é possível que o país despenque do abismo. Além disso, traz à lembrança do leitor o despenhadeiro que foi levado o país, em meio a essas situações de conflito.

No quarto parágrafo, pudemos detectar outra metáfora como figura de ESCOLHA na expressão “[...] carta fora do baralho [...]”, em que em um jogo de baralho, uma carta que aparecer fora do contexto do jogo não pode ser considerada válida. Assim, essa expressão é aplicada no sentido conotativo referindo-se a ideia em que quando alguma pessoa é carta fora do baralho, significa que ela ou as suas opiniões não são mais válidas, ou ainda, não faz em mais diferença nesse jogo político.

De início no quinto parágrafo localizamos mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, situada no recorte “[...] reprimir a baderna [...]” percebemos que esses vocábulos são escolhidos para mostrar essa expressividade linguística no sentido de se domar a baderna no âmbito de conter a situação de desordem no país.

Passamos diretamente para o oitavo e último parágrafo, no qual encontramos a última metáfora retórica desse editorial, localizada no fragmento “[...] escalada da violência

alimentada pelo ressentimento e pelo revanchismo [...]”, em que pudemos detectar novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, que nos traz a ideia de figurada de escalar a violência, como se a violência fosse verdadeiramente alimentada, ambas escolhidas para dar ênfase a expressividade linguística e metafórica do texto.

Nessa analogia do metafórico com o literal, procuramos nesta análise ir do explícito para o implícito, a fim de entrar na questão do ornamento metafórico, através de suas aplicabilidades usuais e por seu poder argumentativo, muitas vezes imperceptível aos olhos dos diferentes leitores.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “A baderna como legado?”.

Gráfico 9 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A baderna como legado?” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.5.2 Análise conceitual

O título do editorial “A baderna como legado” nos faz pensar sobre a ideia de uma desordem transmitida como legado, em que essa espécie de desordem é praticamente transmita a outro governo, como uma espécie de herança. Nesse sentido, encontramos a primeira metáfora conceitual desse editorial, a metáfora da GUERRA, que está implícita no

título remetendo a uma ideia de consequências de combate, pois não há possibilidade de se conviver e se sentir bem diante de uma baderna política.

Iniciamos a análise desse editorial, com a sequência de vocábulos “[...] escalada da violência [...]”, que traz ao texto uma ideia de ato de força física, que nos remete diretamente à metáfora da GUERRA. Nessa mesma direção, no decorrer da leitura, topamos com o termo “[...] barbárie [...]”, que traz consigo outra metáfora da GUERRA, no âmbito daquilo que é de certa forma selvagem. Mais adiante, pudemos detectar em “[...] regimes de força [...]” mais uma metáfora da GUERRA, trazendo mais uma vez a noção de conflito ao texto. Para finalizar esse inciso, a sequência de vocábulos “[...] meios do terror [...]” nos traz novamente com a metáfora da GUERRA, trazendo uma repetição de metáfora de guerra, a fim de reforçar ainda mais a ideia de horror, presente em uma situação de conquistas, as quais são comparadas com as passagens políticas modernas.

A respeito do segundo parágrafo, encontramos a utilização do vocábulo “[...] exorcizar [...]”, que traz ao texto a metáfora de GUERRA, em uma espécie de analogia de modo a utilizar o exorcismo para retirar, afastar, expulsar os maus políticos do poder. Posteriormente, no trecho “[...] pacificação nacional é indispensável [...]” pudemos verificar a metáfora do DESAFIO, trazendo um desafio a ser superado, ao ponto que a pacificação nacional é um desafio indispensável. No mesmo sentido, no fragmento final desse inciso “[...] enorme desafio da reconstrução nacional” encontramos outra metáfora do DESAFIO, que é revelada pelo próprio vocábulo “[...] desafio [...]” como uma espécie de salvador da nação, em que temos que acreditar que se superado a nação será reconstruída.

De início no terceiro parágrafo, no trecho “[...] levar o País à beira do abismo [...]” notamos uma metáfora da GUERRA, que traz à lembrança do leitor sobre o abismo que foi levado o país, em meio a essas situações de conflito. No mesmo âmbito, encontramos no recorte “[...] ambiente de corrupção generalizada [...]” mais uma vez a metáfora da GUERRA, novamente remetendo ao ambiente em que o país foi colocado, em meia de tanta corrupção.

Pudemos detectar, mais adiante, uma metáfora da ARTIMANHA, no fragmento “[...] coonestou todas as barbaridades [...]”, esse trecho apresenta certa continuidade ao texto, mostrando de certa maneira uma espécie de máscara da honestidade, à uma situação de barbaridades ocorridas em um ambiente de guerra. Para encerrar a análise deste parágrafo, no recorte “[...] Despenca no abismo [...]” encontramos uma metáfora da GUERRA, referindo-se à perca do mandato da ex-presidente Dilma Rousseff, em comparação a uma queda de um abismo suicida.

No terceiro parágrafo, encontramos a expressão “[...] carta fora do baralho [...]”, que revela a ideia de que a opinião da pessoa em questão já não é mais válida, nesse sentido temos uma metáfora do FRACASSO, trazendo a ideia de fracasso em que ficou a ex-presidente. Seguidamente, no uso do vocábulo “[...] trama [...]” encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, que traz a ideia de um ato ardiloso, para garantir a manutenção dos direitos políticos de Dilma Rousseff. Posteriormente, no trecho “[...] dificilmente conseguirá ter voz ativa [...]” pudemos detectar outra uma metáfora conceitual do FRACASSO, que repetidamente conduz a ideia de fracasso em que ficou a ex-presidente, sem ter voz ativa.

Mais à frente, a aplicabilidade do vocábulo “[...] insensatos [...]” nos leva à uma metáfora conceitual da SAÚDE, que dá impressão de que tem um país doente, com pessoas insensatas, doentes que precisam ser curadas. Logo após, no recorte “[...] sofrem a tentação do abismo [...]” temos uma metáfora conceitual da GUERRA, numa retomada das ideias referentes à guerra, numa espécie de carência de controle da situação. Posteriori, o vocábulo “[...] arregimentação [...]” traz uma metáfora da ARTIMANHA, numa ideia de conspiração, alistando, ou melhor, reunindo algumas pessoas com pensamento similar por convencimento ou por afinidade.

De início no quinto parágrafo, em “[...] reprimir a baderna [...]” temos uma metáfora conceitual do DESAFIO, que dá ideia do desafio de reprimir a baderna encontrado no pós-guerra, no âmbito de conter a situação de desordem no país. Seguidamente, encontramos outra metáfora do DESAFIO, referente ao pós-guerra, no trecho “[...] impedir que a desordem se torne rotina [...]”, que traz ao texto outro cuidado que deverá ser superado pelas autoridades, para impedir que a desordem se torne rotina.

Mais adiante, no fragmento “[...] É preciso saber distinguir o legítimo e democrático direito a manifestação no espaço público da baderna que atenta contra o direito da população [...]” encontramos outra metáfora conceitual do DESAFIO, com outro desafio que deve ser superado. Em continuidade ao período exposto no trecho “[...] de viver seu cotidiano em paz [...]” encontramos uma metáfora conceitual da SAÚDE, que traz o conceito de que se esse desafio anterior não for superado, a população irá ter sua saúde afetada, pois não conseguirá viver seu cotidiano em paz.

No mesmo inciso, no trecho “[...] oferecer aos cidadãos a garantia de se manifestar pacificamente [...]” encontramos uma metáfora da DESAFIO, também relacionada ao pós-guerra, sendo esse outro obstáculo que deverá ser superado, oferecendo aos cidadãos a garantia de se manifestar pacificamente. Logo após, o mesmo ocorre na próxima metáfora do

DESAFIO, no seguinte fragmento: “[...] impedir a ameaça potencial ou a ação daqueles que infringem a lei [...]”. Nesse trecho, verificamos uma metáfora que novamente retoma os desafios da pós-guerra, que devem ser vencido em busca da melhora do país.

Para finalizar esse parágrafo, analisemos seu último fragmento “[...] A baderna nas ruas ... é um grave atentado ao direito fundamental que os cidadãos, o povo, têm de viver em paz. [...]”. Esse recorte nos revela uma metáfora da SAÚDE, ligada novamente ao pós-guerra, o autor novamente reforça que a população irá ter sua saúde afetada, pois não conseguirá viver em paz.

A respeito do sexto parágrafo, de início nos deparamos com uma metáfora da GUERRA, encontrada no recorte “[...] crescente violência nas ruas [...]” que nos traz as consequências da guerra política no país. Na mesma direção, pudemos detectar outra metáfora da GUERRA, deparada no fragmento “[...] os confrontos com a polícia são deliberadamente provocados pelos próprios baderneiros [...]” mais uma vez trazendo uma ideia de pós-guerra, o autor procura nesse período mostrar o caos em que ficou o país.

O editorialista finaliza esse parágrafo com uma ideia de cumprimento da lei, vejamos: “[...] têm sistematicamente descumprido os acordos previamente estabelecidos com a polícia a respeito de percursos a serem cumpridos [...]”. Esse trecho, nos traz uma metáfora da JUSTIÇA, que tem consigo a ideia de justiça, ligada principalmente ao âmbito do cumprimento da lei.

No sétimo parágrafo, no trecho “[...] baderneiros interromperam os trabalhos [...]” detectamos uma metáfora da GUERRA, outro exemplo das situações de desordem no país, que podem ser comparados a situações de conflitos. Nessa mesma direção, em “[...] transgredir de forma abusiva [...]” pudemos detectar outra uma metáfora da GUERRA, que traz a ideia de passar dos limites possíveis. Seguidamente, completando a metáfora anterior, encontramos uma metáfora da JUSTIÇA no trecho “[...] os limites estabelecidos pela lei [...]”, o qual verificamos que esse recorte, traz um complemento a metáfora anterior, reforçando a ideia de que os atos de guerra não estão respeitando as leis do país.

Chegamos ao último parágrafo, nele localizamos o trecho “[...] Se as autoridades ... não tiverem a coragem de adotar medidas duras [...]”, que traz uma metáfora do DESAFIO, principalmente apontada por “[...] medidas duras [...]”, as quais devem ser tomadas para prevenção do aumento da violência, a qual o autor descreve adiante. Ao concluir esse editorial, o editorialista afirma: “[...] colocará em risco, real e imediato, as liberdades

fundamentais dos cidadãos”. Nesse andamento final temos uma metáfora da JUSTIÇA, que nos traz as medidas que devem ser tomadas nessa pós-guerra política, para assim, preservar as liberdades fundamentais dos cidadãos.

Nesta análise conceitual procuramos encontrar as metáfora conceituais no editorial “Sessão para a história” do jornal *Gaúcha Zero Hora*. Para atingir essa análise conceptual focamos na análise dos termos e expressos de acordo com as orientações prescritas por Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 10 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A baderna como legado?” do jornal *O Estado de S. Paulo*.

5.3.5.3 Resultados: “A baderna como legado” – anexo 5

No âmbito da análise retórica foram encontradas quatro metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção, em que 100% das metáforas como figuras retóricas aplicadas nesse editorial são metáforas como figura de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas quatorze metáforas da guerra, oito metáforas do desafio, três metáforas da artimanha, três metáforas da justiça, três metáforas da

saúde e duas metáforas do fracasso. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 43% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da guerra. Além dessa proporção, destacamos a aplicabilidade de 24% de metáforas do desafio. A partir da análise conceitual observamos que esse editorial pretende mover o auditório por meio de uma argumentação que conduz a Retórica da Guerra, com o uso principalmente das metáforas da guerra e do desafio, que são aplicadas para ressaltar a crença de que há possibilidade da retomada do crescimento do país, a partir dos ensinamentos proporcionados pela guerra, em superação dos desafios que estão surgindo. Assim esse editorial sempre retoma a ideia de “guerra” política, referente ao fato histórico anterior, na busca de superação dos desafios. Nesse sentido, acredita-se que esse editorial, também, tem o objetivo de relembrar um passado para que agora, os desafios sejam superados.

5.3.6 “Pedaladas em questão” – anexo 6

Jornal – *Folha de S.Paulo*

Pedaladas em questão

28/08/2016 02h00

A presidente afastada, Dilma Rousseff (PT), conhecerá seu destino político nos próximos dias. A julgar pelo clima no Congresso, mais de 70% dos senadores votarão por seu impeachment pela violação de normas que disciplinam o uso dos recursos públicos.

Após longo período de debates na Câmara e no Senado, as acusações são mais que conhecidas. Afirma-se que a administração de Dilma, ao praticar as agora notórias pedaladas fiscais em volumes inéditos, tomou empréstimos de bancos públicos –iniciativa proibida pela Constituição e pela lei dos crimes de responsabilidade.

Além disso, sustenta-se que Dilma autorizou seu governo a incorrer em despesas extras (a chamada abertura de crédito suplementar) sem antes obter o aval legalmente necessário do Congresso.

De um ponto de vista factual, não restam dúvidas sobre o acertado das imputações. A partir de 2014, quando a economia brasileira começou a ruir, a gestão petista efetivamente lançou mão de gambiarras para esconder o estado calamitoso de suas finanças. Decerto esperava, com isso, aumentar as chances de reeleição de Dilma.

Da perspectiva do impeachment, contudo, a situação é menos pacífica. Como esta **Folha** sempre afirmou, a deposição constitucional de um presidente da República não pode ser considerada questão corriqueira. Está em jogo, afinal, o cargo mais elevado do sistema democrático brasileiro.

A abreviação do mandato presidencial, por contrariar o desejo expresso pelos eleitores, deveria ocorrer somente em circunstâncias excepcionais, quando o detentor houvesse perdido todas as condições de seguir governando e estivesse comprovado de maneira cabal o envolvimento direto do chefe do Executivo nas irregularidades.

A defesa de Dilma alega que as decisões sobre pedaladas e créditos suplementares foram tomadas por técnicos, e não pela petista, e que tais expedientes já eram usuais na administração pública. Se a atribuição de crime de responsabilidade a ela tem algo de questionável, sobressai o descompasso entre a conduta que se pretende punir e a sanção extrema que será imposta.

Ainda assim, 367 dos 513 deputados votaram pelo impeachment; calcula-se que em torno de 60 senadores farão o mesmo. Supera-se com folga o mínimo de dois terços exigido na Constituição, requisito alto o suficiente para garantir que só presidentes já incapazes de governar se arriscam a perder o cargo.

Dilma Rousseff está prestes a perder o seu. Após extenso processo supervisionado pelo Supremo Tribunal Federal, o Senado definirá o destino da petista —e não haverá motivo para recusar o veredicto.

5.3.6.1 Análise retórica

O sexto editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “Pedaladas em questão” publicado dia vinte oito de agosto de dois mil e

dezesseis, pelo jornal *Folha de S.Paulo*, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 6.

A primeira metáfora retórica encontrada nesse editorial, logo no título “Pedaladas em questão”, vem como uma metáfora como figura de ESCOLHA, que traz a expressividade da junção dos vocábulos “[...] pedaladas [...]” e “[...] questão [...]”, para trazer a ideia de um termo que se refere a operações orçamentárias desempenhadas pelo Tesouro Nacional, não previstas na legislação, que consistem em retardar o repasse de verba a bancos públicos e privados com a intenção de aliviar a situação fiscal do governo em determinado momento.

No segundo parágrafo, no trecho “[...] tomou empréstimos de bancos públicos [...]” encontramos outra metáfora como figura de ESCOLHA, em que a expressão “[...] tomou empréstimos [...]” reforça a ideia figurada trazida pelo verbo em questão no sentido de adquirir e pegar.

Já no quarto parágrafo, pudemos achar mais uma vez uma metáfora como figura de ESCOLHA, localizada no trecho “[...] acertado das imputações [...]” traz a ideia figurada de uma consciência do ato praticado e da obrigação de responder por ele, no âmbito da responsabilidade. Um pouco mais adiante, no trecho “[...] lançou mão de gambiarras [...]” novamente encontramos uma metáfora como figura de ESCOLHA, em que o editorialista faz uma escolha metafórica para aplicação desses vocábulos linguísticos no texto, a fim de reforçar sua expressividade, a partir do uso do verbo “[...] lançou [...]” no sentido de se utilizou de gambiarras para esconder o estado das finanças do governo.

No quinto parágrafo, encontramos novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, no trecho “[...] considerada questão corriqueira [...]”, quando se diz que determinada questão é corriqueira, significa que está dentro do que é estimado normal, ou seja, não é excepcional ou especial, mas sim bastante vulgar e desgracioso. Logo após, pudemos localizar uma metáfora usual, no trecho “[...] Está em jogo [...]” que cumpre a função descrita por Perelman & Tyteca (2005 [1958]) como uma metáfora adormecida, pois torna-se tão usual, que não é mais considerada metáfora pura.

Já no sétimo parágrafo, pudemos detectar outra metáfora retórica como figura de ESCOLHA, encontrada no fragmento “[...] pedaladas e créditos suplementares foram tomadas por técnicos [...]”, em que a locução verbal “[...] foram tomadas [...]” mais uma vez é aplicada

em um sentido conotativo e traz uma ideia de realizados, feitos, a fim de dar mais expressividade linguística ao texto.

No oitavo parágrafo pudemos localizar uma metáfora usual, no recorte “[...] Supera-se com folga [...]”, que cumpre o emprego descrito por Perelman & Tyteca (2005 [1958]) como uma metáfora adormecida, tornando-se tão usual, que não é mais considerada metáfora virgem.

Finalizando as metáforas desse editorial encontramos uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, localizada no último parágrafo, no trecho “[...] o Senado definirá o destino da petista [...]”, essa aplicação metafórica nos traz a ideia de uma decisão do processo de impeachment e não do destino como um todo de Dilma Rousseff, ou marca da expressividade metafórica no texto.

A aplicação do metafórico para com o literal é um processo realizado pelo editorialista, em que nos como analistas buscamos ir do explícito para o implícito, a fim de entrar na questão do ornamento metafórico retórico e argumentativo, inúmeras vezes imperceptível à determinados leitores.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Pedaladas em questão”.

Gráfico 11 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Pedaladas em questão” do jornal *Folha de S.Paulo*.

5.3.6.2 Análise conceitual

O título do editorial “Pedaladas em questão” nos remete a ideia de um sentimento de expectativa com relação ao julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Assim, como primeira metáfora conceitual encontrada nesse editorial somos apresentados a uma metáfora da EXPECTATIVA, que está implícita no título de modo que nos indica que esse editorial nos trará grandes ideias neste campo.

Pudemos detectar no primeiro parágrafo desse editorial uma segunda metáfora da EXPECTATIVA, no trecho “[...] julgar pelo clima no Congresso [...]”, que traz ao editorial uma ideia da expectativa sobre uma situação, neste caso sobre o resultado do processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Já no segundo parágrafo, nos deparamos com o fragmento “[...] as agora notórias pedaladas fiscais em volumes inéditos [...]”, que nos leva a uma metáfora da ARTIMANHA, que é trazida ao texto como qualquer ato ardiloso, enganoso, de má-fé, com o intuito de lesar alguém. Imediatamente, o texto segue com “[...] tomou empréstimos de bancos públicos [...]”, trazendo outra metáfora da ARTIMANHA, que apresenta ao texto uma das artimanhas feitas

pela ex-presidente Dilma Rousseff, a qual contribuiu para levá-la ao julgamento do processo de impeachment.

O terceiro parágrafo desse editorial inicia-se com outra metáfora da ARTIMANHA, no trecho “[...] incorrer em despesas extras [...]”, que traz novamente ao texto outra artimanha realizada pela ex-presidente Dilma Rousseff no decorrer de seu mandato. Nessa mesma direção no fragmento “[...] sem antes obter o aval legalmente necessário [...]” encontramos outra metáfora da ARTIMANHA, que mais uma vez apresenta uma artimanha realizada pela ex-presidente Dilma Rousseff enquanto estava no cargo de presidente do Brasil.

Iniciando a análise do quarto parágrafo, de bate pronto encontramos no trecho “[...] não restam dúvidas sobre o acertado das imputações [...]” uma metáfora do FRACASSO, no sentido que procura dar destaque a certo fracasso, relativo à questão de culpa da ex-presidente. Na mesma direção, encontramos outra metáfora da FRACASSO no trecho “[...] economia brasileira começou a ruir [...]”, no sentido que procura acentuar certo fracasso gerado na economia brasileira. No mesmo inciso, no fragmento “[...] lançou mão de gambiarras para esconder o estado calamitoso de suas finanças [...]” conseguimos identificar uma nova metáfora da ARTIMANHA, que apresenta outra artimanha realizada pela ex-presidente.

Em seguida, já no quinto parágrafo, no trecho “[...] situação é menos pacífica [...]” identificamos uma metáfora da GUERRA, no sentido que procura acentuar que essa situação não é pacífica, o que de certa maneira, gera um conflito situacional. Em continuidade, a expressão, “[...] Está em jogo [...]”, nos remete a outra metáfora da GUERRA, que gera uma ideia de competição, afinal, o cargo mais elevado do sistema democrático brasileiro, está em jogo.

De início no sexto parágrafo, verificamos uma metáfora da FRACASSO, no trecho “[...] contrariar o desejo expresso pelos eleitores [...]”, trazendo ao texto uma ideia de fracasso, principalmente pela frase “[...] contrair o desejo expresso [...]”, que faz menção de ir contra uma votação, em que nela, os eleitores expuseram seu desejo. Em continuidade, no fragmento “[...] quando o detentor houvesse perdido todas as condições de seguir governando [...]” encontramos outra metáfora da FRACASSO, que traz o sentido de fracasso, ao ponto que mostra que a abreviação do mandato presidencial, apenas deveria ocorrer em casos extremos, induzindo assim, a outra espécie de fracasso da ex-presidente Dilma Rousseff.

Já no sétimo parágrafo, no fragmento “[...] pedaladas e créditos suplementares foram tomadas por técnicos [...]” pudemos detectar uma metáfora da ARTIMANHIA, que é trazida ao texto como um ato ardiloso, que teoricamente não teria sido tomado pela petista, e sim por técnicos, de qualquer modo, há a metáfora por um ato enganoso tomado para ganhar vantagem em determinado assunto. Posteriormente, o autor cita “[...] conduta que se pretende punir [...]” trazendo uma metáfora da GUERRA, que retoma as ideias apresentadas anteriormente de uma péssima conduta, a qual se pretende punir, principalmente, pelos atos cometidos. Logo após nos deparamos com uma metáfora da JUSTIÇA, que trouxe ao texto uma ideia de que a justiça será feita e será imposta, numa espécie de um ato ideal de interação social, vejamos na própria frase “[...] sanção extrema que será imposta”.

No final do oitavo parágrafo, nos deparamos com o período “[...] presidentes já incapazes de governar se arriscam a perder o cargo”, que retoma novamente a metáfora da FRACASSO, a qual procura reforçar a falta de preparo da ex-presidente Dilma Rousseff, e seu fracasso no ato de governar.

O último parágrafo desse editorial, inicia-se com uma metáfora do FRACASSO, presente na oração “Dilma Rousseff está prestes a perder o seu [...]”, essa metáfora procura retomar o que foi dito durante todo o texto, no sentido que procura acentuar ainda mais o fracasso da ex-presidente. Para finalizar a análise, encontramos uma metáfora da EXPECTATIVA, no trecho “[...] Após extenso processo supervisionado pelo Supremo Tribunal Federal, o Senado definirá o destino da petista [...]” percebemos que o editorialista procurou concluir retomando a introdução do texto, mostrando certa expectativa de que haverá uma definição para todo esse processo sendo que apenas resta ao brasileiros a expectativa.

Nesta análise procuramos encontrar características das escrituras jornalísticas do editorial “Pedaladas em questão” do jornal *Folha de S.Paulo*. Para abranger a análise conceitual focamos nosso diagnóstico de acordo com as metáforas e os termos de acordo com as orientações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 12 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Pedaladas em questão” do jornal *Folha de S.Paulo*.

5.3.6.3 Resultados: “Pedaladas em questão?” – anexo 6

No âmbito da análise retórica, foram encontradas sete metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha, trazendo ao texto uma plenitude total vinculada ao uso de metáfora retórica como figura de escolha, em que demonstra maior aplicabilidade de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto.

Referente a análise conceitual foram encontradas seis metáforas da artimanha, seis metáforas do fracasso, três metáforas da guerra, três metáforas da expectativa e uma metáfora da justiça. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 32% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da artimanha e mais 32% são metáforas do fracasso. Nesse sentido, esse editorial pretende mover o auditório por meio de uma argumentação que conduz a Retórica da Artimanha e do Fracasso, com o uso principalmente das metáforas da artimanha e do fracasso, que são aplicadas em conjunto a fim de ressaltar os atos ardilosos realizada pela ex-presidente Dilma Rousseff enquanto estava no cargo de presidente do Brasil, unindo a ideia de fracasso diante desses diferentes procedimentos, e dos resultados que colhidos diante de tantas artimanhas. Dessa maneira, esse editorial procurou retomar a ideia de “artimanha” política, ao ponto que relembra seu leitor dos atos

enganosos cometidos pela ex-presidente, em uma ligação ao fracasso herdado, diante dessas circunstâncias. Nesse sentido, acredita-se que esse editorial, também, tem o objetivo de relembrar um passado, juntamente com seus fracassos, para que agora as expectativas, também lembradas no texto, sejam atingidas.

5.3.7 “A defesa de Dilma” – anexo 7

Jornal – *Folha de S.Paulo*

A defesa de Dilma

30/08/2016 02h00

A presidente afastada Dilma Rousseff (PT), ao comparecer perante o Senado Federal convertido em júri do processo de impeachment, ofereceu ao país, de própria voz, a defesa mais minuciosa e firme de sua conduta na Presidência.

O centro de gravidade da participação esteve no discurso de abertura, pois as respostas dadas às questões dos senadores servem mais para reiterar as conhecidas limitações em matéria de eloquência. Já na leitura da peça inicial, defendeu-se com brilho oratório inusual e passagens de genuína emoção.

Não que tenha surpreendido na forma e no conteúdo dos argumentos jurídicos e políticos. Após quase nove meses de processo e pleno exercício do direito de defesa, não havia ângulos novos a iluminar nem revelações capazes de alterar o desfecho do julgamento.

Ainda assim, Dilma Rousseff teve momentos notáveis em seu pronunciamento final, "para a história". Os pontos altos vieram quando equiparou o impeachment a uma pena de morte política e afirmou que o julgamento por seu "conjunto da obra" só poderia ser feito pela população, em eleições.

São formulações em tudo adequadas à gravidade que esta **Folha** sempre atribuiu à deposição constitucional de um presidente da República, evento que nada tem nem pode ter de trivial. Revogar o mandato presidencial conferido pelo desejo manifesto dos eleitores exige fatos e evidências excepcionais sobre o envolvimento direto do chefe do Executivo em irregularidade inequivocamente tipificada como crime de responsabilidade.

Ainda que haja farta base factual nas tais pedaladas fiscais, esteio principal da acusação, muitos dos que não estão familiarizados com as technicalidades enxergarão aí a "frágil retórica jurídica" para cassar-lhe o mandato denunciada pela presidente afastada.

No entanto, mesmo sendo questionáveis as alegações, não há como negar que os senadores estão plena e constitucionalmente investidos da autoridade para decidir se elas recaem sob a figura do crime de responsabilidade. Por isso se diz que o processo é a um só tempo jurídico e político.

No plano da política, aliás, ao deixar a defesa para ir ao ataque, o discurso da presidente afastada reincidiu nos vícios antigos. Insistiu num paralelo entre seu impedimento e golpes de Estado tão insustentável quanto sua aspiração a perfilar-se como um Getúlio Vargas ou um Juscelino Kubitschek.

Após lançar a economia do país numa de suas piores recessões, façanha pela qual nunca se penitenciou, resta a Dilma Rousseff apenas almejar que a história do Brasil a reconheça como vítima —jamais como a estadista que nunca foi.

5.3.7.1 Análise retórica

O sétimo editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “A defesa de Dilma” publicado no dia trinta de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Folha de S.Paulo*, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 7.

A primeira metáfora desse editorial é encontrada no primeiro parágrafo, no trecho “[...] o Senado Federal convertido em júri do processo de impeachment [...]” encontramos uma metáfora como figura de ESCOLHA, no sentido comparativo de conversão do processo de julgamento do impeachment.

No início do segundo parágrafo localizamos outra metáfora como figura de ESCOLHA, no fragmento “O centro de gravidade da participação [...]”, em que o centro de gravidade de um corpo é o ponto em que pode ser considerada a aplicação da força da gravidade e está relacionada com discurso de abertura do processo de impeachment. Mais adiante, no recorte “[...] leitura da peça inicial [...]” mais uma vez encontramos uma metáfora

como figura de ESCOLHA, que traz a ideia metafórica de uma atuação inicial desse processo de impedimento.

No terceiro parágrafo pudemos detectar outra metáfora como figura de ESCOLHA, situada no trecho “[...] não havia ângulos novos a iluminar [...]”, em que novamente temos alguns vocábulos aplicados no sentido conotativo de modo a ressaltar a imagem metafórica desse editorial, abordando uma imagem de que não havia ângulos novos a iluminar, como não havendo mais novidades a serem acrescentadas no procedimento de impeachment.

No mesmo sentido no quarto parágrafo, no fragmento “[...] equiparou o impeachment a uma pena de morte [...]” encontramos outra vez uma metáfora como figura de ESCOLHA, em que o editorialista buscou comparar os termos como um reforço de fechamento de um ciclo do governo, esse é um dos casos que podemos afirmar que a metáfora vem como uma figura de comparação abreviada, ou seja, um reforço de comparação sobre determinado assunto que está em foco no discurso.

Já no nono e último parágrafo encontramos a última aplicação metafórica desse editorial, localizada no trecho “Após lançar a economia do país numa de suas piores recessões [...]”, pudemos detectar novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, que traz o verbo “[...] lançar [...]” com propósitos figurados e expressivos, que tende a dar ênfase ao fato apresentado nesse fragmento.

A aplicação do metafórico para com o literal é um processo realizado pelo orador do editorial, e nos como analistas buscamos ir do explícito para o implícito, a fim de entrar nas entrelinhas do texto e observar a processo do adereço metafórico retórico e argumentativo, inúmeras vezes sutil à determinados auditórios.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “A defesa de Dilma”.

Gráfico 13 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A defesa de Dilma” do jornal *Folha de S. Paulo*.

5.3.7.2 Análise conceitual

As metáforas conceituais no editorial “A defesa de Dilma” inicia-se no primeiro parágrafo, ao encontramos a metáfora da JUSTIÇA no trecho “[...] convertido em júri do processo de impeachment [...]”, o vocábulo “[...] júri [...]” traz indícios de justiça, já que faz parte efetiva do processo de justiça. No fragmento seguinte “[...] ofereceu ao país, de própria voz, a defesa mais minuciosa e firme de sua conduta na Presidência” pudemos detectar a metáfora da SUPERAÇÃO, que trouxe ao texto uma ideia de melhora no discurso da ex-presidente Dilma.

No segundo parágrafo verificamos na sentença “[...] reiterar as conhecidas limitações em matéria de eloquência [...]” uma metáfora do FRACASSO, que trouxe ao texto um sentido de limitação da ex-presidente Dilma Rousseff relacionada ao sua dificuldade com a eloquência. Logo após, no trecho “[...] defendeu-se com brilho oratório inusual e passagens de genuína emoção” nos deparamos com uma metáfora da SUPERAÇÃO, trazendo ao texto uma ideia de superação de seus próprios limites, com o propósito de persuadir seu público com base na emoção de seu discurso.

Dando sequência a análise conceitual, no terceiro parágrafo encontramos apenas um trecho metafórico, no fragmento “[...] nem revelações capazes de alterar o desfecho do julgamento”, que nos trouxe uma metáfora da JUSTIÇA, trazendo a ideia de “desfecho do julgamento”, apresentando indicações de justiça, por uma parte efetiva do processo de justiça.

O quarto parágrafo inicia-se com uma metáfora da SUPERAÇÃO, no trecho “[...] Dilma Rousseff teve momentos notáveis em seu pronunciamento final [...]”, trazendo ao texto uma ideia de que Dilma superou seus próprios limites, tendo em vista sua dificuldade com sua eloquência. Em continuidade no editorial, no trecho “[...] equiparou o impeachment a uma pena de morte política [...]” localizamos uma metáfora da GUERRA, remetendo a uma parte da guerra, uma crueldade que é realizada normalmente em caso de guerra declarada, assim o impeachment é neste caso, comparado a uma pena de morte, como um ato de condenação criminal. Imediatamente no trecho “[...] afirmou que o julgamento por seu "conjunto da obra" só poderia ser feito pela população, em eleições” pudemos detectar uma metáfora da JUSTIÇA, trazendo uma fantasia de como seria justiça mais correta para se ter um julgamento do processo de impeachment.

Em seguida, notamos uma metáfora da EXPECTATIVA no extrato “[...] evento que nada tem nem pode ter de trivial [...]”, em que a ideia de expectativa é trazida ao texto, na medida que a deposição constitucional não poderia ser considerada como um evento corriqueiro. Posteriormente, encontramos no trecho “[...] irregularidade inequivocamente tipificada como crime de responsabilidade” uma metáfora da ARTIMANHA, atraindo para a mente do leitor as artimanhas realizadas durante o mandato de Dilma Rousseff considerados como crime de responsabilidade.

Temos no sexto parágrafo apenas uma metáfora da ARTIMANHA, no fragmento “[...] farta base factual nas tais pedaladas fiscais [...]” o autor quer dizer que já está claro o uso das pedaladas fiscais e assim, nos remete novamente as artimanhas realizadas pela ex-presidente Dilma Rousseff.

A respeito do sétimo parágrafo, em “[...] investidos da autoridade [...]” pudemos conferir uma metáfora da JUSTIÇA, que retoma o fato dos senadores estarem encarregados pela autoridade, ou pelo ato de avaliar. Nessa mesma linha o próximo trecho também nos presentia com uma metáfora da JUSTIÇA, “[...] recaem sob a figura do crime de

responsabilidade [...]”, em que tende a nos fazer refletir sobre o certo e o errado, sobre a punição ou a falta de punição.

Já no penúltimo parágrafo desse editorial, no fragmento “[...] o discurso da presidente afastada reincidiu nos vícios antigos [...]” temos novamente a utilização de uma metáfora da JUSTIÇA, que procura reforçar os fracassos da ex-presidente, ao ponto que reforça as falhas aplicadas em seu discurso.

O último parágrafo desse editorial já começa com “Após lançar a economia do país numa de suas piores recessões [...]”, trazendo à lembrança do leitor o fato de que a ex-presidente levou o país a uma das piores recessões da história com a utilização de uma metáfora do FRACASSO. Seguidamente, no fragmento “[...] façanha pela qual nunca se penitenciou [...]” encontramos uma metáfora da JUSTIÇA, que traz ao texto a ideia de que a justiça deve ser cumprida, com uma pena pela execução de determinada façanha. Como último trecho metafórico desse editorial, temos “[...] resta a Dilma Rousseff apenas almejar que a história do Brasil a reconheça como vítima [...]” que nos presenteia com uma metáfora do CONFORMISMO, encerrando o texto com uma ideia de uma tendência de se aceitar uma situação desfavorável sem questionamento.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 14 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A defesa de Dilma” do jornal *Folha de S.Paulo*.

5.3.7.3 Resultados: “A defesa de Dilma” – anexo 7

No âmbito da análise retórica foram encontradas cinco metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha, que demonstra maior aplicabilidade de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto.

Referente a análise conceitual foram encontradas sete metáforas da justiça, três metáforas da superação, duas metáforas do fracasso, duas metáforas da artimanha, uma metáfora da expectativa e uma metáfora da guerra. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 41% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da justiça. Nesse sentido, acredita-se que todas as metáforas conceituais encontradas nesse editorial, resumem-se num grande movimento Retórico, com o uso principal da metáfora da justiça, que foi cultivada a fim de ressaltar a justiça política que deverá ser feita sobre os crimes de responsabilidade da ex-presidente Dilma Rousseff enquanto estava no cargo de presidente do Brasil, ressaltando o sentimento de justiça e decisão diante da defesa de Dilma que seria de certa forma inútil perante a tantos fatos já comprovados.

5.3.8 “Fresta de oportunidade” – anexo 8

Jornal – *Folha de S.Paulo*

Fresta de oportunidade

01/09/2016 02h00

Quis o acaso que o afastamento definitivo de Dilma Rousseff (PT) da Presidência pelo Senado coincidisse com a divulgação de uma estatística que resume seu fracasso no governo: o sexto trimestre seguido de retração do PIB, algo sem registro na história do país.

Desde que a recessão atual se iniciou, no começo de 2014, a economia encolheu 7,9%, pior desempenho entre as principais economias do mundo. A retração de 0,6% observada no segundo trimestre (em comparação com o anterior), porém, indica que pode estar em curso uma estabilização.

Depois de amargar um colapso de 26% ao longo de dez trimestres consecutivos, os investimentos avançaram, ainda que modesto 0,4%. A produção industrial já mostrara alta de 1,2%.

É um sinal importante, e vem acompanhado de rápida recuperação dos indicadores de confiança na indústria, no comércio, nos serviços e até na construção civil. Mas permanecem vários obstáculos estruturais para uma retomada consistente.

Na terça-feira (30) divulgou-se novo aumento do desemprego, de 11,3% para 11,6%. São agora 11,8 milhões de brasileiros sem trabalho. Entre os empregados, a renda apresentou perda de 3,1% (valor ajustado pela inflação) entre julho de 2015 e julho de 2016. Não por acaso, verificou-se, nos dados do PIB, retração no consumo.

A retomada ainda depende de reformas que reduzam o risco de insolvência do Estado, como a imposição de um teto para os gastos públicos e uma revisão das normas da Previdência.

O teto demandará esforço especial de convencimento quanto às despesas com saúde e educação. Não será mais possível ampliá-los na proporção do crescimento da receita, e caberá mostrar ao país que não serão esmagadas pela expansão contínua de outras rubricas.

Para pedir sacrifícios da sociedade, o governo precisará conter salários e benefícios dos estratos superiores do funcionalismo, assunto em que o presidente Michel Temer (PMDB) até agora tergiversou. Subsídios a grandes empresas também devem ser reduzidos.

Se Temer falhar em convencer o país de que é capaz de combinar equilíbrio orçamentário com justiça social, sua gestão e sua legitimidade serão rapidamente erodidas.

5.3.8.1 Análise retórica

O oitavo editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “Fresta de oportunidade” publicado no dia primeiro de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Folha de S.Paulo*, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 8.

A primeira metáfora desse editorial é encontrada logo no título “Fresta de oportunidade”, que traz a metáfora retórica como figura de ESCOLHA, no sentido que origina uma ideia expressiva de que há uma parcela de oportunidade diante de todo processo de impeachment.

Diretamente para o terceiro parágrafo, pudemos detectar outra metáfora retórica como figura de ESCOLHA, no trecho “[...] amargar um colapso [...]” temos mais uma combinação expressiva metafórica, no sentido que os termos completam-se entre si, a fim de enfatizar o amargor do colapso dos déficits econômicos presentes no decorrer do governo de Dilma Rousseff.

Já no sétimo parágrafo somos levados à uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, no seguinte fragmento: “[...] mostrar ao país que não serão esmagadas pela expansão contínua de outras rubricas”. Nesse recorte, podemos observar que o verbo “[...] esmagadas [...]” refere-se à “[...] expansão [...]” de modo que são expostos de maneira metafórica e expressiva para enfatizar que o país que não será comprimido pela expansão contínua de outras rubricas.

De início no oitavo parágrafo encontramos outra vez uma metáfora como figura de ESCOLHA, situada no recorte “[...] pedir sacrifícios da sociedade [...]”. Ao utilizar certos recursos expressivos linguísticos nesse trecho o editorialista buscou reforçar a ideia de pedir esforços para a sociedade.

No último parágrafo encontramos a última metáfora desse editorial, isso ocorre no fragmento final, vejamos: “[...] sua gestão e sua legitimidade serão rapidamente erodidas”. Nesse trecho, pudemos verificar novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, que

traz uma ideia de expressiva de que a gestão e a legitimidade de Temer pode ser rapidamente perdida e desgastada.

Nessa análise da aplicação do metafórico para com o literal, buscamos ir do que está claro para o subentendido, a fim de entrar no sentido implícito do texto e observar o processo do aparelhamento metafórico retórico e argumentativo, inúmeras vezes sutil à determinados auditórios.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Fresta de oportunidade”.

Gráfico 15 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Fresta de oportunidade” do jornal *Folha de S. Paulo*.

5.3.8.2 Análise conceitual

As metáforas conceituais no editorial “Fresta de oportunidade” começam aparecer no primeiro parágrafo, no extrato “[...] o afastamento definitivo de Dilma Rousseff [...]”, nos deparamos com a metáfora do FRACASSO, a qual o vocábulo “[...] definitivo [...]” assegura o acontecimento do afastamento de Dilma Rousseff. Assim, já de início podemos perceber que esse editorial será de grande valia neste campo ideológico.

Logo após, temos o fragmento “[...] divulgação de uma estatística que resume seu fracasso no governo [...]”, que nos traz uma metáfora do FRACASSO, reforçando uma estatística de fracasso do governo. O texto continua com o seguinte trecho: “[...] o sexto trimestre seguido de retração do PIB, algo sem registro na história do país”. O recorte nos revela outra metáfora do FRACASSO, reforçando ainda mais as falhas e os fracassos do governo da ex-presidente Dilma Rousseff.

O segundo parágrafo, desse editorial, inicia-se com mais uma metáfora do FRACASSO no recorte “[...] recessão atual se iniciou [...]”, que traz à memória do leitor que a recessão iniciou-se em 2014, lembrando a data do começo do fracasso político. Em continuidade, o texto persiste novamente na metáfora conceitual do FRACASSO, com a frase “[...] a economia encolheu 7,9% [...]”, que nos traz novamente outra consequência do fracasso administrativo político.

Nessa mesma direção, o próximo trecho “[...] pior desempenho entre as principais economias do mundo [...]” nos trouxe mais uma vez uma metáfora conceitual do FRACASSO, que insiste em mostrar um grande fracasso político. Ainda nesse campo, encontramos novamente uma metáfora do FRACASSO, localizada no fragmento “[...] A retração de 0,6% observada no segundo trimestre [...]”, enfatiza outro fator de fracasso da administração política do país. Para finalizar esse parágrafo encontramos uma metáfora da ESPERANÇA, com uma ideia de perspectiva de estabilização, vejamos: “[...] indica que pode estar em curso uma estabilização”. Nesse recorte o vocábulo “[...] estabilização [...]” traz certa esperança e confiança de melhora na economia do país.

A respeito do terceiro parágrafo, a metáfora do FRACASSO surge na abertura da escritura, no fragmento “[...] amargar um colapso de 26% ao longo de dez trimestres consecutivos [...]”, que retoma o fracasso do governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Logo após em oposição, o editorialista nos presenteia com uma metáfora da ESPERANÇA, no extrato “[...] os investimentos avançaram [...]”, nos dando um pouco de esperança de melhora para os investimentos do país. Sequentemente, pudemos detectar outra uma metáfora conceitual da ESPERANÇA, trazendo uma esperança na probabilidade de estabilização do país, vejamos no recorte: “[...] A produção industrial já mostrara alta de 1,2%”.

No quarto parágrafo, pudemos localizar uma metáfora da ESPERANÇA, localizada na expressão “[...] rápida recuperação [...]”, que traz junto consigo a esperança, certo alívio, para

dias melhores de rápida recuperação para o país. O fim desse período procura mostrar os obstáculos que devem ser superados para que consigamos manter a esperança descrita anteriormente, observemos o fragmento seguinte: “[...] permanecem vários obstáculos estruturais para uma retomada consistente”. Esse trecho nos produz uma metáfora do DESAFIO, ao ponto de que vários obstáculos estruturais devem ser ultrapassados para que haja alguma melhora no país.

Em consideração ao quinto parágrafo, no recorte “[...] novo aumento do desemprego [...]” verificamos uma retomada da metáfora do FRACASSO, trazendo um fato consistente com dados reais para provar mais um dos fracasso do governo de Dilma Rousseff. Ainda, há de considerar o trecho “[...] 11,8 milhões de brasileiros sem trabalho [...]” que reforça a mesma ideia com outra metáfora do FRACASSO, a fim de reafirmar as falhas e consequências ruins do governo, neste caso, a falta de trabalho. Mais adiante, no trecho “[...] a renda apresentou perda [...]” encontramos mais uma metáfora do FRACASSO, com uma apresentação de uma das consequências dessa falta de sucesso político, nesse caso, a perda de renda do país. Esse inciso encerra-se novamente com outra metáfora conceitual do FRACASSO, e assim, nos acarreta outra exposição de mais uma das consequências da falta de sucesso político, ligada, nesta situação, a contração no consumo, atentamo-nos ao trecho dessa metáfora: “[...] verificou-se, nos dados do PIB, retração no consumo”.

No sexto parágrafo temos apenas, uma aplicabilidade conceitualmente metafórica, localizada logo no início desse inciso, com o trecho “A retomada ainda depende de reformas [...]”, que proporciona ao texto uma metáfora conceitual do DESAFIO, no âmbito que procura mostrar ao leitor que a retomada depende da superação dos desafios apontados pelo governo atual.

Já no sétimo parágrafo, outra metáfora do DESAFIO é encontrada de imediato, no fragmento “O teto demandará esforço especial de convencimento [...]”. Esse recorte nos mostra outro desafio, agora relacionado a um esforço de convencimento da população brasileira. Outra metáfora que vem posteriormente no mesmo inciso, é mais uma vez uma metáfora do DESAFIO, localizada no trecho “[...] caberá mostrar ao país [...]” traz o sentido de dever de superação de mais um desafio, que neste caso seria de mostrar determinado assunto ao país, para que o país passe a acreditar em suas ideias e crenças políticas.

O penúltimo parágrafo desse editorial, nos traz mais uma metáfora do DESAFIO situada no trecho “[...] pedir sacrifícios da sociedade [...]”. Esse recorte nos traz outro desafio de pedir a crença da população por seus atos, mostrando que seja por uma causa maior. Na medida que é comparado com sacrifícios, revela que a sociedade passará por algumas mudanças políticas, a partir desse desafio. Mais a frente no trecho “[...] precisará conter salários e benefícios [...]” encontramos outra metáfora conceitual do DESAFIO, a qual traz mais um fator desafiador que o governo atual terá de superar, neste episódio o governo necessitará reprimir salários e benefícios. Para fecharmos esse inciso, observemos o seguinte fragmento “[...] Subsídios a grandes empresas também devem ser reduzidos”. Essa oração nos revela mais uma vez uma metáfora do DESAFIO, gerando assim, outro fato que deve ser superado pelo governo que deve reduzir também os subsídios das grandes empresas.

Vejamos o fragmento final do editorial: “Se Temer falhar em convencer o país de que é capaz de combinar equilíbrio orçamentário com justiça social, sua gestão e sua legitimidade serão rapidamente erodidas”. Esse editorial encerra-se com uma metáfora do DESAFIO, de forma que traz ao texto o conceito de que toda esperança do povo está voltada na superação de todos esses desafios discutidos no decorrer do editorial, a fim de retomar o crescimento do país.

Na análise do editorial “Fresta de oportunidade” do jornal *Folha de S.Paulo* procuramos encontrar certas características metafóricas da escritura jornalística desse texto em questão. Para abranger a análise conceitual focamos nosso diagnóstico de acordo com as metáforas conceituais e os termos expressivos linguísticos em concordância com as orientações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 16 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Fresta de oportunidade” do jornal *Folha de S. Paulo*.

5.3.8.3 Resultados: “Fresta de oportunidade” – anexo 8

No âmbito da análise retórica foram encontradas cinco metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha, que traz uma grande utilização de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto.

Referente a análise conceitual foram encontradas doze metáforas do fracasso, oito metáforas do desafio e uma metáfora da esperança. O que nos traz uma proporção, em que aproximadamente 50% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas do fracasso. Acredita-se que as metáforas conceituais encontradas nesse editorial, reúnem-se num grande movimento Retórico, com o uso principal da metáfora do fracasso, que foi cultivada a fim de ressaltar os fracassos políticos da ex-presidente Dilma Rousseff durante o cargo de presidente do Brasil. Assim, esse editorial procurou retomar o sentimento de fracasso político, recordando ao leitor os fracasso e pontos negativos ocorridos do governo da ex-presidente, além de ressaltar desafios que Temer irá enfrentar no poder do país.

5.3.9 “Governo novo” – anexo 9

Jornal – *Folha de S.Paulo*

Governo novo

01/09/2016 02h00

Consumou-se, enfim, o impeachment de Dilma Rousseff (PT). Por 75% dos votos, o Senado tornou definitivo o afastamento da presidente determinado em 17 de abril pela Câmara, na qual 71% dos deputados haviam votado por suspender a mandatária e levá-la a julgamento –ambas maiorias superiores aos dois terços exigidos em lei.

O processo decorreu em estrita obediência à Constituição, assegurado amplo direito de defesa e sob supervisão de suprema corte insuspeita. As acusações de fraude orçamentária, porém, embora pertinentes enquanto motivo para impeachment, nunca se mostraram irrefutáveis e soaram, para a maioria leiga, como técnica obscura –e, para uma minoria expressiva, como pretexto de um "golpe parlamentar".

Esta Folha teria preferido, como manifestou diversas vezes, que a extrema gravidade da crise e o inconformismo da sociedade houvessem conduzido à renúncia da chapa eleita em 2014 ou a sua impugnação, caso confirmados na Justiça os indícios de crime eleitoral. Isso levaria à realização de eleições diretas, única forma de conferir legitimidade incontestada ao novo governo. Raramente, no entanto, cenários ideais se concretizam em política.

Michel Temer (PMDB) é o sucessor legal da ex-presidente Dilma Rousseff e está investido, até prova em contrário, da legitimidade formal para governar o país até dezembro de 2018.

A decisão do presidente do Supremo Tribunal Federal e do julgamento, Ricardo Lewandowski, de dissociar a perda do mandato e a inabilitação para exercer cargo público deu ao Senado ensejo para poupar a ex-presidente desta última sanção, quando, em segundo escrutínio, não se alcançou a maioria de dois terços.

Essa conduta pode traduzir falta de convicção condenatória ou desejo de desarmar espíritos, mas viola o parágrafo único do artigo 52 da Constituição, que prescreve a inabilitação como consequência automática da perda do mandato. O destino de Dilma Rousseff, entretanto, é agora assunto privado, conforme seu governo, um dos piores da história nacional, desaparece de vez para ser recolhido aos livros de história.

A prioridade máxima da administração agora confirmada é a recuperação de uma economia em frangalhos. Para tanto, é preciso abandonar as hesitações da interinidade e adotar, como sugeriu o próprio Temer em suas primeiras falas como governante efetivo, atitude mais corajosa e firme. É mandatório que o presidente emita sinais convincentes de que não será candidato a ficar no cargo em 2018.

É, sobretudo, imperativo aprovar no Congresso os projetos de reforma econômica — teto para o gasto público e revisão nas regras da Previdência— que se configuram como alavancas sem as quais o Brasil não emergirá da recessão calamitosa em que atolou há dois anos.

5.3.9.1 Análise retórica

O nono editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado como “Governo novo”, foi publicado no dia primeiro de setembro de dois mil e dezesseis pelo jornal *Folha de S.Paulo*, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 9.

A primeira metáfora desse editorial é encontrada apenas no segundo parágrafo no trecho “[...] como técnica obscura [...]”, que traz a metáfora como figura de ESCOLHA, trazendo a ideia do tamanho da complexidade encontrada pelos leigos para entender os motivos do impeachment.

Já no quinto parágrafo encontramos outra metáfora como figura de ESCOLHA, no fragmento “[...] ensejo para poupar a ex-presidente desta última sanção [...]” em que o verbo “[...] poupar [...]” vem em seu sentido figurativo, atraindo uma expressividade linguística, para trazer certo efeito de sentido para o seu leitor, referindo-se a preservação da ex-presidente desta última sanção.

Logo no início do sexto parágrafo pudemos localizar mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, na frase “Essa conduta pode traduzir falta de convicção [...]” em que o verbo “[...] traduzir [...]” vem aplicado no sentido figurado e nos emite a ideia de explicação da falta de convicção, podemos assim afirmar que o editorialista utiliza-se de um artifício linguístico do processo de escolha, a fim de enfatizar e criar esse efeito de sentido. Um pouco depois, no recorte “[...] desejo de desarmar espíritos [...]” o verbo “[...] desarmar [...]” não vem utilizado em seu sentido denotativo, e ocasiona um sentido expressivo ao trecho, trazendo mais uma vez à esse editorial uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA.

No trecho final do mesmo inciso pudemos detectar mais uma vez a metáfora como figura de ESCOLHA, vejamos no trecho: “[...] recolhido aos livros de história”. Nesse recorte, fazendo uma referencia a “história virando história”, assim novamente o autor utiliza-se de um artifício linguístico, a fim de promover uma transposição de significação de um vocábulo para o outro, por meio de uma significação expressiva da ideia da “história virando história”.

No sétimo parágrafo encontramos o fragmento “[...] a recuperação de uma economia em frangalhos [...]”, que traz uma metáfora como figura de ESCOLHA, na aplicação do vocábulo “[...] frangalhos [...]”, referido-se à economia ao ponto que se mostra gasta, acabada. Novamente, encontramos um termo aplicado no sentido figurado, que nos traz uma amostra de seus efeitos de sentido, a par do que analisamos.

O último parágrafo nos traz dois trechos expressivos, o primeiro “[...] que se configuram como alavancas [...]” encontramos uma metáfora como figura de ESCOLHA, a qual compara os termos da oração trazendo o sentido expressivo ao texto, nesse recorte os projetos de reforma econômica vem comparado a uma configuração como alavancas para que saia da recessão que vem referida adiante no trecho: “[...] em que atolou há dois anos”. Outra vez, nesse recorte encontramos uma metáfora como figura de ESCOLHA, a qual o verbo “[...] atolou [...]” refere-se ao tempo pelo qual passamos por essa recessão. Selecionado por uma questão de escolha, esse verbo foi utilizado nesse sentido metafórico para encerrar o editorial de jornal com ideias expressivas nesse campo linguístico analisado.

A aplicação do metafórico para com o literal é um artifício realizado pelo orador do editorial, para de certa maneira causar diferentes efeitos de sentido em seu auditório. Nessa análise buscamos ir do explícito para o implícito, buscando acima de tudo as aplicações

metafóricas presentes nesse discurso, a fim de penetrar nas entrelinhas do texto e analisar os processos metafóricos retóricos e argumentativos, inúmeras vezes sutis à determinados auditórios.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Governo novo”.

Gráfico 17 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Governo novo” do jornal *Folha de S. Paulo*.

5.3.9.2 Análise conceitual

As metáforas conceituais no editorial “Governo novo” são encontradas a partir do primeiro parágrafo, no trecho “[...] levá-la a julgamento [...]” nos deparamos com a metáfora da JUSTIÇA, na qual o vocábulo “[...] julgamento [...]” nos remete a uma questão de justiça feita no caso do impeachment de Dilma Rousseff. Logo após, no recorte “[...] levá-la a julgamento [...]”, pudemos detectar outra metáfora da JUSTIÇA, que traz a ideia de que julgamento foi justo e estava dentro do âmbito da lei, ou seja não poderia ser questionado. Nesse sentido podemos perceber, já de início, que esse editorial nos traz grandes contribuições nesse campo ideológico.

De imediato, no início do segundo parágrafo desse editorial, no fragmento “O processo decorreu em estrita obediência à Constituição [...]” encontramos uma metáfora da JUSTIÇA, que tem como objetivo afirmar que todo o processo de impeachment ocorreu dentro do que prevê a Constituição brasileira, o vocábulo “[...] estrita [...]” demonstra essa afirmação com maior entonação. Nesse mesmo sentido, no trecho “[...] assegurado amplo direito de defesa [...]” temos outra metáfora da JUSTIÇA, em que o autor reafirma a ideia de justiça, no âmbito que o termo “[...] amplo [...]” dá ideia de que houve grande direito de defesa, não podendo ser questionável futuramente. Ainda há de se considerar, a metáfora da JUSTIÇA sequente, que traz a mesma ideia de que houve direito de defesa e que não haverá de ser questionável futuramente, no trecho “[...] sob supervisão de suprema corte insuspeita [...]”, em que essa metáfora é reforçada nesse trecho pelo vocábulo “[...] insuspeita [...]”, que procura mostrar que todo domínio da justiça é altamente confiável e, nesse sentido, insuspeito.

No terceiro parágrafo, no fragmento “[...] extrema gravidade da crise [...]” pudemos detectar uma metáfora da GUERRA, que nos traz a memória o ápice da crise, no âmbito que pode ser tida como consequências de um conflito, de uma situação de batalha. Posteriormente, encontramos o trecho “[...] o inconformismo da sociedade [...]”, que nos leva a uma metáfora da SAÚDE, que dá impressão de que tem um país doente, que tem uma chaga que precisa ser curada, e a sociedade inconformada vai atrás de vencer essas doenças.

Em sequência, no extrato “[...] confirmados na Justiça [...]” temos outra metáfora da JUSTIÇA, trazendo outra reafirmação de que a justiça foi confirmada e está sendo feita conforme a lei. Imediatamente no recorte “[...] os indícios de crime eleitoral [...]” temos uma metáfora da GUERRA, que retoma as ideias de guerra apresentada anteriormente, agora sendo vista como uma guerra política de âmbito eleitoral. Logo após, no fragmento “[...] única forma de conferir legitimidade incontestável ao novo governo [...]” encontramos uma metáfora da JUSTIÇA, na verdade do que seria a justiça para o próprio jornal, nesse trecho a *Folha* traz sua própria voz ao texto, trazendo o que ela acredita que seria mais justo e legítimo. Para fechar a análise do terceiro parágrafo, encontramos uma lamentação: “[...] Raramente, no entanto, cenários ideais se concretizam em política”. Nessa frase, temos uma metáfora da IMPOTÊNCIA que lamenta o fato de não haver cenários ideais na política.

Iniciamos o quinto parágrafo desse editorial, com “A decisão do presidente do Supremo Tribunal Federal e do julgamento [...]” uma metáfora da JUSTIÇA que nos traz novamente ao âmbito da justiça, que conclui o caso com o direito de Dilma Rousseff de

exercer cargo público. Em continuidade, no trecho “[...] ensejo para poupar a ex-presidente desta última sanção [...]” temos uma metáfora da IMPOTÊNCIA, o povo, que diante dos fatos apresentados e autorização da ex-presidente de assumir novos cargos público, se vê impotente por não poder fazer nada diante de tais situações.

Já no sexto parágrafo, no fragmento “[...] mas viola o parágrafo único do artigo 52 da Constituição [...]” encontramos mais uma vez uma metáfora da JUSTIÇA, que na verdade traz a ideia de falta de seguimento da justiça brasileira, abrindo um direito que não é previsto na Constituição. Posteriormente, encontramos uma metáfora do FRACASSO, localizada no trecho “[...] conforme seu governo, um dos piores da história nacional [...]”, traz a ideia de um fracasso total no governo da ex-presidente, tendo o jornal exposto esse fracasso como um dos piores da história nacional.

No penúltimo parágrafo, encontramos uma metáfora da SAÚDE, no trecho “[...] recuperação de uma economia em frangalhos [...]” apresentando a ideia de que um país inteiro está em frangalhos, ou seja, está arruinado, nesse sentido é preciso recuperá-lo, curando-o dessa doença. Sequentemente, pudemos detectar a metáfora do DESAFIO, situada no recorte “[...] abandonar as hesitações da interinidade e adotar [...]”, traz aos textos os desafios que devem ser realizados no atual governo para que o país seja curado.

No último parágrafo do editorial, já se inicia com uma metáfora do DESAFIO, no trecho “[...] aprovar no Congresso os projetos de reforma econômica [...]” encontramos outro desafio que deve ser enfrentado pelo agora presidente Temer. Logo após, no recorte “[...] que se configuram como alavancas [...]” topamos com uma metáfora do ESPERANÇA, que traz ao texto o vocábulo “[...] alavancas [...]”, trazendo a ideia de que se configuram como alavancas a fim de impulsionar o país para frente, para superar seus novos desafios. A última metáfora que encontramos nesse editorial, é uma metáfora do FRACASSO, localizada na última escritura do editorial: “[...] recessão calamitosa em que atolou há dois anos”. Nesse trecho, o editorialista quer lembrar o leitor do grande fracasso em que o Brasil encontrou-se nos últimos dois anos.

Para abranger a análise conceitual desse editorial procuramos focar nosso diagnóstico de acordo com as metáforas conceituais e os termos expressivos linguísticos de acordo com as orientações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional, vejamos a seguir.

Gráfico 18 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Governo novo” do jornal *Folha de S.Paulo*.

5.3.9.3 Resultados: “Governo novo” – anexo 9

No âmbito da análise retórica foram encontradas oito metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha, a qual nos traz uma grande utilização de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto.

Referente a análise conceitual foram encontradas nove metáforas da justiça, duas metáforas do fracasso, duas metáforas do desafio, duas metáforas da guerra, duas metáforas da impotência, duas metáforas da saúde e uma metáfora da esperança, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 45% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da justiça. Acredita-se que as metáforas conceituais encontradas no editorial “Governo Novo”, do jornal *Folha de S.Paulo*, reúnem-se num grande movimento retórico, com o uso principal da metáfora da justiça, que foi desenvolvida a fim de ressaltar alguns pontos da justiça política no processo de julgamento do impeachment. Nesse sentido, o que ressalta nesse editorial que todas as metáforas utilizadas nesse editorial foram aplicadas com o

objetivo de dar ênfase à retórica da justiça. Esse editorial procurou acentuar o sentimento de justiça política, ao ponto que procurou lembrar que o processo de impeachment foi feito com base na Constituição brasileira, além disso ressaltou que um ponto em específico o parágrafo único do artigo 52 da Constituição não foi respeitado, o que nos restou a impotência e aceitação.

5.3.10 “A retórica e o impeachment” – anexo 10

Jornal – *Gazeta do Povo*

A retórica e o impeachment

Dilma sabe que não conquistará o apoio ou simpatia dos senadores ou do presidente do STF. Ela joga com a narrativa que será contada no futuro

[30/08/2016] [00h01]

Caso não haja mais nenhuma manobra protelatória, espera-se para esta terça-feira o ato final do processo de impeachment de Dilma Rousseff, com a votação, pelos senadores, da cassação definitiva da presidente afastada. Na segunda-feira, foi a vez de a própria Dilma ir ao Senado para apresentar sua defesa e responder às questões formuladas pelos parlamentares – muitas das quais, é preciso admitir, pouco ou nada tinham a ver com as acusações que embasam o pedido de impeachment, isso quando senadores dilmistas nem mesmo faziam perguntas, limitando-se a gastar tempo rasgando elogios à acusada, como fez a ex-ministra Kátia Abreu (PMDB-TO).

Antes do interrogatório, Dilma fez um discurso de cerca de 45 minutos em que passou mais tempo defendendo sua biografia e acusando o “golpe” das “elites conservadoras” que propriamente tratando do mérito do processo. Uma fala dirigida menos aos senadores que deverão julgá-la e mais aos documentaristas simpáticos ao petismo que têm registrado o desenrolar do impeachment. Podemos relevar as meias verdades ou as mentiras deslavadas do discurso – Dilma jamais admitiria o estelionato eleitoral cometido em 2014, bem como nunca diria que lutou contra a ditadura militar porque desejava o estabelecimento de outra ditadura, de esquerda – e concentrarmo-nos nos aspectos específicos do processo em curso para

questionar: como é possível que ainda haja pessoas de boa índole, íntegras, que se deixem levar pela retórica de Dilma?

Como acreditar, por exemplo, no discurso do “golpe” quando – como afirmou a senadora gaúcha Ana Amélia– a própria presidente afastada legitima o processo com sua presença diante dos parlamentares? Em suas falas no Senado, Dilma deixou subentendido que decidiu participar da sessão de segunda-feira porque, no fim, é a decisão dos senadores que definirá a avaliação do episódio: se ela for cassada, será golpe; se for inocentada, será a democracia em ação. Ora, se o trâmite do impeachment está segundo rigorosamente as regras estipuladas pelo Supremo Tribunal Federal e pela Constituição, se há pleno direito de defesa, é insensatez falar de “golpe” independentemente do resultado final da votação. Dilma faz aquilo de que acusa seus adversários políticos – que, segundo ela, recusaram-se a aceitar o resultado do pleito presidencial de 2014 porque a vencedora foi a petista. Que Dilma use desse artifício retórico para se defender é até compreensível, como um recurso desesperado para buscar algum apoio; que esse discurso acabe assimilado e repetido por tantas pessoas que vêm acompanhando com atenção o desenrolar do processo de impeachment é surpreendente.

Assim como também deveria ser motivo de perplexidade a penetração do discurso segundo o qual a manipulação ampla, geral e irrestrita do orçamento federal realizada com as “pedaladas fiscais” e os decretos que são o fator motivador do processo de impeachment não constituem crime de responsabilidade, ou seriam até mesmo justificáveis, como disse o ex-presidente Lula em outubro de 2015, quando afirmou que Dilma “fez as pedaladas para pagar o Bolsa Família. Ela fez as pedaladas para pagar o Minha Casa, Minha Vida”. Trata-se não apenas de desconhecimento da legislação referente ao assunto, mas de uma mentalidade que ignora o enorme dano que o país inteiro sofre quando as autoridades tratam as contas públicas com desleixo, manipulando números e escondendo da população a situação real dos cofres do Estado.

Ao insinuar – quando não afirma com todas as letras – que os senadores e o presidente do STF, Ricardo Lewandowski (que preside a sessão de julgamento de Dilma), são cúmplices de um golpe, Dilma sabe que não conquistará o seu apoio ou simpatia. Ela joga com o futuro. O impeachment, se vier, será a autêntica afirmação da democracia, mas a aposta do petismo é de que, com o tempo, a verdade será soterrada por uma narrativa segundo a qual Dilma foi cassada injustamente. Interessados em contar essa história não faltam; só nos resta esperar que sejam poucos os dispostos a acreditar nela.

5.3.10.1 Análise Retórica

O décimo editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “A retórica e o impeachment” publicado no dia trinta de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Gazeta do Povo* do estado do Paraná, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 10.

A primeira metáfora desse editorial é encontrada na linha fina, uma espécie de chamada de texto usada logo abaixo do título para destacar algumas informações do editorial, vejamos o trecho: “[...] joga com a narrativa que será contada no futuro [...]”. Nesse recorte pudemos detectar uma metáfora como figura de ESCOLHA, com palavras ligadas a uma crença de uma certa história que será contada num futuro, os efeitos de sentidos causados nesse recorte também podem ser usado para provocar a curiosidade do leitor sobre o assunto que será abordado no decorrer do editorial.

No primeiro parágrafo desse editorial nos deparamos com a expressão usual “[...] gastar tempo [...]”, a qual cumpre a função descrita por Perelman & Tyteca (2005 [1958]) como metáfora adormecida, ficando tão usual, que não é mais considerada uma metáfora pura.

Já no quarto parágrafo, pudemos detectar uma metáfora como figura de COMUNHÃO, localizada no fragmento “[...] enorme dano que o país inteiro sofre [...]” dispõem de um fator em comum entre o editorialista e o leitor, em que as pessoas deste país vão se identificar. Assim essa figura de comunhão possui uma participação efetiva e ativa com o auditório do jornal.

No quinto e último parágrafo encontramos duas metáforas aplicadas como figuras retóricas. No trecho “[...] joga com o futuro [...]” localizamos uma metáfora como figura de ESCOLHA, que nos traz a ideia de manipulação do futuro, isso reforça a expressividade do texto e seus efeitos de sentidos. Um pouco depois, no recorte “[...] soterrada por uma narrativa [...]” encontramos mais uma vez uma metáfora como figura de ESCOLHA, que traz ao texto novamente um recurso expressivo com a colocação de ideia mais enfáticas e alegóricas, no âmbito de enfatizar a cobertura dos fatos de todo processo de impeachment, a fim de se atingir determinado efeito de sentido.

O aproveitamento do metafórico para com o literal é um artifício realizado pelo orador do editorial, para de certa maneira causar diferentes implicações de sentido em seu auditório. Nessa análise buscamos ir da superfície escrita para suas entrelinhas, buscando acima de tudo as aplicações metafóricas, a fim de observar o processo metafórico retórico e argumentativo dos editoriais de jornal, inúmeras vezes sutil à determinados auditórios.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “A retórica e o impeachment”.

Gráfico 19 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A retórica e o impeachment” do jornal *Gazeta do Povo*.

5.3.10.2 Análise conceitual

As metáforas conceituais no editorial “A retórica e o impeachment” do jornal *Gazeta do Povo*, são encontradas a partir da linha fina logo abaixo do título, como primeira metáfora encontramos a metáfora do TEATRO, no trecho “[...] Ela joga com a narrativa [...]” a palavra “[...] narrativa [...]” traz uma ideia de configuração uma narração teatral, ou seja, um jogo no estilo de história que Dilma Rousseff quer contar.

De início, no primeiro parágrafo encontramos a expressão “[...] manobra protelatória [...]”, que nos remete a uma metáfora da ARTIMANHA, trazendo a ideia de que podem ser criados mais obstáculos para atrapalhar o desenvolvimento do processo do impeachment. Logo após, no recorte “[...] o ato final [...]” temos a metáfora do TEATRO, no âmbito que uma peça de teatro pode ser dividida em atos, sendo que o ato final seria o ápice da trama. Mais adiante, o editorialista expõe a ideia de discurso fracassado de Dilma Rousseff, “[...] pouco ou nada tinham a ver com as acusações [...]”, essa metáfora do FRACASSO é exposta de modo a enfatizar o fato de que Dilma Rousseff não sabe falar sobre o que se pede. No final do parágrafo topamos com a expressão “[...] gastar tempo [...]”, a qual nos presenteia com uma metáfora do cotidiano, ligada ao uso diário, podendo ser caracterizada como uma metáfora do TEMPO.

No segundo parágrafo, no extrato “[...] Uma fala dirigida [...]” temos mais uma metáfora do TEATRO, já que no teatro há falas prontas e um roteiro a ser seguido, neste caso Dilma Rousseff cumpre uma espécie de roteiro, pois dirige suas falas à determinadas pessoas. Logo após, no trecho “[...] meias verdades ou as mentiras deslavadas do discurso [...]” encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, que nos aponta a um discurso cheio de artimanhas. Imediatamente, temos “[...] Dilma jamais admitiria o estelionato eleitoral [...]” mais uma metáfora da ARTIMANHA, que traz ao texto um artifício ardiloso que jamais será admitido por Dilma.

Já no terceiro parágrafo, encontramos outra metáfora da ARTIMANHA no recorte “[...] Dilma deixou subentendido [...]”, que acarreta a ideia de um artifício do discurso, pelo fato dela deixar subentendido e não dizer efetivamente. Posteriormente, no trecho “[...] o trâmite do impeachment está segundo rigorosamente as regras [...]” nos deparamos com uma metáfora da JUSTIÇA, dando a ideia de que todo processo do impeachment transcorre no âmbito legal da lei. Para reforçar esse pensamento, em seguida topamos com outra metáfora da JUSTIÇA, no segmento “[...] há pleno direito de defesa [...]”, que ocasiona a ideia de cumprimento das leis brasileiras. Um pouco adiante, no fragmento “[...] Dilma faz aquilo de que acusa seus adversários políticos [...]” verificamos uma metáfora da ARTIMANHA, que retoma a ideia dos atos ardilosos realizados por Dilma Rousseff.

A respeito do penúltimo parágrafo, no fragmento “[...] a manipulação ampla, geral e irrestrita do orçamento federal realizada com as ‘pedaladas fiscais’ [...]” encontramos mais uma metáfora da ARTIMANHA, em que é retomada no texto para enfatizar as artimanhas

realizadas por Dilma Rousseff. Em continuidade, no trecho “[...] e os decretos [...]” encontramos outra metáfora da ARTIMANHA, mostrando mais um artifício ardiloso cometido no mandato de Dilma Rousseff. Mais adiante, no trecho “[...] Trata-se não apenas de desconhecimento da legislação referente ao assunto [...]” encontramos uma metáfora da JUSTIÇA, que traz ao texto a importância não só do conhecimento da legislação brasileira, como também do cumprimento dessa legislação.

Ainda nesse parágrafo, no recorte “[...] enorme dano que o país inteiro sofre [...]” pudemos verificar uma metáfora da SAÚDE, trazendo ao texto uma ideia de sofrimento da população, de um país doente devido aos danos causados por essas artimanhas política. Logo após, no trecho “[...] autoridades tratam as contas públicas com desleixo [...]” pudemos detectar uma metáfora do FRACASSO, como se fosse uma espécie de descaso para com as contas públicas e com a população. Imediatamente, no recorte “[...] manipulando números [...]” pudemos localizar uma metáfora da ARTIMANHA, que traz a ideia de um ato ardiloso realizado para manipular os dados. Finalizando esse parágrafo, no fragmento “[...] escondendo da população a situação real [...]” temos a aplicação de uma metáfora da ARTIMANHA, que nos ocasiona mais um procedimento ardiloso realizado durante o mandato de Dilma Rousseff.

No último parágrafo do editorial, na frase “[...] Ela joga com o futuro [...]” encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, que faz parte de mais um processo de manipulação desse governo. Em seguida, no segmento “[...] a autêntica afirmação da democracia [...]” localizamos uma metáfora da JUSTIÇA, que dá ideia de que a justiça será feita. Posteriormente, no trecho “[...] soterrada por uma narrativa [...]” encontramos uma metáfora do TEATRO, que nos traz uma ideia de que uma boa narrativa soterraria toda essa situação. Nesse mesmo sentido, no recorte “[...] contar essa história [...]” pudemos detectar a última metáfora conceitual desse editorial, que veio como uma metáfora do TEATRO. Esse trecho nos traz novamente o conceito de história contada como uma trama teatral, a fim de ser enterrada como uma estória.

Na análise metafórica conceitual procuramos referir-se à compreensão das ideias apresentadas nesse editorial, a fim de abranger por completo a análise conceitual seguimos os preceitos dos autores Lakoff & Johnson (2002 [1980]), em que a metáfora é vista como parte do pensamento.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 20 - Quantificação das Metáforas como Figuras Conceituais do editorial “A retórica e o impeachment” do jornal *Gazeta do Povo*.

5.3.10.3 Resultados: “A retórica e o impeachment” – anexo 10

No âmbito da análise retórica foram encontradas três metáforas como figuras de escolha e uma metáfora como figura de comunhão. O que nos traz uma proporção de 75% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha, e 25% do texto com a metáfora como figura de comunhão. Nesse sentido, a maior parte da aplicação metafórica vem pela grande utilização de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto, característicos da metáfora como figura de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas dez metáforas da artimanha, cinco metáforas do teatro, quatro metáforas da justiça, duas metáforas do fracasso, uma metáfora da saúde e uma metáfora do tempo, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 44% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da artimanha. Acredita-se que as metáforas conceituais encontradas no editorial “A retórica e o impeachment”, do jornal *Gazeta do povo*, reúnem-se num volumoso movimento retórico, com o uso cardinal da metáfora da artimanha, que foi desenvolvida a fim de enfatizar algumas estratégias política realizadas durante o mandato da ex-presidente Dilma Rousseff. Além disso, constatamos que

nesse editorial as metáforas da justiça e do teatro e as demais metáforas foram utilizadas com o objetivo de dar ênfase à retórica da artimanha. Esse editorial procura acentuar as ideias das artimanhas políticas ao ponto que não se esqueceu do sentimento de justiça política, lembrando que o processo de impeachment foi feito com base na Constituição Brasileira, além disso utilizou-se o teatro para dar uma ideia teatral a trama do processo de impeachment de Dilma Rousseff.

5.3.11 “As razões do impeachment” – anexo 11

Jornal - *Gazeta do Povo*

As razões do impeachment

A tese do “conjunto da obra” foi usada por José Eduardo Cardozo, pois confirma a ideia de que Dilma estaria sendo cassada por motivos que não justificam um impeachment

[31/08/2016] [00h01]

Apesar de Janaína Paschoal, advogada da acusação, ter resolvido não oferecer réplica à fala de José Eduardo Cardozo, que defende Dilma Rousseff, a decisão final sobre o impeachment da presidente afastada acabou ficando para esta quarta-feira, por decisão do presidente do STF, Ricardo Lewandowski. Um tempo adicional para examinarmos uma argumentação de Cardozo em seu discurso de terça-feira sobre o que seriam, para ele, as reais razões do impeachment. Um raciocínio sutil que esconde uma conclusão perigosa.

Cardozo alegou repetidamente que Dilma estava sendo julgada não pelas “pedaladas” ou pelos decretos fraudulentos, mas pelo que chamou de “conjunto da obra”: uma presidente que governou para os pobres, desagradou as elites e não quis frear a Lava Jato (um “conjunto” de conotação positiva) foi levada ao banco dos réus por uma técnica que camuflaria o real motivo do impeachment. O raciocínio do “conjunto da obra” é usado por defensores de Dilma – e, em menor grau, por seus adversários – também com outro sentido, negativo: a presidente estava caindo não pelas fraudes, mas pela condução desastrosa da economia, pela má interlocução com o Legislativo, pela destruição da Petrobras, pelo estelionato eleitoral.

Em qualquer dos casos, esse raciocínio só pode levar à conclusão, errônea, de que o impeachment seria realmente um golpe.

Afinal, ambos os “conjuntos da obra” descritos anteriormente só podem servir para a queda de um chefe de governo em um regime parlamentarista, por meio do voto de desconfiança. Em um regime presidencialista, a mera incompetência, a impopularidade ou a relação belicosa com o Congresso não podem, em hipótese alguma, embasar um impeachment. No ordenamento jurídico brasileiro, é imprescindível a comprovação de um crime de responsabilidade (cujo julgamento cabe ao Senado, como ocorre agora) ou de crime comum (caso em que o presidente seria julgado pelo STF). Eis por que a tese do “conjunto da obra” é agradável ao petismo e foi usada por Cardozo, pois confirma a ideia de que Dilma estaria sendo cassada por motivos que, no presidencialismo, não justificam um impeachment – ou seja, uma cassação ilegal.

No entanto, existe um terceiro “conjunto da obra” que é preciso considerar: uma coleção de efetivos crimes de responsabilidade cometidos pelo mandatário – algo que, no caso de Dilma, é fácil de observar. Às “pedaladas” e fraudes contábeis de 2015, objeto concreto do pedido de impeachment analisado no Senado, somam-se essas mesmas irregularidades cometidas também durante o primeiro mandato e que já poderiam justificar o impeachment, pois o parágrafo 4.º do artigo 86 da Constituição diz que o presidente da República “não pode ser responsabilizado por atos estranhos ao exercício de suas funções”, sem com isso erigir um muro entre mandatos subsequentes na mesma função – seria um contrassenso considerar que a posse no segundo mandato significasse uma anistia em relação a todo crime cometido nos quatro anos anteriores. Além disso, como se não bastassem as fraudes no orçamento, é evidente também que Dilma prevaricou ao não agir para impedir a pilhagem da Petrobras.

Mas nem todo crime de responsabilidade é de fácil comprovação. Nada mais natural, portanto, que os proponentes do impeachment buscassem alguns poucos pontos sobre os quais não haveria dúvida, a fim de construir uma acusação sólida, ainda que para isso fosse necessário deixar passar o restante das irregularidades. É o que fizeram Janaina Paschoal, Hélio Bicudo e Miguel Reale Junior: para evitar consequências de uma interpretação torta do artigo 86 da CF, concentraram-se nas fraudes de 2015, fartamente documentadas e que não são “mera técnica”, dada a gravidade das gambiarras orçamentárias.

O fato de alguns senadores terem dedicado seus discursos a aspectos alheios à acusação propriamente dita ou as insinuações de que um governante popular jamais cairia pelos mesmos motivos de Dilma não escondem a existência concreta dos crimes de responsabilidade da presidente afastada. É por eles, e só por eles, que ela cai.

5.3.11.1 Análise retórica

O décimo primeiro editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “As razões do impeachment” publicado no dia trinta e um de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Gazeta do Povo* do estado do Paraná, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 11.

A primeira metáfora desse editorial é encontrada apenas no segundo parágrafo, no trecho “[...] não quis frear a Lava Jato [...]” em que a metáfora retórica vem como figura de ESCOLHA, fazendo referência a continuação da investigação de um grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro. Assim, os vocábulos desse trecho são selecionados por uma questão de escolha, e utilizados no sentido metafórico. Um pouco depois, encontramos no trecho “[...] tecnicidade que camuflaria o real motivo do impeachment [...]” outra metáfora como figura de ESCOLHA, que traz a escolha de recursos expressivos, a fim de caracterizar a omissão do real motivo do impeachment. Ainda nesse mesmo inciso, nos deparamos com mais uma metáfora retórica aplicada como figura de ESCOLHA, localizada no trecho “[...] a presidente estava caindo não pelas fraudes [...]”, trazendo o sentido figurado de cair no sentido de sair.

No terceiro parágrafo, encontramos novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, localizada no fragmento “[...] a queda de um chefe de governo em um regime parlamentarista [...]”, que traz em seu sentido figurado o verbo queda no sentido de sair, essa escolha metafórica foi aplicada através da expressividade verbal, característico da linguagem metafórica.

Um pouco mais adiante, já no quarto parágrafo pudemos detectar outra metáfora retórica aplicada como figura de ESCOLHA situada no trecho “[...] sem com isso erigir um muro entre mandatos subsequentes na mesma função [...]” traz ao texto a ideia de que um mandato de reeleição não apaga os seus atos no governo anterior. Nessa mesma direção, o fragmento “[...] no segundo mandato significasse uma anistia em relação a todo crime

cometido [...]” nos traz mais uma vez uma metáfora como figura de ESCOLHA, com a mesma ideia de significação metafórica, trazendo ao texto um reforço da ideia apresentada na metáfora anterior, como se o segundo mandato significasse uma anistia em relação a todo crime cometido no mandato anterior.

Ainda no mesmo inciso, no final do parágrafo, encontramos novamente uma metáfora retórica empregada como figura de ESCOLHA, vejamos no trecho “[...] prevaricou ao não agir para impedir a pilhagem da Petrobras”. Esse recorte nos remete a uma expressividade metafórica que nos traz o conceito jurídico de roubo ou espoliação praticada na Petrobras por um grupo de pessoas.

No quinto parágrafo conseguimos detectar a expressão “[...] acusação sólida [...]”, que cumpre a função descrita por Perelman & Tyteca (2005 [1958]) como metáfora adormecida, tornando-se tão usual, que não é mais considerada metáfora pura. Mais à frente, no final desse inciso encontramos a última metáfora desse editorial, uma metáfora como figura de ESCOLHA, encontrada no recorte “[...] dada a gravidade das gambiarras orçamentárias”. Esse trecho, traz a palavra “[...] gambiarras [...]” com sentido metafórico referindo-se a extensão puxada fraudulentamente para furtar ou burlar o orçamento brasileiro no governo de Dilma Rousseff.

A aplicação da linguagem metafórica é um recurso utilizado pelo orador, para de certo modo acarretar alguns efeitos de sentido em seu auditório. Nessa análise investigamos do explícito para o implícito, buscando as aplicações metafóricas retóricas, para navegar pelas entrelinhas do texto e observar o processo metafórico retórico e argumentativo.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “As razões do impeachment”.

Gráfico 21 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “As razões do impeachment” do jornal *Gazeta do Povo*.

5.3.11.2 Análise conceitual

O título do editorial “As razões do impeachment” nos remete aos motivos que foram levados em consideração no processo do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Assim, como primeira metáfora conceitual encontrada nesse editorial temos uma metáfora da ARTIMANHA, que está implícita no próprio título “As razões do impeachment” de modo que nos indica que esse editorial nos trará grandes ideias neste campo semântico.

Ainda no primeiro parágrafo, vejamos a seguinte oração: “[...] Um raciocínio sutil que esconde uma conclusão perigosa”. Neste recorte encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, que nos remete a um artifício utilizado para prorrogar por mais um dia o julgamento de impeachment de Dilma Rousseff.

Já no segundo parágrafo, no fragmento “[...] Cardozo alegou repetidamente que Dilma estava sendo julgada não pelas ‘pedaladas’ ou pelos decretos fraudulentos [...]” temos uma metáfora da ARTIMANHA, que se utiliza de artimanhas realizadas no governo de Dilma Rousseff, para justificar uma nova artimanha de postergação do julgamento, ou até mesmo, persuadir seu público sobre uma análise que ao ver de Cardozo seria errônea. Nesse mesmo caminho, na frase “[...] a presidente estava caindo não pelas fraudes [...]” temos uma metáfora

da ARTIMANHA, a ideia seria que ela não estaria caindo pelas artimanhas e facetes que desenvolveu durante seu governo, em continuidade, ela estaria caindo pelo seu fracasso, no trecho “[...] mas pela condução desastrosa da economia [...]” podemos detectar uma metáfora do FRACASSO, que expõe a ideia desastrosa em que ficou a economia do Brasil. Nesse mesmo âmbito, no trecho “[...] pela má interlocução com o Legislativo [...]” podemos verificar outra metáfora do FRACASSO, que reforça o conceito de fracasso do mandato de Dilma Rousseff. Imediatamente, no recorte “[...] pela destruição da Petrobras [...]” encontramos outra metáfora do FRACASSO, que traz mais um ato de fracasso referente ao período político da presidente Dilma Rousseff. Finalizando esse inciso, em “[...] pelo estelionato eleitoral [...]”, encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, que traz um conceito também conhecido como giro político, sendo esse um conceito da Ciência Política utilizado para descrever os casos de candidatos eleitos com uma ideia ideológica que, após a eleição adotam um programa ideológico contrário ao anunciado.

No terceiro parágrafo, no fragmento “[...] a mera incompetência, a impopularidade ou a relação belicosa com o Congresso não podem, em hipótese alguma, embasar um impeachment [...]” podemos detectar uma metáfora da JUSTIÇA, que reforça que o fracasso não pode ser o pretexto para a destituição do cargo de um presidente da república. Em sequência, no período “[...] No ordenamento jurídico brasileiro, é imprescindível a comprovação de um crime de responsabilidade [...]” topamos com mais uma metáfora da JUSTIÇA, que reforça a ideia anterior de que apenas a comprovação de um crime de responsabilidade leva a destituição de um cargo político.

Referente ao quarto parágrafo, no trecho “[...] uma coleção de efetivos crimes de responsabilidade [...]” encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, trazendo as artimanhas como uma parcela significativa dos atos da presidente da República que atentam contra: a própria Constituição, a existência da União, ao livre exercício dos Poderes Legislativo e Judiciário. Em seguida em “[...] Às ‘pedaladas’ [...]” temos uma metáfora referente a ARTIMANHA, ela nos traz a memória uma das artimanhas utilizadas por Dilma em seu governo. Em continuidade no trecho “[...] e fraudes contábeis de 2015 [...]” encontramos outra metáfora referente a ARTIMANHA, que nos repete outra artimanha utilizada por Dilma Rousseff enquanto estava no governo do Brasil, relacionada as fraudes contábeis de 2015. Logo após, no recorte “[...] irregularidades cometidas [...]” temos um reforço novamente com

a ideia das artimanhas utilizadas por Dilma em seu governo, assim, mais uma vez encontramos uma metáfora da ARTIMANHA.

Ainda no mesmo parágrafo, no fragmento “[...] o parágrafo 4.º do artigo 86 da Constituição diz que o presidente da República ‘não pode ser responsabilizado por atos estranhos ao exercício de suas funções’ [...]” nos deparamos com uma metáfora da JUSTIÇA, que traz ao texto a própria Constituição brasileira, a fim de enfatizar o senso de legalidade. Logo após, o texto retoma a ideia de esperteza e nos traz “[...] as fraudes no orçamento [...]” uma metáfora da ARTIMANHA, lembrando ao leitor da astúcia de Dilma Rousseff. Finalizando esse inciso pudemos detectar uma metáfora do FRACASSO, que procura enfatizar a falta de atitude de Dilma Rousseff diante dos saques cometidos à Petrobras, vejamos: “[...] prevaricou ao não agir para impedir a pilhagem da Petrobras”.

No quinto parágrafo, o trecho “[...] para evitar consequências de uma interpretação torta do artigo 86 da CF [...]” traz a ideia de se evitar o não cumprimento da lei, aqui encontramos uma metáfora da JUSTIÇA. Seguidamente, na frase “[...] concentraram-se nas fraudes de 2015 [...]” encontramos uma retomada da metáfora da ARTIMANHA, que novamente nos remete para as espertezas realizadas no governo de Dilma Rousseff. Outra metáfora da ARTIMANHA, que também procura retomar uma perspicácia governamental, ocorre no último trecho desse inciso, atentemos: “[...] dada a gravidade das gambiarras orçamentárias”.

No último parágrafo desse editorial pudemos detectar no trecho “[...] não escondem a existência concreta dos crimes de responsabilidade da presidente afastada [...]” uma metáfora da ARTIMANHA, que procura mostrar que os crimes de responsabilidades realmente existiram. Logo após, o editorial é finalizado com o período: “[...] É por eles, e só por eles, que ela cai”. Esse trecho traz uma metáfora do FRACASSO, já que “[...] eles [...]” na frase faz referência a todos os fracassos trazidos ao texto para explicar as razões do impeachment.

Nessa análise metafórica conceitual procuramos referir-se à compreensão das ideias apresentadas nesse editorial, ou domínio conceitual, em termos de outro. Pode-se dizer que a própria maneira como o argumentar é concebido, é configurada com base na metáfora conceitual. Para os autores Lakoff & Johnson (2002 [1980]) a metáfora é vista como parte do pensamento.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional quanto ao uso das metáforas conceituais no jornal em questão.

Gráfico 22 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “As razões do impeachment” do jornal *Gazeta do Povo*.

4.3.11.3 Resultados: “As razões do impeachment” – anexo 11

No âmbito da análise retórica foram encontradas oito metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, a maior parte da aplicação metafórica vem pela grande utilização de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto, característicos dessa categoria metafórica.

Referente a análise conceitual foram encontradas treze metáforas da artimanha, cinco metáforas do fracasso e quatro metáforas da justiça, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 62% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da artimanha. Acredita-se que as metáforas conceituais encontradas no editorial “As razões para o impeachment”, do jornal *Gazeta do povo*, reúnem-se num volumoso movimento retórico, com o uso principal da metáfora da artimanha, que foi desenvolvida a fim de enfatizar algumas arapucas política realizadas durante o mandato da ex-presidente Dilma Rousseff. O que releva nesse editorial são que todas as metáforas da justiça e do fracasso foram aplicadas

com o objetivo de dar ênfase à retórica da artimanha. Esse editorial procurou exacerbar as artimanhas do governo de Dilma Rousseff, ao passo que procurou mostrar o sentimento de fracasso político.

5.3.12 “O Senado deu o ‘golpe’ ” – anexo 12

Jornal - *Gazeta do Povo*

O Senado deu o “golpe”

A sessão que confirmou o fim de quase 14 anos de petismo no Planalto acabou manchada por uma autêntica gambiarra jurídica com o objetivo de consagrar a impunidade.

[01/09/2016] [00h01]

O Senado finalmente decidiu, pelo resultado expressivo de 61 votos a 20, cassar definitivamente o mandato da agora ex-presidente da República Dilma Rousseff. Um desfecho que, sem dúvida alguma, pede comemoração, mas a sessão que confirmou o fim de quase 14 anos de petismo no Planalto acabou manchada por uma autêntica gambiarra jurídica costurada entre o PT, seus partidos-satélites e os senadores do PMDB, com o objetivo de consagrar a impunidade. O plenário do Senado decidiu que Dilma cometeu, sim, crime de responsabilidade e deveria perder o mandato, mas, em uma segunda votação, preservou seus direitos políticos. A ex-presidente pode assumir função pública – por nomeação, por exemplo – e não chegaria nem a ficar inelegível.

Logo no início da sessão de quarta-feira, o senador Humberto Costa, falando pela bancada do PT, propôs o golpe: que a inabilitação de Dilma fosse votada em separado, como destaque. Senadores de outros partidos, como Randolfe Rodrigues, da Rede, usaram a palavra para defender a ideia e o presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, aceitou o fatiamento. Não adiantou nem mesmo a manifestação do também senador e ex-

presidente da República Fernando Collor, que recordou a legislação e a jurisprudência do STF quando do seu próprio processo de impeachment, em 1992. Na ocasião, Collor renunciou antes da votação no Senado, mas perdeu o direito de exercer função pública por oito anos.

Confirmada a cassação de Dilma na votação do impeachment, o presidente do Senado, o peemedebista Renan Calheiros, abandonou todo e qualquer pudor, pronunciando-se publicamente contra a suspensão dos direitos políticos da presidente cassada. Naquele momento, esvaiu-se qualquer dúvida que alguém ainda pudesse ter sobre a participação dos senadores do PMDB na combinação espúria que levaria ao resultado observado minutos depois: a maioria do Senado até continuou contra Dilma, mas os 42 votos não foram suficientes para ratificar a pena de oito anos de inabilitação, pois era necessária a mesma maioria de dois terços exigida para o impeachment, ou seja, 54 votos.

Na mesma sessão que deveria consagrar uma vitória da moralidade e da democracia, rasgou-se a Constituição em nome da impunidade. A Carta Magna é inequívoca sobre o tema no parágrafo único do artigo 52: “Nos casos previstos nos incisos I e II [julgamentos por crimes de responsabilidade], funcionará como presidente o do Supremo Tribunal Federal, limitando-se a condenação, que somente será proferida por dois terços dos votos do Senado Federal, à perda do cargo, com inabilitação, por oito anos, para o exercício de função pública, sem prejuízo das demais sanções judiciais cabíveis”. Em outras palavras, a inabilitação é automática em caso de cassação. Não existe outra interpretação possível, e foi assim que o STF decidiu no Mandado de Segurança 21.689, que tratou do caso de Collor. Na ocasião, o Supremo avaliou que “No sistema atual, da Lei n.º 1.079, de 1950, não é possível a aplicação da pena de perda do cargo, apenas, nem a pena de inabilitação assume caráter de acessoriedade (...) A preposição ‘com’, utilizada no parágrafo único do art. 52, acima transcrito, ao contrário do conectivo ‘e’, do § 3º, do art. 33, da CF/1891, não autoriza a interpretação no sentido de que se tem, apenas, enumeração das penas que poderiam ser aplicadas. Implica, sim, a interpretação no sentido de que ambas as penas deverão ser aplicadas”.

Mas é óbvio que Calheiros e seus asseclas não estavam pensando em Dilma, contra quem não há – pelo menos por enquanto – acusações de crime comum. Violaram a Constituição pensando em si mesmos, pois, com a Operação Lava Jato em seus calcanhares, correm o risco de também eles perderem seus mandatos. O golpe promovido na tarde desta quarta-feira lhes dá a chance de sair com um prêmio de consolação: a preservação de seus direitos políticos. Uma decisão que beneficia inclusive o ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha, tão criticado em público por Dilma e seu advogado, José Eduardo Cardozo, nestes

dias finais do impeachment. Apesar do palavrório dilmista, quem há de garantir que o próprio Cunha não tenha participado da trama urdida por petistas e peemedebistas?

Senadores do PSDB e Democratas chegaram a anunciar a intenção de recorrer ao STF contra a decisão, mas recuaram – atitude questionável, pois é preciso que a corte seja provocada para que possa restabelecer a punição prevista pela lei maior do país. A decisão de quarta-feira é claramente inconstitucional e consagra a impunidade – tudo de que o país não precisa neste momento.

5.3.12.1 Análise retórica

O décimo segundo editorial do *Corpus* selecionado para realização de nossa proposta é intitulado por “O Senado deu o ‘golpe’ ” publicado no dia primeiro de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Gazeta do Povo* do estado do Paraná, encontrado como imagem no anexo 12.

A primeira metáfora encontrada nesse editorial foi encontrada na linha fina localizada logo abaixo do título, no trecho “[...] autêntica gambiarra jurídica [...]” encontramos uma metáfora como figura de ESCOLHA, que traz ao texto a ideia expressiva de burlar a Constituição brasileira, nesse caso o editorialista utiliza-se do vocábulo “[...] gambiarra [...]” para dar ênfase a esse processo de alteração da Constituição.

Nessa mesma ideia, no primeiro parágrafo encontramos novamente o trecho utilizado na linha fina “[...] autêntica gambiarra jurídica [...]”, nesse caso também temos outra metáfora como figura de ESCOLHA, que no mesmo sentido o vocábulo “[...] gambiarra [...]” vem aplicado para enfatizar esse processo de embaçar a Constituição brasileira. De imediato, temos o fragmento “[...] costurada entre o PT, seus partidos-satélites e os senadores do PMDB [...]” no qual encontramos mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, no sentido que o verbo “[...] costurada [...]” nos traz a imagem de uma ligação entre várias pessoas, essa expressividade vem a fim de realçar o modo com que foi realizado a trama final do julgamento do impeachment de Dilma Rousseff.

No segundo parágrafo pudemos detectar uma metáfora como figura de PRESENÇA, localizada no recorte “[...] propôs o golpe: que a inabilitação de Dilma fosse votada em separado [...]” apresenta o fato para comungar com seu leitor sobre sua indignação apontada pelo termo “[...] golpe [...]”, assim quer se fazer presente no auditório, explicando logo após o

termo o que ele chamou de “golpe”. Nesse sentido o editorialista quer se fazer presente no leitor tocando sua sensibilidade, levando em conta o que está presente na consciência de ambos participantes do discurso, como o que é certo ou errado, seguir ou não seguir com rigor a Constituição brasileira.

Posteriormente, ainda no mesmo inciso encontramos uma metáfora como figura de ESCOLHA, situada na oração “[...] aceitou o fatiamento [...]” traz a ideia de recorte da Constituição brasileira de maneira metafórica, para dar características a esse processo de votação do impeachment.

No quarto parágrafo desse editorial, pudemos localizar no trecho “[...] rasgou-se a Constituição em nome da impunidade [...]” mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, em que o verbo “[...] rasgou-se [...]” referido a Constituição traz uma ideia de não utilização da própria, e não o ato de rasga-la efetivamente. Esse efeito de sentido é visto no decorrer desse editorial, em que o editorialista prefere fazer uso de termos expressivos, a fim de ressaltar esse fato.

No último parágrafo, encontramos a última metáfora desse editorial como figura de ESCOLHA, situada no recorte “[...] consagra a impunidade [...]”, traz a ideia de sagra a impunidade, ao ponto que um recurso expressivo é utilizado, no âmbito de enfatizar a impunidade com o desmembramento da votação, a fim de se atingir determinado efeito de sentido e dar ênfase mesmo na conclusão do editorial.

Nesta análise procuramos encontrar as metáforas retóricas utilizadas nesse editorial para efetivar essa análise retórica focamos na análise dos termos expressivos de acordo com as orientações de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) com as metáforas como figuras retóricas.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “O Senado deu o ‘golpe’ ”.

Gráfico 23 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “O Senado deu o ‘golpe’ ” do jornal *Gazeta do Povo*.

5.3.12.2 Análise Conceitual

O título do editorial “O Senado deu o ‘golpe’ ” nos remete a estratégia utilizada para que a inabilitação de Dilma Rousseff fosse votada separadamente. Portanto, como primeira metáfora conceitual encontrada nesse editorial temos uma metáfora da ARTIMANHA, que está implícita no título, de maneira que nos sugere que esse editorial nos trará grandes concentrações neste campo semântico.

No primeiro parágrafo do editorial “O Senado deu o ‘golpe’ ” nos deparamos com o trecho “[...] uma autêntica gambiarra jurídica de consagrar a impunidade [...]”, que traz novamente uma metáfora da ARTIMANHA, com a ideia de manipulação da justiça brasileira, tendo por objetivo mostrar uma ideia de manipulação do processo de justiça.

No segundo parágrafo, de início verificamos uma metáfora da ARTIMANHA no conjunto de palavras “[...] propôs o golpe [...]”, essa escritura procura enfatizar uma estratégia utilizada para que a inabilitação de Dilma Rousseff fosse votada separadamente ao processo de impeachment. A próxima metáfora conceitual encontrada nesse editorial é uma metáfora da JUSTIÇA na oração “[...] que recordou a legislação e a jurisprudência do STF [...]”, que

traz ao editorial uma lembrança do dever do cumprimento da legislação e da jurisprudência do STF.

Já no terceiro parágrafo desse editorial, nos deparamos com a narrativa de um ato que nos proporcionou uma metáfora da ARTIMANHA, vejamos: “[...] abandonou todo e qualquer pudor, pronunciando-se publicamente contra a suspensão dos direitos políticos da presidente cassada [...]”. Nesse fragmento, somos levados a ver uma astúcia vinda de Renan Calheiros que não hesitou em mostrar-se publicamente contra a proibição dos direitos políticos da presidente cassada.

Passamos para o quarto parágrafo, no trecho “[...] rasgou-se a Constituição em nome da impunidade [...]” localizamos outra metáfora da ARTIMANHA, uma espécie de manipulação da punição, que evita assim, que a presidente cassada perdesse seus direitos políticos. Seguidamente, na frase “[...] A Carta Magna é inequívoca sobre o tema no parágrafo único do artigo 52 [...]” encontramos uma metáfora da JUSTIÇA, que nos traz a ideia de que a justiça é clara, e que deveria ser seguida.

De início no quinto parágrafo em “[...] Violaram a Constituição [...]”, pudemos detectar uma metáfora da ARTIMANHA, que traz ao editorial a ideia do não cumprimento das leis brasileiras como uma espécie de astúcia para se conseguir algo. Posteriori, topamos novamente com uma metáfora da ARTIMANHA na frase “[...] O golpe promovido na tarde desta quarta-feira [...]”, que buscou reforçar a ideia de esperteza para promover certo benefício próprio.

No final do último parágrafo do editorial em “[...] claramente inconstitucional [...]” encontramos mais uma vez uma metáfora da ARTIMANHA, que nos retoma a ideia da astúcia de se burlar uma lei constitucional. Nessa mesma direção, no recorte “[...] consagra a impunidade [...]” encontramos a última metáfora da ARTIMANHA desse editorial, que reforça uma ideia de manipulação do processo de justiça, da qual o país não precisaria viver nesse momento.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional relacionado as aplicações metafóricas conceituais.

Gráfico 24 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “O Senado deu o ‘golpe’ ” do jornal *Gazeta do Povo*.

5.3.12.3 Resultados: “O Senado deu o ‘golpe’.” – anexo 12

No âmbito da análise retórica, foram encontradas oito metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, a maior parte da aplicação metafórica vem pela grande utilização de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto, característicos dessa categoria metafórica.

Referente a análise conceitual foram encontradas treze metáforas da artimanha, cinco metáforas do fracasso e quatro metáforas da justiça. Trazendo uma proporção, em que aproximadamente 62% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da artimanha. Acredita-se que as metáforas conceitual encontradas no editorial “O Senado deu o ‘golpe’.”, do jornal *Gazeta do povo*, reúnem-se num volumoso movimento Retórico, com o uso principal da metáfora da artimanha, que foi desenvolvida a fim de enfatizar alguns artifícios política realizadas durante o mandato da ex-presidente Dilma Rousseff. O que se ressalta então nesse editorial é a metáfora da artimanha, acredita-se que a metáforas da justiça foi usadas para dar ênfase à retórica da artimanha. Assim, esse editorial procurou acentuar o sentimento de manipulação do processo de justiça, ao ponto que também procurou lembrar que o processo de impeachment foi feito com base na justiça brasileira.

5.3.13 “Dilma chega vulnerabilizada à votação” – anexo 13

Jornal – *O Globo*

Dilma chega vulnerabilizada à votação

Ao comparecer ao Senado, presidente afastada leu defesa competente, mas demonstrou traços conhecidos nas respostas a perguntas e críticas

POR EDITORIAL

31/08/2016 0:00

Passaram-se oito meses desde a aceitação do pedido de impeachment de Dilma por parte do então presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), durante os quais transcorreram intensos debates, com acusações e defesas, entremeadas de recursos ao Supremo Tribunal, cujo presidente, ministro Ricardo Lewandowski, é o guardião de corpo presente desta fase final do processo.

Dilma tem um apoio minguante nas ruas — sustentação que passou a se resumir a movimentos e entidades que orbitam em torno do PT, e se beneficiaram do acesso fácil ao Tesouro nos governos lulopetistas —, mas a representatividade do PT faz bem ao processo de impedimento. Sob pressão, o Legislativo e o Poder Judiciário são fiadores atentos da extrema lisura de toda a tramitação do afastamento da presidente Dilma.

A última sessão em que acusação e defesa se defrontaram, realizada na manhã e início da tarde de ontem, resumiu bem os pontos centrais da acusação de Dilma por crimes de responsabilidade de origem fiscal e orçamentária, conduzida pelos juristas Janaína Paschoal e Miguel Reali Jr.. Bem como a defesa, feita pelo advogado José Eduardo Cardozo, ex-ministro da Justiça e da Advocacia Geral da União (AGU), ex-deputado petista por São Paulo. Cardozo alinhou os argumentos básicos em favor da volta ao Planalto.

Não restaram mais dúvidas sobre a culpabilidade da presidente Dilma, criticada pelo seu pensamento econômico desde o final de 2005, no final do primeiro governo Lula, quando assumiu a Casa Civil e tachou de “rudimentar” a proposta dos colegas Antonio Palocci, da

Fazenda, e Paulo Bernardo, do Planejamento, para impedir que as despesas subissem mais que o PIB.

Na essência, é o que o governo Temer se propõe a fazer, e está certo. Dilma, no entanto, fiel a convicções erradas, pôs em prática a visão de que “gasto em custeio é vida” e, desde o final do segundo mandato de Lula, passou a induzir uma política de expansão de despesas sem limites. A crise mundial de 2008/2009 serviu de álibi para a gastança, causa da atual crise, aprofundada pela percepção de que o Tesouro brasileiro se tornará insolvente, sedimentada pela reeleição de Dilma e sua aposta em dobro no mesmo modelo, com a queda de Joaquim Levy do Ministério da Fazenda, substituído por Nelson Barbosa.

Ao sustentar a parte técnica da acusação, Janaína Paschoal foi feliz ao explicar como a presidente Dilma, à frente do ministro Guido Mantega e o secretário do Tesouro, Arno Augustin, este o artífice da “contabilidade criativa”, promoveram uma “farsa fiscal”, para maquiagem dados com técnicas de contabilidade pública, a fim de criar um cenário róseo da economia, na campanha de 2014. Daí as “pedaladas”, para que bancos oficiais pagassem, em nome do Tesouro, subsídios. Empréstaram à União, um pecado mortal perante a Lei de Responsabilidade. E também editaram decretos de gastos adicionais, sem a aprovação do Congresso. Crimes de responsabilidade, de acordo com a Lei 1.079/50 e a Constituição.

Para completar o fiel resumo do que foi o embate destes oito meses, o advogado José Eduardo Cardozo se incumbiu da defesa política e técnica da presidente, exposta com a ênfase e a competência costumeiras.

Voltou à cena o fantasioso “golpe parlamentar”, sustentado numa ficcional trama urdida nos porões do TCU, da qual se valeu Eduardo Cunha para chantagear a presidente: ou o apoio do PT a ele no Conselho de Ética, ou a abertura do processo de impeachment. Esqueceu-se de citar pressões do Planalto para que petistas defendessem Cunha. E se este se vingou, também deu um auxílio a Dilma, ao limitar a sustentação do pedido de impeachment a fatos ocorridos apenas em 2015. Suficientes para o impedimento, mas longe de serem o conjunto da obra. Mais ainda: sem o apoio da grande maioria do Congresso, nada prosperaria.

Ao comparecer ao Senado para se defender, Dilma não deve ter mudado votos contra si. Na extensa parte da sessão em que respondeu a perguntas e críticas de senadores, foi a Dilma de sempre: irritadiça, autoritária, confusa. E deve ter pulverizado de vez a possibilidade

do retorno ao Planalto quando se recusou a dizer o que faria contra a crise econômica caso o impeachment fosse rejeitado. Demonstrou que a hipotética volta à Presidência poderia ser um salto no escuro.

5.3.13.1 Análise retórica

O décimo terceiro editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “Dilma chega vulnerabilizada à votação” publicado no dia trinta e um de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Globo* do estado do Rio de Janeiro, localizado como imagem de apresentação do texto no anexo 13.

A primeira metáfora desse editorial foi encontrada na linha fina, localizado logo após o título, no recorte: “[...] leu defesa competente [...]”, percebemos que o editorialista procura dá ênfase ao fato de Dilma ter lido sua defesa, mas foi competente em sua leitura. Esse tipo de metáfora retórica é analisada como figura de ESCOLHA.

No segundo parágrafo encontramos mais uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, situada no trecho “[...] extrema lisura de toda a tramitação [...]” a ideia do orador é mostrar a honestidade nas ações realizadas pelo Legislativo e Poder Judiciário durante o afastamento de Dilma Rouseff.

Já no quarto parágrafo encontramos no fragmento “[...] tachou de “rudimentar” a proposta dos colegas [...]” outra metáfora retórica como figura de ESCOLHA, que traz expressividade ao texto, de modo que o trecho traz o sentido enfático para mostrar que Dilma recriminou como simplória a proposta dos colegas para impedir que as despesas subissem mais que o PIB.

No sexto parágrafo pudemos detectar uma metáfora como figura de ESCOLHA, colocada no recorte “[...] o artífice da “contabilidade criativa” [...]”, em que dois termos são justapostos, neste caso a fim de aumentar a expressividade do texto e dar características simbólicas, que nos traz a ideia de um artifício realizado na contabilidade. Imediatamente, o trecho “[...] promoveram uma “farsa fiscal” [...]” dá continuidade a metáfora anterior, com o uso de outra metáfora como figura de ESCOLHA, trazendo a ideia de manipulação fiscal ocorrida na contabilidade. Seguidamente, encontramos mais uma metáfora como figura de ESCOLHA localizada em continuação no trecho “[...] para maquiagem dados com técnicas de

contabilidade pública [...]”, em que o verbo “[...] maquiar [...]” traz a ideia figurada e expressiva, mas com um sentido de disfarçar os dados efetivos da contabilidade pública. Logo em seguida, o fragmento “[...] a fim de criar um cenário róseo da economia [...]” nos remete à outra metáfora como figura de ESCOLHA, principalmente com a aplicação metafórica de “[...] cenário róseo [...]” que traz uma ideia de um cenário político favorável, para ganhar as reeleições.

Na frase inicial do oitavo parágrafo “Voltou à cena o fantasioso ‘golpe parlamentar’ [...]” encontramos mais uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, que traz uma escolha metafórica com aplicação do vocábulo “[...] fantasioso [...]” relacionado ao “[...] ‘golpe parlamentar’ [...]” linguisticamente trazendo ao texto, a ideia de que esse golpe seria inventado, isso ocorre no texto, para reforçar a expressividade desse fato. Um pouco mais adiante, no recorte “[...] sustentado numa ficcional trama urdida [...]” encontramos novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, com uma espécie de conspiração ficcional, em que novamente os termos empregados nos trazem uma ideia expressiva causando variado efeito de sentido.

Como última metáfora encontrada nesse editorial encontramos uma metáfora retórica como figura de COMUNHÃO, localizada no final do último parágrafo no fragmento: “[...] Demonstrou que a hipotética volta à Presidência poderia ser um salto no escuro”. Nesse período, encontramos algo em comum entre o orador e o auditório, em que as pessoas residentes deste país se identificam com a preocupação com a administração do país. Assim essa figura de comunhão possui uma participação efetiva e ativa com o leitor principalmente, estando posicionada na última escritura desse editorial, que assim procura chamar a atenção de todos em comum, para esse fato.

A aplicação realizada pelo editorialista que vai da linguagem metafórica para a linguagem literal é uma ferramenta usada para causar diferentes finalidades de sentido em seu auditório. Nessa apreciação buscamos ir do explícito para o implícito, revelando acima de tudo as metáforas a fim de dar destaque na expressividade metafórica aplicada como objeto de persuasão implícita em textos de nosso cotidiano.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Dilma chega vulnerabilizada à votação”.

Gráfico 25 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Dilma chega vulnerabilizada à votação” do jornal *O Globo*.

5.3.13.2 Análise conceitual

As metáforas conceituais do editorial “Dilma chega vulnerabilizada à votação” do jornal *O Globo* iniciam-se no primeiro parágrafo, no trecho “[...] entremeadas de recursos ao Supremo Tribunal [...]” pudemos detectar uma metáfora da ARTIMANHA, que nos traz a ideia de que possui alguma coisa de permeio, ou seja, que houve diversos recursos durante esses oito meses desde a aceitação do pedido de impeachment.

No trecho de início no segundo parágrafo “[...] tem um apoio minguate nas ruas [...]” encontramos uma metáfora do FRACASSO, trazendo a ideia de que Dilma decresce em seu apoio, reforçando o fracasso da ex-presidente. No final desse inciso encontramos uma metáfora da JUSTIÇA, vejamos: “[...] o Legislativo e o Poder Judiciário são fiadores atentos da extrema lisura de toda a tramitação do afastamento da presidente Dilma”. Esse fragmento nos traz a ideia de que a justiça será feita e está sendo acompanhada de perto pelo Legislativo e pelo Poder Judiciário.

No terceiro parágrafo encontramos o trecho “[...] por crimes de responsabilidade de origem fiscal e orçamentária [...]” que nos traz com uma metáfora da ARTIMANHA, com as ideias de astúcias e espertezas realizadas durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff.

De início no quarto parágrafo, no trecho “[...] a culpabilidade da presidente Dilma [...]” pudemos detectar a metáfora da ARTIMANHA, ligada a ideia de comprovação de todas as artimanhas ligadas a ex-presidente Dilma. Em continuidade, no fragmento “[...] criticada pelo seu pensamento econômico desde o final de 2005 [...]”, verificamos uma metáfora do FRACASSO, apontando o fracasso desde 2005, quando Dilma tachou de rudimentar outras propostas para impedir que as despesas subissem mais que o PIB.

Já no quinto parágrafo pudemos detectar nesse editorial outra metáfora da ARTIMANHA no fragmento “[...] passou a induzir uma política de expansão de despesas sem limites [...]” mais uma vez, o texto nos traz as artimanhas realizadas pela ex-presidente Dilma Rousseff, que as justifica como um processo de contenção da crise política mundial de 2008/2009.

No sexto parágrafo no trecho “[...] artífice da ‘contabilidade criativa’ [...]” encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, trazendo uma ideia de uma pessoa responsável por mascarar a contabilidade do governo. Imediatamente, o segmento “[...] promoveram uma ‘farsa fiscal’ para maquiar dados com técnicas de contabilidade pública [...]” topamos com outra metáfora da ARTIMANHA, agregando valor a metáfora anterior, trazendo um reforço para o sentido de artifícios de manipulação fiscal. Em continuidade, na passagem “[...] a fim de criar um cenário róseo da economia, na campanha de 2014 [...]” temos uma metáfora da ARTIMANHA, trazendo uma máscara no cenário nacional apenas para manipular o eleitorado que votou em 2014. Seguido a isso temos “[...] Daí as ‘pedaladas’ [...]”, outra metáfora da ARTIMANHA, reforçando a esperteza e falcatruas realizadas por Dilma Rousseff.

Subsequentemente, no trecho “[...] editaram decretos de gastos adicionais [...]” encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, trazendo um processo realizado como astúcia política. Nesse mesmo sentido, no recorte “[...] Crimes de responsabilidade [...]” pudemos detectar outra metáfora da ARTIMANHA, outra espécie de manipulação de números gerando assim, os crimes de responsabilidades. Fechando esse inciso encontramos uma metáfora da JUSTIÇA localizada na oração “[...] de acordo com a Lei 1.079/50 e a Constituição”. Esse segmento nos remete a uma lei e procura enfatizar que tudo está sendo acompanhado conforme prevê a Constituição brasileira.

Logo de abertura em “Voltou à cena o fantasioso [...]” pudemos verificar a metáfora do TEATRO, que traz uma espécie de cena teatral como universo fantasioso que vai se manifestando em cena. Em continuidade, no recorte “[...] ‘golpe parlamentar’ [...]” encontramos uma metáfora da GUERRA, completando a ideia da metáfora anterior, como uma espécie de teatro de guerra. Em seguida, no trecho “[...] sustentado numa ficcional trama urdida [...]” pudemos averiguar outra metáfora do TEATRO, que traz uma espécie de trama teatral que foi elaborado e organizado. Posteriormente, no fragmento “[...] ao limitar a sustentação do pedido de impeachment a fatos ocorridos apenas em 2015 [...]” examinamos uma metáfora da ARTIMANHA, que nos traz a ideia de que essa limitação seria suficientes para o impedimento, mas longe de serem o conjunto da obra de todas as artimanhas realizadas pela ex-presidente Dilma.

Fechando a análise desse editorial, no último parágrafo no fragmento “[...] pulverizado de vez a possibilidade do retorno ao Planalto quando se recusou a dizer o que faria contra a crise econômica caso o impeachment fosse rejeitado [...]” pudemos detectar uma metáfora do FRACASSO, que demonstra que a hipotética volta à Presidência poderia ser um salto no escuro, de modo que seria um fracasso.

Para melhor visualização dos resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados em um gráfico proporcional das aplicações metafóricas conceituais do jornal em questão.

Gráfico 26 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Dilma chega vulnerabilizada à votação” do jornal *O Globo*.

5.3.13.3 Resultados: “Dilma chega vulnerabilizada à votação” – anexo 13

No âmbito da análise retórica foram encontradas oito metáforas como figuras de escolha e uma metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 90% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha e 10% do uso das metáforas como figura de presença. Nesse sentido, a maior aplicação metafórica vem pelo grande emprego de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto, característicos da metáfora como figura de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas onze metáforas da artimanha, três metáforas do fracasso, duas metáforas da justiça, duas metáforas do teatro e uma metáfora da guerra. Trazendo uma proporção, em que aproximadamente 58% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da artimanha. Acredita-se que as metáforas conceituais encontradas no editorial “Dilma chega vulnerabilizada à votação” do jornal *O Globo*, agrupam-se num intenso movimento Retórico, com o principal uso da metáfora da artimanha, que foi desenvolvida a fim de enfatizar os métodos ardilosos de política realizadas durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Nesse sentido, o que se ressalta então nesse editorial é a metáfora da artimanha, acredita-se que as demais metáforas foram utilizadas para dar ênfase à retórica da artimanha. Assim, esse editorial procurou acentuar as artimanhas realizadas pela ex-presidente Dilma Rousseff.

5.3.14 “Para que jamais haja outro impeachment” – anexo 14

Jornal- *O Globo*

Para que jamais haja outro impeachment

A partir de agora, governante que desejar tomar atalhos, e não apenas no manejo do orçamento, para contornar a Carta, sabe o risco que corre

POR EDITORIAL

01/09/2016 0:00

O impeachment da presidente Dilma Rousseff, economista oriunda do brizolismo gaúcho, é o segundo, na vigência do estado democrático de direito, em 24 anos. O primeiro, de Fernando Collor de Mello, senador por Alagoas, e um dos 61 que votaram pela saída de Dilma, foi importante demonstração de vigor das instituições da democracia representativa, dada havia apenas quatro anos da promulgação da Constituição de 1988, marco do retorno ao estado democrático, após duas décadas de ditadura militar. Mudou o status do Brasil no mundo civilizado. O fato de o afastamento de Dilma ter obtido sete votos a mais que o mínimo exigido de dois terços dos senadores não pode ser ofuscado pelo desencontro entre PSDB e PMDB na aprovação, contra a posição dos tucanos, da liberação para que Dilma ocupe cargos públicos.

São um feito os dois impeachments, sem rupturas, num continente cuja trajetória é pontilhada de acidentes institucionais e autoritários, à direita e à esquerda, tendo como ligação, entre esses dois campos que se opõem, o nacionalismo, muitas vezes turbinado pelo populismo, como tem sido na tragédia do chavismo e foi na debacle do lulopetismo, com a mais grave desestabilização da economia brasileira na República.

É de notável ineditismo, na América Latina, o fato de esses incidentes institucionais no país serem contornados sem as rupturas clássicas na região. É tema de debates e estudos de cientistas políticos a incapacidade de o Brasil, no arranjo inaugurado na Nova República, não permitir maiorias estáveis no Congresso, para dar governabilidade aos inquilinos do Planalto. A discussão continuará.

O PT resolveu literalmente comprar a base parlamentar, para viabilizar um projeto de eternização no poder. Para isso, assaltou a Petrobras, outras empresas públicas e se enredou em um novelo do qual está longe de se livrar nos tribunais. Sempre guiado pelo máxima dos “fins que justificam os meios”.

A razão do impeachment de Dilma é de outra natureza. Restou provado na acusação encaminhada à Câmara por Hélio Bicudo, procurador que combateu o Esquadrão da Morte em São Paulo, fundador dissidente do PT; os advogados Miguel Reali Jr., ex-ministro da Justiça, na gestão FH, e Janaína Paschoal, professora do Largo de São Francisco, simbólica Faculdade de Direito da USP, que Dilma cometeu crimes de responsabilidade de ordem fiscal e orçamentária.

Foi diferente do que aconteceu com Collor, condenado no Senado por quebra de decoro, devido a denúncias de corrupção, mas inocentado no Supremo. Tudo também dentro das regras legais. Pois o julgamento no Congresso é de cunho político. No processo contra Dilma, não há acusações de corrupção, mas crimes que têm a ver com a visão ideológica lulopetista, com o tempero brizolista da ex-presidente. Não passou despercebido que, ao se defender no Senado, Dilma Rousseff usou tática do guia Leonel Brizola: nunca responder as perguntas e falar o que quiser.

Dilma se converteu à responsabilidade fiscal muito tarde, ao vir a dizer, só nesta semana, no Senado, ante o cadafalso, que lamentava o PT não haver votado para aprovar a LRF. No poder, atropelou-a sem piedade. Dilma não fez qualquer menção, por óbvio, mas o partido pelo qual se elegeu, o PT, também não assinou a Constituição de 1988. Louve-se a coerência: a legenda sempre avança contra a Carta e a LRF. Ao propor “Constituintes exclusivas”, por exemplo.

Dilma e os “desenvolvimentistas” não gostam da responsabilidade fiscal. Consideram-na “neoliberal”, um obstáculo conservador ao ativismo fiscal do Estado, esta uma obsessão da esquerda latino-americana do pós-Guerra. Mas todos precisam cumpri-las, a Carta e a LRF, com as respectivas normas decorrentes.

Dilma perdeu o cargo por sectarismo ideológico e voluntarismo, por achar que “vontade política” é o que resolve problemas no governo. Algo de sabor stalinista. Ao ir contra leis, a Carta e princípios técnico inamovíveis, cometeu suicídio. Collor sofreu impeachment devido à ética; Dilma, por investir contra pilares institucionais que o Brasil começou a construir no Plano Real, a partir de 1994, com Itamar e Fernando Henrique Cardoso.

Eduardo Cunha é, na “narrativa” lulopetista, peça central de um onírico complô em que se misturam corruptos temerosos da Lava-Jato, defensores do ex-presidente da Câmara e “inimigos das conquistas sociais”. E, claro, a “mídia”.

Mas foram a obsessão com o ativismo estatal e gastos sem medidas, maquiados por técnicas da “contabilidade criativa”, que construíram a enorme crise fiscal, visível a todos a partir de 2015, quando afloraram os números reais. Ou próximos deles. Assim, edificou as

bases do seu enforcamento legal. Mas nem tudo é pura ideologia. Houve também forte dose de esperteza, a fim de esconder o lixo debaixo do tapete, marquetear um país inexistente na propaganda política de 2014, e ganhar a reeleição em rotundo estelionato. Depois, veio o tarifaço, porque o governo congelou combustíveis, energia elétrica etc., para represar de maneira artificial a inflação, a fim de faturar a reeleição.

Lulopetistas devem ter aprendido com Ulysses Guimarães e José Sarney quando, em 1986, fizeram o mesmo para o seu PMDB ganhar as eleições no fim daquele ano, nos estertores do Cruzado. Elegeram 22 governadores. Dias depois, executaram os ajustes necessários, com liberação de preços e tarifas. O filme passou mais uma vez em 2015, com Dilma. Mas não chegou ao fim, porque as instituições republicanas estão solidificadas.

A edição de decretos de gastos sem aprovação do Congresso e as “pedaladas” — deixar instituições financeiras pagar despesas do Tesouro, numa operação ilegal de crédito à União — demoliram Dilma. O conjunto da obra de malfeitos fiscais é de enormes proporções. Eles vêm desde o final do segundo governo Lula, mas bastaram os crimes cometidos em 2015, conforme limitação imposta pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha, ao aceitar o pedido de impeachment, para derrotar Dilma e o lulopetismo de pedigree brizolista.

O saldo desses empréstimos ilegais concedidos à União, por decisão do Planalto, pelo Banco do Brasil, Caixa Econômica, BNDES e até o FGTS chegou em 2015 a pouco mais de R\$ 50 bilhões, cifra gigantesca. O Brasil havia voltado ao passado, à antessala da pré-hiperinflação, quando o BB se financiava diretamente no Tesouro e governadores ordenavam seus bancos estaduais como casas da moeda privadas. Costuma-se dizer que a estabilização econômica permitida pelo Plano Real se tornou patrimônio da sociedade. O impeachment de Dilma é prova cabal de que isso é verdade. A partir de agora, qualquer governante que pense em atalhos à margem da lei, no manejo orçamentário, precisará refletir sobre as implicações de seus atos. O mesmo vale para delírios no campo político-institucional.

O fortalecimento não é apenas das cláusulas da responsabilidade fiscal, mas da Constituição como um todo, para desaconselhar de vez projetos bolivarianos como o do lulopetismo. Serve de aviso geral à nação.

5.3.14.1 Análise retórica

O décimo quarto discurso do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é o editorial “Para que jamais haja outro impeachment” publicado no dia primeiro de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Globo* do estado do Rio de Janeiro, localizado como imagem de apresentação no anexo 14.

A primeira metáfora aplicada como figura retórica encontrada nesse editorial, está localizada no próprio título “Para que jamais haja outro impeachment”, sendo ela uma metáfora como figura de PRESENÇA, que traz ao texto uma vontade de se fazer presente para seu auditório, levando em conta o que está presente na consciência de ambos participantes do discurso. Assim, com a efetivação do efeito de presença nenhum dos brasileiros refletirá e desejará que haja outro impeachment.

Localizada abaixo do título, a linha fina nos trouxe uma metáfora como figura de ESCOLHA, no recorte “[...] governante que desejar tomar atalhos [...]” o verbo “[...] tomar [...]” vem no sentido figurado e traz uma ideia de aderir algum atalho, reforçando a ideia figurada trazida pelo verbo em questão.

A próxima metáfora desse editorial, foi encontrada no quarto parágrafo no trecho “[...] comprar a base parlamentar [...]” em que uma metáfora como figura de ESCOLHA é trazida ao texto para enfatizar a manipulação da base parlamentar, de acordo com a aplicação do verbo “[...] comprar [...]” relacionado-se aos outros termos da oração. Mais adiante, o recorte “[...] assaltou a Petrobras [...]” nos traz outra metáfora como figura de ESCOLHA, também se utilizando do efeito de sentido gerado pelo verbo “[...] assaltou [...]” que não é empregado em seu sentido literal.

Em seguida, pudemos detectar mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, do trecho “[...] enredou em um novelo [...]” traz expressividade em sua estruturação, ao ponto que traz uma imagem de enrolar-se como se estivesse em um apinhado situacional. Um pouco depois, esse inciso é encerrado com o fechamento: “[...] Sempre guiado pelo máxima dos “fins que justificam os meios”. Nesse recorte encontramos uma metáfora como figura de COMUNHÃO, que como afirmam Perelman & Tyteca (2005 [1958]) essa comunhão é obtida a mercê de referências a uma cultura, a uma radiação ou a um passado comum. Assim, a famosa frase “Os fins justificam os meios” significa que qualquer iniciativa é válida quando o

objetivo é conquistar algo importante, e por ser muito conhecida pela sociedade faz uma comunhão entre orador e auditório.

Já no nono parágrafo pudemos detectar uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, localizada no trecho “[...] Ao ir contra leis, a Carta e princípios técnico inamovíveis, cometeu suicídio [...]”, a oração “[...] cometeu suicídio [...]” traz a ideia metafórica referindo-se à perda do cargo de presidente da República. A escolha figurada da aplicação desses vocábulos justapostos tem como finalidade ocasionar um efeito de sentido nos leitores. Mais adiante, no recorte “[...] na ‘narrativa’ lulopetista [...]” localizamos outra metáfora como figura de ESCOLHA, que traz a ideia figurada, porém já sinalizada pela aspas, de que haveria uma história contada. Em continuidade, o trecho “[...] peça central de um onírico complô [...]” nos traz mais uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, que tem em seu sentido uma continuação da metáfora anterior, que traz um conceito metafórico de um artifício teatral central, que diz respeito a uma trama secreta combinada entre diversos indivíduos.

Em seguida no décimo parágrafo, no fragmento “[...] maquiados por técnicas da ‘contabilidade criativa’ [...]” topamos com uma metáfora como figura de ESCOLHA, no sentido que traz um sentido figurado e expressivo, com um sentido de disfarçar os dados efetivos da contabilidade pública. Em seguida no trecho “[...] edificou as bases do seu enforcamento legal [...]”, novamente pudemos detectar uma metáfora como figura de ESCOLHA, referindo-se a escolha de estilo empregado pelo orador em seu discurso, que sugere uma ideia de metafórica de construção da sua própria perda de mandato.

Um pouco depois, no recorte “[...] esconder o lixo debaixo do tapete [...]” encontramos mais uma vez uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, que nos traz a ideia metafórica de fazer vista grossa para algo ou situação, não tomar providência para resolver um problema, essa escolha expressiva se faz necessária para trazer, além das características, os efeitos de sentido do editorial. Mais adiante, na frase “[...] o governo congelou combustíveis [...]” localizamos outra metáfora retórica como figura de ESCOLHA, trazendo uma metáfora expressiva, já que a gasolina não congela nem no Alasca, e é preciso uma temperatura acima de 100 graus Célsius negativo para que isso ocorra. Nessa frase, a ideia vem do não aumento de preço dos combustíveis, para represar de maneira artificial a inflação.

No décimo primeiro parágrafo no recorte “[...] O filme passou mais uma vez [...]” topamos com mais uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, em que o vocábulo “[...] filme [...]” trouxe a ideia metafórica de que a história se repete, assumindo um sentido figurado e simbólico.

No último parágrafo desse editorial, no fragmento “[...] atalhos à margem da lei, no manejo orçamentário [...]” achamos novamente uma metáfora retórica como figura de ESCOLHA, que se referem a escolha de estilo empregado pelo orador em seu discurso, sugerindo uma ideia de um desvio de caminho, de acordo com a lei e com o orçamento. Nesse sentido, esse recorte deve ser interpretado pelo leitor através dos efeitos de sentido gerados pelas aplicações linguísticas em questão.

Nessa análise buscamos ir do que está dito no texto para o que não está dito, para que isso fosse possível procuramos as aplicações metafóricas, a fim de entrar nas entrelinhas do texto e observar os processos metafóricos retóricos e argumentativos, inúmeras vezes imperceptíveis à determinados auditórios.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Para que jamais haja outro impeachment”.

Gráfico 27 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Para que jamais haja outro impeachment” do jornal *O Globo*.

5.3.14.2 Análise conceitual

As metáforas conceituais no editorial “Para que jamais haja outro impeachment” do jornal *O Globo*, iniciam-se na linha fina logo abaixo do título na expressão “[...] tomar atalhos [...]”, que nos traz uma metáfora da ARTIMANHA, remetendo a ideia de burlar o sentido ideal, ou até mesmo, natural da política. Logo após, encontramos “[...] manejo do orçamento [...]” outra metáfora da ARTIMANHA, que nos despacha ao mascaramento dos números das contas fiscais.

Já no segundo parágrafo encontramos o trecho “[...] trajetória é pontilhada de acidentes institucionais e autoritários, à direita e à esquerda [...]”, que nos leva a uma metáfora da GUERRA, lembrando de uma trajetória ligada à guerras políticas institucionais e autoritárias. Um pouco depois, nos deparamos com o seguinte fragmento: “[...] com a mais grave desestabilização da economia brasileira na República”. Esse recorte nos leva a uma metáfora do FRACASSO, trazendo ao texto a lembrança da mais grave desestabilização da parcimônia brasileira.

No início do terceiro parágrafo pudemos identificar os vocábulos metafóricos “[...] incidentes institucionais [...]”, que nos levam diretamente para uma metáfora da GUERRA, no sentido que nos remete as guerras políticas.

Já no quarto parágrafo, no recorte “[...] comprar a base parlamentar [...]”, encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, no sentido que Dilma utiliza-se de um artifício para viabilizar um projeto de eternização do poder. Logo após, o vocábulo “[...] assaltou [...]” nos leva para uma metáfora da GUERRA, que retrata uma espécie de saque à Petrobras. Ao final desse item encontramos uma metáfora da ARTIMANHA no trecho que segue: “[...] Sempre guiado pelo máxima dos ‘fins que justificam os meios’ ”. Ele nos aproxima para uma máxima como uma justificativa para todas artimanhas realizadas no decorrer do mandato da ex-presidente Dilma Rousseff.

Mais adiante, no final do quinto parágrafo encontramos com uma metáfora da ARTIMANHA, em que o próprio texto nos afirma o cometimento dos crimes de responsabilidades de ordem fiscal e orçamentária, mais uma espécie de tramoia que gerou esses crimes, observemos o segmento: “[...] cometeu crimes de responsabilidade de ordem fiscal e orçamentária”.

De início no sexto parágrafo encontramos o vocábulo “[...] condenado [...]”, que nos envia a uma metáfora da GUERRA, remetendo a uma parte da guerra, uma crueldade que é realizada, em caso de guerra declarada, assim o impeachment de Collor é neste caso, comparado a uma pena condenatória, como um ato de condenação criminal, diferentemente do impeachment de Dilma que não sofreu condenação ao ter permissão para voltar a exercer cargos públicos. Em seguida, o termo “[...] denúncias [...]” nos remete novamente a metáfora da GUERRA, nos âmbitos que em uma guerra toda denúncia é levada em consideração.

Mais adiante localizamos uma metáfora da JUSTIÇA no trecho “[...] dentro das regras legais [...]”, que traz a ideia de legalidade nos atos judiciais. Em sequência, no trecho “[...] Pois o julgamento no Congresso é de cunho político [...]” o vocábulo “[...] julgamento [...]” nos leva a uma metáfora da GUERRA, principalmente analisando sua inserção no texto, já que afirma que o julgamento é de caráter político. Logo após, o vocábulo “[...] acusações [...]” nos leva para uma metáfora da GUERRA, nesse caso, também nos remetendo a uma parte da guerra, uma maneira de prejudicar o adversário, uma maneira de acusar o outro de algo que tenha feito ou não.

Posteriormente, pudemos detectar outra metáfora da ARTIMANHA na aplicação do vocábulo “[...] crimes [...]”, como uma artimanha na manipulação de números, gerando assim os crimes de responsabilidades. Mais a frente topamos com o vocábulo “[...] defender [...]”, que nos reporta para uma metáfora da GUERRA, em que a ex-presidente teve que defender-se no Senado. Mais adiante topamos com o seguinte trecho: “[...] Dilma Rousseff usou tática do guia Leonel Brizola: nunca responder as perguntas e falar o que quiser”. Nessa passagem pudemos detectar a utilização da metáfora da ARTIMANHA, que traz ao texto a ideia de fuga das responsabilidades, de modo que a ex-presidente mudava o assunto do que estava sendo perguntado.

No sétimo parágrafo encontramos outra metáfora da ARTIMANHA na expressão “[...] responsabilidade fiscal [...]”, que mostra que a responsabilidade por todas as artimanhas e macetes políticos foram agora concordados. Em seguida, a expressão “[...] ante o cadafalso [...]” nos remete a uma metáfora do TEATRO, traz a uma ideia teatral de palanque, ou até mesmo de circo montado de improviso.

Em consideração ao oitavo parágrafo, pudemos detectar outra metáfora da JUSTIÇA no final do item na seguinte passagem: “[...] com as respectivas normas decorrentes”.

Percebemos que esse fragmento reforça o conceito de que tudo deve seguir de acordo com o cumprimento das leis brasileiras.

Em oposição, no nono parágrafo encontramos o trecho “[...] Ao ir contra leis [...]” uma metáfora da ARTIMANHA, que traz uma ideia de que ao ir comprar as leis a ex-presidente utilizou-se de artifícios políticos em benefício próprio. Sequentemente, o vocábulo “[...] ‘narrativa’ [...]” nos traz uma metáfora do TEATRO, que aborda, novamente, o âmbito teatral de uma narrativa política. Nessa mesma direção, o recorte “[...] peça teatral [...]” continua com a ideia teatral e dramática com uma metáfora do TEATRO.

De início no décimo parágrafo encontramos uma metáfora da ARTIMANHA, no segmento “[...] a obsessão com o ativismo estatal [...]”, em continuidade temos o trecho “[...] e gastos sem medidas [...]” que traz outra metáfora da ARTIMANHA, ambas nos remetem aos artifícios utilizados durante o exercício da função de presidente de Dilma Rousseff. Sequentemente vejamos o seguinte recorte: “[...] maquiados por técnicas da ‘contabilidade criativa’.”. Esse trecho nos traz outra metáfora da ARTIMANHA, que traz certa máscara manipuladora da contabilidade do governo de Dilma.

Subsequente, no fragmento “[...] Houve também forte dose de esperteza, a fim de esconder o lixo debaixo do tapete [...]” localizamos uma metáfora da ARTIMANHA, que traz ao texto a astúcia realizada no governo de Dilma, a fim de esconder a crise de seu governo. Em seguida, no fragmento “[...] marquetear um país inexistente na propaganda política de 2014 [...]” encontramos outra metáfora da ARTIMANHA, que traz novamente a ideia de máscara para os problemas enfrentados no governo de Dilma Rousseff. Um pouco depois, pudemos detectar outra metáfora da ARTIMANHA no trecho “[...] Depois, veio o tarifaço, porque o governo congelou combustíveis, energia elétrica etc., para represar de maneira artificial a inflação [...]”, que reforça a ideia de esconder artificialmente a verdadeira inflação do Brasil.

Referente ao décimo primeiro parágrafo encontramos uma metáfora do TEATRO, no fragmento “[...] O filme passou mais uma vez [...]”, que aborda novamente o âmbito teatral de como uma narrativa política.

Já no décimo segundo parágrafo pudemos encontrar a metáfora da ARTIMANHA no trecho “[...] decretos de gastos sem aprovação [...]”, que traz os gastos realizados sem a

aprovação do Congresso. Logo após, o vocábulo “[...] ‘pedaladas’ [...]” nos levam novamente a uma metáfora da ARTIMANHA, que é trazida ao texto como qualquer ato ardiloso, enganoso, de má-fé, com o intuito de lesar alguém. Em continuidade no texto temos “[...] deixar instituições financeiras pagar despesas do Tesouro [...]” outra metáfora da ARTIMANHA, que traz a ideia de artifício utilizado para mascarar um procedimento realizado dentro do mandato da ex-presidente Dilma Rousseff.

No último parágrafo encontramos primeiramente uma metáfora da ARTIMANHA em “[...] empréstimos ilegais [...]”, que traz ao texto uma estratégia utilizada pela ex-presidente Dilma em seu mandato. Um pouco depois, no trecho “[...] à antessala da pré-hiperinflação [...]” pudemos detectar a metáfora da FRACASSO, que trouxe um dos fracassos alcançados pelo governo de Dilma Rousseff. Mais a frente no fragmento “[...] em atalhos à margem da lei, no manejo orçamentário [...]” topamos com outra metáfora da ARTIMANHA, que apresenta uma série de artifícios de manipulação realizados pela ex-presidente em seu mandato. Para fechar a análise desse editorial vejamos o trecho: “[...] Serve de aviso geral à nação”. Esse recorte nos ocasiona a metáfora da JUSTIÇA, aproximando-nos a ideia de que caso a Constituição brasileira não seja levada em consideração por outros políticos, os mesmos pagarão um preço elevado por isso.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional localizado a seguir.

Gráfico 28 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Para que jamais haja outro impeachment” do jornal *O Globo*.

5.3.14.3 Resultados: “Para que jamais haja outro impeachment” – anexo 14

No âmbito da análise retórica foram encontradas treze metáforas como figuras de escolha, uma metáfora como figura de comunhão e uma metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 88% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha e 6% do uso das metáforas como figura de comunhão e 6% do uso das metáforas como figura de presença. Nesse sentido, a maior aplicação metafórica vem pelo grande emprego de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto, característicos da metáfora como figura de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas vinte metáforas da artimanha, oito metáforas da guerra, quatro metáforas do teatro, três metáforas da justiça e duas metáforas do fracasso, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 54% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da artimanha e 22% são proporcionalmente metáforas da guerra. Acredita-se que as metáforas conceituais encontradas no editorial “Para que jamais haja outro impeachment”, do jornal *O Globo*, agrupam-se num intenso movimento Retórico, com o principal uso da metáfora da artimanha, que foi desenvolvida a fim de enfatizar os métodos ardilosos e espertezas política realizadas durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Nesse sentido, o que se ressalta então nesse editorial é a metáfora da artimanha, acredita-se que a metáfora da guerra e as outras metáforas aplicadas foram utilizadas a fim de enfatizar à retórica da artimanha. Assim, esse editorial procurou acentuar as artimanhas realizadas pela ex-presidente Dilma Rousseff, de modo que procurou mostrar os artifícios utilizados em comparação com uma guerra.

5.3.15 “Agenda decisiva exige união na base” – anexo 15

Jornal – *O Globo*

Agenda decisiva exige união na base

Manobra para livrar Dilma da inabilitação a cargos públicos cria fissura entre PSDB e PMDB, no dia da posse de Temer, e, se a crise não for contida, impedirá as reformas

POR EDITORIAL

02/09/2016 0:00

Não haveria mesmo por que o presidente Michel Temer usufruir da trégua que costuma acompanhar as primeiras semanas de novo governante. Afinal, cumpriu um período de 112 dias de interinidade. Deveria mesmo é tomar posse no cargo de forma definitiva e manter o ritmo de trabalho, pois não faltam problemas, à margem da guerra política que o lulopetismo promete fazer contra ele. Mas não se esperava que logo na sessão final da votação do impeachment surgiria um princípio de rusga entre tucanos e o Planalto, em torno da “pedalada” que, pelo menos por enquanto, livrou Dilma da inabilitação para cargos públicos, contra claro dispositivo constitucional acerca do alcance do impeachment.

Esta é uma história ainda a ser revelada por inteiro, em que o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), seus liderados no PMDB, o PT, com a ajuda do ministro do Supremo Ricardo Lewandowski, atuaram para que o impeachment de Dilma fosse pela metade, o que tornou em parte impune a presidente afastada. Razão tem Collor de Mello de se considerar injustiçado, ao também perder os direitos políticos, na sua cassação, em 92. Restou a dúvida se Temer atuou na manobra. Ele nega. Temer, PSDB, PMDB e demais aliados precisam é se manter unidos. A base do governo tem de ficar coesa para enfrentar a desafiadora, urgente e crucial pauta de reformas: o teto para os gastos públicos, a Previdência, a legislação trabalhista e medidas decorrentes.

O senador Aloysio Nunes (PSDB-SP) chegou a entregar o cargo de líder do governo, recusado por Temer. Não é mesmo hora para isto, embora PSDB e DEM tenham razão em ser firmes no ajuste fiscal. Não faz mesmo sentido elevar agora o teto das remunerações do funcionalismo por meio de um aumento dos ministros do Supremo. O efeito cascata sobre

toda a máquina pública, também estadual e municipal, será absurdo e contraditório com a crise fiscal.

Temer, que já não teria mesmo a clássica trégua de início de mandato, agora precisará agir de forma rápida e firme, com as lideranças responsáveis da base parlamentar, a fim de evitar fissuras diante de votações cruciais de reformas. Sem elas não haverá governo, e o futuro do país voltará a ficar incerto, com todos os desdobramentos negativos para a economia e, por consequência, a sociedade, decorrentes da súbita perda de confiança na gestão Temer.

Há alguns sinais de melhorias em indicadores, reflexo de expectativas positivas criadas pela possibilidade de impeachment de Dilma e sua substituição por Temer. Entre as informações liberadas na divulgação do PIB do segundo trimestre, há alguma recuperação nos investimentos e no setor industrial, por exemplo. Mas tudo retrocederá se, com urgência, o Planalto não enviar ao Congresso os projetos das reformas necessárias e, mais do que isso, demonstrar que a base responsável por dar os votos para o impedimento de Dilma conseguirá o mesmo na aprovação dos projetos.

Emendas constitucionais, como a da criação do teto para os gastos, essencial a fim de permitir a recuperação da economia, requerem três quintos dos votos das duas Casas do Congresso (60%), e em dois turnos. Não é tão amplo quanto o necessário para o impeachment (dois terços ou 67%), mas da mesma grandeza. É imperioso que divergências fiquem em segundo plano.

5.3.15.1 Análise retórica

O décimo quinto discurso do *Corpus* selecionado para cumprimento de nosso proposta é o editorial “Agenda decisiva exige união na base” publicado no dia dois de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *O Globo* do estado do Rio de Janeiro, localizado como imagem de apresentação no anexo 15.

A primeira metáfora aplicada como figura retórica encontrada nesse editorial, está localizada na linha fina, logo abaixo do título do editorial no recorte “[...] Manobra para livrar Dilma [...]”, que traz uma figura retórica como figura de ESCOLHA, em que o editorialista

prefere utilizar-se de termos metafóricos para se referir aos procedimentos realizados para evitar a inabilitação a cargos públicos de Dilma.

No primeiro parágrafo pudemos localizar uma metáfora como figura de ESCOLHA no recorte “[...] tomar posse no cargo [...]” o verbo “[...] tomar [...]” vem no sentido figurado e traz uma ideia de assumir o novo cargo, reforçando a ideia figurada trazida pelo verbo em questão, e assim sendo mais expressivo com relação a posse. Um pouco adiante, no trecho “[...] à margem da guerra política [...]” localizamos outra metáfora como figura de ESCOLHA, que traz uma ideia expressiva do que está para acontecer, como se estivesse a beira de uma disputa política.

Posteriormente, no parágrafo seguinte, no fragmento “[...] Restou a dúvida se Temer atuou na manobra [...]” pudemos verificar mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, em que o orador prefere utilizar-se de termos metafóricos para se referir a dúvida com relação a participação de Temer nos procedimentos realizados para evitar a inabilitação a cargos públicos de Dilma.

Mais adiante no terceiro parágrafo a expressão “[...] O efeito cascata [...]” nos remete a outra metáfora como figura de ESCOLHA, em que o efeito cascata estaria relacionado a uma série de eventos desencadeados em sequência e de importância ou gravidade crescente, a partir de um acontecimento inicial menor referindo-se sobre toda a máquina pública.

No quarto parágrafo conseguimos localizar a última metáfora encontrada nesse editorial, que está situada no fragmento “[...] evitar fissuras diante de votações cruciais de reformas [...]”, novamente uma metáfora como figura de ESCOLHA, que traz um efeito de sentido relacionado a dar brecha, ou ainda, dar oportunidade para questionamentos ou comentários que influencie suas decisões diante de votações cruciais de reformas. Outro destaque da expressividade metafórica aplicada como objeto de persuasão implícita em textos de nosso cotidiano.

A aplicação realizada pelo editorialista que vai da linguagem metafórica para a linguagem literal é uma ferramenta usada para causar diferentes finalidades de sentido em seu auditório. Nessa apreciação buscamos ir do explícito para o implícito, revelando acima de tudo as metáforas, a fim de entrar nas entrelinhas do texto e observar o processo metafórico retórico e argumentativo, que algumas vezes é sutil à determinados auditórios.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Agenda decisiva exige união na base”.

Gráfico 29 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Agenda decisiva exige união na base” do jornal *O Globo*.

5.3.15.2 Análise conceitual

As metáforas conceituais no editorial “Agenda decisiva exige união na base” do jornal *O Globo*, iniciam-se na linha fina logo abaixo do título na expressão “ Manobra para livrar Dilma [...]”, que nos traz uma metáfora da ARTIMANHA, remetendo a ideia de burlar o sentido ideal, ou até mesmo, natura da política. Logo depois, na passagem “[...] se a crise não for contida, impedirá as reformas [...]” encontramos uma metáfora do DESAFIO que nos remete aos desafios que deverão ser superados para contenção da crise.

O primeiro parágrafo desse editorial inicia-se com uma metáfora do DESAFIO no recorte “[...] pois não faltam problemas [...]”, que traz a ideia de uma recessão que deve ser superada. Um pouco adiante, no trecho “[...] à margem da guerra política [...]” encontramos uma metáfora da GUERRA, que nos traz o conceito de guerra política explícito neste trecho. Logo após a expressão “[...] sessão final [...]” nos traz uma metáfora do TEATRO, abordando a ideia da dramaturgia de um espetáculo final. Mais a frente, o fragmento “[...] princípio de rusga entre tucanos e o Planalto [...]” nos traz uma metáfora da GUERRA, no sentido que o vocábulo “[...] rusga [...]” aponta para um movimento de certo desentendimento que gera uma

revolta. Nesse mesmo parágrafo, o fragmento “[...] ‘pedalada’ que, pelo menos por enquanto, livrou Dilma da inabilitação para cargos públicos [...]” ocasiona uma metáfora da ARTIMANHA, reforçando uma esperteza, ou melhor, uma falcatrúia alcançada, a fim de libertar Dilma Rousseff da inabilitação política.

Logo de início no segundo parágrafo o fragmento “Esta é uma história ainda a ser revelada [...]” nos traz mais uma metáfora do TEATRO, que traz a ideia de uma narrativa teatral que ainda está para ser contada. Nesse mesmo sentido encontramos outra metáfora do TEATRO com a aplicação do termo “[...] atuaram [...]” numa espécie de condição de dramaturgia teatral. Em sequência, o trecho “[...] o impeachment de Dilma fosse pela metade [...]” nos remete a uma metáfora da ARTIMANHA, um artifício usado para livrar Dilma da inabilitação política. Um pouco adiante o vocábulo “[...] enfrentar [...]” nos traz uma metáfora da GUERRA, que retoma o conceito de enfrentamento diante de uma guerra política. Logo depois, achamos “[...] pauta de reformas [...]” uma metáfora do DESAFIO, que nos remete aos desafios que deverão ser superados, pautados em descrição no próprio texto.

De início no terceiro parágrafo nos deparamos com a aplicação do recorte “[...] líder do governo [...]”, que nos remete a uma metáfora da GUERRA, esses termos procuram trazer uma significação de líderes de determinada batalha de governo, a fim de aumentar a expressividade textual.

Já no quarto parágrafo, no fragmento “[...] agora precisará agir de forma rápida e firme [...]” encontramos uma metáfora do DESAFIO, que nos remete aos desafios que deverão ser superados por Temer. Logo após, na expressão “[...] as lideranças responsáveis [...]” encontramos uma metáfora da GUERRA, que nos traz o conceito de liderança dentro dessa guerra política. Logo depois, nos deparamos com “[...] votações cruciais de reformas [...]” uma metáfora do DESAFIO, que nos remete aos desafios que devem ser superados nesse processo de transição.

Nesse mesmo sentido, mais adiante no trecho “[...] todos os desdobramentos negativos para a economia e, por consequência, a sociedade [...]” encontramos uma metáfora do FRACASSO, que nos traz ao texto a lembrança do fracasso da economia e os fatores negativos para a economia brasileira.

No quinto parágrafo, no trecho “[...] sinais de melhorias em indicadores [...]” verificamos uma metáfora da ESPERANÇA, que traz ao texto uma ideia de melhoria e certa

esperança, a fim de que tudo melhore. Nessa mesma direção, no fragmento “[...] há alguma recuperação nos investimentos e no setor industrial [...]” localizamos outra metáfora do ESPERANÇA, que complementa a ideia metafórica anterior, com uma imagem de esperança na melhora do país.

Como fechamento do quinto parágrafo, localizamos uma metáfora do DESAFIO, vejamos no extrato: “[...] Mas tudo retrocederá se, com urgência, o Planalto não enviar ao Congresso os projetos das reformas necessárias e, mais do que isso, demonstrar que a base responsável por dar os votos para o impedimento de Dilma conseguirá o mesmo na aprovação dos projetos”. Esse período nos ocasiona ideias em consideração aos desafios que necessitam ser ultrapassados nessa nova etapa política.

No último parágrafo desse editorial, no fragmento “[...] como a da criação do teto para os gastos, essencial a fim de permitir a recuperação da economia [...]” encontramos uma metáfora do DESAFIO, trazendo os desafios essenciais para a recuperação da economia. Nessa mesma direção, encerra-se o editorial com outra metáfora do DESAFIO, vejamos: “[...] É imperioso que divergências fiquem em segundo plano”. Essa metáfora conclui o editorial com a pensamento de que os desafios precisam ser superados para que o país volte a progredir.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional quanto as aplicações metafóricas conceituais.

Gráfico 30 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Agenda decisiva exige união na base” do jornal *O Globo*.

5.3.15.3 Resultados: “Agenda decisiva exige união na base” – anexo 15

No âmbito da análise retórica foram encontradas seis metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, a aplicação metafórica vem especificamente pelo grande uso de significação e valorização dos seus efeitos de sentido argumentativos no texto.

Referente a análise conceitual foram encontradas nove metáforas do desafio, cinco metáforas da guerra, três metáforas da artimanha, três metáforas do teatro, duas metáforas da esperança e uma metáfora do fracasso, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 36% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas do desafio e 23% são metáforas da guerra. Nesse sentido, o que se ressalta nesse editorial através da análise conceitual é a metáfora do desafio, acredita-se que a metáfora da guerra e as outras metáforas aplicadas foram utilizadas, a fim de enfatizar esse movimento retórico realizado pelas metáforas do desafio. Portanto, esse editorial buscou aguçar os desafios que deveriam ser superados para que o país volte a progredir, de modo que também procurou mostrar os artifícios utilizados em uma guerra política.

5.3.16 “Sessão para a história” – anexo 16

Jornal – *Gaúcha Zero Hora*

Sessão para a história

29/08/2016 - 05h04min | Atualizada em 29/08/2016 - 05h04min

O Senado da República será palco nesta segunda-feira de uma inédita aula de História da jovem democracia brasileira, que tanto pode ser edificante — se os personagens de ambos os lados se comportarem como lideranças políticas dignas — quanto constrangedora — se o debate degenerar para o ódio e a baixaria. Na sessão programada para começar às 9 horas, sob o comando do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ricardo Lewandowski, a presidente afastada Dilma Rousseff se defenderá pessoalmente das acusações de ter praticado crime de responsabilidade e será sabatinada por senadores — a maioria já com convicção formada pelo impeachment da mandatária. É a segunda vez que um presidente brasileiro enfrenta um processo de impedimento, com a ameaça concreta de ter seu mandato interrompido de acordo com a Constituição. O julgamento político pode interromper, também, uma hegemonia de mais de 13 anos do Partido dos Trabalhadores no poder.

O país espera de seus homens públicos bem mais do que o espetáculo de confrontação ideológica que se desenha a partir da convocação de figuras ilustres da esquerda para acompanhar a presidente e da reunião prévia de grupos de senadores que fazem oposição ao PT, para combinar a estratégia de ataque. Talvez pareça ingenuidade esperar um debate responsável de políticos que parecem se importar apenas com seus próprios interesses pessoais e partidários, mas esse processo de impeachment já vem causando demasiado sofrimento ao país. Tudo o que se pode desejar hoje é que a transparência prevaleça e que tantos os acusadores quanto a acusada tenham oportunidade para expor seus argumentos com liberdade e clareza.

O amplo direito de defesa da presidente legitima o julgamento, ainda que ela própria e lideranças de seu partido venham insistindo na tese do golpe. A solidez da democracia

brasileira comporta também esse tipo discurso, mas o que realmente interessa ao país é virar logo esta página, fortalecer suas instituições e superar a crise e a desconfiança no futuro.

5.3.16.1 Análise retórica

O décimo sexto discurso do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta foi o editorial “Sessão para a história” publicado dia vinte nove de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Gaúcha Zero Hora* de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, localizado como imagem de apresentação no anexo 16.

O editorial intitulado por “Sessão para a história” faz menção a uma peça, ou momento muito esperado, por um grande público, fazendo uma referência a uma sessão de cinema. Nesse caso, a equipe jornalística aplicou uma ambiguidade no âmbito metafórico com uso de uma figura de PRESENÇA, sendo esta proposital para enfatizar esse fato histórico comparado a um grande espetáculo. Pode-se dizer que com esse título o editorialista quer se fazer presente em seu leitor para que ele não perca essa “sessão histórica”.

No primeiro trecho do editorial “O Senado da República será palco nesta segunda-feira de uma inédita aula de História da jovem democracia brasileira, que tanto pode ser edificante [...]” encontramos outro uso representativo da metáfora como uma figura de ESCOLHA, em que o autor caracteriza, através do uso metafórico, a votação do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, comparado a aula de História, possivelmente, agregando esse sentido ao título do editorial - “Sessão para a história”. Logo em seguida, o autor complementa à ideia anterior adicionando o vocábulo “[...] edificante [...]”, o qual corresponde à ideia de um prédio, e assim, remetendo à concepção anterior de que “[...] esta suposta aula de História [...]”, pode ser construtiva, ou ainda, agregadora, trazendo assim outra metáfora como figura de ESCOLHA. Vejamos o trecho completo que possui este mesmo vocábulo em comparação a outro: “[...] que tanto pode ser edificante — se os personagens de ambos os lados se comportarem como lideranças políticas dignas — quanto constrangedora — [...]”. Nessa extensão, também encontramos uma metáfora como figura retórica de ESCOLHA, quando o autor aplica “[...] que tanto pode ser edificante ... quanto constrangedora [...]”, traz uma hipótese do processo de impeachment, de modo que ao mesmo tempo pode ser edificante no sentido de construtivo, libertador, que pode esclarecer fatos, ou

até mesmo poderá ser “[...] constrangedora [...]” no sentido de destruir e arruinar a própria sessão histórica.

Em continuidade, no fragmento “[...] a presidente afastada Dilma Rousseff se defenderá pessoalmente das acusações de ter praticado crime de responsabilidade e será sabatinada por senadores [...]” o vocábulo “[...] sabatinada [...]” vem como uma metáfora como figura de ESCOLHA, para dar ênfase ao contexto situacional do impeachment, no sentido que a ex-presidente seria submetida a uma série de perguntas, uma atrás da outra e de diferentes deputados, assim Dilma teriam de responder todas as questões.

Para finalizar o primeiro parágrafo encontramos a metáfora como uma figura de ESCOLHA, substituindo o nome de Dilma Rousseff por “[...] mandatária [...]”, carregando certo atributo, dando ideia de alguém que recebe ordens, vejamos: “[...] a maioria já com convicção formada pelo impeachment da mandatária”.

No segundo parágrafo do editorial, há duas aplicações metafóricas simples: “O país espera de seus homens públicos bem mais do que o espetáculo de confrontação ideológica que se desenha [...]” e “[...] Tudo o que se pode desejar hoje é que a transparência prevaleça [...]”. Nelas encontramos seus dois sentidos: o real e o figurado, na medida que se dá na substituição da significação imediata de um termo por outro com o qual mantém relação de semelhança. No primeiro trecho, temos uma metáfora como figura de COMUNHÃO, trazendo a ideia de compartilhamento de um país melhor, em que tanto orador como leitor compartilham desse desejo de melhora, também no segundo extrato notamos uma metáfora como figura de COMUNHÃO, reforçando a ideia anterior de que todos os brasileiros comungam de um mesmo desejo de positividade ao país, nesse sentido o termo “[...] transparência [...]” é colocado no texto no sentido de que a verdade prevaleça.

Para rematar nossa análise, no último parágrafo do editorial encontramos duas metáforas simples, nos trechos: “[...] A solidez da democracia brasileira comporta também esse tipo discurso [...]” e “[...] mas o que realmente interessa ao país é virar logo esta página, fortalecer suas instituições [...]”, em ambas o uso metafórico complementa a significação nos seus vocábulos principais. Na primeira a “[...] solidez [...]” vem no sentido de firme, resistente, durável, referindo-se à democracia, assim notamos uma metáfora como figura de ESCOLHA. Já na segunda, “[...] fortalecer [...]” vem no sentido de aprimorar e consolidificar as instituições, outra escolha realizada pelo editorialista, que nos traz então a outra metáfora como figura de ESCOLHA.

Nessa relação do metafórico com o literal buscamos nesta análise ir do explícito para o implícito, a fim de entrar na questão do ornamento metafórico, sua aplicabilidade usual e seu poder argumentativo muitas vezes imperceptível a determinados leitores.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Sessão para a história”.

Gráfico 31- Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Sessão para a história” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.16.2 Análise conceitual

De início, o editorial já nos presentearia com uma metáfora conceitual, o que nos indica que este editorial nos trará grandes ideias neste campo analítico. No título “Sessão para a história” nos deparamos com a metáfora do TEATRO, em que o vocábulo “Sessão [...]” nos traz a ideia de uma peça teatral, um espetáculo que irá ser descritos nas próximas linhas desse editorial.

No primeiro parágrafo, outra metáfora do TEATRO é encontrada em “O Senado da República será palco [...]” em que “Senado da República [...]” é comparado a um teatro, de forma que seria um palco em que ocorrem os espetáculos. Segundo a mesma linha de

raciocínio, no recorte “[...] de uma inédita aula de História [...]” encontramos com a metáfora do TEATRO, no âmbito que o “Senado da República” é comparado com uma peça de teatro “[...] de uma inédita aula de História [...]”, no sentido que a atenção estaria voltada para essa aula como apresentação.

Vejamos outro fragmento seguinte no editorial composto com mais uma metáfora do TEATRO: “[...] se os personagens de ambos os lados [...]”. Nesse trecho quando o autor opta por nomear os participantes do impeachment como “[...] personagens [...]”, novamente ele reforça a ideia de ato histórico, já que “[...] personagens [...]” nos remetem a algum protagonista importante, que normalmente configuram uma narração, além disso, reafirma a ideia de espetáculo, agora introduzindo seus personagens a essa passagem. Em seguida, no fragmento “[...] como lideranças políticas dignas [...]” pudemos detectar uma metáfora da GUERRA, trazida através do vocábulo “[...] lideranças [...]”, e que nos remete a ideia de líderes de guerra.

Posteriormente, no trecho “[...] se o debate degenerar para o ódio e a baixaria [...]” encontramos primeiramente o vocábulo “[...] debate [...]” que nos traz a metáfora da GUERRA, esse termo vem como um modelo de contestação baseado na argumentação, muito utilizado em situações de desacordos. Logo após “[...] degenerar para o ódio [...]” faz outra referencia a metáfora da GUERRA, em que tudo isso pode acabar por degenerar em certa violência. Ainda no mesmo trecho o vocábulo “[...] baixaria [...]” nos remete a uma circunstância grosseira ou violenta, ou seja, outra metáfora da GUERRA. Todos esses termos foram utilizadas no sentido metafórico, a fim de construir essa imagem da atual política do país.

Em seguida encontramos outra a metáfora da GUERRA, no recorte “[...] sob o comando [...]” o termo “[...] comando [...]” sugere uma designação dada as tropas de operações especiais de guerra. Mais adiante, encontramos o trecho “[...] Dilma Rousseff se defenderá [...]” em que o termo “[...] se defenderá [...]”, vem ao encontro da sentença anterior, em que a ex-presidente terá que ter a capacidade de resistir ao ataque, nesse sentido temos outra metáfora da GUERRA. Seguindo a mesma ideia o autor complementa com “[...] de ter praticado crime de responsabilidade [...]” em que o termo “[...] crime [...]” completa a ideia da metáfora anterior com o uso de outra metáfora da GUERRA e nos remete de maneira geral, a um ato de violação do direito, sendo assim metaforicamente considerado um crime de guerra.

A análise conceitual do primeiro parágrafo continua, vejamos o seguinte trecho: “[...] um presidente brasileiro enfrenta um processo de impedimento, com a ameaça concreta [...]”.

Nesse recorte temos a utilização de duas metáforas, a primeira aplicada através do vocábulo “[...] enfrentar [...]” nos remete a metáfora da GUERRA, de modo que pode ser interpretada no sentido de chocar, bater e resistir. Esse termo contempla as ideias já expostas anteriormente, e faz uma ligação com o próximo vocábulo “[...] ameaçar [...]”, em que traz novamente, imbricado em seu sentido a metáfora da GUERRA, como um grave ato criminoso. Para finalizarmos a análise do primeiro parágrafo no trecho “[...] O julgamento político [...]” encontramos o termo “[...] julgamento [...]” que traz uma metáfora da GUERRA, o qual nos remete a uma parte da guerra, pois acaba sendo utilizada para definir as penalidades referentes aos crimes de guerra.

No segundo parágrafo, de início temos o uso de duas metáforas no seguinte trecho: “[...] espetáculo de confrontação [...]”. Primeiramente o vocábulo “[...] espetáculo [...]” traz uma metáfora do TEATRO, remetendo a qualquer apresentação pública de teatro. Em seguida com o vocábulo “[...] confrontação [...]” traz uma metáfora da GUERRA, reportando ao ato de pôr alguém à frente de outra como uma maneira de enfrentamento.

Logo após, nos deparamos com o trecho “[...] estratégias de ataque [...]” que traz uma metáfora da GUERRA de modo que vai caracterizando o grande movimento textual da Retórica com a utilização dos aspectos bélicos da Retórica. Mais adiante, temos a repetição do vocábulo “[...] debate [...]” no mesmo sentido, com o uso com a metáfora da GUERRA.

Para finalizar a análise do segundo parágrafo, nos deparamos com a utilização de dois termos que se utilizam da metáfora da GUERRA, vejamos: “[...] acusadores quanto a acusada [...]”. Nesse trecho os vocábulos “[...] acusadores [...]” e “[...] acusada [...]” são aplicados com o mesmo propósito metafórico, no sentido de criminalização, ou de acusação ou ainda de receber essa acusação, assim essas duas metáforas da GUERRA nos retomam os outros termos de guerra utilizados nesse editorial analisado.

O parágrafo conclusivo nos traz três vocábulos utilizados como termos metafóricos. O primeiro “[...] defesa [...]” traz uma metáfora da GUERRA e nos remete à capacidade de suportar o ataque, ou melhor, tentar resistir a essa guerra. O segundo “[...] julgamento [...]” também traz uma metáfora da GUERRA, remetendo a uma parte da guerra, pois acaba sendo utilizada para definir as penalidades referentes aos crimes de guerra. O terceiro “[...] golpe [...]” nos dá ideia de pancada, percussão de algo traumático, outro termo também ligado a metáfora da GUERRA.

No último parágrafo, no recorte “[...] fortalecer suas instituições [...]” pudemos detectar uma metáfora do DESAFIO, que traz o sentido de tornar-se forte a fim de superar a crise, exposta em continuidade no trecho: “[...] e superar a crise e a desconfiança no futuro”. Nesse recorte encontramos a aplicação de uma metáfora da ESPERANÇA, que traz a ideia de superação da crise e a desconfiança no futuro.

Nesta análise procuramos encontrar a ideologia do editorial “Sessão para a história” do jornal *Gaúcha Zero Hora*. Para atingir a análise conceptual focamos na análise dos termos de acordo com as orientações de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 32 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Sessão para a história” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.16.3 Resultados: “Sessão para a história” – anexo 16

A partir da análise retórica e tabulação dos dados do editorial “Sessão para a história”, contabilizamos a utilização de sete metáforas como figuras de escolha, duas metáforas como figuras de comunhão e uma metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 70% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha, 20%

do uso das metáforas como figura de comunhão e 10% com o uso da metáfora como figura de presença. Nesse sentido, percebemos uma utilização relevante no uso da figura retórica de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas dezoito metáforas da guerra, cinco metáforas do teatro, uma metáfora da esperança e uma metáfora do desafio, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 72% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da guerra e 20% são metáforas da teatro. No âmbito da análise conceitual acredita-se que como nenhuma das metáforas encontradas estão em sentido denotativo, e são utilizadas no âmbito conceitual, todas as metáforas encontradas resumem-se em um grande movimento retórico saliente que é utilizar o texto para ressaltar os aspectos bélicos da retórica, que são característicos da retórica da guerra.

5.3.17 “A defesa de Dilma” – anexo 17

Jornal – *Gaúcha Zero Hora*

A defesa de Dilma

30/08/2016 - 06h11min | Atualizada em 30/08/2016 - 06h11min

Numa sessão histórica que antecede o julgamento do impeachment pelo Senado, a presidente afastada Dilma Rousseff repetiu ontem o discurso reiterado por sua defesa, negando ter cometido os crimes pelos quais foi transformada em ré. Mesmo com a opção por um discurso mais enfático e menos emotivo, a presidente não chegou a avançar em

argumentos usados à exaustão até agora. A ênfase foi nas alegações de estar sendo vítima de golpe parlamentar, das elites, de traição e de preconceito. Mas foi justamente ao fazer um balanço de seu governo que se encarregou de apontar razões muito além de questões fiscais para o fato de estar na iminência de ver seu afastamento transformado em definitivo, diante de uma tendência majoritária difícil de ser revertida no Senado.

Na versão transmitida aos parlamentares, a presidente reclamou de estar sendo julgada antes do presidente afastado da Câmara Eduardo Cunha, que deu andamento ao processo.

Ainda assim, reconheceu o fato de, em seu segundo mandato, não ter conseguido um mínimo de diálogo com o Congresso, o que ajuda em muito a explicar o impasse político e econômico enfrentado hoje pelo país.

O resultado concreto é que essa falta de habilidade política acabou pesando mais para o avanço do impeachment do que as alegadas pedaladas fiscais do Plano Safra e a publicação de decretos ampliando gastos sem autorização do Congresso. Além de não ter conseguido aprovar medidas essenciais para o equilíbrio fiscal, a presidente afastada tampouco foi capaz de evitar a aprovação de muitas das chamadas pautas-bombas. Ao ampliarem os gastos, essas medidas contribuíram para aguçar ainda mais a crise econômica, tornando-a insustentável.

Um aspecto promissor reafirmado por esse impasse do qual o país poderia ter sido poupado é que as instituições vêm cumprindo com o seu papel. Resta aos brasileiros confiar que o Senado faça justiça, abrindo caminho para o país se reconciliar logo com a normalidade política e retomar o crescimento econômico.

5.3.17.1 Análise retórica

O décimo sétimo *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta foi o editorial “A defesa de Dilma” publicado dia trinta de agosto de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Gaúcha Zero Hora* de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, localizado no anexo 17.

A primeira metáfora retórica encontrada neste editorial, é uma figura de ESCOLHA no fragmento seguinte: “[...] a presidente não chegou a avançar em argumentos usados à exaustão até agora”. Nesse trecho, o termo “[...] exaustão [...]” foi utilizado para intensificar o sentido dos argumentos utilizados pela presidente, por serem sempre os mesmos argumentos, e que chegam a dar exaustão de tanto que já foram pronunciados.

Ainda no primeiro parágrafo encontramos a metáfora como figura retórica de ESCOLHA, no trecho “Mas foi justamente ao fazer um balanço de seu governo [...]” o editorialista opta pelo uso da metáfora ao referir-se a uma retomada avaliativa com uso de “[...] fazer um balanço [...]”, nesse recorte o autor lembra da retomada avaliativa que a ex-presidente fez de seu mandato, no qual ele julga ser um dos principais motivos do impeachment.

No terceiro parágrafo encontramos a metáfora como figura de ESCOLHA no trecho “[...] do que as alegadas pedaladas fiscais [...]” o termo “[...] alegadas [...]” traz uma ideia de dúvida e vem no sentido metafórico a fim apontar o descumprimento de alguma lei de responsabilidade fiscal, por parte do governo.

Encontramos esse mesmo caso em outro fragmento “[...] o país poderia ter sido poupado [...]”, em que o autor se utiliza do vocábulo “[...] poupado [...]” para referir-se ao termo evitado, assim localizamos mais uma metáfora como figura de ESCOLHA.

Para finalizar o último parágrafo encontramos a metáfora como outra figura retórica de ESCOLHA na expressão “[...] abrindo caminho [...]”, em que o editorialista encerra seu editorial produzindo ênfase a justiça e a retomada, vejamos a ideia no próprio fragmento: “[...] abrindo caminho para o país se reconciliar logo com a normalidade política e retomar o crescimento econômico”.

Nessa relação das figuras retóricas com o editorial de jornal, buscamos nesta análise analisar o explícito para chegar ao implícito, a fim de entrar na questão do ornamento, sua aplicabilidade usual e seu poder argumentativo muitas vezes imperceptível a determinados leitores, que devem ser apontados por nós.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “A defesa de Dilma”.

Gráfico 33 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A defesa de Dilma” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.17.2 Análise conceitual

No título do editorial “A defesa de Dilma” encontramos o termo “[...] defesa [...]”, que nos dá ideia de resistir a um determinado ataque, nesse sentido a primeira metáfora conceitual revelada neste editorial é a metáfora da GUERRA.

O editorial inicia-se com a aplicação do termo “[...] julgamento [...]”, que nos traz a uma metáfora da GUERRA, e nos remete a um procedimento realizado durante uma guerra, a fim de indicar de maneira analítica o que seria considerado certo ou errado. Em seguida, encontramos uma retomada do título com a utilização do vocábulo “[...] defesa [...]” retomando ao texto uma metáfora da GUERRA, em que a ex-presidente deve ter a capacidade de resistir ao ataque, se colocando em sua defesa.

Posteriormente, no trecho “[...] A ênfase foi nas alegações [...]” o vocábulo “[...] alegações [...]” traz as razões finais, ou melhor, os argumentos finais após o encerramento da instrução processual por meio de um debate, trazendo assim uma metáfora da GUERRA. Em continuidade ao mesmo trecho temos “[...] vítima de golpe parlamentar, das elites, de traição e de preconceito [...]”, nesse extrato localizamos de início a palavra “[...] vítima [...]”, a qual por si só já nos remete a uma metáfora da IMPOTÊNCIA. Logo em seguida, o termo “[...] golpe [...]” nos traz a ideia de pancada, percussão de algo traumático, outro termo também ligado a metáfora da GUERRA. Posteriormente, encontramos o vocábulo “[...] traição [...]” como uma violação da presunção do contrato social, esse termo nos traz de bate pronto mais uma metáfora da GUERRA, ao ponto que se revela como um artifício de guerra.

Para fecharmos a análise do primeiro parágrafo deste editorial encontramos na sequência a palavra “[...] apontar [...]”, que nos traz outra metáfora de GUERRA, no âmbito que nos remete ao sentido de defender-se de acusações. Outro vocábulo metafórico que segue é “[...] iminência [...]” e nos traz a ideia de ameaça imbricada em sua essência a uma metáfora da GUERRA, comparada a um ato criminoso.

Ao iniciarmos a leitura do segundo parágrafo do editorial, nos deparamos com a palavra “[...] julgada [...]”, que nos retoma o termo “julgamento” utilizada no início do primeiro parágrafo, essa costura textual traz a ideia expressiva desses significado. Nesse

sentido encontramos outra metáfora da GUERRA, no sentido de sentença de guerra contra a qual não cabem mais recursos.

Adiante o trecho “[...] não ter conseguido um mínimo de diálogo [...]” traz a metáfora do FRACASSO no mesmo percepção de ressaltar o fracasso da ex-presidente. Para encerrar a análise do segundo parágrafo, encontramos a metáfora da IMPOTÊNCIA com a utilização do trecho “[...] impasse político e econômico enfrentado hoje pelo país [...]”, que nos remete a uma situação muito difícil de sair, em que o povo se vê impotente diante dessa situação.

De início no terceiro parágrafo, no recorte “[...] falta de habilidade [...]” temos a uma ideia de falta de habilidade, trazendo uma metáfora do FRACASSO. Nesse mesmo sentido, deparamo-nos com “[...] não ter conseguido [...]” uma expressão repetida, pois já havia sido utilizada no parágrafo anterior, ela nos traz a metáfora da FRACASSO com mesma percepção dada anteriormente de ressaltar o fracasso da ex-presidente. Em seguida, encontramos outra metáfora da FRACASSO no trecho “[...] tampouco foi capaz [...]”, a fim de ressaltar a falta de habilidade de evitar as pautas bombas da ex-presidente Dilma Rousseff. Para concluirmos a análise do terceiro parágrafo vejamos o trecho: “[...] para aguçar ainda mais a crise econômica, tornando-a insustentável”. Nesse trecho temos a utilização da metáfora conceitual do FRACASSO, que tem novamente a acentuação do fracasso com a aplicação da imagem metafórica que reforça a ideia de derrota da ex-presidente.

Nesta análise procuramos encontrar características das escrituras jornalísticas do editorial “A defesa de Dilma” do jornal *Gaúcha Zero Hora*. Para atingir a análise conceitual focalizamos a análise dos termos de acordo com as orientações das metáforas conceituais de Lakoff & Johnson (2002 [1980]).

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 34 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A defesa de Dilma” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.17.3 Resultados: “A defesa de Dilma” – anexo 17

A partir da análise retórica e tabulação dos dados desse editorial, contabilizamos a utilização de cinco metáforas como figuras de escolha. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, percebemos uma utilização totalitária no uso da figura retórica de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas nove metáforas da guerra, cinco metáforas do fracasso e duas metáfora da impotência, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 56% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da guerra, 31% são metáforas do fracasso e 13% são metáforas da impotência. No campo da análise conceitual acredita-se que como as metáforas encontradas estão sendo utilizadas no sentido conceitual, essas metáforas resumem-se, assim, em num grande movimento retórico saliente que é utilizar o texto para ressaltar os aspectos bélicos da retórica, que são característicos da retórica da guerra. O jornal se mostra através desse editorial ser um jornal mais bélico que incita seu auditório, ainda que de modo insubliminar, para um enfrentamento, com postura ideológicas marcadas metaforicamente.

5.3.18 “A reação necessária” – anexo 18

Jornal – *Gaúcha Zero Hora*

A reação necessária

31/08/2016 - 06h04min | Atualizada em 31/08/2016 - 06h04min

No momento em que o país chega finalmente a uma fase de definição política, com a conclusão do processo de impeachment, o desemprego consolida-se como questão central, desafiando o governo federal a encontrar soluções efetivas e imediatas. Dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que, no trimestre encerrado em julho, o desemprego já se constituía em um drama para 11,8 milhões de brasileiros, um recorde da série histórica. O enfrentamento desse drama por um número crescente de famílias torna-se cada vez mais inadiável, exigindo também mais pressa nas mudanças em estudo na área trabalhista.

Quando a atividade econômica recua em níveis como os registrados no país, os prejuízos vão muito além dos financeiros, revelando-se particularmente cruéis na área social. No caso do mercado de trabalho, além de a taxa de desocupação ter se elevado a um percentual recorde de 11,6%, caiu também o rendimento médio dos assalariados.

Em consequência, cria-se um círculo vicioso cada vez mais difícil de ser rompido. A própria Previdência é afetada, pela redução das contribuições, e a possibilidade de reativação da atividade econômica por meio do consumo torna-se remota.

O país precisa demonstrar-se capaz de enfrentar uma chaga como o desemprego, que aflige um número cada vez maior de brasileiros.

5.3.18.1 Análise retórica

O décimo oitavo *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta foi o editorial “A reação necessária” publicado dia trinta e um de agosto de dois mil e dezesseis,

pelo jornal *Gaúcha Zero Hora* de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, localizado como imagem no anexo 18.

A primeira metáfora retórica encontrada neste editorial, vem como figura de ESCOLHA na fração “[...] o desemprego já se constituía em um drama [...]” o termo “[...] drama [...]” traz expressividade ao termo “[...] desemprego [...]” como recurso linguístico que ajuda a criar um significado figurativo e expressivo na mensagem transmitida. Logo após, em continuidade, o fragmento “[...] O enfrentamento desse drama por um número crescente de famílias [...]” nos traz outra metáfora como figura de PRESENÇA, em que a repetição do vocábulo “[...] drama [...]” traz uma das preocupações do editorialista, que constitui em tornar presente aquilo que está efetivamente ausente na consciência de seu leitor e que ele acredita ser importante para sua argumentação, além de intensificar esse sentimento expressivo de presença.

No terceiro parágrafo pudemos detectar mais uma vez uma metáfora como figura de ESCOLHA, situada na expressão “[...] círculo vicioso [...]” designa uma sucessão, geralmente ininterrupta, de acontecimentos que se repetem e voltam sempre ao ponto de origem, colidindo sempre com o mesmo obstáculo. Essa escolha metafórica foi concentrada através da expressividade linguística, característico de uma linguagem metafórica.

De início, no último parágrafo localizamos a última metáfora desse editorial que vem como figura ESCOLHA, no fragmento metafórico “O país precisa demonstrar-se capaz de enfrentar uma chaga como o desemprego [...]” o termo “[...] chaga [...]” vem no sentido figurado e representa aquilo que produz males ou prejuízos. Assim, percebemos que a aplicação desse vocábulo no trecho está para além do significado escrito ou literal de uma palavra.

A aplicação desempenhada pelo orador do discurso que vai de uma linguagem metafórica para a linguagem literal é um instrumento usado para causar diferentes efeitos de sentido em seu auditório. Como analistas buscamos nesta construção ir do explícito para o implícito, a fim de entrar na questão do ornamento metafórico retórico e argumentativo.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “A reação necessária”.

Gráfico 35 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “A reação necessária” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.18.2 Análise conceitual

No título do editorial “A reação necessária” encontramos o termo “[...] reação [...]”, que nos dá ideia de um ato de reagir, no sentido de um novo desafio que vem adiante. Assim, como primeira metáfora conceitual encontrada nesse editorial pudemos detectar uma metáfora do DESAFIO.

De início na análise do primeiro inciso do editorial encontramos um termo que completa a análise do título, “[...] desafiando [...]”, que traz em si o próprio sentido da metáfora do DESAFIO, levando a uma ideia de enfrentamento. Em seguida, temos o trecho “[...] encontrar soluções [...]”, que encontramos outra metáfora do DESAFIO, em que nos termos anteriores nos remetem a capacidade de encontrar soluções para os problemas e para os desafios.

Posteriormente no mesmo parágrafo nos deparamos com a frase “[...] o desemprego se constituía em um drama [...]”, em que o “[...] desemprego [...]” é comparado a uma peça de teatro na utilização da palavra “[...] drama [...]”, originalmente o termo drama vem do grego “drâma”, que significa “ação”, e é usada com relação à arte teatral, assim temos no texto a

utilização da metáfora do TEATRO. Em seguida, encontramos a oração “[...] um recorde da série histórica.” em que “[...] série histórica” complementa o termo “[...] drama [...]” e traz a mesma metáfora do TEATRO, com o conceito de uma sequência de acontecimentos sem interrupção, no sentido do teatro podemos interpretar “[...] série [...]” como obra televisiva ou cinematográfica dividida em episódios, cada um com a sua unidade. Logo após, nos deparamos com a oração “[...] O enfrentamento desse drama [...]”, em que o vocábulo “[...] drama [...]” é utilizado para caracterizar o um gênero dramático, esse fator de comparar a encenação de um texto aos acontecimentos da vida real nos remete a mais uma metáfora do TEATRO.

No final do primeiro parágrafo encontramos uma metáfora do DESAFIO localizada no fragmento “[...] mais pressa nas mudanças [...]”. Nesse trecho o termo “[...] mudanças [...]” nos traz a uma concepção de novas transformações, vindas de estímulos de novos desafios, que devem ser levados em consideração com mais pressa nas mudanças.

De início no segundo parágrafo encontramos o termo “[...] recua [...]” como um ato ou efeito de recuar, a “[...] recua [...]” pode ser uma estratégia muito utilizada em situações de guerra, nos remetendo a uma metáfora da GUERRA. Outro termo, encontrado como metáfora da GUERRA é “[...] prejuízos [...]”, esse vocábulo nos traz a informação de dano ou perda, e está relacionado a esse tipo de metáfora de modo que em uma guerra a população sofre inúmeros prejuízos. Subsequentemente, temos a aplicação do vocábulo “[...] cruéis [...]”, novamente uma metáfora da GUERRA, no sentido em que esse termo doloroso é aplicado para completar a ideia metafórica dos termos anteriores.

Posteriormente o texto retoma outras metáforas já apresentadas no texto, no trecho “[...] taxa de desocupação ter se elevado [...]” temos a ideia da metáfora do FRACASSO, no sentido de mostrar ao leitor os fracassos ocorridos no governo de Dilma Rousseff. Logo em seguida, temos “[...] caiu também o rendimento médio [...]” no mesmo sentido do trecho anterior, trazendo a metáfora do FRACASSO, que mostra outro fracasso sucedido no mandato de Dilma Rousseff.

Dando início a análise do terceiro parágrafo encontramos a expressão “[...] círculo vicioso [...]”, que nos traz uma ideia de um processo, no qual a situação inicial gera consequências que conduzem novamente ao estado inicial, não havendo alterações e desenvolvimentos, essa expressão também traz em si a metáfora da FRACASSO, em que o

“[...] círculo vicioso [...]” vem remetente aos fracassos viciosos e ininterruptos. Outra metáfora do FRACASSO vem em “[...] Previdência é afetada [...]”, no sentido de mostrar ao leitor outro fracasso de governo. Logo em seguida temos “[...] redução das contribuições [...]”, no mesmo sentido do trecho anterior, outra metáfora do FRACASSO apresenta outro fracasso desse governo.

O último inciso do editorial “A reação necessária” tem início com a metáfora da GUERRA com a aplicação do termo “[...] enfrentar [...]”, que contempla as ideias já expostas anteriormente de modo que pode ser interpretado no sentido de chocar, bater e resistir nos âmbitos de guerra. Para fechar a análise desse editorial, temos o uso do vocábulo “[...] chaga [...]”, que traz a ideia de lesão, que traz prejuízos, esse termo nos revela uma metáfora da SAÚDE, que dá impressão de que tem um país doente, que tem uma chaga que precisa ser curada. Para fechar a concepção desenvolvida no texto o editorialista demonstra que acredita na cura do país e no povo que vive nele, encerrando o editorial com essa ideia.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 36 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “A reação necessária” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.18.3 Resultados: “A reação necessária” – anexo 18

A partir da análise retórica e tabulação dos dados desse editorial, contabilizamos a utilização de três metáforas como figuras de escolha e uma metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 75% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, percebemos uma grande utilização no uso da figura retórica de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas cinco metáforas do fracasso, quatro metáforas da guerra, quatro metáforas do desafio, três metáforas do teatro e uma metáfora da saúde, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 29% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da fracasso, 24% são metáforas do fracasso e 24% são metáforas do desafio. Acredita-se que como as metáforas encontradas estão sendo utilizadas em conjunto no sentido conceitual, a fim de se apoiarem na busca constante de demonstração do fracasso, através das metáforas da guerra, do desafio e as demais metáforas aplicadas no texto.

5.3.19 “Nova etapa” – anexo 19

Jornal – *Gaúcha Zero Hora*

Nova etapa

31/08/2016 - 05h45min | Atualizada em 31/08/2016 - 05h45min

Deflagrado ainda no final do ano passado, o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff reafirmou a solidez das instituições brasileiras, mas acabou contribuindo para descontinuar o andamento de questões políticas e econômicas emergenciais, justamente no momento em que o país enfrenta uma crise sem precedentes. Por isso, é preciso que a conclusão do julgamento no Senado seja vista como a comprovação tanto da capacidade de o país enfrentar suas crises políticas quanto da necessidade de urgência para encarar providências em relação às quais é preciso agora recuperar o tempo perdido.

A crise política, que se arrasta praticamente desde a divulgação dos resultados das eleições presidenciais e se acirrou ainda mais a partir de abril, com a aprovação do relatório recomendando a abertura do processo de impeachment, vem impedindo o país de agir em frentes essenciais. A paralisação é mais visível em questões que dependem do aval do Congresso. É o caso, neste momento, da proposta de emenda constitucional (PEC) impondo mais rigor ao aumento de despesas governamentais, restringindo-o à inflação do ano anterior.

É importante que, concluído um processo de consequências tão amplas como o de impeachment, o país possa retomar uma agenda adiada continuamente. Dessa pauta, fazem parte tanto as reformas estruturais quanto a política, sem as quais a crise econômica pode se agravar ainda mais, ou até mesmo se mostrar irreversível.

5.3.19.1 Análise retórica

O décimo nono editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “Nova Etapa” publicado no dia trinta e um de agosto de dois mil e dezesesseis, pelo jornal *Gaúcha Zero Hora* de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, localizado como imagem de apresentação no anexo 19.

No final do primeiro parágrafo do editorial encontramos a primeira metáfora, localizada em: “[...] recuperar o tempo perdido”. Esse recorte, nos traz uma expressão que nos leva à uma metáfora como figura de COMUNHÃO, trazendo uma ideia de necessidade de urgência para encarar providências políticas, nesse sentido, essa expressão possuem uma participação efetiva e ativa com o leitor no decorrer da exposição do texto.

Logo de início, no segundo parágrafo pudemos detectar uma metáfora como figura de ESCOLHA, no fragmento “A crise política, que se arrasta praticamente desde a divulgação dos resultados das eleições presidenciais [...]”, que traz o verbo “[...] arrasta [...]” no sentido figurado com ideia de algo que decorre lentamente. Neste passagem o orador faz uma escolha linguística a fim de causar certo resultado específico em seu leitor, possivelmente para dar mais ênfase ao tempo de duração da crise política.

A última metáfora encontrada nesse editorial, foi localizada no penúltimo parágrafo, localizada no trecho “[...] vem impedindo o país de agir em frentes essenciais [...]” no sentido que os termos completam-se entre si, a fim de enfatizar a dificuldade de reação, nesse sentido nesse recorte temos uma metáfora como figura de ESCOLHA.

A utilização da linguagem metafórica para a linguagem literal é uma ferramenta usada pelo editorialista para acarretar diferentes finalidades de sentido em seu auditório. Nessa análise fomos do explícito para o implícito, revelando as metáforas, a fim de dar destaque na expressividade metafórica aplicada como objeto de persuasão subentendida no editorial.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Nova etapa”.

Gráfico 37 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Nova etapa” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.19.2 Análise conceitual

O título do editorial “Nova etapa” nos remete a ideia de uma nova etapa a ser seguida pelo país, um ato de reação, no sentido de nova etapa como se o pior já tivesse passado. Assim, como primeira metáfora conceitual encontrada nesse editorial temos a metáfora do ESPERANÇA.

A primeira palavra do primeiro parágrafo “Deflagrado [...]” traz uma metáfora da GUERRA em seu significado, de maneira que possui em sua semântica a deflagração de uma guerra comparada ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Em seguida, no recorte “[...] reafirmou a solidez [...]” o que ressalta é a metáfora da GUERRA, no âmbito que se afirma assim as características do que é firme, resistente, durável, no sentido de força e resistência dessa guerra. Logo após, encontramos outra metáfora da GUERRA, no extrato “[...] descontinuar o andamento [...]”, de modo que o vocábulo “[...] descontinuar [...]” traz a imagem de interromper, suspender o andamento dessa “guerra” sobre as questões políticas.

Posteriormente, nos deparamos com “[...] o país enfrenta [...]” em que o termo “[...] enfrenta [...]” nos remete a metáfora da GUERRA, de modo que pode ser analisado no sentido de resistência. Esse termo contempla as ideias já expostas anteriormente, e faz uma ligação com o próximo trecho “[...] conclusão do julgamento [...]” em que “[...] julgamento [...]” traz novamente a metáfora da GUERRA, pois acaba nos remetendo a uma parte da guerra, sendo, algumas vezes, utilizado para definir as penalidades referentes aos crimes de guerra. Logo depois, dispomos de uma metáfora da GUERRA através do termo “[...] comprovação [...]” completando a ideia anterior, no sentido de haver necessidade de uma comprovação efetiva nas operações realizadas sendo essas no âmbito de guerra. Em continuidade a ideia de guerra utilizada no termo anterior, temos “[...] enfrentar suas crises [...]” em que o vocábulo “[...] enfrentar [...]” pode ser analisado no sentido de resistência e assim, nos remete também a uma metáfora da GUERRA.

Para finalizar a análise do primeiro parágrafo, chegamos ao último trecho: “[...] recuperar o tempo perdido”. Nesse recorte, encontramos a metáfora do DESAFIO, em que se tem o desafio de recuperar de certa forma o tempo que foi perdido nessa guerra apresentada anteriormente.

Logo no início no segundo parágrafo do editorial no trecho “A crise política, que se arrasta [...]” encontramos uma metáfora da IMPOTÊNCIA, no sentido que transmite a ideia de algo que se prolonga por um bom tempo, e que não conseguimos enxergar a saída, completando ainda pela ideia do próximo termo encontrado “[...] acirrou [...]”, que nos remete a um estímulo ainda maior nessa crise política, apresentando novamente outra metáfora da IMPOTÊNCIA, que complementa o termo anterior. Em seguida o trecho “[...] vem impedindo o país de agir [...]” nos traz a ideia de que essa impotência vem impedindo o país de agir, assim dispomos novamente de outra metáfora da IMPOTÊNCIA.

Seguindo no mesmo inciso, temos o seguinte fragmento: “[...] impondo mais rigor ao aumento de despesas governamentais”. Nesse segmento, pudemos identificar uma metáfora do DESAFIO, dando ideia de algo que precisa ser feito para atingir determinados objetivos futuros, neste caso, estabelecendo mais rigor quanto o aumento das despesas governamentais.

O último parágrafo desse editorial apresenta-se com uma metáfora da GUERRA, no recorte “[...] um processo de consequência [...]”, em que o editorialista retoma as consequências sofridas diante dessa tal “guerra” ocorrida, dando assim continuidade ao texto.

Em seguida encontramos os desafios a serem superados para solucionar essa guerra. Nesse sentido, no fragmento “[...] o país possa retomar uma agenda adiada continuamente [...]” encontramos uma metáfora do DESAFIO, de maneira que nos remetem a capacidade de encontrar soluções para os problemas e desafios, fazendo uma ligação com o próximo trecho “[...] as reformas estruturais [...]” encontramos outra metáfora do DESAFIO, que também nos traz a ideia de desafios futuros, ligados as reformas estruturais. Outro fragmento de ideia desafiante vem em “[...] a crise econômica pode se agravar ainda mais [...]”, essa metáfora do DESAFIO traz a ideia de que esse desafio deve ser superado a fim de que não se agrave ainda mais o que já se tem como ruim. Para finalizar, o último extrato traz outra metáfora do DESAFIO, de maneira que completa a ideia da metáfora anterior, vejamos: “[...] até mesmo se mostrar irreversível”. Assim, o editorialista encerra seu texto, apresentando ao leitor uma possível cura do país e no povo que vive nele, através da superação desses desafios apresentados.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional dos uso das metáforas conceituais no jornal em questão.

Gráfico 38 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Nova etapa” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.19.3 Resultados: “Nova etapa” – anexo 19

A partir da análise retórica e tabulação dos dados desse editorial, contabilizamos a utilização de duas metáforas como figuras de escolha e uma metáfora como figura de comunhão. O que nos traz uma proporção de 67% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, percebemos uma utilização maior no uso da figura retórica de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas oito metáforas da guerra, seis metáforas do desafio, três metáforas da impotência e uma metáfora da esperança. Trazendo uma proporção, em que aproximadamente 44% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da guerra e 33% são metáforas do desafio. No campo da análise conceitual acredita-se que como as metáforas encontradas estão sendo utilizadas no sentido conceitual, elas se resumem em um movimento Retórico saliente de utilizar o texto para ressaltar os desafios que serão encontrados nesse percurso da retórica posterior a guerra, e que são característicos da retórica da guerra em apoio da retórica do desafio. O que se ressalta nesse editorial então é o conjunto alegórico da metáfora da guerra e do desafio. Nesse sentido, acredita-se que a metáfora da impotência foi utilizada para ressaltar a retórica da guerra e do

desafio, no sentido que o próprio editorial demonstra que o jornal é mais brando e que acredita na cura do país.

5.3.20 “Os desafios de Temer” – anexo 20

Jornal – *Gaúcha Zero Hora*

Os desafios de Temer

01/09/2016 - 06h09min | Atualizada em 01/09/2016 - 06h09min

Com a conclusão do processo de impeachment de Dilma Rousseff, pondo fim a uma hegemonia de mais de 13 anos do PT no poder, o Senado cumpre seu papel dentro de uma visão jurídica, legal e democrática. A surpresa com a manutenção dos direitos políticos da dirigente cassada e os inevitáveis questionamentos a serem suscitados a partir da decisão são questões secundárias diante de um aspecto essencial: o de que o presidente Michel Temer tem um desafio considerável ao assumir o comando do país no auge de uma crise política e econômica de proporções inéditas na história recente.

Na condição de titular do cargo, e mesmo registrando baixos índices de popularidade nas pesquisas de opinião pública e nas ruas, o presidente não tem mais como adiar as mudanças necessárias para definir um rumo imediato para o país, assegurando perspectivas para a redução do desemprego e da taxa de juros. É promissor que, já em sua primeira reunião ministerial, o presidente tenha se comprometido ontem com algumas das reformas emergenciais para "colocar o Brasil nos trilhos".

Sob o ponto de vista econômico, o presidente conta com um trunfo considerável para transmitir confiança na retomada da estabilidade: uma equipe reconhecidamente qualificada, que deixou evidente, desde o início, seu compromisso com o rigor fiscal. Por isso, a prioridade imediata, num período eleitoral e de tensões acirradas pelo impeachment, é garantir um mínimo de diálogo com o Congresso, que assegure a aprovação de uma proposta de contenção dos gastos oficiais, condicionando sua expansão à inflação do ano anterior. Não é missão fácil num setor público habituado a dispêndios sem limite — e há ainda questões mais

complexas. Entre elas, estão a reforma da Previdência, que mobiliza sempre corporações influentes, e a política, diante das quais os parlamentares costumam se mostrar reticentes.

Não basta ao governo do PMDB manter uma equipe econômica renomada para transmitir segurança aos brasileiros em geral e ao mercado em particular. É importante que, a partir de agora, não venha a repetir equívocos da interinidade, como a nomeação de ministros que precisaram ser substituídos ante denúncias de envolvimento com corrupção. Daqui para a frente, é preciso também evitar idas e vindas como as que, no início, transmitiram incômodos sinais de hesitação. Entre as contradições, estão a volta atrás na redução do número de ministérios e o aval manifestado a reajustes salariais de elites de servidores que, na prática, impactam ainda mais as já deterioradas contas públicas.

Os brasileiros anseiam por estabilidade política e econômica, mas esperam também que o necessário ajuste nas contas acabe acenando com melhorias em serviços essenciais como saúde e educação. O presidente Michel Temer, que assume em condições econômicas adversas, devido à crise, e criticado por opositores, aos quais transmitiu ontem um recado duro, precisa agir rápido para recuperar o tempo perdido e pacificar o país.

O Brasil não pode esperar mais para se reerguer.

5.3.20.1 Análise retórica

O vigésimo editorial do *Corpus* selecionado para cumprimento de nossa proposta é intitulado por “O desafios de Temer” publicado no dia primeiro de setembro de dois mil e dezesseis, pelo jornal *Gaúcha Zero Hora* de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, localizado como imagem de apresentação no anexo 20.

Localizamos no primeiro parágrafo a primeira metáfora retórica desse editorial, vejamos o fragmento: “[...] o Senado cumpre seu papel dentro de uma visão jurídica, legal e democrática [...]”. Nesse recorte, pudemos verificar uma metáfora como figura de ESCOLHA, principalmente, pela aplicação da expressão “[...] cumpre seu papel [...]”, que traz a ideia de o Senado faz sua parte com relação ao jurídico. Esse reforço linguístico procura intensificar a expressividade do texto.

No segundo parágrafo pudemos detectar outra metáfora como figura de ESCOLHA, no fragmento seguinte: “[...] algumas das reformas emergenciais para ‘colocar o Brasil nos trilhos’.” Nesse recorte, “[...] colocar o Brasil nos trilhos [...]” traz uma expressão metafórica, que traz a ideia de quando alguém está seguindo um mau caminho e precisa ser reconduzido ao certo, no caso desse trecho, quando o Brasil não está mais indo bem e precisa retomar o caminho da vitória.

De início no terceiro parágrafo, no trecho “Sob o ponto de vista econômico, o presidente conta com um trunfo considerável [...]” encontramos mais uma metáfora como figura de ESCOLHA, que traz a ideia expressiva do vocábulo “[...] trunfo [...]” como uma vantagem a mais ou algo que lhe coloque em uma posição mais favorável em relação ao outro ou a alguma situação. Essa escolha metafórica não é meramente ocasional, pois trata de um termo altamente expressivo.

No quinto parágrafo localizamos uma metáfora retórica com figura de COMUNHÃO, localizada no trecho “[...] recuperar o tempo perdido [...]”, traz uma expressão que nos leva para uma ideia de necessidade de urgência para encarar providências políticas. Nesta aplicação, essa expressão tem uma participação efetiva e ativa com o leitor no decorrer da exposição do texto, já que procura diminuir as distâncias entre os integrantes do discurso, para alcançar a persuasão.

O último inciso desse editorial encerra-se com essa frase: “O Brasil não pode esperar mais para se reerguer”. Nesse fechamento percebemos que o editorialista faz uso da metáfora como figura de PRESENÇA, a fim de despertar a sensibilidade do leitor. De acordo com Perelman e Tyteca (2005 [1958]) a presença atua de modo direto sobre a sensibilidade do auditório. Portanto, o editorialista procurou despertar esse sentimento de presença do objeto do discurso, a fim de intensificar o sentimento de presença do componente do discurso no falante e no ouvinte.

A análise desse editorial procurou ir do explícito para o implícito, revelando as metáforas retóricas e argumentativas, a fim de dar ênfase na expressividade metafórica aplicada como diretamente como objeto de persuasão subentendida nas entrelinhas do editorial.

Para melhor visualização dos resultados da análise retórica, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional aos usos das metáforas como figuras retóricas encontradas no editorial “Os desafios de Temer”.

Gráfico 39 - Quantificação das Metáforas como Figuras Retóricas do editorial “Os desafios de Temer” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.20.2 Análise conceitual

O título do editorial “Os desafios de Temer” nos remete a ideia nítida dos desafios que Temer deverá superar. Nesse sentido, como primeira metáfora conceitual encontrada nesse editorial temos a metáfora do DESAFIO, que está explícita no título de modo que já nos indica que esse editorial nos trará grandes ideias neste campo analítico.

Iniciando a análise encontramos o trecho “[...] pondo fim a uma hegemonia [...]”, que nos remete para uma metáfora de GUERRA, no sentido que o termo “[...] hegemonia [...]” nos traz a ideia de uma autoridade soberana, ou uma liderança que, seguindo o próprio texto predominou: “[...] mais de 13 anos no poder”. Nesse recorte o vocábulo “[...] poder [...]” também nos remete a uma metáfora da GUERRA, no âmbito que seria a capacidade de deliberar arbitrariamente, agir e mandar e também, dependendo do contexto, a faculdade de exercer certa autoridade sobre determinadas pessoas.

Dando continuidade ao primeiro parágrafo encontramos “[...] um desafio considerável [...]” uma metáfora do DESAFIO, que complementa a ideia inicial do título, em que vem

introduzindo aos leitores os desafios que estão por vir. Em seguida encontramos uma retomada na metáfora da GUERRA com a aplicação do vocábulo “[...] comando [...]” em “[...] assumir o comando [...]”, que traz a ideia de retomada de guerra ao recuperar o comando supremo. Fechamos a análise do primeiro parágrafo, no seguinte fragmento: “[...] proporções inéditas na história recente”. Esse recorte traz a ideia das consequências herdadas na guerra, assim temos mais uma metáfora da GUERRA, trazendo as consequências devastadoras de uma disputa. Como podemos observar esses aspectos bélicos estão sobressalentes em grande parte do primeiro parágrafo.

No parágrafo seguinte no fragmento “[...] não tem mais como adiar as mudanças necessárias [...]” os termos “[...] mudanças necessárias [...]” trazem a metáfora do DESAFIO, no sentido de que carregam em si a ideia de novos desafios. Logo após o trecho “[...] assegurando perspectivas para a redução do desemprego [...]” traz uma metáfora do DESAFIO, que vem mostrar as dificuldade que devem ser superadas, neste caso relacionada a redução do desemprego. Outra parte do texto que merece destaque é “[...] algumas das reformas emergenciais [...]”, que também carrega consigo uma metáfora do DESAFIO de modo que mostra ao leitor os desafios que devem ser ultrapassados, a partir da execução das reformas emergenciais.

De início no terceiro parágrafo nos deparamos com a aplicação do vocábulo “[...] trunfo [...]”, que nos remete quase que automaticamente para a metáfora da GUERRA, esse termo traz a ideia de ter algo a mais em alguma situação ou seja, alguma vantagem a mais ou algo que lhe coloque em uma posição mais favorável em relação ao outro em determinada batalha. Seguindo a isso no fragmento “[...] transmitir confiança na retomada da estabilidade [...]” temos uma ideia de retomada do poder ao recuperar o comando com a utilização de outra metáfora da GUERRA. Em seguida temos “[...] seu compromisso [...]” que transporta em seu significado de obrigação assumida por uma ou diversas partes, como um pacto relacionado assim temos novamente uma metáfora da GUERRA. Outra expressão encontrada ainda nesse âmbito é “[...] tensões acirradas [...]”, que carrega a metáfora da GUERRA em seu sentido, de modo que traz consigo a noção de um estado que se apresenta tenso e que teve a agressividade provocada ou aumentada.

Ainda no mesmo parágrafo encontramos o vocábulo “[...] garantir [...]” que nos mostra a metáfora do DESAFIO, pois traz em seu sentido certa responsabilidade de determinada situação, voltando assim a uma ideia de cumprir esse desafio. Outro trecho em que encontramos a metáfora do DESAFIO segue: “[...] que assegure a aprovação de uma proposta

[...]”. Nesse fragmento a ideia é de assegurar que determinada situação não fuja do controle, o que não deixa de ser um desafio para o nosso comandante. Posteriori no recorte “[...] condicionando sua expansão à inflação [...]” encontramos mais uma vez a metáfora do DESAFIO, que incluir mais esse desafio como etapa a ser superada no governo novo.

Ainda no mesmo parágrafo, no segmento “[...] Não é missão fácil [...]” encontramos novamente o editorialista retomando uma metáfora da GUERRA, com o uso do vocábulo “[...] missão [...]” que remete assim, ao poder dado a alguém para fazer alguma coisa, ou seja, cumprir uma determinada missão. Logo após, no trecho “[...] há ainda questões mais complexas [...]” notamos que a metáfora do DESAFIO retoma a ideia anteriormente exposta no texto, pra assim trazer os desafios dessa nova etapa, apresentada nesse recorte por questões mais complexas que devem ser solucionadas. Para finalizar a análise do terceiro parágrafo encontramos o trecho, “[...] parlamentares costumam se mostrar reticentes”, trazendo a mesma ideia de um outro desafio de que os parlamentares não apresentem tanto hesito a essas novas instigações.

No quarto parágrafo somos apresentados a uma metáfora da SAÚDE em “[...] repetir equívocos da interinidade [...]”, nesse trecho temos a ideia de que não poderíamos deixar essa doença ser repetida, que realmente esse país doente seja de certa maneira algo passageiro. Em seguida nos deparamos com o recorte “[...] ante denúncias [...]”, em que o vocábulo “[...] denúncias [...]” nos remete a outra metáfora da GUERRA, fazendo ligação a acusações de integrantes da “guerra”. Outro termo utilizado no mesmo sentido é “[...] impactam [...]”, esse vocábulo traz em si o sentido de consequências que impactaram nessa batalha e assim, somos levados para outra metáfora da GUERRA.

Posteriormente, agora no quinto parágrafo encontramos a colocação “[...] necessário ajuste [...]”, que nos salienta a metáfora do DESAFIO, trazendo em si esse desafio necessário para cumprimento dessa nova etapa. Logo depois, nos deparamos com o vocábulo “[...] assume [...]” que de certa maneira nos salienta a metáfora da GUERRA, pois nos traz a ideia de assumir o comando do país, remetendo a um general de guerra que assume seu posto em uma situação de batalha. Em seguida temos novamente uma metáfora da GUERRA com a aplicação do recorte “[...] agir rápido [...]” no sentido de uma estratégia que deve ser tomada de maneira prática.

Nos direcionando para o final editorial, no trecho “[...] recuperar o tempo perdido [...]” localizamos mais uma metáfora do DESAFIO, lembrando de um grande obstáculo que deve ser ultrapassado, de modo a recuperar o tempo que já passou e foi de certa forma perdido.

Seguidamente, temos o extrato “[...] pacificar o país [...]”, em que pudemos detectar outra metáfora do DESAFIO, trazendo a ideia de pacificação do país. Para finalizar a análise deste editorial, encontramos mais uma metáfora da ESPERANÇA no recorte “[...] se reerguer [...]”, que traz consigo o sentido de possível restabelecimento do país e de seu povo, através da superação desses desafios indicados no texto.

Para melhor visualizarmos os resultados da análise conceitual, sintetizamos os dados encontrados em um gráfico proporcional.

Gráfico 40 - Quantificação das Metáforas Conceituais do editorial “Os desafios de Temer” do jornal *Gaúcha Zero Hora*.

5.3.20.3 Resultados: “Os desafios de Temer” – anexo 20

A partir da análise retórica e tabulação dos dados desse editorial, contabilizamos a utilização de três metáforas como figuras de escolha, uma metáfora como figura de comunhão e uma metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 60% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, percebemos uma utilização maior no uso da figura retórica de escolha.

Referente a análise conceitual foram encontradas treze metáforas da guerra, doze metáforas do desafio, uma metáfora da saúde e uma metáfora da esperança, trazendo uma proporção, em que aproximadamente 48% das metáforas conceituais aplicadas nesse editorial são metáforas da guerra e 44% são metáforas do desafio. No campo da análise conceitual acredita-se que como as metáforas encontradas nesse editorial estão sendo utilizadas no sentido conceitual, elas se resumem em um movimento Retórico saliente de utilizar o texto para ressaltar os desafios que serão encontrados nesse percurso da retórica posterior a essa guerra, e que são característicos da retórica da guerra, juntamente com a retórica do desafio. O que se ressalta nesse editorial então é o conjunto alegórico da metáfora da guerra e do desafio. Nesse sentido, acredita-se que as demais metáforas presentes nesse editorial foram utilizadas para ressaltar a retórica da guerra e do desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Ao analisar o editorial de jornal através do seu sistema organizacional encontramos o caráter opinativo do jornal. Observa-se por meio da análise, que a argumentação exerce um papel significativo no processo de investigativo dos uso das metáforas.

Uma vez que a argumentação é para Perelman & Tyteca (2005 [1958]) um ato de comunicação que visa desencadear a adesão dos espíritos, a argumentação acaba sendo acima de tudo uma ação presente no discurso que supõe uma linguagem viva em uma situação de interação.

Dessa forma, duas perspectivas foram consideradas para fazermos tal estudo: primeiro foram consideradas as metáforas como figuras retóricas de acordo com os preceitos elaborados por Perelman & Tyteca (2005 [1958]) em seu *Tratado da argumentação - A nova retórica* e segundo foram consideradas as metáforas conceituais de acordo com os preceitos elaborados por Lakoff & Johnson (2002 [1980]) em *Metáforas da vida cotidiana*.

Nosso objeto de estudo centrou-se na análise dos editoriais selecionados de jornais brasileiros, a partir dos preceitos já apresentados, destacamos que a aplicabilidade das metáforas de nosso *Corpus*, nos surpreendeu pelo grande número de metáforas como figuras retóricas e metáforas conceituais, as quais colaboram para dar ênfase a uma dada construção discursiva do real, na tentativa de fazer com que o auditório/leitor compreenda e veja certa situação de determinada maneira, muitas vezes, com as características já pretendidas pelo orador/editorialista, a partir dessa substituição.

As metáforas ultrapassam o papel informativo, a fim de cumprir sua finalidade persuasiva. Num texto, ao substituímos um termo por outro com o qual mantém-se uma relação de semelhança, trazemos ao leitor uma relação de dupla significação imediata através da aplicabilidade da metáfora. O editorial, como lhe cabe fazer, nos faz interpretar esses certos sentidos dos textos metafóricos. Sentidos estes escolhidos pelo orador/editorialista, dependendo da finalidade e de seus efeitos de sentido.

Nesse sentido, o leitor foi exposto de antemão a aderir essa dupla significação, de maneira a aceitar o que é dito através dos editoriais de jornal. Pode-se dizer que quando essa função persuasiva se cumpre é possível exercer outras influências, transformando percepções

e até mesmo motivando o auditório/leitor no agir, muitas vezes, este agir está relacionado ao seu envolvimento com tal discurso.

A ação retórica e conceitual, ambas, conseguem transformar nossas percepções e ampliam nossos conhecimentos de mundo, a fim de conseguir que alguém mude de opinião ou deixe de acreditar em uma coisa e passe para acreditar noutra. Um orador/editorialista bem preparado tenta, primeiramente, recriar na mente do outro, experiências pertinentes à sua argumentação, fazendo-o penetrar efetivamente no discurso através de sua leitura.

Acredita-se que essa pesquisa será de grande contribuição para nossa área acadêmica. Tendo em vista o grande destaque da expressividade metafórica aplicada como objeto de persuasão implícita em textos de nosso cotidiano.

Em conclusão da análise e dos resultados, acreditamos que vale um fechamento significativo, referente a aplicação metafórica de cada um dos jornais analisados.

Nesse sentido, o *Corpus* referente ao jornal *O Estado de S.Paulo*, referente as metáforas retóricas nos presenteou com a utilização de trinta e uma metáforas como figuras de escolha, sete metáfora como figura de comunhão e duas metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 77,5% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, percebemos uma utilização grandiosa no uso da figura retórica de escolha pelo jornal em questão.

Referente a totalidade da análise conceitual referente ao jornal *O Estado de S.Paulo* foram encontradas cinquenta e duas metáforas da guerra, trinta e três metáforas do desafio, vinte e oito metáforas da esperança, vinte e uma metáforas do teatro, quinze metáforas da artimanha, quinze metáforas do fracasso, onze metáforas da impotência, sete metáforas da saúde, quatro metáforas da piedade, três metáforas do tempo, três metáforas da quantidade, três metáforas da justiça e uma metáfora da indiferença. O que nos ocasiona uma proporção aproximada de 23% do uso das metáforas da guerra, a metáfora mais aplicada esse jornal. O que revela que esse jornal tem grande tendência a ser bélico. Assim, o que ressalta-se então nesse jornal é a aplicação das metáforas da guerra, ressaltando os aspectos bélicos, metaforicamente, ligados com a guerra.

Quanto ao jornal *Folha de S.Paulo* referente as metáforas retóricas, o jornal nos trouxe a utilização de vinte e cinco metáforas como figuras de escolha, não apareceram nos editoriais desse jornal, a aplicação das metáfora como figura de comunhão e metáforas como figura de

presença. O que nos traz uma proporção de 100% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, retomamos a afirmação de Perelman & Tyteca (2005 [1958]) que nos diz que toda argumentação supõe, portanto, uma escolha, que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes. Nesse sentido, o jornal em questão levou em consideração a ideia de que escolhas metafóricas para dar suporte as suas opiniões.

Referente a totalidade da análise conceitual referente ao jornal *Folha de S.Paulo* foram encontradas vinte e duas metáforas do fracasso, dez metáforas do desafio, oito metáforas da esperança, oito metáforas da justiça, oito metáforas da artimanha, seis metáforas da guerra, três metáforas da superação, duas metáforas da impotência, duas metáforas da saúde e uma metáfora do conformismo e uma metáfora da expectativa. O que nos ocasiona uma proporção aproximada de 31% do uso das metáforas do fracasso, a metáfora mais aplicada nessa jornal. O que revela que esse jornal procura enfatizar os fracasso do mandato de Dilma Rousseff em busca de uma descaracterização do *ethos* da ex-presidente. Nesse sentido, o que se ressalta então nesse jornal é a aplicação das metáforas do fracasso, ressaltando os fracassos políticos do governo da ex-presidente, metaforicamente, ligados com o fracasso.

Com relação ao jornal *Gazeta do povo*, referente as metáforas retóricas, o jornal nos deu com a utilização de dezenove metáforas como figuras de escolha, uma metáfora como figura de comunhão e uma metáforas como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 90% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, acreditamos que esse jornal levou em consideração a ideia de que a argumentar é muito mais do que dar opinião sobre algo, é sustentá-la a partir de suas escolhas que darão suporte à ideia defendida na busca do convencimento de alguém, independentemente de que as ideias ou teses apresentadas sejam acertadas ou não.

Referente a totalidade da análise conceitual referente ao jornal *Gazeta do povo* foram encontradas trinta e quatro metáforas da artimanha, dez metáforas da impotência, dez metáforas da justiça, sete metáforas do fracasso, uma metáfora da guerra, uma metáfora da saúde e uma metáfora do tempo. O que nos ocasiona uma proporção aproximada de 53% do uso das metáforas da artimanha, a qual foi a metáfora mais utilizada nesse periódico. O que revela que esse jornal procura enfatizar os artifícios utilizados durante o mandato de Dilma Rousseff em busca de benefícios e artimanhas de governo. Nesse sentido, o que se ressalta então nesse jornal é a aplicação das metáforas da artimanha, ressaltando os atos ardilosos,

com o intuito de lesar outrem, que foram utilizados de diversas formas no governo da ex-presidente Dilma Rousseff.

Com relação ao jornal *O Globo*, referente as metáforas retóricas, o jornal empregou vinte sete metáforas como figuras de escolha, duas metáfora como figura de comunhão e uma metáforas como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 90% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, acreditamos que esse jornal realizou uma escolha para aplicar as metáforas, que devem-se, assim, ser interpretadas pelo auditório/leitor através de seus efeitos de sentido.

Quanto a totalidade da análise conceitual referente ao jornal *O Globo* foram encontradas trinta e quatro metáforas da artimanha, quatorze metáfora da guerra, nove metáforas do teatro, oito metáforas do desafio, seis metáforas do fracasso, cinco metáforas da justiça e duas metáforas da esperança. O que nos ocasiona uma proporção aproximada de 44% do uso das metáforas da artimanha, a qual foi a metáfora mais utilizada nesse jornal. O que revela, mais uma vez, que o jornal *O Globo*, assim como o jornal *Gazeta do povo*, procura enfatizar os artifícios ardilosos utilizados durante o mandato de Dilma Rousseff em busca de benefícios e artimanhas de governo. Nesse sentido, o que se ressalta nesse jornal é a aplicação das metáforas da artimanha, ressaltando os atos enganosos, de má-fé, com o intuito de lesar alguém, que foram utilizados de diversas maneiras no governo da ex-presidente Dilma Rousseff.

Referente ao jornal *Gaúcha Zero Hora*, referente ao uso das metáforas retóricas temos vinte metáforas como figuras de escolha, quatro metáfora como figura de comunhão e três metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção de 74% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, predomina o processo de seleção sobre a aplicação de certas expressões linguísticas em uma determinada escritura .

Referente a totalidade da análise conceitual referente ao jornal *Gaúcha Zero Hora* foram encontradas cinquenta e duas metáforas da guerra, vinte e três metáforas do desafio, nove metáforas do fracasso, oito metáforas do teatro, cinco metáforas da impotência, três metáforas da esperança e duas metáforas da saúde. O que nos ocasiona uma proporção aproximada de 51% do uso das metáforas da guerra, a metáfora mais aplicada esse jornal. O que revela que esse jornal é bélico. Assim, o que ressalta-se então nesse jornal é a aplicação

das metáforas da guerra, ressaltando os aspectos bélicos, metaforicamente, ligados com a guerra.

A partir da análise retórica e tabulação dos dados total dos *Corpus* selecionados, achamos interessante fazer a soma total e devida contabilização como fechamento de toda nossa análise. Contabilizamos, assim a utilização de cento e vinte duas metáforas como figuras de escolha, quatorze metáfora como figura de comunhão e sete metáfora como figura de presença. O que nos traz uma proporção aproximada de 85% do uso das metáforas como figuras retóricas aplicadas como figura de escolha. Nesse sentido, percebemos uma utilização grandiosa no uso da figura retórica de escolha, e seria a metáfora retórica de maior aplicabilidade nos dias atuais, acreditasse que seu uso diário é mais comum do que se costuma investigar.

Referente a totalidade da análise conceitual foram encontradas cento e vinte cinco metáforas da guerra, noventa e uma metáforas da artimanha, setenta e quatro metáforas do desafio, sessenta e duas metáforas do fracasso, quarenta e cinco metáforas do teatro, quarenta e uma metáforas da esperança, trinta e cinco metáforas da justiça, dezoito metáforas da impotência, doze metáforas da saúde, quatro metáforas do tempo, quatro metáforas da piedade, três metáforas da quantidade, três metáforas da superação, uma metáfora da expectativa, uma metáfora da indiferença e uma metáfora do conformismo. O que nos traz uma proporção aproximada de 25% do uso das metáforas da guerra, a metáfora mais aplicada nessa análise total e 17,5% do uso das metáforas da artimanha, outra metáfora que sobressaiu muito nessa análise.

Conforme acreditamos no início do trabalho, a variação metafórica dos diferentes jornais varia de acordo com o modo como se constrói a escrita de cada imprensa jornalística em cada editorial dos diferentes contextos. Nesse mesmo âmbito, conforme acreditamos, há uma argumentação em comum, construída com uma infinidade de combinações metafóricas, utilizadas pelos periódicos em seus editoriais.

Podemos afirmar que conforme apresentamos na introdução, as características do gênero editorial de jornal, foram devidamente encontradas e discutidas no decorrer de nossa análise, mas não podemos afirmar que encontramos características identitárias das diferentes construções linguísticas nas diferentes imprensas jornalísticas selecionadas, encontramos sim,

algumas características especiais dos usos metafóricos, ligados as finalidades de cada uma das empresa jornalísticas, também já discutida anteriormente.

Conseguimos no desenvolvimento do trabalho desenvolver a análise qualitativa dessa pesquisa, verificando através do processo interpretativo, o uso destas metáforas, e para complementar nossa análise, de modo que a agregar ainda mais a nossa pesquisa realizamos uma análise quantitativa estatística, através da contagem e da porcentagem, através da caracterização do uso das metáforas retóricas e conceituais.

O problema de pesquisa também foi resolvido através da investigação dos usos das figuras retóricas e conceituais, mostrando como se deu os usos dessas metáforas retóricas e conceituais nos editoriais de jornais.

Através do objetivo geral deste estudo verificamos quais são as principais formas de persuasão metafóricas utilizadas para atingir seu público leitor, através da análise das metáfora retóricas e cognitivas. Nesse sentido, identificamos maior incidência de metáforas nos diferentes jornais, a fim de caracterizá-los com tal uso. O objetivo específico deste estudo caracterizou as aplicações metafóricas por meio do próprio uso das metáforas presentes nos editoriais de diferentes jornais. No sentido que encontramos as diferentes estratégias utilizadas pelos editorialistas desses diferentes jornais.

Acreditamos que esta pesquisa pode ter contribuído com estudiosos da linha retórica e argumentação, além de alguns estudiosos da vertente midiática, que buscam maior abrangência e conhecimento por análises desse tema, com um enfoque específico no uso das metáforas retóricas e conceituais.

Vê-se, então, a aplicação do metafórico para com o literal como um artifício realizado pelo orador/editorialista do editorial, para de certa maneira causar diferentes efeitos de sentido em seu auditório/leitor. Nessa análise fomos do explícito para o implícito, buscando acima de tudo as aplicações metafóricas, a fim de entrar nas entrelinhas do texto e ver o processo metafórico retórico e argumentativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. **A arte de argumentar**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

AMOSSY, R.(Org). **Imagens de si no discurso a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2011 [2005]

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1959.

_____. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

_____. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARILLI, R. **Retórica**. Lisboa: Editorial Presença, 1985 [1979].

BELTRÃO, L. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulinas, 1980.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora de São Paulo, 1976.

BRANDÃO, H. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. Bauru: EDUSC, 2003 [1996].

_____ ; GAUTHIER, G. **História das teorias da argumentação**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2001 [2000].

CARRILHO, M. **Retórica e comunicação**. Portugal: Edições Asa, 1994.

CHAPARRO, M. **Pragmática do Jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Linguagem dos Conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

_____. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. São Paulo: Summus, 2008.

CHARAUDEAU, P. **El Discurso de la Información**: la construcción del espejo social. Barcelona: Gedisa, 1997.

DUCROT, O. **Provar e Dizer**. Leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global, 1981.

_____. **O dizer e o Dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FIORIN, J. **Figura de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

GUIMARÃES, E. **Figuras de retórica e argumentação**. In. MOSCA, L. (org.) **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 145-160.

_____; (org.) **Textualidade e discursividade na linguística e na literatura**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

GRÁCIO, R. **Perspectivismo e argumentação**. Coimbra: Grácio Editor: 2013.

_____. **A interação argumentativa**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

GHILARD, M; BARZOTTO, V. **Nas telas da mídia**. Campinas: Alínea, 2002.

HABERMAS, J. **Teoria do agir Comunicativo. Racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HENRIQUES, A. **Argumentação e discurso jurídico**. São Paulo: Atlas, 2008.

KOCH, I. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Ed. Cortez, 1996.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2003.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

MAGALHÃES, A; FERREIRA, A. **A Retórica do Risível**. São Paulo, 2014.

MARCUSCHI, L. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008.

MARIANO, M. **As figuras de argumentação como estratégias discursivas: um estudo em avaliações no ensino superior**. 2007, 234 f. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MEYER, M. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**. Lisboa: Edições 70, 2007 [1993].

_____. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007 [2004].

MOSCA, L. **Subjetividade no editorial: uma análise retórico-argumentativa da adjetivação**. Dissertação (Doutorado). FFLCH-USP. São Paulo, 1991.

_____. O espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. In: **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH)/ Univ. São Paulo, 1997, v. 9, p. 293-310.

_____. Subjetividade e formação de opinião na mídia impressa. In: GHILARD, M; BARZOTTO, V. **Nas telas da mídia**. São Paulo: Alínea, 2002. p. 9 – 22.

_____. (org.) **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 3 ed. 2004 [1997].

_____. A teoria perelmaniana e a questão da afetividade. In: CHAGAS, Eduardo Oliveira. (org.). **Chaïm Perelman: direito, retórica e teoria da argumentação**. Feira de Santana:

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia /Univ. Estadual de Feira de Santana, 2004, p.129-140.

_____. (org.). **Discurso, argumentação e produção de sentido**. São Paulo: Humanitas, 2006.

_____. Apresentação e Revisão Técnica. In: MEYER, Michel. **Retórica**. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

PAZ, G. El discurso periodístico: **Los géneros periodísticos hacia el nuevo milenio**. México: Trillas, 1999.

PERELMAN, C. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1989].

_____; OLBRECHTS-TYTECA, L. **The new Rhetoric – A treatise on Argumentation**. United States of America: University of Notre Dame, 1969 [1958].

_____; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação - A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

PLANTIN, C. **A argumentação: histórias, teorias, perspectivas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [2005].

_____; **A argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2010 [1996].

PLEBE, A. **Breve história da retórica antiga**. Trad. e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978 [1968].

_____; EMMANUELLE, P. **Manual de retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1991].

RICHARDS. A. **The Philosophy of Rhetoric**. Oxford: Oxford University Press, 1936.

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. Porto: Rés Editora, 1983.

_____; **Ser, Essência e Substância em Platão e Aristóteles**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SILVA, L. **A metáfora conceptual na construção do discurso jornalístico**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2008.

SOUSA, J. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto: Letras Contemporâneas, 2001.

TOULMIN, S. **Os usos do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

TRINGALI, D. **Introdução à retórica**. São Paulo: Duas cidades, 1988.

VAN DIJK, A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; **Discurso e Contexto. Uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

VASQUES, R. **As modalidades linguísticas na Argumentação de editoriais jornalísticos**. Tese de Doutorado. FFLCH-USP. São Paulo, 2000.

VEREZA, Solange C. **O Lócus da Metáfora: Linguagem, Pensamento e Discurso**. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição no 41, p. 199-212, 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>> Acesso em: 21 Jun. 2017.

REFERÊNCIAS DOS ANEXOS

O ESTADO DE S.PAULO. **A baderna como legado.** Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,a-baderna-como-legado,10000073580>>. Acesso em: 02 set. 2016.

O ESTADO DE S.PAULO. **Condições para voltar a crescer.** Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,condicoes-para-voltar-a-crescer,10000073090>>. Acesso em: 02 set. 2016.

O ESTADO DE S.PAULO. **Dá para olhar para a frente?.** Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,da-para-olhar-para-a-frente,10000073335>>. Acesso em: 02 set. 2016.

O ESTADO DE S.PAULO. **O desfecho do impeachment.** Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,o-desfecho-do-impeachment,10000073328>>. Acesso em: 02 set. 2016.

O ESTADO DE S.PAULO. **O fim do torpor.** Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,o-fim-do-torpor,10000073087>>. Acesso em: 02 set. 2016.

FOLHA DE S.PAULO. **A defesa de Dilma.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opinio/2016/08/1808266-a-defesa-de-dilma.shtml>>. Acesso em: 02 set. 2016.

FOLHA DE S.PAULO. **Fresta de oportunidade.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opinio/2016/09/1809058-fresta-de-oportunidade.shtml>>. Acesso em: 02 set. 2016.

FOLHA DE S.PAULO. **Governo Novo.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2016/09/1809059-governo-novo.shtml>. Acesso em: 02 set. 2016.

FOLHA DE S.PAULO. **Pedaladas em questão.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2016/08/1807655-pedaladas-em-questao.shtml>. Acesso em: 02 set. 2016.

GAZETA DO POVO. **A retórica e o impeachment.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/editoriais/a-retorica-e-o-impeachment-0c1dhu1496ubfinb0t6rygex9>. Acesso em: 02 set. 2016.

GAZETA DO POVO. **As razões do impeachment.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/editoriais/as-razoes-do-impeachment-bw1f8rydmj0q2c1m5ayd5mbnx>. Acesso em: 02 set. 2016.

GAZETA DO POVO. **O Senado deu o “golpe”.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/editoriais/osenado-deu-o-golpe-acb743ogz79i79iqlhttq47m5>. Acesso em: 02 set. 2016.

O GLOBO. **Agenda decisiva exige união na base.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opinioao/agenda-decisiva-exige-uniao-na-base-20036415>. Acesso em: 02 set. 2016.

O GLOBO. **Dilma chega vulnerabilizada à votação.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opinioao/dilma-chega-vulnerabilizada-votacao-20021320>. Acesso em: 02 set. 2016.

O GLOBO. **Para que jamais haja outro impeachment.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opinioao/para-que-jamais-haja-outro-impeachment-20028401>. Acesso em: 02 set. 2016.

GAÚCHA ZERO HORA. **A defesa de Dilma.** Disponível em:
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/noticia/2016/08/a-defesa-de-dilma-7348801.html#>>.

Acesso em: 02 set. 2016.

GAÚCHA ZERO HORA. **A reação necessária.** Disponível em:
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/noticia/2016/08/a-reacao-necessaria-7353338.html#>> .

Acesso em: 02 set. 2016.

GAÚCHA ZERO HORA. **Nova etapa.** Disponível em:
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/noticia/2016/08/nova-etapa-7353329.html#>> . Acesso em:

02 set. 2016.

GAÚCHA ZERO HORA. **Os desafios de Temer.** Disponível em:
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/noticia/2016/09/os-desafios-de-temer-7357905.html#>> .

Acesso em: 02 set. 2016.

GAÚCHA ZERO HORA. **Sessão para a história.** Disponível em:
<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/noticia/2016/08/sessao-para-a-historia-7344191.html#>> .

Acesso em: 02 set. 2016.

ANEXOS

Anexo 1

Anexo 2

Opinião

ÚltimasColunas

f...🔍

OPINIÃO | REPÚBLICA

Condições para voltar a crescer

O iminente afastamento definitivo de Dilma Rousseff da Presidência da República e a consequente efetivação no cargo do presidente em exercício Michel Temer coincidem com o surgimento de indicações mais concretas de recuperação da atividade econômica

f...✎

21 Agosto 2016 | 10h:57

O iminente afastamento definitivo de Dilma Rousseff da Presidência da República e a consequente efetivação no cargo do presidente em exercício Michel Temer coincidem com o surgimento de indicações mais concretas de recuperação da atividade econômica. É uma coincidência que instila otimismo nos brasileiros acossados pela longa e profunda crise política, econômica, social e moral que marcou os últimos anos do governo petista.

Após 10 trimestres seguidos de redução, a formação bruta de capital fixo – que mede os gastos com máquinas, equipamentos e obras, ou seja, o volume de investimentos na economia – cresceu no segundo trimestre deste ano em relação ao trimestre anterior, na avaliação de duas instituições, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). Os investimentos estão crescendo em razão do aumento do consumo aparente de máquinas e investimentos. É uma variação ainda pequena, em torno de 0,4% na aferição das duas instituições, e se dá sobre uma base muito deprimida em razão da longa e aguda recessão pela qual passou a economia brasileira nos últimos dois anos e meio. Mas pode ser um sinal de que o pior já passou ou está passando.

Outro levantamento da FGV constatou que, dos 10 setores da economia que mais pesam na evolução do Produto Interno Bruto (PIB) do País, 7 dão sinais de recuperação. Nem toda essa evolução positiva se dá sobre bases sólidas e ainda são restritas a alguns segmentos. Fatores circunstanciais explicam algumas melhoras, como a da indústria automobilística, cuja produção e cujas vendas internas registram fortes baixas ao longo deste ano, mas que vem conseguindo aumentar suas exportações. Houve aumento também na produção de têxteis e calçados. No segundo trimestre, favorecida temporariamente pela taxa de câmbio, a indústria aumentou o volume físico exportado e conseguiu obter um saldo comercial positivo, o primeiro desde meados de 2013.

Mas o Indicador do Nível de Atividade (INA) da indústria paulista, a maior do País, registrou queda de 0,6% em julho, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). O setor de alimentos registrou queda de 1,4% na comparação com junho; o químico, de 1,6%. No acumulado do ano, a retração da indústria alcança 9,9% em relação aos 7 primeiros meses de 2016.

Trata-se, por isso, de uma retomada da atividade ainda instável e pontual, como a descrevem alguns economistas. “Os números mostram que a recuperação não é um contínuo. Ela tem idas e vindas”, observou o superintendente de estatísticas públicas do Ibre, Aloísio Campelo Junior, ao comentar os sinais divergentes para os quais aponta o Índice de Confiança da Indústria aferido pela instituição. Melhorou a situação dos estoques, mas piorou a percepção da retomada do consumo doméstico, vital para assegurar a continuidade da recuperação da indústria.

Ainda não há sinais de que o consumo possa voltar a crescer num prazo curto, mesmo porque, como mostra a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua, o desemprego continua a aumentar e a renda real média do brasileiro, a encalher.

A recuperação da economia, quando vier, não se consolidará de maneira automática nem será independente da evolução do cenário político. Ainda frágil, a confiança dos investidores só se preservará e adquirirá vigor se o ambiente para os negócios favorecer decisões empresariais de longo prazo. E isso está condicionado a decisões na esfera política que indiquem que as finanças públicas estão no rumo do equilíbrio e que as principais fontes dos déficits do governo federal estão controladas ou o serão num horizonte previsível.

O crescimento não é tarefa apenas de investidores, produtores, consumidores, mas também e sobretudo, agora que foram superados os traumas causados pelo processo de impeachment, dos governantes, dos quais o País espera decisões corretas e tempestivas.

NAS SUAS REDES SOCIAIS:

República

Michel Temer

PT

IPEA

FVG

Pib

Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

Privat

Anexo 4

Imagem: Estadão

•

Acervo

•

Agência Estado

•

Classificados

•

Es

•

Journal do Commercio

•

Link

•

Paladar

•

PMR

•

Rádio Eldorado

•

Rádio Estádio

ESTADÃO

OPINIÃO

Opinião

Últimas

Colunas

Facebook

Twitter

...

Google

YouTube

OPINIÃO

EDITORIAL: ESTADÃO

Dá para olhar para a frente?

O impeachment de Dilma Rousseff, mais do que encerrar um período sombrio da história política do País, deveria marcar o início de um tempo de esperança na definição e construção dos caminhos que poderiam levar o Brasil à pacificação política necessária à construção de seu futuro

Facebook

Twitter

...

01 Setembro 2016 | 03H44

O impeachment de Dilma Rousseff, mais do que encerrar um período sombrio da história política do País, deveria marcar o início de um tempo de esperança na definição e construção dos caminhos que poderiam levar o Brasil à pacificação política necessária à construção de seu futuro. Essas esperanças, no entanto, podem ter sido frustradas pela maracutaia que senadores, presididos pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ricardo Lewandowski, engendraram para livrar levas de políticos objetos de investigações policiais e processos criminais da perda de direitos políticos que acompanha a condenação, seja ela por algum juízo, seja pelo Congresso Nacional.

Na hora da união, criou-se a cizânia. O presidente Michel Temer, agora efetivado no Palácio do Planalto, poderá não ter condições, diante do quadro de descalabro político e moral criado na quarta-feira –, mas certamente concebido e amadurecido há tempos –, de inspirar uma aliança de partidos comprometidos com o interesse público, e não com a indecente maracutaia que impuseram às pessoas de bem deste país. E, sem essa aliança, não se vencerá sequer a primeira etapa do esforço de recuperação nacional. Ou seja, a discussão e adoção de medidas, muitas delas duras e impopulares, mas todas absolutamente indispensáveis ao saneamento das finanças públicas e que são pré-requisito para a retomada do crescimento.

Pode-se estar perdendo o momento de deixar para trás um passado ignóbil e de projetar para o Brasil um futuro generoso e próspero pelo qual anseiam os brasileiros submetidos a tantos anos de incompetência e corrupção. Certos políticos não podem tirar a responsabilidade que assumiram quando buscaram seus mandatos representativos, de repartir com a sociedade, em posição de liderança, a condução dos negócios nacionais.

O presidente Michel Temer cumpriu parte do que lhe competia, até o momento. Deu as garantias possíveis de que não cultiva pretensões eleitorais, o que deveria acalmar aliados. Demonstra agora a coragem política necessária para enfrentar questões delicadas, complexas e, sobretudo, impopulares, como a reforma da Previdência. Essa, como outras reformas de caráter reestruturante, tende a exigir a revisão de direitos sociais, para adequá-los à realidade fiscal. Nesse processo, são poucos os interesses políticos consagrados que escapam ilesos.

Essa questão influi, necessariamente, no comportamento da base parlamentar do governo e na aprovação pelo Congresso das medidas econômicas que a gravidade da crise impõe. Depois de uma malograda experiência populista, será necessário que Michel Temer tenha efetivamente a coragem de usar o poder de que agora dispõe por inteiro para convencer o Parlamento a aprovar projetos de reconhecido interesse nacional.

Também indissociável desse quadro é a necessidade de manter o combate à corrupção simbolizado pela Operação Lava Jato. No círculo governamental mais próximo de Temer se encontram políticos que são objeto de investigação e o presidente já foi obrigado a afastar alguns deles, por compreensível precaução política e respeito à imagem pública de sua equipe. A maracutaia da manutenção dos direitos políticos de Dilma Rousseff abre precedentes perigosos. A partir de agora, mais do que nunca, Temer terá de ser extremamente rigoroso no sentido de garantir à Lava Jato a liberdade e o apoio que, de resto, ela própria já conquistou junto à opinião pública.

Terá, também, de rever parte de sua equipe de governo, sobretudo para que ela tenha a indispensável união de propósitos e de ação e para que a participação na administração federal de certas figuras não pareça à opinião pública como um aval a hábitos que a população abomina.

Michel Temer tem legitimidade constitucional para liderar o esforço de recuperação nacional. Seu grande desafio será mostrar-se à altura dessa responsabilidade e assim conquistar o apoio popular que ainda não tem. O Brasil precisa muito disso.

Mais conteúdo sobre:

Editorial: Estadão

Impeachment

O Estado de S. Paulo

Dilma Rousseff

Brasil

Ex-que Ricardo Lewandowski

Congresso Nacional

Michel Temer

ASSINE O ESTADÃO

ASSINE O ESTADÃO

ASSINE O ESTADÃO

ASSINE O ESTADÃO

ASSINE O ESTADÃO

ASSINE O ESTADÃO

Anexo 5

Fórmula Estádio • Assine • Agência Estado • Classificados • Cr • Jornal do Centro • Link • Paladar • PME • Rádio Eldorado • Rádio Estácio

OPINÃO

ÚltimasColunas

OPINÃO | EDITORIAL ESTÁDIO

A baderna como legado

Dilma Rousseff é, finalmente, carta fora do baralho, apesar da trama, urdida por Renan Calheiros com apoio dos petistas e a benevolência de Ricardo Lewandowski, para lhe garantir a manutenção dos direitos políticos

f t ...

02 Setembro 2016 | 03h07

Se "a mais firme, incansável e energética oposição que um governo golpista pode sofrer" – como promete em seu discurso de despedida a ex-presidente Dilma Rousseff – inclui insultar irresponsavelmente a escalada da violência nas ruas, como tem acontecido em São Paulo e outras capitais do País, a própria banida e as chamadas “forças progressistas” que se alinharam contra o impeachment terão de assumir que a barbárie é um meio plenamente justificado para alcançar os objetivos propostos: acabar no País com o argumento daqueles que pregam a adoção de regimes de força ou o emprego de meios do terror para dobrar a sociedade a seus desejos – ou “sonhos”, como gostam de dizer.

O que está acontecendo nas ruas – mas também em repartições públicas e universidades – é extremamente preocupante. Em primeiro lugar, porque pode ser o prenúncio de uma grave ruptura política e social cuja simples possibilidade é preciso exorcizar. Em segundo lugar, porque ocorre no momento em que a pacificação nacional é indispensável para que toda a energia do governo e da sociedade se concentre no enorme desafio da reconstrução nacional.

A ex-presidente já se havia dedicado, com sua incompetência, arrogância e sectarismo, a levar o País à beira do abismo. Alardeando sua condição de “mulher honesta”, ela se beneficiou sem hesitação do ambiente de corrupção generalizada que sempre esteve ao seu redor tanto para se reeleger como, no primeiro mandato, para manter uma base parlamentar que coonestou todas as barbaridades da “nova matriz econômica”. Agora, ela própria dá um passo adiante, incitando os brasileiros à divisão, por todos os meios. Despenca no abismo que ela própria abriu a seus pés, mas quer ser seguida pela Nação.

Dilma Rousseff é, finalmente, carta fora do baralho, apesar da trama, urdida por Renan Calheiros com apoio dos petistas e a benevolência de Ricardo Lewandowski, para lhe garantir a manutenção dos direitos políticos. Ela muito dificilmente conseguirá ter voz ativa em qualquer articulação política de oposição ao governo. Mas os insensatos frequentemente sofrem a tentação do abismo e, infelizmente, não perdem a capacidade de convencimento e arregimentação de quem pensa – ou pensa que pensa – como eles. O discurso de despedida da ex-presidente, por exemplo, é um claro estímulo à extrapolação dos limites legais para as manifestações de protesto contra o governo.

Cabe às autoridades constituídas reprimir a baderna e impedir que a desordem se torne rotina. É preciso saber distinguir o legítimo e democrático direito a manifestação no espaço público da baderna que atenta contra o direito da população de viver seu cotidiano em paz. No primeiro caso, o poder público tem o dever de oferecer aos cidadãos a garantia de se manifestar pacificamente. No segundo, tem a obrigação de impedir a ameaça potencial ou a ação daqueles que infringem a lei. A baderna nas ruas, longe de ser uma forma legítima e democrática de manifestação popular, é um grave atentado ao direito fundamental que os cidadãos, o povo, têm de viver em paz.

Agrava a configuração criminosa das manifestações de crescente violência nas ruas o fato de que, como se tem visto em São Paulo, os confrontos com a polícia são deliberadamente provocados pelos próprios baderneiros, que têm sistematicamente descumprido os acordos previamente estabelecidos com a polícia a respeito de percursos a serem cumpridos, exigência óbvia de qualquer esquema de segurança pública.

O que se viu na quarta-feira nas ruas de São Paulo e ontem em pleno recinto do Senado Federal – onde baderneiros interromperam os trabalhos de uma comissão presidida pelo senador Cristovam Buarque – são exemplos de que os movimentos “populares” estão a transgredir de forma abusiva os limites estabelecidos pela lei. Pois não há “direito” que justifique a violência nas ruas ou a ela sobreviva.

Se as autoridades responsáveis – de modo especial o governador paulista, sempre hesitante nesse assunto – não tiverem a coragem de adotar medidas duras, mas necessárias para impedi-la, essa escalada da violência alimentada pelo ressentimento e pelo revanchismo colocará em risco, real e imediato, as liberdades fundamentais dos cidadãos.

MAIS CONTEÚDO SOBRE:

Editorial Estádio

seu governo

O Estado de S. Paulo

Dilma Rousseff

São Paulo

Renan Calheiros

Eduardo Ricardo Lewandowski

Senado Federal

Anexo 6

UOL HOST PAGSEGURO CURSOS PRODUTOS
UOL 20 ANOS
BUSCA BATE-PAPO EMAIL

FOLHA DE S. PAULO
Logout
Assine a Folha
Atendimento
Versão Impressa

FOLHA DE S. PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
SÁBADO, 18 DE FEVEREIRO DE 2017 13:12
FOLHA DIGITAL POR APENAS R\$ 1,90 NO PRIMEIRO MÊS. ASSINE JÁ.

Seções
Opinião
Poder
Mundo
Economia
 Cotidiano
Esporte
Cultura
F5
Sobre Tudo
29°C SÃO PAULO

Últimas notícias Preta Gil diz ter conversado com Doria para desfilar no carnaval de SP apenas em 2018

easynvest
Faça parte da líder no ranking de Tesouro Direto! #EasyLiderNoTesouro
Cadastre-se!

opinião

EDITORIAL
Pedaladas em questão
28/08/2016 02h00

Compartilhar
OUVR O TEXTO
Mais opções

A presidente afastada, Dilma Rousseff (PT), conhecerá seu destino político nos próximos dias. A julgar pelo clima no Congresso, mais de 70% dos senadores votarão por seu **impeachment** pela violação de normas que disciplinam o uso dos recursos públicos.

Após longo período de debates na Câmara e no Senado, as acusações são mais que conhecidas. Afirma-se que a administração de Dilma, ao praticar as agora notórias pedaladas fiscais em volumes inéditos, tomou empréstimos de bancos públicos — iniciativa proibida pela Constituição e pela lei dos crimes de responsabilidade.

Além disso, sustenta-se que Dilma autorizou seu governo a incorrer em despesas extras (a chamada abertura de crédito suplementar) sem antes obter o aval legalmente necessário do Congresso.

De um ponto de vista factual, não restam dúvidas sobre o acerto das imputações. A partir de 2014, quando a economia brasileira começou a ruir, a gestão petista efetivamente lançou mão de gambiarras para esconder o estado calamitoso de suas finanças. Decerto esperava, com isso, aumentar as chances de reeleição de Dilma.

Da perspectiva do impeachment, contudo, a situação é menos pacífica. Como esta **Folha** sempre afirmou, a deposição constitucional de um presidente da República não pode ser considerada questão corriqueira. Está em jogo, afinal, o cargo mais elevado do sistema democrático brasileiro.

A abreviação do mandato presidencial, por contrariar o desejo expresso pelos eleitores, deveria ocorrer somente em circunstâncias excepcionais, quando o detentor houvesse perdido todas as condições de seguir governando e estivesse comprovado de maneira cabal o envolvimento direto do chefe do Executivo nas irregularidades.

A defesa de Dilma alega que as decisões sobre pedaladas e créditos suplementares foram tomadas por técnicos, e não pela petista, e que tais expedientes já eram usuais na administração pública. Se a atribuição de crime de responsabilidade a ela tem algo de questionável, sobressai o descompasso entre a conduta que se pretende punir e a sanção extrema que será imposta.

Ainda assim, 367 dos 513 deputados votaram pelo impeachment; calcula-se que em torno de 60 senadores farão o mesmo. Supera-se com folga o mínimo de dois terços exigido na Constituição, requisito alto o suficiente para garantir que só presidentes já incapazes de governar se arrisquem a perder o cargo.

Dilma Rousseff está prestes a perder o seu. Após extenso processo supervisionado pelo Supremo Tribunal Federal, o Senado definirá o destino da petista — e não haverá motivo para recusar o veredito.

editoriais@grupofolha.com.br

Compartilhar
OUVR O TEXTO
Mais opções

temas relacionados
editoriais

leia também
EDITORIAL: O preço da paz
EDITORIAL: Jogo duplo do PMDB
EDITORIAL: Planeta vizinho
EDITORIAL: Compêndio de falcitruas
EDITORIAL: Sem tempo a perder

Edição impressa

siga a folha
RECEBA NOSSA NEWSLETTER

Livraria da Folha
SALDÃO LITERÁRIO

Diários da Presidência (Vol. 3)

envie sua notícia
Fotos Vídeos Relatos

EM OPINIÃO
LIDAS COMENTADAS ENVIADAS ÚLTIMAS

1 Editorial: Contra a evasão
2 Corrupção transnacional
3 MIGUEL ÂNGELO CANÇADO e RONALDO LEMOS: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? NÃO
4 ALVARO CHAGAS CASTELO BRANCO: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? SIM
5 Paulo Hartung: Responsabilidade social

BMW S 1000 XR
COMPARTILHE ESTE LINK

COMPARTILHE ESTE LINK

COMPARTILHE ESTE LINK

Diários da Presidência (Vol. 3)

FHC mostra como se deu na prática, entre as contingências da

COMPARTILHE ESTE LINK

Evoluir é preciso.
Prepare-se para CONCURSOS PÚBLICOS
A transformação da sua

Anexo 7

UOL POST
PAGSEGURO
CURSOS
+PRODUTOS
UOL 20 ANOS
BUSCA
BATE-PAPO
EMAIL

FOLHA DE S.PAULO

Logout

Assine a Folha

Atendimento

Versão Impressa

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

SABADO, 18 DE FEVEREIRO DE 2017 13:09

FOLHA DIGITAL POR APENAS R\$ 1,90 NO PRIMEIRO MÊS.

ASSINE JÁ.

Seções
Opinião
Poder
Mundo
Economia
 Cotidiano
Esporte
Cultura
F5
 Sobre Tudo
29°C SÃO PAULO
Últimas notícias Livraria: Livro reúne oito histórias sobre a perda da v
Buscar

AMPLIAÇÃO DAS FAIXAS DE RENDA E DOS SUBSÍDIOS

opinião

EDITORIAL

A defesa de Dilma

30/08/2016 02h00

Compartilhar
g+
in
< 270
OUVIR O TEXTO
Mais opções

A presidente afastada **Dilma Rousseff (PT)**, ao comparecer perante o Senado Federal convertido em júri do processo de impeachment, ofereceu ao país, de própria voz, a defesa mais minuciosa e firme de sua conduta na Presidência.

O centro de gravidade da participação esteve no discurso de abertura, pois as respostas dadas às questões dos senadores servem mais para reiterar as conhecidas limitações em matéria de eloquência. Já na leitura da peça inicial, defendeu-se com brilho oratório inusual e passagens de genuína emoção.

Não que tenha surpreendido na forma e no conteúdo dos argumentos jurídicos e políticos. Após quase nove meses de processo e pleno exercício do direito de defesa, não havia ângulos novos a iluminar nem revelações capazes de alterar o desfecho do julgamento.

Ainda assim, Dilma Rousseff teve momentos notáveis em seu pronunciamento final, "para a história". Os pontos altos vieram quando equiparou o impeachment a uma pena de morte política e afirmou que o julgamento por seu "conjunto da obra" só poderia ser feito pela população, em eleições.

São formulações em tudo adequadas à gravidade que esta **Folha** sempre atribuiu à deposição constitucional de um presidente da República, evento que nada tem nem pode ter de trivial. Revogar o mandato presidencial conferido pelo desejo manifesto dos eleitores exige fatos e evidências excepcionais sobre o envolvimento direto do chefe do Executivo em irregularidade inequivocamente tipificada como crime de responsabilidade.

Ainda que haja farta base factual nas tais pedaladas fiscais, esteio principal da acusação, muitos dos que não estão familiarizados com as tecnicidades enxergarão aí a "frágil retórica jurídica" para cassar-lhe o mandato denunciado pela presidente afastada.

No entanto, mesmo sendo questionáveis as alegações, não há como negar que os senadores estão plena e constitucionalmente investidos da autoridade para decidir se elas recaem sob a figura do crime de responsabilidade. Por isso se diz que o processo é a um só tempo jurídico e político.

No plano da política, aliás, ao deixar a defesa para ir ao ataque, o discurso da presidente afastada reincidiu nos vícios antigos. Insistiu num paralelo entre seu impedimento e golpes de Estado tão insustentável quanto sua aspiração a perfilar-se como um Getúlio Vargas ou um Juscelino Kubitschek.

Após lançar a economia do país numa de suas piores recessões, façanha pela qual nunca se penitenciou, resta a Dilma Rousseff apenas almejar que a história do Brasil a reconheça como vítima —jamais como a estadista que nunca foi.

AMPLIAÇÃO DAS FAIXAS DE RENDA E DOS SUBSÍDIOS

Livraria da Folha
SALDÃO LITERÁRIO
mínimo de 50% DE DESCONTO!

PEUGEOT i-Cockpit®

Edição impressa

siga a folha
RECEBA NOSSA NEWSLETTER
Digite seu email... enviar
f g+ in p

envie sua notícia
Fotos Vídeos Relatos

EM OPINIÃO			
+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Editorial: Contra a evasão		
2	ÁLVARO CHAGAS CASTELO BRANCO: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? SIM		
3	Corrupção transnacional		
4	MIGUEL ÂNGELO CANÇADO e RONALDO LEMOS: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? NÃO		
5	Paulo Hartung: Responsabilidade social		

+ livraria
Michel Laub aborda linchamentos virtuais em 'O Tribunal da Quinta-Feira'
Modo como encaramos a vida é crucial para o sucesso, aponta especialista
'Cortina de Ferro' mostra como se deu a

COMPRA ÚLTIMOS DIAS

COMPRE 36 CAPSULAS GANHE UMA MAQUINA

COMPRA JÁ

Diários da Presidência (Vol. 3)

COMPARTILHE ESTE LINK

f Compartilhar g+ in < 270

pela 3ª via do desenvolvimento

Por R\$ 79,90

VALENDO NA MRV

temas relacionados

Anexo 8

UOL HOST
PAGSEGURO
CURSOS
+PRODUTOS
UOL 20 ANOS
BUSCA
BATE-PAPO
EMAIL

FOLHA DE S. PAULO
Logout
Assine a Folha
Atendimento
Versão Impressa

FOLHA DE S. PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
SÁBADO, 18 DE FEVEREIRO DE 2017 13:10

FOLHA DIGITAL POR APENAS R\$ 1,90 NO PRIMEIRO MÊS. ASSINE JÁ.

Seções
Opinião
Poder
Mundo
Economia
Cotidiano
Esporte
Cultura
F5
Sobre Tudo
29°C SÃO PAULO

Últimas notícias Mensageiro Sideral: AO VIVO: SpaceX lança foguete da plataforma que levou o homem à

Em 29/03 o sinal analógico de TV será desligado.

opinião
EDITORIAL
Fresta de oportunidade
01/09/2016 02h00

Compartilhar
OUVR O TEXTO
Mais opções

Quis o acaso que o afastamento definitivo de Dilma Rousseff (PT) da Presidência pelo Senado coincidissem com a divulgação de uma estatística que resume seu fracasso no governo: o **sexto trimestre seguido de retração do PIB**, algo sem registro na história do país.

Desde que a recessão atual se iniciou, no começo de 2014, a economia encolheu 7,9%, pior desempenho entre as principais economias do mundo. A retração de 0,6% observada no segundo trimestre (em comparação com o anterior), porém, indica que pode estar em curso uma estabilização.

Depois de amargar um colapso de 26% ao longo de dez trimestres consecutivos, os investimentos avançaram, ainda que modesto 0,4%. A produção industrial já mostrara alta de 1,2%.

É um sinal importante, e vem acompanhado de rápida recuperação dos indicadores de confiança na indústria, no comércio, nos serviços e até na construção civil. Mas permanecem vários obstáculos estruturais para uma retomada consistente.

Na terça-feira (30) divulgou-se novo aumento do desemprego, de 11,3% para 11,6%. São agora 11,8 milhões de brasileiros sem trabalho. Entre os empregados, a renda apresentou perda de 3,1% (valor ajustado pela inflação) entre julho de 2015 e julho de 2016. Não por acaso, verificou-se, nos dados do PIB, retração no consumo.

A retomada ainda depende de reformas que reduzam o risco de insolvência do Estado, como a imposição de um teto para os gastos públicos e uma revisão das normas da Previdência.

O teto demandará esforço especial de convencimento quanto às despesas com saúde e educação. Não será mais possível ampliá-los na proporção do crescimento da receita, e caberá mostrar ao país que não serão esmagadas pela expansão contínua de outras rubricas.

Para pedir sacrifícios da sociedade, o governo precisará conter salários e benefícios dos estratos superiores do funcionalismo, assunto em que o presidente Michel Temer (PMDB) até agora tergiversou. Subsídios a grandes empresas também devem ser reduzidos.

Se Temer falhar em convencer o país de que é capaz de combinar equilíbrio orçamentário com justiça social, sua gestão e sua legitimidade serão rapidamente erodidas.

editoriais@grupofolha.com.br

Compartilhar
OUVR O TEXTO
Mais opções

temas relacionados
editoriais

recomendado

Edição impressa
siga a folha
RECEBA NOSSA NEWSLETTER
Digite seu email
enviar

Livraria da Folha
SALDÃO LITERÁRIO
mínimo de 50% DE DESCONTO!

CONCURSO PREVISTO PARA 2017
RECEITA FEDERAL
Carência de
COMPARTILHE ESTE LINK

REMUNERAÇÃO ATÉ R\$ 19.669
SAIBA MAIS
CONHEÇA TAMBÉM NOSSOS CURSOS ON-LINE
CENTRAL DE CONCURSOS
COMPARTILHE ESTE LINK

Diários da Presidência (Vol. 3)
FHC mostra como se deu na prática, entre as contingências da política e da economia, sua luta pela 3ª via do desenvolvimento
Por R\$ 79,90

CONCURSO
COMPARTILHE ESTE LINK
R\$ 4.171

EM OPINIÃO
LIDAS
COMENTADAS
ENVIADAS
ÚLTIMAS
1
Editorial: Contra a evasão
2
Corrupção transnacional
3
MIGUEL ÂNGELO CANÇADO e RONALDO LEMOS: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? NÃO
4
ÁLVARO CHAGAS CASTELO BRANCO: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? SIM
5
Paulo Hartung: Responsabilidade social

+ livreria
Michel Laub aborda linchamentos virtuais em 'O Tribunal da Quinta-Feira'
Modo como encaramos a vida é crucial para o sucesso, aponta especialista
'Cortina de Ferro' mostra como se deu a ocupação soviética no Leste Europeu

Anexo 9

UOL HOST PAGSEGURO CURSOS +PRODUTOS
UOL 20 ANOS
BUSCA BATE-PAPO EMAIL

FOLHA DE S. PAULO
Logout
Assine a Folha
Atendimento
Versão impressa

FOLHA DE S. PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
SÁBADO, 18 DE FEVEREIRO DE 2017 13:11

FOLHA DIGITAL POR APENAS R\$ 1,90 NO PRIMEIRO MÊS. ASSINE JÁ.

Seções
Opinião
Poder
Mundo
Economia
 Cotidiano
Esporte
Cultura
F5
Sobre Tudo
29°C SÃO PAULO

Últimas notícias
Preta Gil diz ter conversado com Dória para desfilar no carnaval de SP apenas em 2018

ICMS/SP - Revisão de Juros
Diminui o passivo fiscal
Contate-nos!

opinião

EDITORIAL

Governo novo

01/09/2016 02h00

Compartilhar 61

Consumou-se, enfim, o impeachment de Dilma Rousseff (PT). Por 75% dos votos, o Senado tornou definitivo o afastamento da presidente determinado em 17 de abril pela Câmara, na qual 71% dos deputados haviam votado por suspender a mandatária e levá-la a julgamento — ambas maiorias superiores aos dois terços exigidos em lei.

O processo decorreu em estrita obediência à Constituição, assegurado amplo direito de defesa e sob supervisão de suprema corte insuspeita. As acusações de fraude orçamentária, porém, embora pertinentes enquanto motivo para impeachment, nunca se mostraram irrefutáveis e soaram, para a maioria leiga, como tecnicidade obscura — e, para uma minoria expressiva, como pretexto de um "golpe parlamentar".

Esta Folha teria preferido, como manifestou diversas vezes, que a extrema gravidade da crise e o inconformismo da sociedade houvessem conduzido à renúncia da chapa eleita em 2014 ou a sua impugnação, caso confirmados na Justiça os indícios de crime eleitoral. Isso levaria à realização de eleições diretas, única forma de conferir legitimidade incontestada ao novo governo. Raramente, no entanto, cenários ideais se concretizam em política.

Michel Temer (PMDB) é o sucessor legal da ex-presidente Dilma Rousseff e está investido, até prova em contrário, da legitimidade formal para governar o país até dezembro de 2018.

A decisão do presidente do Supremo Tribunal Federal e do julgamento, Ricardo Lewandowski, de dissociar a perda do mandato e a inabilitação para exercer cargo público deu ao Senado ensejo para poupar a ex-presidente desta última sanção, quando, em segundo escrutínio, não se alcançou a maioria de dois terços.

Essa conduta pode traduzir falta de convicção condenatória ou desejo de desarmar espíritos, mas viola o parágrafo único do artigo 52 da Constituição, que prescreve a inabilitação como consequência automática da perda do mandato. O destino de Dilma Rousseff, entretanto, é agora assunto privado, conforme seu governo, um dos piores da história nacional, desaparece de vez para ser recolhido aos livros de história.

A prioridade máxima da administração agora confirmada é a recuperação de uma economia em frangalhos. Para tanto, é preciso abandonar as hesitações da interinidade e adotar, como sugeriu o próprio Temer em suas primeiras falas como governante efetivo, atitude mais corajosa e firme. É mandatório que o presidente emita sinais convincentes de que não será candidato a ficar no cargo em 2018.

É, sobretudo, imperativo aprovar no Congresso os projetos de reforma econômica — teto para o gasto público e revisão nas regras da Previdência — que se configuram como alavancas sem as quais o Brasil não emergirá da recessão calamitosa em que atolou há dois anos.

editoriais@grupofolha.com.br

Compartilhar 61

temas relacionados

editoriais impeachment michel temer

leia também

EDITORIAL: Equidade na saúde

EDITORIAL: Janela ainda aberta

EDITORIAL: Contas duvidosas

EDITORIAL: A defesa de Dilma

EDITORIAL: Depois da festa

Edição impressa

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

enviar

Facebook Twitter Google+ LinkedIn Pinterest Instagram RSS YouTube

Livraria da Folha

SALDÃO LITERÁRIO

minimo de 50% DE DESCONTO!

MENSAGENS A PARTIR DE R\$ 979*

BMW Motorrad

envie sua notícia

Fotos Vídeos Relatos

EM OPINIÃO

LIDAS	COMENTADAS	ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Editorial: Contra a evasão		
2	Corrupção transnacional		
3	MIGUEL ÂNGELO CANÇADO e RONALDO LEMOS: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? NÃO		
4	ÁLVARO CHAGAS CASTELO BRANCO: Judiciário deveria censurar publicação sob o argumento de violação da privacidade? SIM		
5	Paulo Hartung: Responsabilidade social		

+ livreria

Diários da Presidência (Vol. 3)

FHC mostra como se deu na prática, entre as contingências da política e da economia, sua luta pela 3ª via do

COMPARTILHE ESTE LINK

Compartilhar 61

O JEITO MAIS RÁPIDO DE VENDER SEU CARRO

VENDIDO \$\$\$\$\$\$

Anexo 10

Anexo 11

enkontra.com

GUIA

GAZETA DO POVO | OPINIÃO

LOGIN | CADASTRO

ASSINE AGORA

EDITORIAIS

ARTIGOS

CHARGES

OPINIÃO DO LEITOR

COLUNISTAS

BUSCAR

VENHA CONHECER TODA LINHA HB20

HMB | SEVEC

www.hyundaisevec.com.br

EDITORIAL

As razões do impeachment

A tese do "conjunto da obra" foi usada por José Eduardo Cardozo, pois confirma a ideia de que Dilma estaria sendo cassada por motivos que não justificam um impeachment

Gazeta do Povo [31/08/2016] [00h01]

Apesar de Janaina Paschoal, advogada da acusação, ter resolvido não oferecer réplica à fala de José Eduardo Cardozo, que defende Dilma Rousseff, a decisão final sobre o impeachment da presidente afastada acabou ficando para esta quarta-feira, por decisão do presidente do STF, Ricardo Lewandowski. Um tempo adicional para examinarmos uma argumentação de Cardozo em seu discurso de terça-feira sobre o que seriam, para ele, as reais razões do impeachment. Um raciocínio sutil que esconde uma conclusão perigosa.

Cardozo alegou repetidamente que Dilma estava sendo julgada não pelas "pedaladas" ou pelos decretos fraudulentos, mas pelo que chamou de "conjunto da obra": uma presidente que governou para os pobres, desagradou as elites e não quis frear a Lava Jato (um "conjunto" de conotação positiva) foi levada ao banco dos réus por uma tecnicidade que camuflaria o real motivo do impeachment. O raciocínio do "conjunto da obra" é usado por defensores de Dilma – e, em menor grau, por seus adversários – também com outro sentido, negativo: a presidente estava caindo não pelas fraudes, mas pela condução desastrosa da economia, pela má interlocução com o Legislativo, pela destruição da Petrobras, pelo estelionato eleitoral. Em qualquer dos casos, esse raciocínio só pode levar à conclusão, errônea, de que o impeachment seria realmente um golpe.

Nem todo crime de responsabilidade é de fácil comprovação

veja também |

A retórica e o impeachment (editorial de 30 de agosto de 2016)

Impeachment é a aplicação da Constituição (editorial de 15 de abril de 2016)

Afinal, ambos os "conjuntos da obra" descritos anteriormente só podem servir para a queda de um chefe de governo em um regime parlamentarista, por meio do voto de desconfiança. Em um regime presidencialista, a mera incompetência, a impopularidade ou a relação belicosa com o Congresso não podem, em hipótese alguma, embasar um impeachment. No ordenamento jurídico brasileiro, é imprescindível a comprovação de um crime de responsabilidade (cujo julgamento cabe ao Senado, como ocorre agora) ou de crime comum (caso em que o presidente seria julgado pelo STF). Eis por que a tese do "conjunto da obra" é agradável ao petismo e foi usada por Cardozo, pois confirma a ideia de que Dilma estaria sendo cassada por motivos que, no presidencialismo, não justificam um impeachment – ou seja, uma cassação ilegal.

No entanto, existe um terceiro "conjunto da obra" que é preciso considerar: uma coleção de efetivos crimes de responsabilidade cometidos pelo mandatário – algo que, no caso de Dilma, é fácil de observar. As "pedaladas" e fraudes contábeis de 2015, objeto concreto do pedido de impeachment analisado no Senado, somam-se essas mesmas irregularidades cometidas também durante o primeiro mandato e que já poderiam justificar o impeachment, pois o parágrafo 4.º do artigo 86 da Constituição diz que o presidente da República "não pode ser responsabilizado por atos estranhos ao exercício de suas funções", sem com isso erigir um muro entre mandatos subsequentes na mesma função – seria um contrassenso considerar que a posse no segundo mandato significasse uma anistia em relação a todo crime cometido nos quatro anos anteriores. Além disso, como se não bastassem as fraudes no orçamento, é evidente também que Dilma prevaricou ao não agir para impedir a pilhagem da Petrobras.

Mas nem todo crime de responsabilidade é de fácil comprovação. Nada mais natural, portanto, que os proponentes do impeachment buscassem alguns poucos pontos sobre os quais não haveria dúvida, a fim de construir uma acusação sólida, ainda que para isso fosse necessário deixar passar o restante das irregularidades. É o que fizeram Janaina Paschoal, Hélio Bicudo e Miguel Reale Junior: para evitar consequências de uma interpretação torta do artigo 86 da CF, concentraram-se nas fraudes de 2015, fartamente documentadas e que não são "mera tecnicidade", dada a gravidade das gambiarras orçamentárias.

O fato de alguns senadores terem dedicado seus discursos a aspectos alheios à acusação propriamente dita ou as insinuações de que um governante popular jamais cairia pelos mesmos motivos de Dilma não escondem a existência concreta dos crimes de responsabilidade da presidente afastada. É por eles, e só por eles, que ela cai.

f

[0]

G+

[0]

in

[0]

t

[0]

m

[0]

COMENTE!

[34]

[0]

in

[0]

t

[0]

m

[0]

COMENTE!

[34]

[0]

in

[0]

t

[0]

m

[0]

COMENTE!

[34]

[0]

in

[0]

t

[0]

m

[0]

COMENTE!

[34]

[0]

A queda do dólar:

Já é hora de comprar

A queda do dólar:

Já é hora de comprar a moeda americana?

CONFIRA AQUI

EMPIRICUS

A queda do dólar:

Já é hora de comprar a moeda americana?

CONFIRA AQUI

EMPIRICUS

Anexo 13

Dilma chega vulnerabilizada à votação

Ao comparecer ao Senado, presidente afastada leu defesa competente, mas demonstrou traços conhecidos nas respostas a perguntas e críticas

POR EDITORIAL
30/08/2016 0:00

Passaram-se oito meses desde a aceitação do pedido de impeachment de Dilma por parte do então presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), durante os quais transcorreram intensos debates, com acusações e defesas, entremeadas de recursos ao Supremo Tribunal, cujo presidente, ministro Ricardo Lewandowski, é o guardião de corpo presente desta fase final do processo.

Dilma tem um apoio minguante nas ruas — sustentação que passou a se resumir a movimentos e entidades que orbitam em torno do PT, e se beneficiaram do acesso fácil ao Tesouro nos governos lulopetistas —, mas a representatividade do PT faz bem ao processo de impedimento. Sob pressão, o Legislativo e o Poder Judiciário são fiadores atentos da extrema lisura de toda a tramitação do afastamento da presidente Dilma.

A última sessão em que acusação e defesa se defrontaram, realizada na manhã e início da tarde de ontem, resumiu bem os pontos centrais da acusação de Dilma por crimes de responsabilidade de origem fiscal e orçamentária, conduzida pelos juristas Janaina Paschoal e Miguel Reali Jr.. Bem como a defesa, feita pelo advogado José Eduardo Cardozo, ex-ministro da Justiça e da Advocacia Geral da União (AGU), ex-deputado petista por São Paulo. Cardozo alinhou os argumentos básicos em favor da volta ao Planalto.

Não restaram mais dúvidas sobre a culpabilidade da presidente Dilma, criticada pelo seu pensamento econômico desde o final de 2005, no final do primeiro governo Lula, quando assumiu a Casa Civil e tachou de “rudimentar” a proposta dos colegas Antonio Palocci, da Fazenda, e Paulo Bernardo, do Planejamento, para impedir que as despesas subissem mais que o PIB.

Na essência, é o que o governo Temer se propõe a fazer, e está certo. Dilma, no entanto, fiel a convicções erradas, pôs em prática a visão de que “gasto em custeio é vida” e, desde o final do segundo mandato de Lula, passou a induzir uma política de expansão de despesas sem limites. A crise mundial de 2008/2009 serviu de alibi para a gastança, causa da atual crise, aprofundada pela percepção de que o Tesouro brasileiro se tornará insolvente, sedimentada pela reeleição de Dilma e sua aposta em dobro no mesmo modelo, com a queda de Joaquim Levy do Ministério da Fazenda, substituído por Nelson Barbosa.

Ao sustentar a parte técnica da acusação, Janaina Paschoal foi feliz ao explicar como a presidente Dilma, à frente do ministro Guido Mantega e o secretário do Tesouro, Arno Augustin, este o artifice da “contabilidade criativa”, promoveram uma “farsa fiscal”, para maquiagem dados com técnicas de contabilidade pública, a fim de criar um cenário róseo da economia, na campanha de 2014. Daí as “pedaladas”, para que bancos oficiais pagassem, em nome do Tesouro, subsídios. Empréstaram à União, um pecado mortal perante a Lei de Responsabilidade. E também editaram decretos de gastos adicionais, sem a aprovação do Congresso. Crimes de responsabilidade, de acordo com a Lei 1.079/50 e a Constituição.

Para completar o fiel resumo do que foi o embate destes oito meses, o advogado José Eduardo Cardozo se incumbiu da defesa política e técnica da presidente, exposta com a ênfase e a competência costumeiras.

Voltou à cena o fantasioso “golpe parlamentar”, sustentado numa ficcional trama urdida nos porões do TCU, da qual se valeu Eduardo Cunha para chantagear a presidente: ou o apoio do PT a ele no Conselho de Ética, ou a abertura do processo de impeachment. Esqueceu-se de citar pressões do Planalto para que petistas defendessem Cunha. E se este se vingou, também deu um auxílio a Dilma, ao limitar a sustentação do pedido de impeachment a fatos ocorridos apenas em 2015. Suficientes para o impedimento, mas longe de serem o conjunto da obra. Mais ainda: sem o apoio da grande maioria do Congresso, nada prosperaria.

Ao comparecer ao Senado para se defender, Dilma não deve ter mudado votos contra si. Na extensa parte da sessão em que respondeu a perguntas e críticas de senadores, foi a Dilma de sempre: irritadiça, autoritária, confusa. E deve ter pulverizado de vez a possibilidade do retorno ao Planalto quando se recusou a dizer o que faria contra a crise econômica caso o impeachment fosse rejeitado. Demonstrou que a hipotética volta à Presidência poderia ser um salto no escuro.

PUBLICIDADE

PESQUISA DA CNC REVELA BOA EXPECTATIVA PARA O TURISMO DURANTE A FOLIA.

ÚLTIMAS DE OPINIÃO

Mas é a lei 18/02/2017 0:00

Darcy e suas paixões 18/02/2017 0:00

Governança pedestre 18/02/2017 0:00

Surpresa prevista 18/02/2017 0:00

PUBLICIDADE

Anexo 14

globo.comg1globoesportegshowfamosos & etcvídeos

CENTRAL E-MAIL ENTRAR

O GLOBO

OPINIÃO

COMPARTILHAR

CLIQUE E ASSINE

PACOTE DIGITAL DO GLOBO por apenas R\$ 5,90/mês

QUERO ASSINAR

Para que jamais haja outro impeachment

A partir de agora, governante que desejar tomar atalhos, e não apenas no manejo do orçamento, para contornar a Carta, sabe o risco que corre

11/08/2016

O impeachment da presidente Dilma Rousseff, economista oriunda do brizolismo gaúcho, é o segundo, na vigência do estado democrático de direito, em 24 anos. O primeiro, de Fernando Collor de Mello, senador por Alagoas, e um dos 61 que votaram pela saída de Dilma, foi importante demonstração de vigor das instituições da democracia representativa, dada havia apenas quatro anos da promulgação da Constituição de 1988, marco do retorno ao estado democrático, após duas décadas de ditadura militar. Mudou o status do Brasil no mundo civilizado. O fato de o afastamento de Dilma ter obtido sete votos a mais que o mínimo exigido de dois terços dos senadores não pode ser ofuscado pelo desentendimento entre PSDI e PMDB na aprovação, contra a posição dos tucanos, da liberação para que Dilma ocupe cargos públicos.

São um feito os dois impeachments, sem rupturas, num continente cuja trajetória é pontilhada de acidentes institucionais e autoritários, à direita e à esquerda, tendo como ligação, entre esses dois campos que se opõem, o nacionalismo, muitas vezes turbinado pelo populismo, como tem sido na tragédia do chavismo e foi na debacle do lulopetismo, com a mais grave desestabilização da economia brasileira na República.

É de notável ineditismo, na América Latina, o fato de esses incidentes institucionais no país serem contornados sem as rupturas clássicas na região. É tema de debates e estudos de cientistas políticos a incapacidade de o Brasil, no arranjo inaugurado na Nova República, não permitir maiorias estáveis no Congresso, para dar governabilidade aos inquilinos do Planalto. A discussão continuará.

O PT resolveu literalmente comprar a base parlamentar, para viabilizar um projeto de eternização no poder. Para isso, assaltou a Petrobras, outras empresas públicas e se enredou em um novelo do qual está longe de se livrar nos tribunais. Sempre guiado pelo máxima dos “fins que justificam os meios”.

A razão do impeachment de Dilma é de outra natureza. Restou provado na acusação encaminhada à Câmara por Helder Baptista, procurador que combateu o Esquadrão da Morte em São Paulo, fundador dissidente do PT; os advogados Miguel Reil Jr., ex-ministro da Justiça, na gestão FTL e Juliana Pechou, professora do Largo de São Francisco, simbólica Faculdade de Direito da USP, que Dilma cometera crimes de responsabilidade de ordem fiscal e orçamentária.

Foi diferente do que aconteceu com Collor, condenado no Senado por quebra de decoro, devido a denúncias de corrupção, mas incoado no Supremo. Tudo também dentro das regras legais. Pois o julgamento no Congresso é de cunho político. No processo contra Dilma, não há acusações de corrupção, mas crimes que têm a ver com a visão ideológica lulopetista, com o tempo brizolista da ex-presidente. Não passou despercebido que, ao se defender no Senado, Dilma Rousseff usou tática do guia Leonel Brizola: nunca responder as perguntas e falar o que quiser.

Dilma se converteu à responsabilidade fiscal muito tarde, ao vir a dizer, só nesta semana, no Senado, ante o cadafalso, que lamentava o PT não haver votado para aprovar a LRF. No poder, atropelou-a sem piedade. Dilma não fez qualquer menção, por óbvio, mas o partido pelo qual se elegeu, o PT, também não assinou a Constituição de 1988. Louve-se a coerência: a legenda sempre avança contra a Carta e a LRF. Ao propor “Constituintes exclusivas”, por exemplo.

Dilma e os “desenvolvimentistas” não gostam da responsabilidade fiscal. Consideram-na “neoliberal”, um obstáculo conservador ao ativismo fiscal do Estado, esta uma obsessão da esquerda latino-americana do pós-Guerra. Mas todos precisam cumprí-las, a Carta e a LRF, com as respectivas normas decorrentes.

Dilma perdeu o cargo por sectarismo ideológico e voluntarismo, por achar que “vontade política” é o que resolve problemas no governo. Algo de sabor stalinista. Ao ir contra leis, a Carta e princípios técnico inamovíveis, cometeu suicídio. Collor sofreu impeachment devido à ética: Dilma, por investir contra pilares institucionais que o Brasil começou a construir no Plano Real, a partir de 1994, com Itamar e Fernando Henrique Cardoso.

Eduardo Cunha é, na “narrativa” lulopetista, peça central de um onírico complot em que se misturam corruptos temerários da Lava-Jato, defensores do ex-presidente da Câmara e “inimigos das conquistas sociais”. É, claro, a “mídia”.

Mas foram a obsessão com o ativismo estatal e gastos sem medidas, maquiados por técnicas da “contabilidade criativa”, que construíram a enorme crise fiscal, visível a todos a partir de 2015, quando afloraram os números reais. Os próximos deles. Assim, edificou as bases do seu enforcamento legal. Mas nem tudo é pura ideologia. Houve também forte dose de esperteza, a fim de esconder o lixo debaixo do tapete, marquetear um país inexistente na propaganda política de 2014, e ganhar a reeleição em rotundo estelionato. Depois, veio o tarifaço, porque o governo congelou combustíveis, energia elétrica etc., para repressar de maneira artificial a inflação, a fim de futurar a reeleição.

Lulopetistas devem ter aprendido com Ulysses Guimarães e José Sarney quando, em 1986, fizeram o mesmo para o seu PMDB ganhar as eleições no fim daquele ano, nos estertores do Cruzado. Elgeram 22 governadores. Dias depois, executaram os ajustes necessários, com liberação de preços e tarifas. O filme passou mais uma vez em 2015, com Dilma. Mas não chegou ao fim, porque as instituições republicanas estão solidificadas.

A edição de decretos de gastos sem aprovação do Congresso e as “pedaladas” — deixar instituições financeiras pagar despesas do Tesouro, numa operação ilegal de crédito à União — demoliram Dilma. O conjunto da obra de malfeitos fiscais e de enormes propoções. Eles vêm desde o final do segundo governo Lula, mas bastaram os crimes cometidos em 2015, conforme limitação imposta pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha, ao aceitar o pedido de impeachment, para derrotar Dilma e o lulopetismo de pedigree brizolista.

O saldo desses empréstimos ilegais concedidos à União, por decisão do Planalto, pelo Banco do Brasil, Caixa Econômica, BNDES e até o FGTs chegou em 2015 a pouco mais de R\$ 50 bilhões, cifra gigantesca. O Brasil havia voltado ao passado, à antessala da pré-hiperinflação, quando o BB se financiava diretamente no Tesouro e governadores ordenavam seus bancos estaduais como casas da moeda privadas. Costuma-se dizer que a estabilização econômica permitida pelo Plano Real se tornou patrimônio da sociedade. O impeachment de Dilma é prova cabal de que isso é verdade. A partir de agora, qualquer governante que pense em atalhos à margem da lei, no manejo orçamentário, precisará refletir sobre as implicações de seus atos. O mesmo vale para delírios no campo político-institucional. O fortalecimento não é apenas das cláusulas da responsabilidade fiscal, mas da Constituição como um todo, para desencorajar de vez projetos bolbivarianos como o do lulopetismo. Serve de aviso geral à nação.

PESQUISA DA CNC REVELA BOA EXPECTATIVA PARA O TURISMO DURANTE A FOLIA.

CNC Sesc Senac

ÚLTIMAS DE OPINIÃO
Mas é a lei
Darcy e suas pãfides
Governança pedestre
Surpresa prevista

PUBLICADO

PUBLICADO

Anexo 15

globo.com
g1
globoesporte
gshow
famosos & etc
videos
CENTRAL
E-MAIL
ENTRAR

O GLOBO
MENU
OPINIÃO
COMPARTILHAR
BUSCAR
CLIQUE E ASSINE

TÊNIS
A PARTIR DE R\$ 69,90
COMPRE AGORA
NETSHOES

Agenda decisiva exige união na base

Manobra para livrar Dilma da inabilitação a cargos públicos cria fissura entre PSDB e PMDB, no dia da posse de Temer, e, se a crise não for contida, impedirá as reformas

POR EDITORIAL

02/02/2016 0:00

Não haveria mesmo por que o presidente Michel Temer usufruir da trégua que costuma acompanhar as primeiras semanas de novo governante. Afinal, cumpriu um período de 112 dias de interinidade. Deveria mesmo é tomar posse no cargo de forma definitiva e manter o ritmo de trabalho, pois não faltam problemas, à margem da guerra política que o lulopetismo promete fazer contra ele. Mas não se esperava que logo na sessão final da votação do impeachment surgiria um princípio de rusga entre tucanos e o Planalto, em torno da "pedalada" que, pelo menos por enquanto, livrou Dilma da inabilitação para cargos públicos, contra claro dispositivo constitucional acerca do alcance do impeachment.

Esta é uma história ainda a ser revelada por inteiro, em que o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), seus liderados no PMDB, o PT, com a ajuda do ministro do Supremo Ricardo Lewandowski, atuaram para que o impeachment de Dilma fosse pela metade, o que tornou em parte impune a presidente afastada. Razão tem Collor de Mello de se considerar injustiçado, ao também perder os direitos políticos, na sua cassação, em 92. Restou a dúvida se Temer atuou na manobra. Ele nega. Temer, PSDB, PMDB e demais aliados precisam é se manter unidos. A base do governo tem de ficar coesa para enfrentar a desafiadora, urgente e crucial pauta de reformas: o teto para os gastos públicos, a Previdência, a legislação trabalhista e medidas decorrentes.

O senador Aloysio Nunes (PSDB-SP) chegou a entregar o cargo de líder do governo, recusado por Temer. Não é mesmo hora para isto, embora PSDB e DEM tenham razão em ser firmes no ajuste fiscal. Não faz mesmo sentido elevar agora o teto das remunerações do funcionalismo por meio de um aumento dos ministros do Supremo. O efeito cascata sobre toda a máquina pública, também estadual e municipal, será absurdo e contraditório com a crise fiscal.

Temer, que já não teria mesmo a clássica trégua de início de mandato, agora precisará agir de forma rápida e firme, com as lideranças responsáveis da base parlamentar, a fim de evitar fissuras diante de votações cruciais de reformas. Sem elas não haverá governo, e o futuro do país voltará a ficar incerto, com todos os desdobramentos negativos para a economia e, por consequência, a sociedade, decorrentes da súbita perda de confiança na gestão Temer.

Há alguns sinais de melhorias em indicadores, reflexo de expectativas positivas criadas pela possibilidade de impeachment de Dilma e sua substituição por Temer. Entre as informações liberadas na divulgação do PIB do segundo trimestre, há alguma recuperação nos investimentos e no setor industrial, por exemplo. Mas tudo retrocederá se, com urgência, o Planalto não enviar ao Congresso os projetos das reformas necessárias e, mais do que isso, demonstrar que a base responsável por dar os votos para o impedimento de Dilma conseguirá o mesmo na aprovação dos projetos.

Emendas constitucionais, como a da criação do teto para os gastos, essencial a fim de permitir a recuperação da economia, requerem três quintos dos votos das duas Casas do Congresso (60%), e em dois turnos. Não é tão amplo quanto o necessário para o impeachment (dois terços ou 67%), mas da mesma grandeza. É imperioso que divergências fiquem em segundo plano.

PUBLICIDADE

ÚLTIMAS DE OPINIÃO

Mas é a lei 18/02/2017 0:00

Darcy e suas paixões 18/02/2017 0:00

Governança pedestre 18/02/2017 0:00

Surpresa prevista 18/02/2017 0:00

PUBLICIDADE

Anexo 16

EDITORIAL

Sessão para a história

29/08/2016 - 05h04min
 Atualizada em 29/08/2016 - 05h05min

O Senado da República será palco nesta segunda-feira de uma inédita aula de História da jovem democracia brasileira, que tanto pode ser edificante – se os personagens de ambos os lados se comportarem como lideranças políticas dignas – quanto constrangedora – se o debate degenerar para o ódio e a baixaria. Na sessão programada para começar às 9 horas, sob o comando do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ricardo Lewandowski, a presidente afastada Dilma Rousseff se defenderá pessoalmente das acusações de ter praticado crime de responsabilidade e será sabatinada por senadores – a maioria já com convicção formada pelo impeachment da mandatária. É a segunda vez que um presidente brasileiro enfrenta um processo de impedimento, com a ameaça concreta de ter seu mandato interrompido de acordo com a Constituição. O julgamento político pode interromper, também, uma hegemonia de mais de 13 anos do Partido dos Trabalhadores no poder.

O país espera de seus homens públicos bem mais do que o espetáculo de confrontação ideológica que se desenha a partir da convocação de figuras ilustres da esquerda para acompanhar a presidente e da reunião prévia de grupos de senadores que fazem oposição ao PT, para combinar a estratégia de ataque. Talvez pareça ingenuidade esperar um debate responsável de políticos que parecem se importar apenas com seus próprios interesses pessoais e partidários, mas esse processo de impeachment já vem causando demasiado sofrimento ao país. Tudo o que se pode desejar hoje é que a transparência prevaleça e que tantos os acusadores quanto a acusada tenham oportunidade para expor seus argumentos com liberdade e clareza.

O amplo direito de defesa da presidente legitima o julgamento, ainda que ela própria e lideranças de seu partido venham insistindo na tese do golpe. A solidez da democracia brasileira comporta também esse tipo de discurso, mas o que realmente interessa ao país é virar logo esta página, fortalecer suas instituições e superar a crise e a desconfiança no futuro.

Publicidade

Leiturinha

OS MELHORES LIVROS INFANTIS COM SURPRESAS EXCLUSIVAS

RECEBA GRÁTIS

MAIS LIDAS DE OPINIÃO

Nova etapa

1

Reforço na segurança

2

Superlotação carcerária

3

A reação necessária

4

Montserrat Martins: somos reféns da polarização?

5

Publicidade

Anexo 17

GAÚCHAZH
OPINIÃO

EDITORIAL

A defesa de Dilma

30/08/2016 - 06h11min
 Atualizada em 30/08/2016 - 06h12min

Numa sessão histórica que antecede o julgamento do impeachment pelo Senado, a presidente afastada Dilma Rousseff repetiu ontem o discurso reiterado por sua defesa, negando ter cometido os crimes pelos quais foi transformada em ré. Mesmo com a opção por um discurso mais enfático e menos emotivo, a presidente não chegou a avançar em argumentos usados à exaustão até agora. A ênfase foi nas alegações de estar sendo vítima de golpe parlamentar, das elites, de traição e de preconceito. Mas foi justamente ao fazer um balanço de seu governo que se encarregou de apontar razões muito além de questões fiscais para o fato de estar na iminência de ver seu afastamento transformado em definitivo, diante de uma tendência majoritária difícil de ser revertida no Senado.

Na versão transmitida aos parlamentares, a presidente reclamou de estar sendo julgada antes do presidente afastado da Câmara Eduardo Cunha, que deu andamento ao processo. Ainda assim, reconheceu o fato de, em seu segundo mandato, não ter conseguido um mínimo de diálogo com o Congresso, o que ajuda em muito a explicar o impasse político e econômico enfrentado hoje pelo país.

O resultado concreto é que essa falta de habilidade política acabou pesando mais para o avanço do impeachment do que as alegadas pedaladas fiscais do Plano Safra e a publicação de decretos ampliando gastos sem autorização do Congresso. Além de não ter conseguido aprovar medidas essenciais para o equilíbrio fiscal, a presidente afastada tampouco foi capaz de evitar a aprovação de muitas das chamadas pautas-bombas. Ao ampliarem os gastos, essas medidas contribuíram para aguzar ainda mais a crise econômica, tornando-a insustentável.

Um aspecto promissor reafirmado por esse impasse do qual o país poderia ter sido poupado é que as instituições vêm cumprindo com o seu papel. Resta aos brasileiros confiar que o Senado faça justiça, abrindo caminho para o país se reconciliar logo com a normalidade política e retomar o crescimento econômico.

Publicidade

MAIS LIDAS DE OPINIÃO

Reforço na segurança

1

Superlotação carcerária

2

Juíza aponta retrocesso na Lei Maria da Penha

3

Moisés Barboza: hora de enfrentarmos as reformas inadiáveis

4

"As drogas são um problema de saúde coletiva que atinge cada vez mais pessoas", diz psiquiatra

5

Publicidade

RECOMENDADOS

O maior anti-hipertensivo já produzido pela natureza

Jolivi

Nova versão Griffe Pack do SUV

Anexo 18

GAÚCHAZH
OPINIÃO

EDITORIAL

A reação necessária

31/08/2016 - 06h04min
Atualizada em 31/08/2016 - 06h05min

No momento em que o país chega finalmente a uma fase de definição política, com a conclusão do processo de impeachment, o desemprego consolida-se como questão central, desafiando o governo federal a encontrar soluções efetivas e imediatas. Dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que, no trimestre encerrado em julho, o desemprego já se constituía em um drama para 11,8 milhões de brasileiros, um recorde da série histórica. O enfrentamento desse drama por um número crescente de famílias torna-se cada vez mais inadiável, exigindo também mais pressa nas mudanças em estudo na área trabalhista.

Quando a atividade econômica recua em níveis como os registrados no país, os prejuízos vão muito além dos financeiros, revelando-se particularmente cruéis na área social. No caso do mercado de trabalho, além de a taxa de desocupação ter se elevado a um percentual recorde de 11,6%, caiu também o rendimento médio dos assalariados.

Em consequência, cria-se um círculo vicioso cada vez mais difícil de ser rompido. A própria Previdência é afetada, pela redução das contribuições, e a possibilidade de reativação da atividade econômica por meio do consumo torna-se remota.

O país precisa demonstrar-se capaz de enfrentar uma chaga como o desemprego, que aflige um número cada vez maior de brasileiros.

Publicidade

MAIS LIDAS DE OPINIÃO

Reforço na segurança

1

Superlotação carcerária

2

Montserrat Martins: somos reféns da polarização?

3

Juíza aponta retrocesso na Lei Maria da Penha

4

Anexo 19

GAÚCHAZH
OPINIÃO

EDITORIAL

Nova etapa

31/08/2016 - 05h45min
Atualizada em 31/08/2016 - 05h45min

Deflagrado ainda no final do ano passado, o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff reafirmou a solidez das instituições brasileiras, mas acabou contribuindo para descontinuar o andamento de questões políticas e econômicas emergenciais, justamente no momento em que o país enfrenta uma crise sem precedentes. Por isso, é preciso que a conclusão do julgamento no Senado seja vista como a comprovação tanto da capacidade de o país enfrentar suas crises políticas quanto da necessidade de urgência para encerrar providências em relação às quais é preciso agora recuperar o tempo perdido.

A crise política, que se arrasta praticamente desde a divulgação dos resultados das eleições presidenciais e se acirrou ainda mais a partir de abril, com a aprovação do relatório recomendando a abertura do processo de impeachment, vem impedindo o país de agir em frentes essenciais. A paralisação é mais visível em questões que dependem do aval do Congresso. É o caso, neste momento, da proposta de emenda constitucional (PEC) impondo mais rigor ao aumento de despesas governamentais, restringindo-o à inflação do ano anterior.

É importante que, concluído um processo de consequências tão amplas como o de impeachment, o país possa retomar uma agenda adiada continuamente. Dessa pauta, fazem parte tanto as reformas estruturais quanto a política, sem as quais a crise econômica pode se agravar ainda mais, ou até mesmo se mostrar irreversível.

Publicidade

MAIS LIDAS DE OPINIÃO

Reforço na segurança

1

Superlotação carcerária

2

Montserrat Martins: somos reféns da polarização?

3

Juíza aponta retrocesso na Lei Maria da Penha

4

Anexo 20

GAÚCHAZH
OPINIÃO

EDITORIAL

Os desafios de Temer

01/09/2016 - 06h09min
Atualizada em 01/09/2016 - 06h09min

Com a conclusão do processo de impeachment de Dilma Rousseff, pondo fim a uma hegemonia de mais de 13 anos do PT no poder, o Senado cumpre seu papel dentro de uma visão jurídica, legal e democrática. A surpresa com a manutenção dos direitos políticos da dirigente cassada e os inevitáveis questionamentos a serem suscitados a partir da decisão são questões secundárias diante de um aspecto essencial: o de que o presidente Michel Temer tem um desafio considerável ao assumir o comando do país no auge de uma crise política e econômica de proporções inéditas na história recente.

Na condição de titular do cargo, e mesmo registrando baixos índices de popularidade nas pesquisas de opinião pública e nas ruas, o presidente não tem mais como adiar as mudanças necessárias para definir um rumo imediato para o país, assegurando perspectivas para a redução do desemprego e da taxa de juros. É promissor que, já em sua primeira reunião ministerial, o presidente tenha se comprometido ontem com algumas das reformas emergenciais para "colocar o Brasil nos trilhos".

Sob o ponto de vista econômico, o presidente conta com um trunfo considerável para transmitir confiança na retomada da estabilidade: uma equipe reconhecidamente qualificada, que deixou evidente, desde o início, seu compromisso com o rigor fiscal. Por isso, a prioridade imediata, num período eleitoral e de tensões acirradas pelo impeachment, é garantir um mínimo de diálogo com o Congresso, que assegure a aprovação de uma proposta de contenção dos gastos oficiais, condicionando sua expansão à inflação do ano anterior. Não é missão fácil num setor público habituado a dispêndios sem limite – e há ainda questões mais complexas. Entre elas, estão a reforma da Previdência, que mobiliza sempre corporações influentes, e a política, diante das quais os parlamentares costumam se mostrar reticentes.

Não basta ao governo do PMDB manter uma equipe econômica renomada para transmitir segurança aos brasileiros em geral e ao mercado em particular. É importante que, a partir de agora, não venha a repetir equívocos da interinidade, como a nomeação de ministros que precisaram ser substituídos ante denúncias de envolvimento com corrupção. Daqui para a frente, é preciso também evitar idas e vindas como as que, no início, transmitiram incômodos sinais de hesitação. Entre as contradições, estão a volta atrás na redução do número de ministérios e o aval manifestado a reajustes salariais de elites de servidores que, na prática, impactam ainda mais as já deterioradas contas públicas.

Os brasileiros anseiam por estabilidade política e econômica, mas esperam também que o necessário ajuste nas contas acabe acenando com melhorias em serviços essenciais como saúde e educação. O presidente Michel Temer, que assume em condições econômicas adversas, devido à crise, e criticado por opositores, aos quais transmitiu ontem um recado duro, precisa agir rápido para recuperar o tempo perdido e pacificar o país.

O Brasil não pode esperar mais para se reerguer.

Publicidade

MAIS LIDAS
DE OPINIÃO

Nova etapa

1

Reforço na segurança

2

Superlotação carcerária

3

A reação necessária

4

Montserrat Martins: somos reféns da polarização?

5

Publicidade

RECOMENDADOS

O chocolate contra a pressão alta

Jolivi

Jovem é morta a tiros em via pública em Porto Alegre

7 Hábitos de pessoas ricas

Trove Academy

10 vinhos perfeitos para acompanhar a premiação do Oscar

Barcelona e Grêmio chegam a acordo, e Arthur será jogador do clube catalão

Recomendado por Outbrain